UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS – UFAM INSTITUTO DE FILOSOFIA CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS – IFCHS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA – PPGAS

SILVIA KATHERINE PACHECO TEIXEIRA

GERAÇÕES EM MOVIMENTO: RAÇA, EDUCAÇÃO E CIDADANIA NOS PROCESSOS DE INSERÇÃO DE HAITIANOS EM MANAUS.

MANAUS – 2025

SILVIA KATHERINE PACHECO TEIXEIRA

GERAÇÕES EM MOVIMENTO: RAÇA, EDUCAÇÃO E CIDADANIA NOS PROCESSOS DE INSERÇÃO DE HAITIANOS EM MANAUS.

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia – PPGAS, como requisito parcial para obtenção do título de Doutorado em Antropologia.

Linha de Pesquisa: Cidades, patrimônio e práticas culturais urbanas.

Orientador: Sidney Antônio da Silva.

MANAUS – 2025

SILVIA KATHERINE PACHECO TEIXEIRA

GERAÇÕES EM MOVIMENTO: RAÇA, EDUCAÇÃO E CIDADANIA NOS PROCESSOS DE INSERÇÃO DE HAITIANOS EM MANAUS.

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia – PPGAS, como requisito parcial para obtenção do título de Doutorado em Antropologia.

Linha de Pesquisa: Cidades, patrimônio e práticas culturais urbanas.

Aprovada em: 06/06/2025.

BANCA EXAMINADORA

_____

Dr. Sidney Antônio da Silva (Orientador) Presidente
Universidade Federal do Amazonas – UFAM

_____

Dra. Marcia Regina Calderipe Farias Rufino
Universidade Federal do Amazonas – UFAM – membro interno

_____

Dra. Ana Carla dos Santos Bruno
Universidade Federal do Amazonas – UFAM – membro interno

_____

Dra. Maria Catarina Chitolina Zanini
Universidade Federal de Santa Maria – UFSM – Membro externo

_____

Dr. Geraldo Castro Cotinguiba
Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Rondônia – IFRO – Campus Porto Velho Zona Norte. Membro externo

AGRADECIMENTOS

Escrever uma tese em Antropologia Social é uma travessia longa, cheia de encontros, dúvidas, aprendizados e, principalmente, de muita gente. É impossível chegar até aqui sozinha. Esta pesquisa só foi possível graças ao apoio de muitas pessoas e instituições que, de diferentes maneiras, caminharam comigo.

Agradeço à FAPEAM e à CAPES pelo apoio financeiro que sustentou não só a pesquisa, mas também o tempo necessário para sonhá-la, escrevê-la, e reescrevê-la tantas vezes. Ao PPGAS/UFAM, minha casa de formação, gratidão profunda por ter me acolhido e por ter sido espaço de construção, desconstrução e afetos. Às professoras e aos professores que cruzaram esse caminho comigo, obrigada por cada aula, cada leitura sugerida, cada crítica cuidadosa. E, especialmente, ao meu orientador prof. Siney Silva, obrigada por caminhar ao meu lado com firmeza e generosidade.

Ao Grupo de Estudos Migratórios na Amazônia (GEMA), ao Colegiado Negro do PPGAS/UFAM e a rede Infâncias Protagonistas/UNB – Migração, Arte e Educação, que me acolheu de braços abertos. Fonte de estudos e inspiração que embalou esta pesquisa e me deu forças para seguir em frente. Sou grata.

Aos meus interlocutores e interlocutoras de pesquisa, meu agradecimento mais sincero: obrigada por confiarem em mim, por partilharem suas histórias, saberes e cotidianos. Vocês foram e são mestres nesta jornada.

Ao meu companheiro Thiago, a quem amo muito, obrigada por ser presença, por me lembrar que há mundo para além das páginas e por me sustentar com leveza nos dias pesados. Essa caminhada é também sua.

À minha família — nas suas formas possíveis e imperfeitas — obrigada pelo que me foi dado e pelo que faltou. Ambos me ensinaram. À minha mãe Ivanete, mulher exemplo de força, perseverança e fé em Deus.

À minha querida e amada sobrinha Alice que tanto me inspira a deixar um mundo um pouco melhor para as crianças e jovens migrantes.

As amigas e amigos, próximos e distantes que não desistiram de mim, mesmo quando eu só tinha esse assunto “a tese”. Obrigada pelos ombros, pelos colos, pelas ideias trocadas, por tantos momentos, em especial os momentos que comemos, bebemos e aproveitamos a brisa.

Por fim, agradeço a mim mesma, uma ariana que insiste, uma canceriana que sente, e uma aquariana com propósitos humanitários. Sol, ascendente e lua, que juntas fizeram da escrita também uma forma de existir.

Resumo

Na presente tese temos como objetivo investigar e analisar os processos de sociabilidade e conflitos geracionais dos imigrantes haitianos em Manaus, no período entre 2021 e 2024. Abrangendo dois momentos principais: inicialmente, no ambiente escolar, e, posteriormente, em encontros familiares nas residências dos interlocutores e em locais públicos centro, praças, universidade, shopping. Nesta pesquisa buscamos discutir as interseções entre a escola pública para os filhos de migrantes, a educação formal e informal dos pais e como esses aspectos atravessam e impactam as diferentes gerações. Além disso, analisamos os processos de naturalização e de participação social desses atores no contexto urbano de Manaus. Durante as conversas com os interlocutores, emergiram outras questões relevantes que marcaram os processos migratórios e de mobilidade dessas pessoas, como a importância do trabalho em associações de imigrantes para assegurar certos acessos à cidadania, o enfrentamento aos estigmas, a vivência diária com o racismo e a xenofobia enfrentados por muitos deles, e a diáspora haitiana como elemento central para a afirmação de uma memória coletiva e de uma identidade haitiana. Por fim, reafirmamos de modo sintético a tese de que há um entrecruzamento necessário e não apenas perspectivo ou estritamente teórico entre migração, raça, educação e cidadania. E é através da compreensão desse entrecruzamento necessário que podemos conhecer e reconhecer a migração haitiana não como uma consequência contingente de eventos climáticos e problemas políticos externos, mas como um fenômeno que desvela as mais singulares e indispensáveis relações que nos atravessam e nos constituem enquanto pessoas miscigenadas, racializadas e nascidas no sul global.

Palavras-chave: Geração, Migração, Haitianos

Abstract

In this thesis, we aim to investigate and analyze the processes of sociability and generational conflicts among Haitian immigrants in Manaus, during the period between 2021 and 2024. The study encompasses two main moments: initially, in the school environment, and later, in family gatherings at the interlocutors' homes and in public spaces such as downtown areas, squares, the university, and shopping centers. In this research, we seek to discuss the intersections between public schooling for the children of migrants, the formal and informal education of their parents, and how these aspects influence and impact different generations. Furthermore, we analyze the processes of naturalization and social participation of these actors in the urban context of Manaus. During conversations with the interlocutors, other relevant issues emerged that marked their migration and mobility processes, such as the importance of working within immigrant associations to ensure certain forms of access to citizenship, the confrontation with stigmas, and the daily experiences of racism and xenophobia faced by many of them. The Haitian diaspora also emerged as a central element in affirming a collective memory and a Haitian identity. Finally, we synthetically reaffirm the thesis that there is a necessary intersection—not merely perspectival or strictly theoretical—between migration, race, education, and citizenship. It is through the understanding of this necessary intersection that we can come to know and recognize Haitian migration not as a contingent consequence of climate events and external political problems, but as a phenomenon that reveals the most singular and indispensable relationships that shape and traverse us as mixed-race, racialized individuals born in the Global South.

Keywords: Generation, Migration, Haitians

Résumé

Dans cette thèse, nous avons pour objectif d'enquêter et d'analyser les processus de sociabilité et les conflits générationnels parmi les immigrés haïtiens à Manaus, entre 2021 et 2024. L'étude se concentre sur deux moments principaux : dans un premier temps, dans le milieu scolaire, puis lors des rencontres familiales au domicile des interlocuteurs et dans des espaces publics tels que le centre-ville, les places, l'université et les centres commerciaux. Cette recherche vise à discuter des intersections entre l'école publique pour les enfants de migrants, l'éducation formelle et informelle des parents, et la manière dont ces aspects influencent et affectent les différentes générations. En outre, nous analysons les processus de naturalisation et de participation sociale de ces acteurs dans le contexte urbain de Manaus. Au cours des entretiens, d'autres questions pertinentes sont apparues, marquant les parcours migratoires et de mobilité de ces personnes, telles que l'importance du travail au sein des associations d'immigrés pour garantir certains accès à la citoyenneté, la lutte contre les stigmates, et les expériences quotidiennes de racisme et de xénophobie vécues par beaucoup d'entre eux. La diaspora haïtienne apparaît également comme un élément central dans l'affirmation d'une mémoire collective et d'une identité haïtienne. Enfin, nous réaffirmons de manière synthétique la thèse selon laquelle il existe une intersection nécessaire – et non simplement perspectiviste ou purement théorique – entre migration, race, éducation et citoyenneté. C'est à travers la compréhension de cette intersection nécessaire que nous pouvons reconnaître la migration haïtienne non pas comme une conséquence contingente d'événements climatiques ou de problèmes politiques extérieurs, mais comme un phénomène qui dévoile les relations les plus singulières et essentielles qui nous traversent et nous constituent en tant que personnes métissées, racialisées, nées dans le Sud global.

Mots-clés : Génération, Migration, Haïtiens

Rezime

Nan tèz sa a, nou vize etidye ak analize pwosesis sosyabilite ak konfli ant jenerasyon pami imigran ayisyen ki ap viv nan Manaus, ant ane 2021 ak 2024. Etid la santre sou de moman prensipal: premye a se nan anviwònman lekòl la, epi apre sa, nan rankont fanmi ki fèt lakay entèrlokutè yo ak nan espas piblik tankou sant vil la, plas piblik, inivèsite ak sant komèsyal. Nan rechèch sa a, nou ap chèche diskite sou jan lekòl piblik pou timoun migran yo, ansanm ak edikasyon fòmèl ak enfòmèl paran yo, gen enfliyans sou relasyon ki genyen ant diferan jenerasyon yo. Nou analize tou pwosesis natiralizasyon ak patisipasyon sosyal aktè sa yo nan vil Manaus. Pandan konvèsasyon ak entèrlokutè yo, lòt kesyon enpòtan parèt, tankou wòl asosyasyon imigran yo pou fasilite aksè ak sitwayènte, lit kont stigmatizasyon, rasism ak xenofobi anpil ladan yo ap viv chak jou. Dyaspora ayisyen an parèt kòm yon eleman kle pou mete aksan sou memwa kolektif ak idantite ayisyèn. Finalman, nou konfime de fason senp ke gen yon kwa-pwensip nesesè — pa sèlman sou baz pèspektiv oswa teyori — ant migrasyon, ras, edikasyon ak sitwayènte. Se nan konpreyansyon kwa-pwensip sa a ke nou ka rekonèt migrasyon ayisyen pa kòm yon konsekans okazyonèl evènman klimatik oswa kriz politik ekstèn, men kòm yon fenomèn ki mete an limyè relasyon inik ak esansyèl ki fòme nou ak travèse nou kòm moun melanje, rasyalize, ki fèt nan Sid Global la.

Mo kle: Jenerasyon, Migrasyon, Ayisyen

"Todo cambur[1] é sagrado
toda migração tem dor
mas no peito do migrante
também cabe o que é amor"

- adaptado da canção “Fronteiras” de Bia Ferreira

[1] Cambur, na canção de Bia Ferreira, é uma palavra de forte valor simbólico. Embora em algumas regiões da América Latina possa significar "banana", aqui ela aparece como metáfora poética para corpos em movimento, pessoas migrantes, sujeitos em travessia. É um termo que evoca ancestralidade, resistência e sacralidade das migrações.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AADC – Agência Amazonense de Desenvolvimento Cultural

ACNUR - Agência da ONU para Refugiados

AFN - Associação Fanm Nwa

ALEAM – Assembleia Legislativa do Amazonas

ASSOVEAM – Associação de Venezuelanos do Amazonas

ATHAM – Associação de Trabalhadores Haitianos do Amazonas

CEP – Código de Endereçamento Postal

CLT – Consolidação das Leis Trabalhistas

CNPJ – Cadastro Nacional de Pessoa Física

COMIGRAR – Conferência Nacional das Migrações Refúgio e Apatridia

CONARE – Comitê Nacional para os Refugiados

DGR – Grupo musical Dom

EJA – Educação de Jovens e adultos

EMPWG - Escola Municipal Professor Waldir Garcia

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio

EST/UEA – Escola Superior de Tecnologia da Universidade Estadual do Amazonas

GEMA – Grupo de Estudos Migratórios na Amazônia

IDC – Instituto Descarte Correto

IFAM – Instituo Federal do Amazonas

MUSA – Museu da Amazônia

OBMIGRA – Observatório das Migrações

OIM – Organização Internacional das Migrações

OIT – Organização Internacional do Trabalho

ONG – Organização Não Governamental

ONU - Organização Mundial das Nações Unidas

PANC – Plantas Alimentícias Não Convencionais

PTRIG – Posto de Interiorização e Triagem para Imigrantes e Refugiados

RG – Registro Geral

SARES – Serviço Amazônico de Ação, Reflexão e Educação Socioambiental

SEDECTI – Secretaria de Estado de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação

SEJUSC – Secretaria de Estado de Justiça, Direitos Humanos e Cidadania

SEMASC – Secretaria Municipal da Mulher Assistência Social e Cidadania

SEMED – Secretaria Municipal de Educação e Desporto

SINETRAM – Sindicato das Empresas de Transporte de Passageiros do Estado do Amazonas

SUS – Sistema Único de Saúde

UF – Unidade Federativa

UFAM – Universidade Federal do Amazonas

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

Introdução 9
CAPÍTULO 1- Associação Fan Nwa primeira geração 28
Gloriane e a Associação Fanm Nwa 31
Construindo um espaço de sonhos e projetos 38
A Associação durante a Covid-19 42
Haitianas combatendo Estigmas 45
O acesso à cidade que veio depois da associação 52
Ação IDC (Instituto Descarte Correto) 2021 52
Ação com o ACNUR, em 2023 54
Ação voltada para a concessão de Vistos e Passaportes 55
CAPÍTULO 2 – Geração como modo de percepção, a partir do fenômeno migratório. 59
Da porta para dentro, crioulo, da porta para fora, português 63
Primeiros encontros geracionais na migração haitiana em Manaus. 66
Trajetórias escolares diferentes entre pais e filhos 69
Onde a Raça se intersecciona com Migração e Educação 77
Escola e racismo 82
A escola municipal Waldir Garcia e as crianças migrantes 86
O que são políticas de acolhimento para as crianças 91
CAPÍTULO 3- Os desafios de acesso à cidadania: o bairro, a casa e a sopa 95
O bairro 96
A casa e a sopa 100
O processo de Naturalização e o acesso à cidadania 107
Como o Brasil cuida de seus imigrantes? 109
O que foi a II Comigrar, breves relatos 114
Dados do Observatório das Migrações Internacionais – OBMigra 132
CAPÍTULO 4 – Gerações memória e Projetos 136
O Haiti na história e na memória das gerações 137
Do Haiti para o bairro Viver Melhor 140
Geração, identidade, sonhos e projetos de vida 146
A casa 147
A avó Jacqueline 148
Quem conta as histórias sobre o Haiti no Brasil 154
CONCLUSÃO 161

Referências 172
Termos de consentimento 180

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - mapa de Manaus Google Earth 17
Figura 02 - Mapa de Manaus Google Maps 18
Figura 03 - Gloriane palestrando em Brasília. 29
Figura 04 - Kokiyòl 30
Figura 05 – Mulheres da Associação. 45
Figura 06 – grupo de leitura Fanm Nwa. 48
Figura 07 - Restaurante Guloseimas da Gloriane 50
Figura 08 - fotos da associação. 52
Figura 09 - pré cadastro do passaporte. 56
Figura 10 – Ação Passaporte. 57
Figura 11 – mapa do Haiti 70
Figura 12 – sala de aula 72
Figura 13 – crianças na quadra 88
Figura 14 - mapa dos bairros 97
Figura 15 – A Soup Joumou 103
Figura 16 – A preparação 103
Figura 17 - O quintal 105
Figura 18- O horizonte 106
Figura 19 - A mesa do almoço 106
Figura 20 – 1ª conferência livre Manaus 03.02.2024 114
Figura 21 – 1ª conferência livre Manaus 03.02.2024 115
Figura 22 – formulário do eixo 1 116
Figura 23 - Varal de sonhos 2 119
Figura 25 – 1ª conferência livre local na Igreja dos Remédios – participantes 119
Figura 26 – 1ª conferência livre local na Igreja dos Remédios registros 120
Figura 27 - 2ª conferência livre Manaus 10.02.2024 120
Figura 28 – varal de sonhos Sta. Monica 122
Figura 29 – reunião Ptrig 123
Fig. 30 - Conferência Livre Local - Ass. Legislativa do Amazonas (ALEAM). 124
Figura 31 – Conferência Municipal. Eixo 1. 126
Figura 32 – Conferência municipal. Eixo 1 126
Fig. 33 – Deyse liderança Warao na I Conferência Municipal 127
Figura 34 – I Conferência Estadual 127

Figura 35 - I Conferência Estadual. 128
Figura 36 – Conferência Nacional Infâncias Protagonistas. 131
Figura 37 - Tabela 1 132
Figura 38 - Tabela 2 133
Fig. 39 - Roda de Conversa sobre a 2ª Comigrar 134
Figura 40 - Desenho da Godfriend 136
Figura 41 – Goa no *world creativity day* 151
Figura 42 E 43 - Wisdonnky com 3 anos no Haiti e com 18 anos em Manaus. 153
Figura 44 - Divulgação do evento: cards/redes sociais. 154
Figura 45 – Jovens na Igreja da Colmeia 155
Figura 46 – Pátio Igreja da Colmeia 156
Figura 47 – Salão igreja da Colmeia 157
Figura 48 – Jovens usando uniforme da igreja 157
Figura 49 – crianças no salão de serviços da igreja da Colmeia 158
Figura 50 – prato com comidas "típicas" haitianas 158
Figura 51 – mesa simbolizando a culinária haitiana 159
Figura 52 - Atividade cultural 160

Interlocutores	**Filiação**	**Onde vive atualmente**
Gloriane	Filha de d. Jacqueline	Brasília - DF
Jacqueline	Mãe de Gloriane	Manaus - AM
Goa	Filho de Gloriane	Brasília - DF
Dayf	Filho de Gloriane	Brasília - DF
Godfriend	Filha de Gloriane	Brasília - DF
Marie Belle	Filha de Gloriane	Brasília - DF
Wisdonnky (Dom)	Sobrinho/Filho de Gloriane	Manaus - AM
Ermeline	-	Manaus - AM
Jennifer	-	Manaus - AM
Jéssica	-	Manaus - AM
Lousana	-	Manaus - AM

Introdução

Este trabalho dá continuidade às reflexões iniciadas na pesquisa desenvolvida ao longo da dissertação de mestrado intitulada: Haitianos Em Manaus: Pertencimento E Processos de Sociabilidade A Partir da Escola Municipal Professor Waldir Garcia. Esse trabalho teve como objetivo geral compreender como as crianças[2] haitianas da primeira e da segunda geração manifestavam, ou não, múltiplos sentidos de pertencimento nas suas relações sociais e familiares. Naquela pesquisa nos dedicamos a conhecer e analisar os fenômenos que decorriam dos processos de interação e sociabilidade, a partir do protagonismo[3] das crianças imigrantes dentro da referida escola.

Dessa forma, aquela pesquisa nos abriu um leque de possibilidades que, naquele momento, não puderam ser estudadas mais a fundo. E, por isso, pretendemos dar continuidade às questões que não conseguimos desenvolver anteriormente. Nesse sentido, o foco de análise e investigação escolhido para orientar a presente tese aponta para os desdobramentos da inserção das gerações subsequentes no contexto amazonense. As novas gerações haitianas, compostas, sobretudo por crianças racializadas, nos levou a pensar nas complexidades, arbitrariedades e estigmas presentes também no contexto escolar.

> Estigma - a situação do indivíduo que está inabilitado para a aceitação social plena. (GOFFMAN, 1988, p. 04)
>
> Por definição, é claro, acreditamos que alguém com um estigma não seja completamente humano. Com base nisso, fazemos vários tipos de discriminações, através das quais efetivamente, e muitas vezes sem pensar, reduzimos suas chances de vida: Construímos uma teoria do estigma; uma ideologia para explicar a sua inferioridade e dar conta do perigo que ela representa, racionalizando algumas vezes uma animosidade baseada em outras diferenças, tais como as de classe social. (GOFFMAN, 1988, p. 08)

---

[2] Simultaneamente, a nova ciência psicológica consolidou a noção "moderna" de infância enquanto fase crucial para o desenvolvimento da personalidade adulta, necessitando de orientação especializada. Acrescentou, assim, uma justificação "científica" à moral para a ampliação do âmbito do poder público (FONSECA, 1995, p. 123).

[3] Embora a participação das crianças em diferentes esferas da vida social venha sendo estudada há algum tempo, frequentemente o era de forma isolada, sem maior impacto na concepção de uma epistemologia da infância que permitisse conceber verdadeiramente o protagonismo de meninas e meninos nos processos sociais. (HARTMANN, 2021, p. 26).

Essas crianças, de nacionalidade haitiana, desde o primeiro contato escolar sofreram com a xenofobia, tendo em vista que a aceitação das diferenças não é algo pacífico, sobretudo em contextos em que processos de racialização e migração se atravessam de modo irrefutável.[4] Por serem negras de pele retinta, em sua maioria, elas também tiveram seus corpos atravessados pelo racismo estruturante que consiste, segundo Muniz Sodré em uma tecnologia de poder "naturalizada" pelo arcabouço colonial.

> Na sociedade escravista, o racismo era uma tecnologia de poder declarada ou visível, cujo arcabouço consistia em um tríptico de estigmatização/discriminação/segregação, estruturalmente ou sistematicamente inscrito em leis e fatos normativos. Ou seja, não era um fenômeno ideologicamente dependente apenas de doutrinas e discursos, uma vez que estava "naturalizado" pelo arcabouço colonial. A sociedade pós-abolicionista empreende a transição para a modernidade requerida pelo capitalismo industrial (um período que vai da Proclamação da República até a meia década posterior à Segunda Grande Guerra), mas sem abolir cultural ou simbolicamente esse arcabouço que foi sim uma estrutura colonial. A racialização pós-abolicionista era uma estratégia endocolonial de construção de fronteiras sociais internas, ideologicamente respaldada por saberes pseudocientíficos sobre a inferioridade antropológica do negro, assim como por interesses econômicos no sentido de abrir, atribuir menor valor salarial à sua força de trabalho como homem livre. (SODRÉ, 2023, p.29).

Como explica o autor Muniz Sodre na citação acima, desde a proclamação do Brasil existe uma ideologia da inferioridade da pessoa negra na nossa sociedade e, nesse sentido, esse processo de racialização marca os haitianos e, por consequência, as suas gerações. A escola se tornou um ambiente perfeito para se observar esse fenômeno social porque as crianças haitianas causavam estranhamento ao chegar, as primeiras reuniões de pais e mestres eram marcadas por duas línguas bem distintas das quais as crianças eram mediadoras. Cabia à escolar adotar iniciativas que diminuíssem as fronteiras naquele ambiente de ensino e aprendizagem.

---

[4] A aceitação das diferenças não é, portanto, um processo natural e sem conflitos. Estereótipos e preconceitos são construídos particularmente em situações de crise econômica, responsabilizando o migrante pelos problemas locais, entre eles, o da falta de trabalho e do aumento da violência. Outras formas de xenofobias ganham conotações raciais, estigmatizando grupos etnicamente diferenciados, isto porque, no caso brasileiro, ainda permanece no imaginário popular a ideia de que a imigração é coisa do passado e que, em geral, ela foi bem-sucedida, porque os imigrantes eram de origem europeia e, portanto, brancos. A presença dos haitianos recoloca a questão de como a sociedade brasileira lida com as relações raciais e os preconceitos de cor, uma herança nefasta de um período histórico ainda não totalmente superado. (SILVA, 2016, p. 199).

O estranhamento entre os pais de alunos haitianos e as famílias brasileiras dentro da escola foi diminuindo na medida em que a instituição conduzia suas práticas chamando esses pais a colaborarem em qualquer atividade que fosse possível. Como a escola trabalhava com o Projeto Mais Educação[5], as atividades de tutoria funcionavam como um convite para a entrada das famílias, e esse fato já puxava outro evento, o "dia da família na escola", um momento em que mães e pais eram convidados para atividades dentro da instituição.

A ideia de "território educativo", proposta pelo referido projeto, consiste na intersetorialidade entre educação, assistência social, cultura, esporte e outros campos[6]. Território Educativo passa a ser, assim, uma política pedagógica dentro dessa escola. As professoras passaram por processos de formação continuada para que essa ideia fosse amplamente disseminada e servisse como uma diretriz para os planejamentos escolares.

No meu campo eu encontrei ao menos duas gerações haitianas, uma geração de pais e uma geração de filhos migrantes[7]. Essas duas gerações foram, por sua vez, inseridas na nova sociedade de maneiras diferentes. Os pais eram inseridos geralmente pelo trabalho e pela condição de mão de obra, apta e disponível ao trabalho pesado. Já as crianças foram inseridas geralmente através da escola pública. Muitas vezes, foram as crianças que ensinaram português aos adultos em casa. Foi aqui que eu vi a possibilidade do diálogo entre teoria e etnografia[8].

A escola enquanto parte desse território educativo foi um marcador social na vida dos pais e de seus filhos migrantes, porque contribuía diretamente para conscientizar

---

[5] No texto do Programa mais Educação (regulamentado pelo Decreto 7.083/10), em seu artigo 2º, deparamo-nos com o termo Território Educativo, concretamente colocado em seu segundo item, referente a espaços populares integrados à equipamentos públicos, como bibliotecas e praças (BRASIL, 2009d). (PEDRO et. al. 2019 p. 588).

[6] Ver, Pedro et. al. "O território educativo na política educacional brasileira: silêncios, ruídos e reverberações." *Práxis educativa* 14.2 (2019): 583-600.

[7] Veremos mais aprofundado no capítulo II.

[8] (...) se a antropologia se desenvolve por meio do diálogo entre teoria e etnografia, esse procedimento tem como base a surpresa com que o antropólogo se depara com novos dados de pesquisa que são revelados, geralmente, nos tipos de eventos de que participa ou que reconhece como significativos para aqueles que observa – de Mauss e Malinowski a Geertz, passando por Lévi-Strauss, essa tem sido a base do entendimento sobre o que é etnografia. Eventos consistem no acontecimento "then and there" (Peirce 1955: 75). Sempre tangíveis, às vezes esperados, outras vezes meros acasos, produzindo revelações ou perplexidades, sua atualidade depende de suas relações com outros elementos existentes. (PEIRANO, 2001, p. 08).

sobre o fato de que, diante de todas as desigualdades sociais existentes, é possível ter perspectivas de uma vida melhor e com mais acessos a direitos. A partir dessas vivencias, nos perguntamos como o processo migratório tem repercutido na trajetória de vida de algumas crianças haitianas dez anos depois? Só é possível começar a responder a esta pergunta considerando que, pelo fato de tratar-se de crianças, as famílias foram essenciais para tornar possíveis essas conexões com os mais jovens.

Este trabalho teve como ponto de partida os encontros proporcionados pela escola, pois foi a partir deles que pude recolher uma série de relatos e histórias de pessoas que imigraram para o Brasil ainda crianças e passaram boa parte da vida escolar no Norte do Brasil. Com isso, pretendemos investigar como o processo migratório repercutiu na trajetória de vida de algumas crianças haitianas, dez anos depois. Meus principais interlocutores nesta pesquisa foram mães e seus filhos e netos, jovens adolescentes que vieram do Haiti para o Brasil ainda crianças e chegaram na capital amazonense antes dos dez anos de idade.

Diante daquela geração de crianças que estava crescendo em Manaus, a raça, a educação e a cidadania foram e tem sido ideias que se entrecruzam com as investigações e descrições sobre gerações haitianas. Nos perguntamos: como se daria o acesso à cidadania de crianças e jovens migrantes racializadas e que foram escolarizadas nesta cidade? E foi a partir deste questionamento que surgiram três fatores que constituem o fio condutor desta pesquisa, a saber: I) a formulação do conceito de geração e a importância dessa elaboração para os estudos migratórios; II) a educação formal e informal e a raça como dimensões fundamentais dos processos migratórios; e III) o acesso a cidadania[9] como eixo estruturante dos modos de sociabilidade e relações entre haitianos e brasileiros na cidade de Manaus.

Durante a construção dos dados etnográficos em campo, desde o mestrado, e seguindo no doutorado, entre os anos de 2019 e 2024, os caminhos da pesquisa foram se mostrando a partir dos encontros com os interlocutores. Reunimos, relatos orais,

[9] Conceituar cidadania ou pelo menos tentar fazê-lo é uma tarefa muito difícil, dada a profundidade do tema bem como os amplos caminhos que podemos tomar para realizar esta tarefa. Observamos que no Brasil esta discussão está centrada em torno da definição dos direitos sociais e que estes são utilizados como elementos para compor os direitos da cidadania. E importante destacar ainda que cidadania está muito ligada aos direitos sociais que passaram a ser garantidos a partir da Constituição Federal de 1988. (HULLEN; BROTTO, 2018, p. 215)

entrevistas[10] e experiências que nos possibilitaram etnografar, investigar e desvendar uma parte da vida social dos sujeitos dessa pesquisa, a saber jovens de nacionalidade haitiana que cresceram na cidade de Manaus. Trabalhamos com algumas das principais noções, conceitos, categorias, problemas, temas, pressupostos e questões concernentes aos fenômenos migratórios, nos valendo principalmente da etnografia e a partir da história oral, usadas de maneiras complementares. Como afirma Zélia Demartini:

> (...) entende-se por História oral uma abordagem metodológica em que há envolvimento do pesquisador com o objeto de estudo, procurando desvendá-lo a partir dos relatos orais dos sujeitos envolvidos, em complementariedade com o uso de outras fontes escritas, iconográficas, etc. (DEMARTINI, 2005, p. 91).

Observamos que a grupo de crianças haitianas regularmente matriculadas na Escola municipal Waldir Garcia, entre 2019/2020, foi uma geração de crianças migrantes que acompanhou de perto o trabalho dos pais, muitas vezes trabalhando juntos como vendedores ambulantes na rua, no contraturno da escola. Estar em campo nesse momento nos proporcionou ouvir as histórias das crianças que estavam na escola e dos pais que não frequentaram a escola pública regular no Brasil.

Essas histórias contadas por dois perfis diferentes de migrantes, a saber crianças e adultos, nos deram muitas pistas para desvendar os modos de acesso a cidadania entre as gerações dos pais e dos filhos. Por isso, dar continuidade aos estudos geracionais com haitianos em Manaus torna o trabalho relevante do ponto de vista antropológico. A pesquisadora Zélia Demartini fala que o estudo das gerações é importante dentro dos estudos migratórios, pois nos permite entender algumas dinâmicas migratórias, além de explicitar problemáticas em diferentes campos.

> O estudo das gerações, quando se trata da temática da imigração, pode ser importante para a explicitação de alguns problemas da investigação, tais como as trajetórias dos indivíduos, das famílias e do grupo ao longo de várias décadas, em diferentes campos (econômico, educacional, político, etc.). (DEMARTINI, 2005, p.90).

---

[10] Sobre a entrevista, Bourdieu vai dizer que: Tentar saber o que se faz quando se inicia uma relação de entrevista é em primeiro lugar tentar conhecer os efeitos que se podem produzir sem o saber por esta espécie de intrusão sempre um pouco arbitrária que está no princípio da troca (especialmente pela maneira de se apresentar a pesquisa, pelos estímulos dados ou recusados, etc.) é tentar esclarecer o sentido que o pesquisado se faz da situação, da pesquisa em geral, da relação particular na qual ela se estabelece, dos fins que ela busca e explicar as razões que o levam a aceitar de participar da troca. É efetivamente sob a condição de medir a amplitude e a natureza da distância entre a finalidade da pesquisa tal como é percebida e interpretada pelo pesquisado, e a finalidade que o pesquisador tem em mente, que este pode tentar reduzir as dis torções que dela resultam, ou, pelo menos, de compreender o que pode ser dito e o que não pode, as censuras que o impedem de dizer certas coisas e as incitações que encorajam a acentuar outras. (BOURDIEU, 2008, p.695).

Através de um diário de campo eu consegui registrar boa parte do que via nas minhas observações tanto na escola, quanto em ambientes sociais comuns, como feiras e exposições e até mesmo na casa dos meus interlocutores nas poucas vezes que fui convidada. Segundo Oliveira (1996, p. 25), "talvez o que torne o texto etnográfico mais singular, quando o comparamos com outros devotados à teoria social, seja a articulação que ele busca fazer entre o trabalho de campo e a construção do texto". E foi assim, entre o campo e as teorias sociais, que buscamos construir esse trabalho.

Pensando em como refletir esse fenômeno migratório e seus atravessamentos na vida dessas pessoas, foi necessário caminhar metodologicamente pela história do Haiti e pela revisão de algumas literaturas já existentes sobre a migração haitiana no Brasil, bem como sobre as relações entre processos de racialização e dinâmicas migratórias. Pois, diante do fato de serem imigrantes negros vindos do Haiti, um dos países mais pobres das Américas, a xenofobia, o racismo e os estigmas são também dimensões dessa migração.

Parte significativa dessa migração se deve também ao período da atual situação estrutural do Haiti, que coloca grande parte de sua população em condições de vulnerabilidades socioeconômicas. Historicamente, o Haiti está submetido a dependências econômicas de outros países, como os Estados Unidos. Em 2024, o Haiti ocupava a posição 163º no ranking mundial do IDH – Índice de Desenvolvimento Humano[11]. Essa realidade social é responsável por uma baixa expectativa de vida que, por sua vez, induz a emigração de muitas pessoas haitianas que saem do seu país em busca de melhores oportunidades de vida.

Como colocado pelos autores supracitados, desde 2010, o Brasil passa a fazer parte dos países que recebem estes imigrantes haitianos. A cidade de Manaus situada no Norte do Brasil, por sua vez, recebeu muitos desses haitianos que chegaram a partir do ano de 2010. No entanto, essa capital era tida apenas como uma rota de passagem para os haitianos, uma vez que eles tinham como objetivo migratório principal acessar os estados e cidades mais ao sudeste e sul. A preferência por essas cidades que são considerados grandes centros urbanos como, por exemplo, São Paulo e Porto Alegre, era pela oferta de

[11] Em 2021, o Haiti ocupava a 163ª posição no ranking mundial de IDH. Segundo o site *country economy.* Acessado em 15/02/2024 https://pt.countryeconomy.com/demografia/idh/haiti.

empregos e salários mais atraentes, como nos mostra o antropólogo Sidney Silva em Manaus:

> A chegada desses imigrantes na cidade, a partir de 2010, foi tomada, inicialmente, como algo que poderia ser passageiro, pois os grandes centros urbanos que eles mencionam e para onde pretendem ir, estão localizados há milhares de quilômetros de Manaus, ou seja, nas Regiões Centro-Oeste, Sudeste e Sul. Contudo, dos mais de oito mil haitianos que já passaram pela cidade, segundo estimativas da Pastoral do Migrante, cerca de dois mil continuam tentando se inserir nela, tanto laboral quanto socialmente. (SILVA, 2016, p. 183-184).

Com a revisão dessas literaturas, visamos evidenciar a importância e os limites de alguns modos de entender e classificar os fenômenos migratórios acima citados, bem como propor outros modos de entendimento e classificação, em consonância ou em contraponto com aqueles já existentes. Como nos explica a pesquisadora Zélia Demartini, "certamente, conhecer a trajetória de um grupo de imigrantes é importante, mas o mergulho em um contexto delimitado pode permitir que se compreenda melhor sua complexidade" (DEMARTINI, 2005, p. 89).

Segundo Rubem Rumbault (2004), existe uma geração 1.5. O autor propõe que essa geração 1.5 seria a geração de crianças e jovens que crescem entre a geração dos pais, e a geração que nasceu no país para o qual os pais emigraram. Veremos mais detalhadamente esta geração no capítulo 2. Este trabalho está fundamentado em pesquisas qualitativas, quantitativas e etnográficas realizadas entre os anos de 2021 e 2024. Tivemos como base para pesquisa algumas das literaturas já produzidas acerca dos temas da imigração haitiana, das gerações em contextos migratórios e seus desdobramentos geracionais.

As observações feitas por mim em campo, foram metodologicamente elaboradas a partir dos diálogos estabelecidos com os interlocutores através das entrevistas ou dos relatos registrados no meu diário de campo. Alguns interlocutores se tornaram amigos, com isso algumas entrevistas acabaram virando conversas menos rígidas e estruturadas do que as entrevistas[12]. Essas conversas aconteceram geralmente em momentos que não havia a possibilidade de gravar ou fazer a anotação no diário.

---

[12] Julguei importante chamar todos os encontros de conversas, visto que a palavra entrevista soava inflexível e rígida. Essa tática me ocorreu quando era perguntada se era uma entrevista, sem pensar muito respondia que se tratava apenas de uma conversa, pude sentir, mesmo que através de uma tela do computador que isso apresentava o tom de flexibilidade, deixando as interlocutoras mais à vontade no que diziam. (ANDRADE, 2022, p. 20).

Malinowski escreveu a propósito dos fatos imponderáveis que podem atravessar uma pesquisa, situações para as quais devemos atentar, como reforçava em sala de aula a professora Ana Carla Bruno, com quem pude aprender ao longo desse processo de pesquisa, pois, no meu caso, às vezes, esses imponderáveis se mostravam em conversas não programadas de antemão, e foi uma benção poder contar com minha memória durante o percurso de escritura da tese.

Foi através das amizades feitas com as mães haitianas na escola Waldir Garcia que consegui acessar a geração dos filhos de haitianos em Manaus. Tendo passados apenas 10 anos da imigração haitiana para Manaus, eu precisava acionar primeiro a geração dos pais para ter acesso as gerações dos filhos, visto que se tratava de pessoas menores de 18 anos. Os meus interlocutores na pesquisa me contaram sobre suas memórias dos processos migratórios, me falaram extensamente sobre seu país de origem, sobre as belezas naturais, o clima e até mesmo sobre história e religião. Depois falaram sobre a imigração, quem veio primeiro, quem veio depois, até completarem a família, uma vez que esses reagrupamentos familiares inserem os filhos nas dinâmicas migratórias.

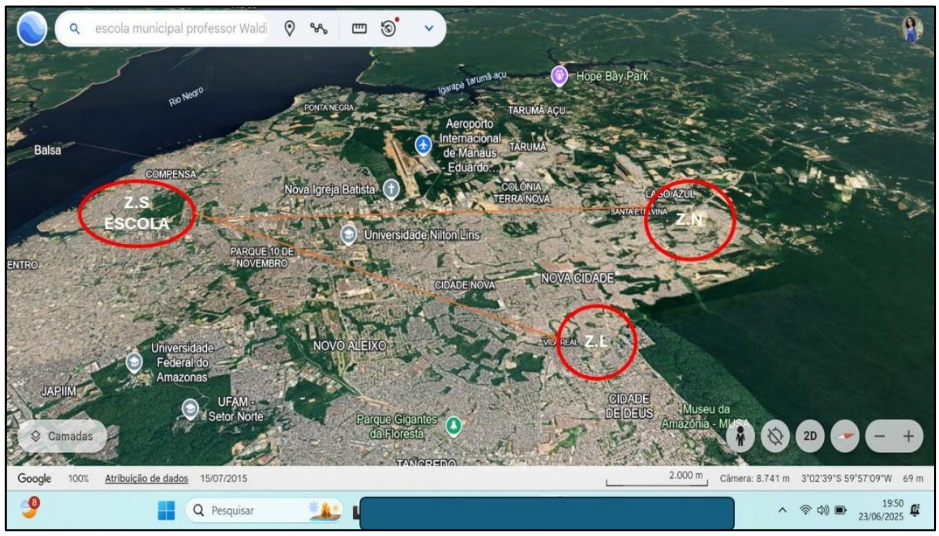
A inserção dos filhos ainda crianças nesse processo migratório nos possibilitou pensar nas gerações das crianças haitianas e seus direitos à segurança, saúde e educação. Com isso, delimitamos um total de oito jovens de origem haitiana para entrevistarmos e conhecer melhor suas histórias, afinal, eles haviam passado pelos mesmos processos dos pais, só que sendo crianças não tinham a dimensão do processo migratório que um adulto realiza. Em 2024, esses jovens imigrantes estavam na faixa-etária dos 14 aos 20 anos e saíram do Haiti ainda crianças e se dispuseram a me contar um pouco de suas histórias.

Quatro destes jovens moravam nas proximidades do bairro Cidade de Deus, Zona Leste de Manaus, e pertencem a uma única família, a família Antoine, que me acolheu e me recebeu de braços abertos para além da pesquisa. Conversei com os avós, mãe, pai e os filhos que vieram a ser os meus interlocutores. As outras quatro jovens moravam em um conjunto habitacional na região da Lagoa Azul, Zona Norte de Manaus e eram de diferentes famílias, com elas o contato foi mais direcionado para as entrevistas da pesquisa, não cheguei a ir à sua casa.

Os bairros onde esses jovens moravam, à época da pesquisa, estão localizados entre as Zonas Norte e Leste da capital amazonense. A todos eles, nós propomos um

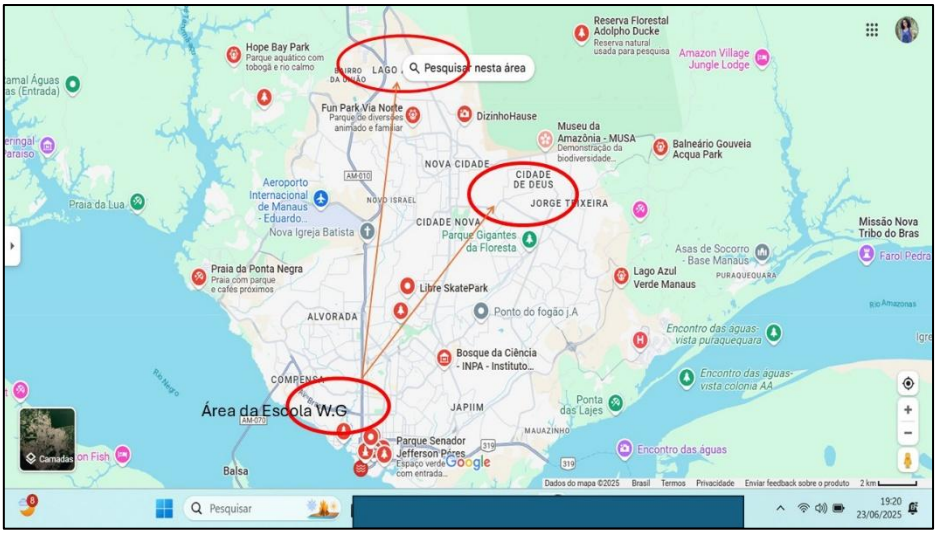
questionário com cerca de dez questões. Para além desse questionário, foram feitas perguntas abertas conforme o desenrolar das conversas e a aproximação de pesquisa. Os jovens que se sentiram à vontade também me relataram detalhes das suas vidas que envolviam o processo migratório e o processo de reagrupamento familiar pelo qual passaram, o que sem dúvidas só enriqueceu esta pesquisa. Abaixo um mapa que mostra as regiões onde a pesquisa foi desenvolvida. Z.S corresponde a Zona Sul, Z.N corresponde a Zona Norte e Z.L corresponde a Zona Leste.

Figura 01 - mapa de Manaus Google Earth



Fonte: google Earth

Figura 02 - Mapa de Manaus Google Maps



Fonte: google Earth

Buscamos a articulação entre o trabalho de campo e a construção do texto ligando os processos migratórios às intersecções com diferentes conceitos de geração, educação, raça e cidadania, bem como suas implicações com os modos de sociabilidade e interação familiar. Pretendemos, então, problematizar e explicitar os pressupostos dessas interseções, conceitos e suas implicações apresentando as teorias sobre os conceitos de geração, raça, educação e cidadania, bem como os modos pelos quais eles são desenvolvidos nas diferentes teorias migratórias.

Para pensarmos a cidadania, trazemos Nina Glick Schiller (1997, p.33) para quem "As identidades nacionais são identidades raciais no sentido em que se assentam em conceitos de descendência através de laços de sangue, o que leva a encará-las como tendo uma base biológica". Ainda em SCHILLER 1997, a autora também nos convida a pensar "O que é a nação?" "Quem são os nacionais?" Essas perguntas podem ser importantes para pensarmos a pessoa migrante em sua totalidade, considerando o emigrante e não somente o imigrante[13]. Ao considerar a história individual poderíamos pensar meios de educação e de empregabilidade onde aquela pessoa pudesse se desenvolver no sentido educacional e profissional para contribuir com o crescimento do país para o qual ela imigrou.

Como muitas crianças também migram, precisamos pensar em como acolhê-las em suas necessidades. Essas crianças representam as gerações de imigrantes e tem um papel

[13] Esta discussão está aprofundada no capítulo III.

decisivo na migração dos pais. Quando pensamos nas gerações, Gabriela Camargo de Oliveira:

> É a segunda geração quem determina os efeitos de longo prazo da imigração numa sociedade, os estudos sobre a segunda geração de imigrantes são importantes, pois os efeitos de longo prazo da imigração numa sociedade seriam determinados mais pela segunda geração do que pela primeira. (OLIVEIRA, 2012, p.19).

Para Antônio Braga (2019), um sentimento comum entre filhos de imigrantes é o sentimento de pertencimento a dois mundos.[14]. Para o autor Abdelmalek Sayad (1998), a população das crianças é um componente da imigração familiar muito importante devido a sua complexidade[15]. Já para Fernanda Paraguassu (2021), em seu livro: "Narrativas de Infâncias Refugiadas, a autora aponta a criança como protagonista da própria história" e nos lembra que em 2020 a população das crianças já era metade das milhares de pessoas em busca de refúgio:

> A magnitude da migração de pessoas forçadas a deixarem seu lar por causa de conflitos e temor de perseguição chegou a patamares recordes já registrados pelas organizações internacionais. Em 2020, dos 82,4 milhões de pessoas que tinham fugido de casa, 26,4 milhões cruzaram a fronteira em busca de refúgio em outros países, sendo que quase a metade tinha menos de 18 anos de idade, de acordo com o relatório da ONU para refugiados (ACNUR). (PARAGUASSU, 2021, p.21).

A partir da quarta linha da citação acima, a autora escreve: "em 2020 quase a metade das 26,4 milhões de pessoas que cruzaram uma fronteira tinham menos de 18 anos de idade". Ela traz à tona uma quantidade expressiva de jovens e crianças migrantes explicitam por si só a necessidade cada vez mais latente de entendermos que essas pessoas são atores sociais atuando sobre o mundo, um mundo cada vez mais globalizado, onde as políticas migratórias precisam ser constantemente revisadas e aprimoradas para incluir políticas que atendam crianças e adolescentes migrantes.[16]

---

[14] "Sentir-se como pertencendo a dois mundos – 'estar entre', 'in between' – é algo experimentado por muitos jovens nos dias atuais". (BRAGA, 2019, p. 380).

[15] Outro componente da imigração familiar infinitamente mais importante, tanto pelo volume de seus efetivos quanto pela amplitude e complexidade dos problemas que gera, é constituído pela população das crianças. (SAYAD, 1998, p. 69).

[16] A globalização torna cada vez mais necessária a revisão das políticas de controle para uma visão gerencial, uma vez que esses movimentos sugerem coisas novas, veiculam novos conteúdos e novas formas de agir, questionando as racionalidades políticas e a ordem internacional tradicionalmente instituída. Isso não implica dizer que os Estados nacionais não devem regulamentar a entrada de estrangeiros em seu território ou precaver-se em condições de radicação, mas que procurem formular políticas plausíveis de

É importante salientar que as crianças haitianas foram minha porta de entrada para o campo, pois o fato de eu não dominar as línguas crioulo e francês, é algo que esteve o tempo todo atravessando esses contatos entre minhas atividades etnográficas e as relações que pude manter com meus interlocutores, uma vez que, só consigo conversar com eles em português. As crianças e jovens migrantes aparecem como sujeitos fundamentais na pesquisa, pois são elas que fazem a intersecção entre os adultos e atuam como intérpretes da nova cultura para sua família. Diante do novo cenário, elas socializam e tentam decifrar e traduzir seus sentimentos e suas emoções em um novo idioma.

> Intersecção importante para entender a circulação de crianças é o estudo da família a partir de ou com as crianças. Tendo como base a família enquanto *lócus* privilegiado de socialização de valores e princípios e a criança aparecendo como sujeito fundamental nesse lugar. (HONORATO, 2021, p. 73).

Em certos momentos eu precisei me aproximar para estreitar as relações e conseguir as entrevistas. Essa aproximação implicava o meu mundo pensado e sistematizado em língua portuguesa e o mundo deles, primeiro em crioulo e francês, e depois em português, certamente definiu alguns limites desta pesquisa. Algo similar ocorreu no trabalho de campo da pesquisadora Luiza Guglielmini, que pesquisou um grupo de palestinos em Manaus. Nas palavras da autora:

> É possível dizer que esteve presente, de modo subliminar, o "contradiscurso" daquilo que poderia ou não ser falado do cotidiano, pois, em diversos momentos, falavam entre si em árabe e somente depois respondiam em português. Isso me impedia de entender pela falta de compreensão da língua, mas deixava margem de entendimento a partir do contexto e pela interpretação da linguagem corporal. (GUGLIELMINI, 2022, p. 33).

Eu me preocupei o tempo todo em estabelecer uma relação de proximidade, ao mesmo tempo que se impunha o estranhamento à cultura deles. Nessa relação eu falava muito sobre mim, mas também estava atenta para ouvi-los e me abria para um exercício dialógico onde ambas as partes têm interesse em contribuir. Com as crianças e os jovens foi mais fácil estabelecer uma interação, pois me entendiam bem e a pouca compreensão do idioma nativo deles não era um problema. Foi através das crianças na escola municipal professor Waldir Garcia que acessei algumas mães haitianas e, com isso, consegui fazer

---

admissão, pensando em diversos fatores posteriores como a permanência, o retorno, a reunificação familiar, a revinculação e o trânsito fronteiriço. (ALMEIDA, 2018, p.45).

as entrevistas. O que tornava essas entrevistas mais complexas era o fato de eu não falar nada em crioulo haitiano[17].

As crianças, em muitos momentos da pesquisa, foram as mediadoras entre mim e os adultos, e foi quando ocorreu essa interação que senti que comecei a participar de fato de alguns momentos da vida dos meus interlocutores. Por exemplo, quando fui convidada para ir até a casa deles, de lá estabelecemos um diálogo a partir de dentro, junto com seus familiares isso acontecia quando eu participava de momentos celebrados por eles e percebia nuances que de outra forma não seriam perceptíveis.

Nesses momentos mais íntimos, as diferenças entre os idiomas continuavam existindo. Aliás, é aí que elas começaram a se mostrar mesmo, porque nem tudo era compartilhado comigo. Mas isso não tornava a interação menos rica, ao contrário, observando de dentro eu tinha mais chances de entender e desmistificar alguns dos estigmas que recaiam sobre essas pessoas. E "por conta do estigma, a sociedade (por meio de seus indivíduos) trata o estigmatizado de diversas formas discriminatórias, que reduzem significativamente suas chances de vida" (CAVALLEIRO, 2020, p. 24).

Na condição de imigrantes, muitas vezes de refugiados ou em condições de vulnerabilidade social, a raça, a pobreza, por exemplo, são dois dos estigmas que recaem sobre os haitianos que vieram para o Brasil na grande migração de 2010. Mas será que essas pessoas já eram empobrecidas no Haiti? Um fato importante de citar é que muitas delas possuíam capital financeiro ou ajuda e tiveram as condições financeiras mínimas para emigrar, ainda que com dificuldades. Como apontam os pesquisadores Handerson Joseph e Cédric Audebert na obra "El sistema migratorio haitiano en América del Sur: proyectos, movilidades y políticas":

> En realidad, las personas haitianas que migran, incluso de manera informal por barco, no suelen pertenecer a las capas más desfavorecidas de la sociedad haitiana. Las dinámicas migratórias se caracterizan por una fuerte heterogeneidad social, en términos de capital educativo y social, de posición socioeconómica, y de proyectos (...). (JOSEPH; AUDEBERT, 2022, p. 35)

[17] Se aparentemente a entrevista tende a ser encarada como algo sem maiores dificuldades, salvo, naturalmente, a limitação linguística- i.e., o fraco domínio do idioma nativo pelo etnólogo -, ela tornar-se muito mais complexa quando consideramos que a maior dificuldade está na diferença entre "idiomas culturais", a saber, entre o mundo do pesquisador e o do nativo, esse mundo estranho no qual desejamos penetrar. (OLIVEIRA, 1996, p. 19).

Como afirmam os pesquisadores na citação acima, as dinâmicas migratórias são caracterizadas pela forte heterogeneidade social e isso implica que as pessoas de diferentes classes sociais no Haiti veem a migração enquanto projeto de vida. No entanto, nem sempre tem reservas de dinheiro significativas para se manter ao longo de um percurso migratório que envolve tanto a emigração do seu país de origem, quanto a imigração no país receptor. Essa falta de recursos que as coloca em situações de vulnerabilidade também causa a sensação de não pertencimento, se sentem deslocados socialmente. Como afirma Bourdieu (2003, p.165), "sob pena de se sentirem deslocados, os que penetram em um espaço devem cumprir as condições que ele exige tacitamente de seus ocupantes".

No caso dos haitianos em Manaus, a grande concentração destes não passou despercebida, mesmo eles seguindo as "condições tácitas" exigidas pelo Estado. Pelo fato de ser uma migração muito expressiva, gerou em muitos momentos reações de hostilidade, tanto por parte das autoridades, quanto por parte dos cidadãos da sociedade anfitriã, fazendo com que os próprios haitianos formassem suas redes de apoio para conseguir empregos e ter dinheiro para que dessem continuidade aos seus projetos migratórios e atividades transnacionais. Alejandro Portes afirma que:

> Por outro lado, as atividades transnacionais florescem no seio de comunidades altamente concentradas, especial daquelas que foram alvo de um acolhimento hostil por parte das autoridades e dos cidadãos da sociedade anfitriã. (PORTES, 2004, p.79-80).

Esses projetos consistiam em trabalhar e ter dinheiro para viver e poder trazer outros familiares ou enviar remessas para os que ficaram. No entanto, a falta de políticas de acolhimento e oportunidades de empregos e renda, principalmente para aqueles que já tinham formação, os deixou expostos aos estigmas, às mazelas e às vulnerabilidades sociais e consequentemente, eles vivenciaram na pele o ódio ao estrangeiro e à sua cultura. Sem contar que o fato de serem negros e empobrecidos agravava ainda mais essa situação. Para Glaucia Assis e Luís Felipe Magalhães:

> Além de enfrentar as dificuldades de inserção no mercado de trabalho que lhes oferece baixos salários e trabalho duro, os imigrantes haitianos têm que lidar com os desafios da integração social, a falta de políticas públicas de acolhimento, o despreparo das autoridades estaduais e locais para recebê-los, e as situações de preconceito discriminação racial que enfrentam cotidianamente na rua, no ônibus, no trabalho. (ASSIS & MAGALHÃES, 2016, p. 245-246).

Essas dificuldades de inserção no mercado de trabalho tiveram consequências diretas na vida das famílias, principalmente daquelas com filhos menores. Os haitianos são pessoas que, mesmo diante das incertezas de uma nova fronteira, se dispõem a emigrar, migrar e reemigrar. Os migrantes partem sozinhos, deixam seu país e seus familiares em busca do sonho de uma vida melhor. Eles veem a migração como um projeto que insere toda a família tanto os que ficam quanto os que partem. Como Kátia Couto nos mostra na citação abaixo.

> O projeto migratório, obviamente não é só de quem migra, mas nele se insere toda a família. A disposição de deixar filhos, marido, esposa, pais, amigos, ou seja, toda uma vida de relações, afetividades para trás se ampara no sonho de uma nova conquista de melhores condições de vida. (COUTO, 2016, p. 166).

Sayad (1988, p. 54) afirma que "o imigrante é essencialmente uma força de trabalho, e uma força de trabalho provisória, temporária, em trânsito". No entanto para além de uma força de trabalho, o migrante é, acima de tudo, um ser humano e um sujeito de direitos e um indivíduo em busca da realização de seus projetos de vida. Projetos que contemplem uma vida com dignidades e acessos à saúde, segurança, moradia, emprego, educação, lazer, cultura e tudo que possibilite viver com dignidade e esperança. Para Gilberto Velho, "é a memória que dá consistência a biografia e que possibilita a condução de projetos":

> A consciência e a valorização de uma individualidade singular, baseada em uma memória que dá consistência à biografia, é o que possibilita a formulação e condução de projetos. Portanto se a memória permite uma visão retrospectiva mais ou menos organizada de uma trajetória e biografia, o projeto é a antecipação no futuro dessa trajetória e biografia, na medida em que busca, através do estabelecimento de objetivos e afins, a organização dos meios através dos quais esses poderão ser atingidos (MOURA, 2016, p. 153, apud, VELHO, 1994, p. 101).

Entendemos a partir do conceito de projetos de Gilberto Velho que os indivíduos formulam e conduzem seus projetos de vida organizados a partir de suas memórias e trajetórias, buscando sempre meios de atingirem seus objetivos. Diante disso, e tendo em vista a migração enquanto um projeto de vida que conecta as gerações haitianas em Manaus, buscaremos nas linhas seguintes conectar histórias e memórias dessas gerações com seus planos e projetos de vida. A história, o conjunto de nossos passados e expectativas de futuro, e tudo o que realmente faz a diferença em nossas vidas se faz enfrentando os desafios do presente.

Diante disso, a escrita da tese está estruturada em quatro capítulos. No capítulo I iniciamos contando a história da Associação de mulheres imigrantes haitianas, a Fanm Nwa, por dois motivos principais, a saber: primeiro que só poderia conversar com os filhos menores de idade com a autorização das mães. Segundo, porque entendemos que essas mulheres encontraram na forma de uma associação voltada para o empreendedorismo de mulheres migrantes negras, driblar as reações, muitas vezes hostis, das autoridades e dos cidadãos brasileiros, buscando melhores oportunidades e acessos à cidadania para elas mesmas e para seus filhos em um contexto transnacional[18].

Com isso, essa associação foi o elo que conectou a primeira geração com a segunda, contribuindo, ao mesmo tempo, para a manutenção da cultura haitiana através da língua, da memória e dos costumes[19], bem como para as ações de acesso à cidadania dessa segunda geração. A conexão entre gerações, ocorria principalmente através das parcerias da associação Fanm Nwa com outras associações e com membros da sociedade civil, como agências da ONU, institutos e ongs que promoviam capacitações voltadas para o empreendedorismo das mulheres haitianas e contribuíam, ao mesmo tempo, para a desmistificação do papel de "vítimas" dessas imigrantes e com a educação dos jovens imigrantes. Para a pesquisadora Roziane Jordão:

> Diante desse cenário, entre os imigrantes que são vistos, tratados e percebidos como "vítimas" de diversas catástrofes e desigualdades sociais, surge o protagonismo de alguns imigrantes haitianos que, participantes de uma série de privilégios com relação aos demais e contrariando a lógica da uniformidade que os massifica, destacam-se a partir de realizações pessoais e coletivas. O destaque recebido por esses imigrantes ganha ênfase no sentido de que eles destoam da homogeneidade que está imbricada no imaginário da sociedade civil sobre a categoria "haitianos". (JORDÃO, 2022, p. 23).

Já no capítulo II, refletimos sobre a geração enquanto categoria de entendimento a partir do fenômeno migratório apresentando os fundamentos que Rubén Rumbault propõe para a geração que migram ainda criança junto com seus pais (geração 1.5). Essa geração

---

[18] As grandes concentrações co-étnicas geram oportunidades múltiplas de empreendimentos transnacionais, ao passo que a discriminação generalizada vinda de fora obriga o grupo a voltar-se para dentro, incentivando ao mesmo tempo os contatos com as comunidades de origem. Nestes contextos, as associações cívicas e as atividades culturais transnacionais oferecem um alívio para a hostilidade exterior e protegem a dignidade pessoal por ela ameaçada. A experiência dos haitianos, dominicanos e mexicanos nos Estados Unidos e dos indianos e paquistaneses na Grã-Bretanha, relatada em numerosos estudos etnográficos, dá testemunho destas tendências. (PORTES, 2004, p.80).

[19] A fabricação e vivência da cultura é um processo sempre inacabado, em transformação, dinâmico e interativo. Mas, também em diálogo que, por vezes, pode ser tenso, outras fontes de coesão. A vida vivida se expressa nesses fazeres e também em suas narrações. (ZANINI & SANTOS, 2023, p.12).

das crianças vai passar por outras experiências migratórias, como as experiências escolares que envolve as relações de vida e de sociabilidade na nova sociedade de pontos de vista diferentes entre pais e filhos.

A partir dessas discussões, aprofundamos as análises nesses encontros geracionais e nos conflitos que eles ensejam. Para isso, voltamos um pouco na pesquisa feita no mestrado para contextualizar as narrativas sobre o processo escolar, a fim de conjugar essas narrativas com os relatos de jovens que estudaram na escola Waldir Garcia, onde eu fiz meu campo no mestrado e que, depois, tiveram experiências em outras escolas[20]. E com base nos relatos sobre as vivências sociais desses jovens racializados, buscaremos entender como o contexto estrutural do racismo no Brasil afetou essas relações desde a infância, impondo-lhes estigmas e dificultando acessos a cidadania plena. Segundo Nilma Lino Gomes:

> No Brasil, a leitura sobre o negro, sua história e cultura ainda tem sido regulada pela sociedade mais ampla via racismo ambíguo e mito da democracia racial. Esta visão tem sido disseminada nos diferentes espaços estruturais do poder e marca de forma diferenciada a história da negra e do negro. A educação escolar tem sido um dos principais meios de socialização de discursos reguladores sobre o corpo negro. (GOMES, 2022. p.95).

No capítulo III, Etnografamos a *soup Joumou*, um dos pontos altos dessa pesquisa, quando fui até a casa de uma família haitiana no dia da independência do Haiti, o dia primeiro de janeiro. Em outros momentos do campo fizemos entrevistas com os jovens, eles falaram sobre suas vivências, naturalização, conflitos familiares, projetos de vida, acesso a emprego e moradia. Com isso propomos algumas reflexões sobre o imigrante em contexto urbano, na cidade que ele habita e como se dão seus acessos a serviços básicos, como meios de transporte, segurança, saúde, educação e lazer. Depois, pensamos aspectos de acessos à cidadania e a política migratória brasileira e quais são os desafios de inserção dos migrantes na sociedade brasileira.

[20] A infância é, simultaneamente, uma categoria social, do tipo geracional, e um grupo social de sujeitos ativos, que interpretam e agem no mundo. (SARMENTO, 2007, p.36). Pensando nessa direção, proponho a atenção às narrativas para entender como as crianças estão interpretando e agindo no mundo. (HARTMANN, 2021, p. 27)

No capítulo IV, trazemos alguns aspectos históricos do Haiti e falamos da importância da memória[21] enquanto elemento de conexão com as origens nacionais e étnicas para os imigrantes haitianos. Focamos, sobretudo, nos sonhos e projetos de vidas dos mais jovens. Entendemos que os haitianos são pessoas racializadas e que, por isso, são frequentemente expostas à estrutura racial do Brasil, seja nos lugares onde elas trabalham, onde moram, onde estudam. Nesses lugares, estão expostas a diferentes tipos de preconceitos, de cunho racial e social, os quais acabam se transformando em estigmas, com seus desdobramentos xenofóbicos. E estas discriminações além de causar uma série de problemas de ordem social, afetaram também a vida desses sujeitos, frequentemente impedindo os seus acessos à cidadania. Por isso, questões ligadas à racialização, atravessam todos os capítulos desta tese. Concordamos com Nilma Lino Gomes que:

> O corpo negro não se separa do sujeito. A discussão sobre regulação e emancipação do corpo negro diz respeito a processos, vivências e saberes produzidos coletivamente. Isso não significa que estamos descartando o negro enquanto identidade pessoal, subjetividade, desejo e individualidade. Há aqui o entendimento de que assim como "somos um corpo no mundo", somos sujeitos históricos e corpóreos no mundo. A identidade se constrói de forma coletiva, por mais que se anuncie individual. (GOMES, 2022, p.94).

É pensando nesses processos de construção coletiva das identidades que buscamos conhecer um pouco do processo histórico do Haiti, dialogar com essas pessoas, ouvir seus relatos, etnografar suas vidas e tentar desvendá-los pode ser importante para a construção de políticas públicas que atendam às suas necessidades. O que propomos com essa pesquisa é, junto aos migrantes haitianos realizar essa tarefa de ouvir, entrevistar, construir e etnografar registros que ponham em movimento a memória, a história e a vida de imigrantes haitianos em Manaus.

Apresentamos abaixo, a primeira geração haitiana em Manaus, uma geração que deu início ao êxodo de seu país de origem. Buscamos entender suas motivações migratórias, suas aspirações sociais, profissionais e educacionais no novo país. Através de diálogos e entrevistas, investigamos o que eles falaram sobre a vida em outro país, se pensam em retornar ao Haiti, se desejam continuar migrando ou não, seus modos de

[21] Nada escapa a trama sincrônica da existência social atual, e é da combinação destes diversos elementos que se pode emergir esta forma que chamamos de lembrança, porque a traduzimos em uma linguagem. (HALBWACHS, 1968, p. 14).

socialização, suas conquistas pessoais, a fim de que possamos compreender a partir da migração dos pais, os desejos e aspirações dos filhos.

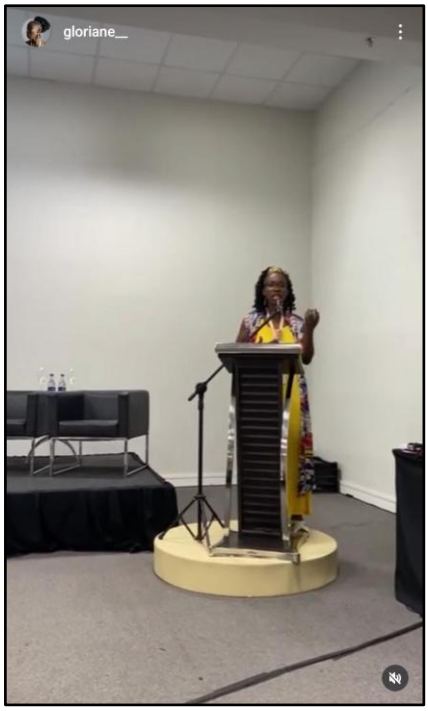
CAPÍTULO 1- Associação Fan Nwa primeira geração

As narrativas que compõem a história dessa associação de mulheres haitianas compreendem um esforço de escrita que começa ouvindo as histórias em campo e trazendo em muitos momentos narrativas de opressão vividas e contadas por Gloriane. Em seus relatos muitas das opressões que essas mulheres viviam tinham além da dimensão do machismo, uma dimensão racial. Gloriane líder da associação e muito ativa entre as mulheres haitianas estava em Manaus à época desta pesquisa, tendo As outras mulheres da associação tiveram suas identidades preservadas e aparecerão de forma mais genérica, sendo citada nominalmente apenas Gloriane. Para a Pesquisadora Rafaelle Queiroz:

> Não reduzindo a opressão feminina apenas ao machismo, atento-me para as várias faces da opressão vividas por diferentes mulheres. Por mais que se trate da luta feminina, somos diversas, o machismo contempla todas, porém se manifesta de maneiras diferentes, as opressões a serem enfrentadas também estão no plano racial. (QUEIROZ, 2023, p.10).

Gloriane Antoine, é mãe de cinco crianças sendo quatro haitianas e a última brasileira. Professora, cantora, atriz, são só alguns de seus talentos, atuou e participou na produção do longa “Travessia”, com direção de Elen Linth e Riane Nascimento, numa coprodução Brasil-Haiti em 2018. Participou também da peça teatral “O morro do Bode”, com o grupo jurubebas em 2021. Conheci Gloriane por intermédio da Lúcia, diretora da Escola Municipal Professor Waldir Garcia em Manaus AM. Foi durante a realização da minha pesquisa de mestrado em março de 2020 e meu primeiro contato com ela foi pelo telefone, a entrevista foi pelo *WhatsApp*, pois havia acabado de estourar a pandemia da COVID19.

Figura 03 - Gloriane palestrando em Brasília.



Fonte: Instagram pessoal da Gloriane.

Ela me contou que chegou para visitar a mãe em 2011 e ficou[22], dois anos depois trouxeram o restante da família, que incluía os filhos e o sobrinho, a irmã e o então marido de Gloriane. A família se juntou em 2013 e o que eram duas, passaram a ser oito pessoas, sendo quatro crianças e quatro adultos. Gloriane precisou complementar sua renda fazendo rosquinhas (Kokiyòl) para vender na rua com seu marido à época, mas não havia dinheiro para investir em nada, foi quando ela recorreu a paróquia de São Geraldo e pediu ajuda ao padre. O padre emprestou a ela 1kg de trigo, açúcar e óleo. Com esses três ingredientes simples começou a fazer as rosquinhas, para vender na rua. Perguntei a ela sobre sua relação com a rosquinha e ela me respondeu:

> Esta é a receita econômica da família e nos ajudou na jornada do Haiti até o Brasil nos momentos mais difíceis da nossa vida. Aprendi a fazer essa receita quando tinha 15 anos. Desde pequena fui apaixonada por artesanato e cozinha e admirava as mulheres que passavam horas preparando a comida e reuniam convidados e toda a comunidade. Essa receita virou uma amiga que me acompanha em todos os momentos, na verdade é como uma filha. Quando cheguei ao Brasil não sabia o nome da baunilha, que na minha língua se fala vainilla, mas fui ao mercado e me ajudaram a encontrá-la. Fiquei muito feliz quando encontrei, me deu

[22] Com relação às expectativas para o futuro, em que pese as dificuldades enfrentadas na fronteira e o pouco tempo de permanência no Brasil, as opiniões se dividem entre aqueles que pretendem permanecer no país, trazendo, inclusive algum familiar e aqueles que pretendem mudar-se para outra cidade brasileira, ou até mesmo para outro país, em busca de novas oportunidades. (SILVA, 2015, p. 129).

esperança. Com a venda das rosquinhas Kokiyòl, eu consegui trazer meus filhos para o Brasil. E mais tarde pude construir minha casa e um restaurante. Ela foi a minha base econômica e de afetividade e me faz sentir em casa tanto noite como aqui. Receita de Kokiyòl: 50 ml de leite, 1 ovo, 1/4 de xícara de açúcar, 30 gramas de manteiga, 1 colher de sopa de essência de baunilha, 250 gramas de trigo, 1/2 colher de sopa de fermento em pó, canela a gosto, meio litro de óleo de cozinha. Misture o leite, o ovo, o açúcar e a manteiga até criar uma mistura homogênea, depois acrescente trigo e fermento, molde as rosquinhas e leve para fritar em óleo quente. (Gloriane para o livro, sabores sem fronteiras de 2022).

Figura 04 - Kokiyòl

Fonte: https://loveforhaitianfood.com/recipe/kokiyol-haitian-donuts/?v=eb65bcceaa5f

Ela começou vendendo as rosquinhas no contraturno das faxinas que fazia pela manhã. Nesse processo de sair para as vendas, os filhos dela a acompanhavam, pois eram pequenos e era perigoso ficarem sozinhas, por isso era mais seguro sair com os pais. A receita das rosquinhas que trouxe do Haiti fez tanto sucesso que foi parar no livro "sabores sem fronteiras: receitas e trajetórias refugiadas"[23]. As rosquinhas representaram uma parte muito importante da renda dessa família durante os primeiros anos da migração em pelos menos duas gerações, a dela e a dos seus filhos. Pois era nas andanças que começaram as buscas por matrículas.

Nas suas andanças enquanto vendia rosquinhas no bairro São Geraldo, ela buscava também uma escola para matricular os filhos recém-chegados à Manaus. Batendo de escola em escola só recebia "não há vaga" ou "estamos fora do período de matrícula". Até que em uma dessas escolas indicaram que fosse à Emef. Prof. Waldir Garcia,

[23] A receita das rosquinhas pode ser conferida em: https://books.google.com.br/books?id=zNmPEAAAQBAJ&pg=PT178&lpg=PT178&dq=receita+das+rosquinhas+do+haiti+por+gloriane+antoine&source=bl&ots=wuAq_jwrG2&sig=ACfU3U0zM-F5PF0t0AEpTdb2VkMWKuPKYg&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKEwii2cqDqfyFAxW-ErkGHexYABIQ6AF6BAgKEAM#v=onepage&q=receita%20das%20rosquinhas%20do%20haiti%20por%20gloriane%20antoine&f=false acessado em 07/05/2024.

chegando lá Gloriane se apresentou e contou sua história. A história de Gloriane tocou Lúcia, a diretora da escola que levasse os filhos no dia seguinte que ia recebê-los mesmo fora do período de matrícula. Gloriane conta que essa cena até hoje a emociona, pois olhou para a diretora e disse: "mas eles não têm nem sapato para vir à escola".

A diretora disse que não havia problemas para os filhos dela chegarem na escola sem os sapatos, porque a escola forneceria todo o material necessário para que eles estudassem. E foi assim que no dia seguinte, as crianças se apresentaram a escola e foram acolhidas, a escola forneceu material didático e os uniformes, e ajudou aquela família imigrante. Depois disso a notícia se espalhou e ao longo dos anos continuou recebendo alunos imigrantes, se tornando referência entre aquelas pessoas, haitianos e venezuelanos eram os grupos maiores de crianças imigrantes. Quando eu estive lá em 2019 já eram em torno de 50 crianças migrantes, num total de 250 alunos.

Gloriane e a Associação Fanm Nwa

A associação Fanm Nwa: mulheres imigrantes e refugiados empoderados, nasceu em Manaus, Amazonas, no ano de 2020, momento em que o mundo enfrentava o isolamento social causado pela pandemia da covid-19. A ideia de uma associação surgiu como processo de subjetivação desses sujeitos[24], pois se tratava de uma estratégia de mobilização social entre as haitianas[25]. Gloriane realizava serviços de limpeza na casa das suas clientes ricas[26], quando ela notou que na casa desses clientes os filhos destas pessoas estavam tendo aulas particulares em casa durante a pandemia.

---

[24] O indivíduo constitui-se enquanto sujeito de uma ação social na medida em que o sentido de suas ações refere se ao comportamento de outros indivíduos. Isso quer dizer que o sujeito existe enquanto processo de interação, constitui-se na relação entre indivíduos produtores de sentidos recíprocos, ou seja, sujeito é o indivíduo na medida de sua capacidade de interagir e agir socialmente. Desse modo, o "processo de subjetivação" diz respeito ao próprio movimento de constituição da ação social. (LIMA, 2019, p. 8, APUD WEBER 2016, p.163).

[25] A experiência migratória dos haitianos na Guiana Francesa, desde a década de 1960 e os novos fluxos migratórios destes ao Brasil, a partir de 2010, são úteis para pensar as diferentes estratégias e mecanismos mobilizados pelos haitianos, através de associações criadas pelos próprios migrantes para organizar a sua vida social longe do Haiti. (JOSEPH, 2016, p. 43).

[26] A proposta de feminismo decolonial apresentada pela cientista política Fraçoise Vergès coloca no centro da análise do capitalismo os corpos das mulheres racializadas, muitas delas trabalhadoras domésticas e funcionárias terceirizadas de empresas de limpeza em condições precárias de trabalho. Esses corpos exaustos seriam responsáveis por abrir as cidades todos os dias de madrugada para que as empresas e seus executivos possam exercer suas funções. (SANCHES, 2021, p02).

Gloriane enquanto uma mulher racializada[27], com quatro filhos e pensando sua vida nesse novo contexto migratório, começou a idealizar uma associação de mulheres, com o objetivo de pensar no futuro das crianças imigrantes, como era o caso de seus quatro filhos e os filhos de suas conterrâneas haitianas, uma verdadeira feminista decolonial[28]. Enquanto os filhos dela estavam sem estudar em casa, "os filhos dos ricos", como ela falava, estavam estudando em casa. Gloriane também queria que seus filhos continuassem tendo acesso aos estudos, mas sozinha seria mais difícil conseguir oportunidades iguais para eles.

Entre os imigrantes haitianos as associações são um mecanismo de organização da vida em Diáspora[29]. Em 2020, quando fui apresentada a Gloriane, a associação de mulheres haitianas ainda não havia sido criada. Sabíamos da existência de outras organizações como a Associação dos Trabalhadores Haitianos no Amazonas[30]. A organização dessas pessoas enquanto Associação permitia mais visibilidade ao movimento migratório e as condições de vida a que essas pessoas estavam sujeitas, fazendo valer as suas reivindicações sociais.

Vale notar que os filhos de Gloriane são imigrantes haitianos que migraram para o Brasil ainda crianças, com três, cinco, sete e nove anos de idade. Assim como eles, havia outros jovens haitianos na mesma situação. Foi a partir da necessidade de acesso à cidadania, que surgiu a vontade de agir dessas mulheres, movidas pela esperança de

---

[27] Anterior ao seu prefácio, Flávia Rios faz uma apresentação intitulada Por um feminismo radical. Chama atenção a definição do termo mulheres racializadas que, de forma mais ampla à racialização direcionada às pessoas negras, como acaba por ocorrer nas Américas e no Brasil, na França são todas as mulheres que a colonialidade fábrica como "outras", para discriminar, excluir, explorar, desprezar (primeira nota do livro). Diz respeito tanto a pessoas negras e indígenas quanto a não brancas e não ocidentais, na condição de refugiadas e de imigrantes, e mesmo a cidadãs cujas marcas sociais diacríticas (cor, costume, religião, língua...) as impedem de exercer e usufruir sua cidadania (ainda que conquistada no papel). (CUNHA, 2020, p. 330).

[28] Françoise Vergès debruça-se na teoria da decolonialidade a partir da observação feminista. Feminismo decolonial (categoria gênero no pensamento decolonial, pela argentina María Lugones em Colonialidade e gênero (2008). Ou seja, às consequências da colonização é preciso ser antipatriarcal, anticolonial, anticapitalista, antirracista, anti-imperialista, a denunciar a heteronormatividade e formas de dominações sobrepostas, pela interface gênero e etnia (identificada pelo feminismo negro norte-americano e brasileiro). Utiliza Um no título para abertura à pluralidade, e não O/A, que atuam como definidores de uma unicidade. (CUNHA, 2020, p. 330).

[29] A questão da diáspora é colocada aqui principalmente por causa da luz que ela é capaz de lançar sobre as complexidades, não simplesmente de se construir, mas de se imaginar a nação [nationhood] e a identidade caribenhas, numa era de globalização crescente. (HALL, 2003, p. 25-26)

[30] ASSOCIACAO DOS TRABALHADORES HAITIANOS NO AMAZONAS ATHAM - CNPJ: 14021592000132 https://mapaosc.ipea.gov.br/detalhar/1214823. Acessado em 06/10/2024. Essa Associação tinha como foco a inserção laboral de homens haitianos no mercado de trabalho.

mudança. Importa lembrar que pensamos esperança do verbo *esperançar*, de Paulo Freire e de Ailton Krenak que diz "para esperançar é preciso sonhar. Veremos mais adiante o "varal dos sonhos" construído pelos imigrantes durante as conferências livres da II Comigrar.

Esperançar enquanto verbo dá sentido ao movimento de agir, a estratégia de Gloriane foi entrar em contato com outras mães haitianas e compartilhar a sua ideia sobre construir uma associação de mulheres que pudesse levar conhecimento e oportunidades para elas e seus filhos. Seu objetivo principal era criar uma rede de solidariedade entre as mulheres haitianas para que todas pudessem ter mais acessos a cidadania. Para Luciana Hartmann (2012, p. 190) "É na relação de troca entre narrador e ouvintes que se revivem e recriam as experiências. É no ato de transmiti-las que se constituem e se legitimam os saberes, os conhecimentos, as tradições." Por isso, busquei entender como a ideia da associação chegou até ela, e para entender um pouco melhor esse contexto, perguntei então como era a vida dela no Haiti antes do terremoto, Gloriane me descreveu da seguinte maneira:

> Todo mundo que existe tem um dia de nascimento, então eu nasci no dia 02 de janeiro de 1983, dia 02 de janeiro é o dia dos heróis da minha pátria, então eu me considero como heroína. No Haiti eu trabalhava como bibliotecária, depois me casei e fui para o interior trabalhar como professora, nesse local eu criava animais como cabra, porco e galinha.
>
> Depois do terremoto tivemos que deixar essa cidade do interior e ir para a cidade da bandeira ainda como professora. Lá eu não gostava do nome do lugar, então criei uma organização com as mulheres da comunidade e mudamos o nome daquele lugar. Enquanto estive junto a essa organização construímos casas emprestando dinheiro entre nós para poder mover a economia dentro dessas famílias. E foi de lá em vim para o Brasil.
>
> No Haiti eu fiz curso técnico de Arte de doméstica que é um curso que ensina sobre todos os trabalhos que envolvem uma casa, desde limpeza, culinária, cuidados com crianças e idosos, até corte e costura, mas lá eu não cheguei a trabalhar com isso.
>
> No Haiti eu trabalhava como professora e era isso que eu gostava de fazer, trabalhar com seminários. Lá eu trabalhei também com organizações comunitárias e como bibliotecária também, mas quando cheguei no Brasil foi com a profissão de doméstica que eu consegui me ajudar, pois era isso que o mercado de trabalho estava oferecendo para mulheres estrangeiras.
>
> E eu trabalhei com todo prazer e toda dedicação, afinal eu tenho formação na área e foi assim que eu consegui abrir uma empresa especializada em limpeza com uma vasta carta de clientes. No Brasil

> ainda não fiz faculdade, mas eu nunca parei de estudar, toda oportunidade de conhecimento que me foi oferecida eu agarrei, pois eu acredito que é o conhecimento que nos faz avançar na vida. Assim, eu fiz curso de informática, de culinária regional, de recepcionista que me abriu as portas para trabalhar como recepcionista numa grande empresa da região, até curso de pedreiro eu fiz. (Gloriane, maio de 2023, durante entrevista para tese)

O relato que lemos acima faz parte da entrevista concedida por ela para esta pesquisa. Como podemos concluir de seu extenso relato, Gloriane traz suas memórias de família, da migração, de seus trabalhos em meio rural e urbano e notamos que a Fanm Nwa não é a primeira associação encabeçada por ela. A associação foi uma experiência que ela trouxe do Haiti e que conseguiu consolidar em Manaus também, com o apoio de outras mulheres. Nas falas dela observamos uma pessoa que enfrentou muitos desafios, passando por processos migratórios internos ainda no Haiti, tendo experiência em formação comunitária. Para Suely Kofes:

> O que é fascinante notar nas narrações biográficas é como iniciam-se de maneira distinta, como configuram temas distintos: memória, migração, família, trabalho rural e urbano, produções de gênero, de falas, de maneiras particulares do uso da linguagem e formas narrativas, de crenças, religiosidade e personagens míticas, de atribuição de nomes e constituição de pessoas, de arte e de ciência. Essa relação entre biografia e narração, o nexo entre oralidade, escrita e visualidade, as interconexões do ato biográfico, retendo evocações e informações entre real (pessoa) e ficção (personagem), remetem ao estatuto ambíguo do fazer biográfico nas ciências humanas. (KOFES, 2015, p. 37)

Foi assim que por meio do trabalho ela conseguiu se estabelecer neste país, desde o primeiro dia em solo brasileiro. Gloriane foi nossa principal interlocutora da primeira geração haitiana, com mais de 12 anos no Brasil. É a partir da história dela que buscamos entender outras histórias haitianas em diáspora[31]. Quando Gloriane criou a associação de mulheres haitianas, ainda não havia outras associações voltadas para mulheres imigrantes na cidade de Manaus. Para Ingrid Rodrigues:

> O narrador, enquanto autor de sua própria história, aciona aspectos de sua relação e interação com o lugar e a cultura com a qual se situa. As construções e percepções antropológicas são, assim, desenvolvidas a partir desse intercâmbio de experiências através das narrativas compartilhadas. (RODRIGUES, 2024, p. 30).

[31] Para os haitianos: diaspora ou dyaspora: É um termo polissêmico. Geralmente, a palavra é utilizada para designar os haitianos residentes no exterior e que voltam ao Haiti. Também é utilizado como adjetivo para qualificar objetos, dinheiro, casas e ações. (HANDERSON, 2015, p. 24).

A história dessa associação narrada pela própria Gloriane aciona aspectos de sua relação com o lugar e nos fez pensar no reordenamento migratório e no protagonismo das mulheres imigrantes que apresentavam demandas específicas por conta do afeto com os filhos, diferentes das associações masculinas mais voltadas ao mercado de trabalho. Em 2013, já havia a presença de crianças e mulheres no fluxo migratório de haitianos para Manaus, antes predominantemente masculino. (GOES; ENNES, 2023, p.196).

Enquanto porta-voz da associação, em 2020/2021, ela atuava como professora em duas frentes, uma como professora de língua portuguesa no curso de alfabetização para cerca de nove jovens e adultos, e no reforço escolar para as cerca de vinte e cinco crianças e adolescentes dos quatro aos quinze anos, exercendo assim à docência que ela ama. O afeto, a presença e a necessidade prover para além das condições materiais foram fundamentais para que essa associação permanecesse viva. Para o Pesquisador Jefferson Pinho:

> O afeto pode ser traduzido como toda forma de expressão sentimental expresso nas relações, A presença costuma caminhar ao lado dos afetos, em especial quando estes são considerados positivos. O prover, apesar do grande peso no sentido de prover economicamente, vai além, podendo ser o provimento de conhecimento, de educação ou ainda de cuidado. (PINHO, 2024, p.20).

Depois de dois anos existindo anonimamente, um de seus objetivos era conseguir ajuda para tornar legal todas as atividades da associação Fanm Nwa. em 2022, o tão sonhado CNPJ se tornou real. Para dar essa notícia ela convocou uma reunião entre as mulheres da associação e outras pessoas que haviam participado do processo, eu inclusive. Com CNPJ foi menos burocrático consegui editais e parcerias para atender mais de 60 crianças, adolescentes e adultos que conseguiram ser beneficiados pela associação. Além da promoção de vários eventos associados ao longo dos anos. E por que o Brasil Gloriane? Gloriane descreveu a migração da seguinte maneira:

> Na realidade eu não escolhi o Brasil como primeira opção, eu queria sair do país após o terremoto, todo mundo estava fugindo com a situação econômica, todo mundo estava com medo, então eu queria sair de qualquer forma, porque a maioria das pessoas estava saindo, estávamos vivendo numa insegurança total, aí quando a presidenta do Brasil foi para o Haiti ela liberou para todo mundo que tivesse requisitos vir se quisesse , e eu tinha o perfil para os requisitos que ela pediu e eu fui na embaixada pedir o visto de turismo para ir visitar minha mãe que já havia cruzado as fronteiras e chegado ao Brasil, ela entrou pelo Equador passando por todos aqueles caminhos para chegar até Manaus.

> Aí quando eu pedi o visto eles me deram o permanente e eu entrei no Brasil por São Paulo. De São Paulo o patrão da minha mãe comprou minha passagem até Manaus, quando encontrei minha mãe ela me pediu para ficar com ela e ela iria me ajudar a trazer as crianças e o marido. Quando entrei comecei a trabalhar e trouxe meus filhos. Antes do terremoto eu nunca ouvi falar do Brasil além do futebol do café e do petróleo. Minha mãe veio primeiro e encontrou trabalho e lugar para ficar aqui e se eu não tivesse um lugar para morar, eu nunca iria criar expectativas para vir ao Brasil. Mas após o terremoto a gente estava tudo desesperado e todo mundo falando bem do Brasil criou-se então uma ilusão em forma de propaganda para chamar as pessoas para saírem do Haiti para o Brasil.
>
> Então como a gente já tinha contato com o exército, já ouvia falar mais sobre o Brasil, foi-se criando um vínculo e eu não tive medo de entrar. Quando eu entrei eu vi um pouco daquilo mesmo que ouvia falar no Haiti, eu vejo um povo acolhedor, um povo bem caloroso, que gosta de pessoas, que gosta de ouvir as histórias das outras pessoas, no meu primeiro encontro com o povo brasileiro é isso que eu enxergo, é isso que eu vou levar para minha vida inteira.
>
> Mas depois, na caminhada a gente vai ver alguns defeitos que é normal, todo povo tem, todo país tem, todo ser humano tem, então não é uma coisa para eu criticar tanto, porque de cem pessoas boas no nosso caminho a gente pode encontrar apenas um que não presta, mas esse vale mais que as cem pessoas boas, de tanto que não presta. Isso desgasta um pouco a nossa energia porque o preconceito e o racismo são muito pesados aqui. Mas a maioria das pessoas ainda é boa. (Gloriane, maio de 2023 durante entrevista para tese)

Esse relato da Gloriane nos ajuda a refletir como as pessoas que migraram tinham até boas condições de viver em seu país, ou seja, não eram as mais pobres, no entanto, estavam lutando para sair de situações de escassez, violências e desastres naturais que assolavam o país como um todo. E que quando chegaram precisaram lidar com a realidade que estava permeada de falta de oportunidades, acessos à cidadania, além de serem constantemente alvos de discriminação, por serem negros e não terem condições próprias de renda para se manter, se tornando "um problema" para o Estado. Como afirma Kátia Couto:

> a presença maciça de imigrantes haitianos que tem chegado à região norte nos últimos anos, nos permite pensar essas trajetórias recorrendo às suas relações históricas. (...) o imigrante haitiano é, sem dúvida, a imagem construída do imigrante indesejado, negro e principalmente pobre. (COUTO, 2016, p.153)

E nessas condições de empobrecimento, vulnerabilidade social e, sobretudo, com uma família para alimentar, o imigrante haitiano vai em busca de qualquer emprego. Como no contexto da imigração argelina em que apontava Sayad (1998, p.54) "o

imigrante é essencialmente uma força de trabalho". Sob tais condições de vulnerabilidade socioeconômica, em Manaus, assim como em outros estados brasileiros, os imigrantes haitianos foram acolhidos, em sua maioria, pela Pastoral do Migrante.

> A Pastoral dos Migrantes (SPM) da Arquidiocese de Manaus, atuou de forma efetiva no acolhimento de migrantes haitianos, através de várias atividades e medidas que buscavam garantir serviços de assistência imediata e articulando parcerias no intuito de inserir esse migrante no ambiente social de destino. (COUTO, 2016, p. 170).

A Pastoral dos Migrantes buscou a integração social desses imigrantes, principalmente daqueles que se encontravam em situação de vulnerabilidade social[32], pois nessas condições era preciso garantir um mínimo de dignidade a essas pessoas, as quais, para além de simples índices nas estatísticas migratórias, são sobretudo cidadãos migrantes com direitos[33]. Infelizmente, nem todas as pessoas que cruzavam seus caminhos entendiam isso. Em muitos momentos uma mídia sensacionalista também contribuiu para que eles fossem vistos como indocumentados. Por isso, ressalta-se a importância de instituições não governamentais, como é o caso da Pastoral dos Migrantes.[34]

Os haitianos falam crioulo haitiano e francês e para muitos deles, o contato com a língua portuguesa se deu apenas em solo brasileiro. Com o aumento da demanda e da necessidade de falar o português, a Pastoral dos Migrantes formou grupos de estudos para ensinar português aos haitianos. Aprender a língua portuguesa possibilitaria a eles conseguirem empregos enquanto estivessem no Brasil, uma vez que a grande maioria deles dizia que estava apenas de passagem por Manaus e tinha em vista outros Estados brasileiros, mais ao Sudeste e Sul. Porém, havia também aqueles que imigraram com aspirações educacionais e depois de aprender o básico da língua e conseguir um trabalho,

---

[32] No início de 2012, em apenas 15 dias chegaram à capital amazonense 1.307 haitianos (COSTA, 2016, p. 28). Sem qualquer ajuda governamental, os agentes religiosos tiveram, como já foi dito, de fazer apelo à solidariedade de diversas igrejas católicas da cidade, que se ofereceram para abrigar haitianos em suas dependências ou alugar casas para recebê-los. (SILVA, 2017, p. 109).

[33] (...)muitos passaram pela Pastoral para buscar alguma forma de assistência, como, por exemplo, preencher a ficha para pedir a carteira de trabalho. (SILVA, 2017, p. 105).

[34] Além de encaminhá-los para o mercado de trabalho, a pastoral do Migrante de Manaus aposta na formação de cooperativas, como uma forma de geração de renda. Um exemplo disto é o projeto de formar uma cooperativa para a produção e venda de sorvetes pelos próprios haitianos. Na sede da Pastoral, há uma máquina que fabrica cerca de cem sorvetes por hora. Eles compram por vinte centavos a unidade e revendem por um real. (SILVA, 2016, p. 191).

começaram a investir em cursos profissionalizantes e isso contribuiu para aumentar o repertório linguístico dos imigrantes.

E mesmo se inserindo no mercado de trabalho com dificuldades, fato que persiste para eles, ainda havia outros fatores que envolviam racismo e a xenofobia, pois muitos brasileiros diziam que os haitianos estavam "ficando" com as vagas de empregos que deveriam ser dos brasileiros. Esse tipo de comentário também favorecia que muitos deles aceitassem trabalhar em empregos inferiores à sua formação anterior no Haiti.[35] Apenas uma minoria conseguia trabalhar na sua área. E isso indicava que, muito provavelmente, a maioria deles se via diante da necessidade de "aceitar trabalhos muito aquém de suas qualificações profissionais".[36]

Muitos haitianos da primeira geração que vieram em busca de oportunidades de encontrar trabalho na sua área de estudo, mas não conseguiam pelas dificuldades na validação dos seus diplomas obtidos no Haiti. Alguns institutos educacionais tinham essa validação como pré-requisito para dar continuidade aos estudos aqui. E a revalidação se tornava algo muito caro e fora do alcance para eles. O trabalho em associação acabava sendo a forma de socialização mais comum entre haitianos adultos, sabemos que a igreja também era um lugar de participação social muito importante para eles, mas o trabalho em alguma associação, por envolver atividades diárias acabava se tornava um lugar de bastante interação entre eles.

Construindo um espaço de sonhos e projetos

Essas mulheres haitianas que não eram nem dez pessoas no início, se juntaram para dar aulas de reforço de língua portuguesa e matemática para as crianças, e para as mulheres que ainda não sabiam falar português. A própria Gloriane foi a primeira professora da associação. As aulas aconteciam três vezes na semana, sendo no período da

[35] Embora o imigrante se recuse a assumir funções que exigem uma qualificação inferior à que possui, ele não terá outra opção, já que o mercado o vê como "força de trabalho" disponível e barata. Foi o que expressou Jean, um jovem de 22 anos, que pretende continuar seus estudos no Brasil. Ele afirmou enfaticamente: "Eu não vim aqui para abrir buracos". (SILVA, 2016, p. 187).

[36] Em torno de 53% dos imigrantes recebem entre 1 e 3 salários-mínimos. E a população imigrante que recebe somente entre 1 e 2 salários-mínimos fica na casa dos 40%. Nesse sentido, podemos auferir que uma parte significativa da população está exercendo trabalhos aquém da sua educação formal e, portanto, há indícios de inconsistência de status entre a população imigrante. (CAVALCANTI, 2015, p. 40).

manhã com as crianças e a noite com os adultos que trabalhavam durante o dia. O serviço oferecido contemplava tanto as mulheres haitianas quanto os homens.

Quando as mulheres passaram a se reunir por conta da associação, elas começaram a identificar alguns problemas na comunidade, dentre as dificuldades encontradas por elas, havia mãe de família que não conseguia ajudar os filhos na escola devido à baixa escolaridade dos pais. Tinha mãe de família que não podia frequentar a associação, porque o marido não deixava além dessa mulher enfrentar a violência familiar. Havia famílias haitianas passando fome, tinha também mãe de família enfrentando problemas com drogas, entre tantos outros problemas sociais relacionados a falta de políticas públicas, e à situação de pobreza e vulnerabilidade as quais essas imigrantes estavam envolvidas.

Ressalta-se que o enfrentamento com as drogas infelizmente tem se tornado mais comum entre imigrantes haitianos mais jovens. É possível que a falta de assistência e de políticas públicas que contemplem essa população, bem como a falta de alternativas de cultura e lazer nos bairros periféricos onde essas pessoas moram, também contribui para o aumento da violência e da criminalidade a que foram expostas na cidade de Manaus.

É a partir dessa estratégia de organização social que surge a associação Fanm Nwa: mulheres negras, refugiadas e empoderadas. Ela nasceu com o propósito de levar oportunidades, dignidade, igualdade de direitos, conhecimento, cultura e informação para as mulheres imigrantes e pessoas refugiadas. Dentro das possibilidades que tinham essas mulheres, elas conseguiram mobilizar cursos profissionalizantes, de língua portuguesa e informática, através de parcerias com instituições de ensino. Entre elas também ensinaram e aprenderam artesanato e empreendedorismo.

No início de 2021, ainda em período de isolamento social, devido a pandemia da covid-19, as mulheres haitianas da associação alugaram um galpão de 10m² no bairro do Canaranas, na Cidade Nova, Zona Norte de Manaus. Na época o valor desse aluguel custava cerca de duzentos reais. O galpão ficava nos fundos de um terreno e servia como depósito e, ao mesmo tempo, funcionava uma espécie de abrigo para os cachorros dos donos da casa. Nesse ambiente insalubre e sem estrutura, não havia luz elétrica instalada, nem água e nem nenhum tipo de manutenção. Havia mesmo somente paredes e tetos e ambos tinham infiltração. Inicialmente, foi acordado que as mulheres haitianas fizessem as melhorias necessárias no lugar e que fosse abatido do valor mensal do aluguel.

Botando a mão na massa literalmente, as mulheres da associação reformaram e transformaram aquele espaço de dez metros quadrados. Em pouco mais de um mês já havia duas salas de aula, uma copa e um banheiro. A primeira sala de aula era de alfabetização em língua portuguesa para adultos de segunda a sexta à noite e oficinas de artesanato aos sábados com as mulheres. Os materiais como carteiras escolares e cartilhas de alfabetização, foram doados pela escola municipal professor Waldir Garcia. Eram materiais que haviam sido usados pela escola e que estavam sem uso devido o fechamento da escola por conta da pandemia.

A outra sala era dedicada às crianças, lá aconteciam as aulas de reforço e alfabetização em língua portuguesa e crioulo haitiano. Os materiais utilizados nessa sala eram as mesmas cartilhas doadas pela escola. As cartilhas de alfabetização davam sentido e repertório para as aulas das crianças e dos adultos. As mulheres e mães apresentavam as danças e cantigas de roda típicas haitianas para que as crianças das próximas gerações não perdessem o vínculo com a história e a cultura do Haiti.

Ainda neste pequeno espaço havia uma estante com os artesanatos produzidos pelas mulheres haitianas que consistiam em vasos e flores que eram peças feitas de garrafas pet e papel reciclável. Todas essas atividades aconteciam em horários alternados e administrados por elas mesmas, distribuídas durante a semana e nos finais de semana para dar conta de atender a demanda de imigrantes que participavam dessas atividades. Fora deste espaço, a associação também já tinha parceria com uma escola de informática que oferecia cursos de capacitação em informática básica e empreendedorismo.

Com o espaço físico, a associação foi ganhando força e protagonismo entre os próprios haitianos estabelecidos em Manaus. No entanto, passados alguns meses os donos do imóvel aumentaram o valor do aluguel a um preço que as mulheres não puderam mais pagar. Nesse momento, que foi quando estive lá e elas estavam iniciando o processo da mudança para o terreno onde ficava a casa de Gloriane, alguns metros dali.

Gloriane, que a essa altura estava terminando de construir sua casa na comunidade da Fazendinha II, nos fundos do bairro do Canaranas, separou duas salas para a associação. Uma sala que funcionava como biblioteca e sala de estudos e outra sala onde ficaria o escritório e a sala de planejamento de ações da associação. Essa mudança foi dada como temporária até que pudessem se reestabelecer. Naquela circunstância, ajudei financeiramente contribuindo com o valor do frete para levar os materiais mais pesados,

como cadeiras e livros didáticos. Todas as outras visitas que fiz a associação foram nesse novo local.

Os encontros na associação eram marcados pela presença unânime de mulheres haitianas e seus filhos menores, e por conta dessa dinâmica com as crianças havia muito planejamento logístico antes dos encontros. Elas se dividiam entre elas para cuidar, amamentar e olhar as crianças enquanto conversavam. Nessas conversas elas partilhavam coisas de interesse comum, como por exemplo, a importância de aprender o português para encarar o mercado de trabalho e colocar a comida na mesa da família todos os dias. Nesse grupo não havia mulheres empregadas via (CLT – Consolidação das Leis do Trabalho).

As mulheres haitianas desse grupo costumavam empreender, pois já tinham tido alguma experiência de venda na rua. Gloriane, por exemplo, quando chegou em Manaus fazia e vendia rosquinhas fritas na região centro sul e leste de Manaus. As outras mulheres vendiam frutas e verduras, outras vendiam acessórios de vestuário como meias, cadarços, bonés no centro da cidade. Além do espaço das ruas elas frequentavam a igreja pentecostal da colmeia onde os cultos eram em língua haitiana créole ou crioulo, localizada no bairro São Jorge, na zona centro-sul.

A associação se tornava, assim, o espaço da língua comum, das trocas, da sororidade, e da solidariedade entre aquelas mulheres haitianas. Desde o início desse projeto estava muito claro a importância de manter os filhos em contato com a língua e a cultura haitiana. A preservação dessa memória envolvia as manifestações culturais, como música, dança, religião e culinária no ambiente familiar. Já na escola, por outro lado, essas crianças desenvolviam os domínios na língua e na cultura brasileira a fim de poderem garantir maiores acessos à educação, saúde, bem como melhores condições de vida do que aquelas ofertadas aos seus pais e mães.

Nesse sentido, a associação seria uma junção das necessidades da comunidade haitiana através dessas mães para aproximar as outras famílias haitianas, com o propósito de passarem aos mais jovens os legados de suas tradições e a possibilidade de ampliar seus horizontes de conhecimento no Brasil. Foi assim, resistindo as intempéries das migrações, terremotos, fome, frio, calor e diversas formas de escassez[37] que encontraram

[37] Do ponto de vista da origem, inicialmente, grande parte deles eram provenientes da capital Porto Príncipe, cidade duramente afetada pelo terremoto de 2010. (SILVA, 2016, p.186).

uma forma de ressignificar e darem sentido a suas vidas, se ajudando e beneficiando umas às outras. É assim que *esperançar* fez sentido para elas.

A Associação durante a Covid-19

Como os imigrantes haitianos enfrentaram a pandemia em Manaus? Para responder a essa questão, é importante lembrar que o ano de 2020 não foi marcado apenas pela pandemia de Covid-19, mas também pelos dez anos da imigração haitiana para o Brasil. Durante esse período, os haitianos desenvolveram estratégias de sobrevivência e encontraram maneiras de continuar trabalhando. Diferentemente de 2010, quando a maioria dos imigrantes era composta por homens, em 2020 já haviam ocorrido diversos casos de reunificação familiar, tornando a população haitiana cada vez mais diversificada, com a presença crescente de mulheres, crianças e idosos entre as famílias.

Algumas mulheres haitianas, especialmente aquelas com filhos pequenos, enfrentaram a necessidade de deixar o trabalho fora de casa devido ao fechamento de creches e escolas. Foi nesse cenário de pandemia, restrições de mobilidade, trabalho e cuidado com as crianças que as haitianas decidiram criar a associação. Elas compartilhavam várias necessidades comuns a outras mulheres, principalmente no que se refere ao cuidado com a casa e com os filhos. Formando uma rede de apoio mútuo, elas se organizavam de modo que, enquanto algumas saíam para vender seus produtos nas ruas, outras permaneciam na associação cuidando das crianças. Dessana Paiva de Oliveira destaca em dois pontos do seu trabalho com a associação Fanm Nwa, que:

> Ao conhecer a história de vida das imigrantes haitianas fundadoras da Associação Fanm Nwa, também entendemos o contexto histórico, econômico e social que as levou a deixar o Haiti, a permanecer em Manaus e a desenvolver estratégias de luta por direitos em meio ao caos da pandemia (OLIVEIRA, 2023, p. 45).

> Imperioso salientar que a Fanm Nwa surgiu durante o período da pandemia do novo Covid-19, momento marcado por turbulência política na condução da saúde pública no Brasil por todas as esferas de governo, forte negacionismo de parte da sociedade, negação de direitos aos migrantes, especialmente sobre o benefício do auxílio-emergencial e outros desdobramentos e consequências até hoje ainda não superados. (OLIVEIRA, 2023, p. 57)

Para as mulheres haitianas, a criação da associação representou uma oportunidade de geração de renda, seja por meio do artesanato, brechós ou da culinária típica. Elas organizaram diversas frentes de trabalho voltadas para a educação e a cultura. Essa capacidade de organização associativa, que ao mesmo tempo fortalece os laços e cria formas de sociabilidade, evidencia o protagonismo feminino na Fanm Nwa. A associação oferecia atividades culturais e educacionais para suas integrantes e suas famílias, incentivando o empreendedorismo e a formação profissional, como destaca Dessana Paiva de Oliveira:

> Para as migrantes haitianas da associação, serem reconhecidas como empreendedoras, artesãs, expositoras vinculadas a um coletivo de mulheres, faz parte do processo de empoderamento feminino, de reafirmação de ser uma profissional, de ter autonomia em alguma atividade, uma vez que se fortalecem, juntas tornam-se protagonistas em um cenário que foge do âmbito familiar. (OLIVEIRA, 2023, p.75).

Nesse contexto de ensino e profissionalização, a associação buscava parcerias com diversos atores sociais, tanto migrantes quanto não migrantes, que pudessem colaborar na solução de suas demandas específicas. Essas parcerias eram fortalecidas por meio de conversas com outras mulheres e suas redes de apoio que, embora começassem no âmbito familiar, se expandiam para além dele.

> Esses laços unem migrantes e não migrantes em uma rede complexa de papéis sociais complementares e relações interpessoais que são mantidas por um conjunto informal de expectativas mútuas e comportamentos prescritos. As relações em rede mais importantes são as baseadas em parentesco, amizade e origem comum, as quais são reforçadas por uma interação regular em associações voluntárias. (ASSIS, 2007, p. 752).

É importante destacar que, no caso da Fanm Nwa, esses interesses eram fortemente marcados pelo protagonismo feminino. A associação foi criada com o objetivo de permitir que as mulheres haitianas pudessem resolver questões comuns a todas elas, tais como o cuidado e a criação dos filhos, além da geração de renda. Isso ocorreu em um período de grande escassez para essa população vulnerável.

> Várias associações foram criadas nos últimos anos em diferentes cidades brasileiras com o objetivo de reunir os haitianos e criar um canal institucionalizado de diálogo com a sociedade local. (SILVA, 2018, p. 471).

O fato de existir uma associação voltada para as mulheres, diz respeito a uma diversidade na migração haitiana, o período em que começam a vir mulheres e crianças é

também o período em que mais ocorrem os processos de reunificação familiar. Estas mulheres que aqui chegaram se depararam com as dificuldades encontradas pelas mulheres migrantes com filhos pequenos, elas precisavam trabalhar, mas ao mesmo tempo precisavam de casa e da família que comandavam. Não era raro ver casos em que o marido seguia viagem para outra cidade alegando melhores ofertas de emprego, enquanto as mulheres ficavam cuidando do lar e das crianças.

Gloriane sentiu a necessidade de agregar-se a outras mulheres haitianas que, assim como ela, eram mães e donas de casa. Naquela época ela não sabia se existiam associações voltadas para mulheres haitianas que pensavam projetos visando o desenvolvimento pessoal e profissional daquelas mulheres. Tendo em vista seus interesses comuns poderíamos chamar analogamente, aqui, de um modo de "sociação", de acordo com o conceito de Georg Símmel, sociação é:

> A forma (que se realiza de inúmeras maneiras distintas) na qual os indivíduos, em razão de seus interesses – sensoriais, ideais, momentâneos, duradouros, conscientes, inconscientes, movidos pela causalidade ou teleologicamente determinados – se desenvolvem conjuntamente em direção a uma unidade no seio da qual esses interesses se realizam. Esses interesses sejam eles sensoriais, ideais, momentâneos, duradouros, conscientes, inconscientes, casuais ou teleológicos, formam a base da sociedade humana. (SÍMMEL, 2006, p.60).

É a partir do conceito de sociação que surge a ideia de sociabilidade pensada por Simmel. Ao me aproximar de Gloriane e das outras mulheres da associação, pude observar o quanto esses encontros eram estruturados e, ao mesmo tempo, estruturantes de suas relações nesse contexto migratório. Como muitos dos interesses dessas mulheres convergiam — todas eram mães haitianas com filhos pequenos em idade escolar — a associação Fanm Nwa, idealizada por uma mulher, construída e mantida por ela e muitas outras. Um dos projetos de destaque foi o "clube de leitura Fanm Nwa", onde elas leram o livro de Chimamanda, *O Perigo de uma História Única*. Esse tipo de iniciativa se diferenciava das associações estruturadas entre os homens.

Figura 05 – Mulheres da Associação.

Fonte: acervo pessoal da autora

As fotos trazem duas imagens de uma ação da associação que arrecadou junto a paróquia do São Geraldo cerca de vinte sextas básicas para as famílias que se encontravam em maior vulnerabilidade social, ainda como consequência da pandemia de covid19. As cestas, foram distribuídas a partir da casa da Gloriane no Canaranas-Fazendinha, no mesmo dia da última atividade do grupo de leitura. Atividades como essa de entrega de cestas básicas aconteceram nos períodos críticos da pandemia entre 2020 e 2022. A associação mobilizava redes de apoio que pudessem colaborar com o fornecimento de cestas básicas para lares liderados por mulheres.

Haitianas combatendo Estigmas

O objetivo principal do clube de leitura era incentivar a leitura em língua portuguesa, no entanto a leitura escolhida conseguia ir além e dialogava também com o perigo das histórias que são contadas a partir de um único ponto de vista. A leitura escolhida despertava nelas um interesse em contar as histórias únicas de mulheres haitianas, suas famílias, a imigração para o Brasil, os estigmas enfrentados por elas. Goffman irá classificar o estigma de negros como estigmas de raça, religião e nação. A saber:

> Um indivíduo que poderia ter sido facilmente recebido na relação social quotidiana possui um traço que pode-se impor a atenção e afastar aqueles que ele encontra, destruindo a possibilidade de atenção para outros atributos seus. Ele possui um estigma, uma característica diferente da que havíamos previsto. Nós e os que não se afastam negativamente das expectativas particulares em questão serão por mim chamados de normais. As atitudes que nós, normais, temos com uma pessoa com um estigma, e os atos que empreendemos em relação a ela são bem conhecidos na medida em que são as respostas que a ação social benevolente tenta suavizar e melhorar. Por definição, é claro, acreditamos que alguém com um estigma não seja completamente

> humano. Com base nisso, fazemos vários tipos de discriminações, através das quais efetivamente, e muitas vezes sem pensar, reduzimos sua chance de vida: construímos uma teoria do estigma; uma ideologia para explicar a sua inferioridade e dar conta do perigo que ela representa, racionalizando algumas vezes uma animosidade baseada em outras diferenças, tais como a classe social. (GOFFMAN, 2004, p. 07-08).

Quando Goffman escreve: "por definição, é claro, acreditamos que alguém com um estigma não seja completamente humano". E quando ouvimos e coletamos alguns depoimentos de haitianos e haitianas da primeira geração em Manaus, podemos concluir que Goffman foi direto ao ponto. Muitos imigrantes tiveram sua humanidade questionada e negada durante essa travessia do Haiti até o Brasil. Não faltam relatos de gente exposta a todo tipo de dor e sofrimento durante o processo migratório. (SILVA, 2014, 2015, 2016).

Enquanto houver pessoas no mundo que tem sua humanidade sendo questionada, diminuída e inferiorizada por conta de traços de estigmas, como enfatiza Goffman, do outro lado precisamos sempre nos questionar quem está nos contando a história que conhecemos sobre os outros e sobre nós mesmos? Foi esse tipo de reflexão que o grupo de estudos trouxe à tona entre aquelas mulheres.

O grupo de leitura formado pelas mulheres haitianas da primeira geração me chamou muita atenção, pois não havia visto esse tipo de atividade em outras associações. Esse grupo de leitura foi montado em 2022, e a leitura escolhida foi o livro da Chimamanda: "O perigo da história única". Com um incentivo financeiro de uma professora da Universidade Federal do Amazonas interessada no projeto, com quem eu não tive contato, foi possível comprar cerca de quinze livros.

Esses livros ficaram com as mulheres durante todo o processo de leitura que durou cerca de dois meses, o livro é fruto de uma palestra feita pela Chimamanda Ngozi Adichie em 2009, no TED Talk. Assim, sua leitura poderia ser feita em bem menos tempo, mas ele funcionou como um aporte para uma espécie de alfabetização dessas mulheres.

No livro, Chimamanda conta como as leituras que a autora fez em livros ingleses influenciou-a a escrever exatamente sobre o que ela lia e que em nada se assemelhavam às coisas que ela tinha acesso na Nigéria, como a neve, por exemplo. E conclui como é importante ter acesso as suas próprias histórias e poder contá-las ao mundo.

A iniciativa do grupo para lerem juntas tinha como objetivo ler e refletir sobre as vivências de uma mulher africana (Chimamanda) vivendo como imigrante nos Estados

Unidos da América e descobrindo a si mesma através da história contada pelo outro. O que acontece quando a história de um povo é contada por outro? Qual versão da história que os dominadores contam? Por vezes, será uma história cheia de vieses ideológicos muitas vezes estereotipados e fantasiosos sobre a África e os africanos.

Foi muito interessante ver as mulheres haitianas pensando sobre "Os perigos de uma história única" e se empoderando de suas histórias pessoais e coletivas. Muitas vezes eu perdia o fio porque elas falavam maior parte do tempo em língua haitiana, mas em outros momentos elas comentavam em português, sobretudo, as mais jovens que tinham maior domínio dessa língua para falarem comigo.

Na associação Fanm Nwa, os encontros de leitura aconteciam geralmente no último domingo de cada mês e eu presenciei algumas dessas reuniões. Havia mulheres haitianas que não falavam português e o contato com a leitura em língua portuguesa facilitava o processo de aprendizagem delas. Ao lerem a história que Chimamanda, muitas se identificavam com ela, pois ao chegarem no Brasil se deparavam com muitas pessoas que só conheciam o Haiti a partir de uma história contada pelos meios de comunicação internacionais.

As histórias do Haiti que chegavam no Brasil antes dos haitianos não contavam sobre as minúcias e peculiaridades desse povo, só contavam sobre tragédias, dor e sofrimento, que era apenas uma parte da história e não as diferentes versões dela. Dessa forma, o perigo da histórica única estava sendo vivenciado por elas ao emigrarem para o Brasil. Uma delas chegou a me falar que as pessoas perguntavam para ela se o Haiti ficava na África. E ela dizia: "O Haiti está mais perto do Brasil do que da África".

Além da xenofobia, muitas haitianas tidas como não padrão, ouviam coisas do tipo "como ela pode ser tão gorda se no Haiti todo mundo passa fome?". Eu perguntei como ela respondia a esses ataques, me disse que dependia, tinha gente que perguntava por que realmente desconhecia sobre o país, e tinha gente que perguntava com malícia, a fim de provocar. Nesses casos, fingia não entender português e seguia seu rumo. Muitas haitianas e haitianos, incluindo jovens e crianças, usavam essa tática de "fingir" não saber o idioma para sair de determinadas situações embaraçosas.

Eu perguntei para uma mulher haitiana da primeira geração como ela se sentia em relação aos preconceitos que sofria. Disse-me que ficava triste, porque haviam dito para ela que o Brasil era um país acolhedor, mas demorou a encontrar esse acolhimento. Estar

junto com outras mulheres haitianas a incentivava sempre a continuar e, ao finalizar essa atividade, elas devolveram os livros para a associação no intuito de serem usados pelas próximas gerações, para que essas reflexões não se percam.

Figura 06 – grupo de leitura Fanm Nwa.

Fonte: acervo pessoal da autora

Essa foto foi tirada por mim numa atividade do grupo de leitura da associação as mulheres, cujas identidades optei por não revelar, estão sentadas em carteiras escolares, cada uma segura nas mãos o livro da Chimamanda. Há duas mulheres de blusa branca, uma de blusa amarela e outra com blusa preta. Nas fotos do mural 02, temos um mosaico do registro do grupo de leitura da associação Fanm Nwa. Afinal, "as histórias importam". Na época dessa leitura o grupo se encontrava uma vez por mês, na casa da Gloriane. Algumas das mulheres que participaram deste grupo de leitura estavam tendo contato com a leitura em língua portuguesa pela primeira vez.

A foto foi registrada em um momento de descontração quando liam e comentavam uma parte do livro, no qual a autora contava como escrevia influenciada por suas leituras sobre coisas que nunca havia provado, como torta de maçã ou cervejas de gengibre. No Haiti também ouviam e liam sobre comidas que nunca tinham experimentado e lugares que nunca haviam estado. As mulheres nessa foto nunca viram a neve, mas sonhavam com lugares e paisagens congeladas. Nesse momento elas estavam justamente refletindo sobre "os perigos de uma história única". A leitura leve e descontraída da Chimamanda deixava os encontros mais fluidos e participativos. Mesmo as que tinham dificuldades em ler em português se envolviam com a história e participavam. Como mostra a figura 02 acima do grupo de leitura, as mulheres estavam com seus filhos. Na foto vemos sete mulheres adultas, três crianças de colo e duas crianças de aproximadamente sete anos.

Vale ressaltar, que algumas mulheres da associação estavam no Brasil entre cinco e dez anos e liam pouco em português. Foi a partir da associação que partilharam leituras com outras mulheres, e puderam ter melhorias financeiras, autocuidado e apoio na saúde com exames e acesso a consultas médicas, através do apoio das que compreendiam melhor a língua e podiam auxiliar a marcação de consultas pelo SUS. Além disso, as atividades culturais com os filhos, fortalecia a manutenção das tradições trazidas por elas diretamente do Haiti. Tudo isso acontecia numa época em que Manaus foi diretamente afetada em suas políticas públicas de assistência aos mais vulneráveis. Como nos mostra Dessana Paiva de Oliveira:

> Importante destacar a atividade cultural da Associação para os filhos de haitianos residentes em Manaus a fim de que conheçam e mantenham a memória de seu país de origem. Para citar um exemplo, foram realizadas oficinas culturais com músicas haitianas, destacando-se o canto e a interpretação da música Haïti Chérie. Conforme nos ensina Handerson (2015), a música é titulada "Lembrança do Haiti" de autoria do músico e violinista haitiano Othello Bayard (1885-1971) que compôs a letra e a melodia dos acordes que soam no coração e na memória coletiva do povo haitiano. (OLIVEIRA, 2023, p.75).

As atividades culturais eram importantes para eles, eram momentos em que se relembravam sua cultura de origem, partilhavam a comida que em tempos pandêmicos se tornou escassa em muitos lares haitianos, por isso era compartilhada em espaços comuns e associações, principalmente com as crianças. A associação não tinha fins lucrativos, as mulheres precisavam trabalhar e quando não conseguiam, elas se ajudavam entre si emprestando dinheiro umas às outras. Elas faziam uma espécie de "bolão" mensal onde uma quantia X de dinheiro circulava entre o grupo fazendo a economia entre elas girar.

Na família da Gloriane ela usou sua formação em limpeza feita ainda no Haiti para criar uma empresa que prestava serviços de limpeza de casas, apartamentos e escritórios. E além desse serviço, também trabalhava com vendas de comidas que ela mesma fazia com ajuda do ex-marido. Ela conta que durante o isolamento da covid19 ela mesma e outros haitianos estiveram muito expostos ao vírus, devido ao tipo de trabalho realizado, em sua maioria, na rua e em contato com outras pessoas. Gloriane também teve pequeno negócio, um restaurante que precisou fechar na época da pandemia.

Figura 07 - Restaurante Guloseimas da Gloriane

Fonte: acervo da autora.

Gloriane afirma que os haitianos foram protegidos das complicações da covid devido aos seus hábitos alimentares. E quando questionei quais eram esses hábitos, ela me respondeu: comida de verdade, tudo o que vem da terra. E isso porque, segundo ela, em algumas regiões no interior do Haiti não é comum ter geladeira em casa, há outras formas de preservar o alimento e há comida fresca, geralmente o que se cozinha no dia é consumido no mesmo dia. Nas linhas seguintes, Gloriane traz à tona um aspecto muito interessante acerca da dieta alimentar dos haitianos.

> Eu lembro também que quando eu era criança eu gostava de comer muita fruta, porque lá no interior era livre tinha muita fruta sem dono e a gente podia comer à vontade, então eu comia bastante fruta, eu preferia comer fruta do que comer comida, eu era muito exigente na qualidade da comida, então eu comia algumas coisas e outras eu ficava sem comer. O café da manhã no Haiti é bem cedo, costumamos comer banana verde cozida, batata doce cozida ou papa de milho, essas comidas são típicas do café da manhã do interior. Quando eu era criança eu não gostava de papa de milho, sempre deixava para meu irmão mais velho ou pra minha tia que já se foi, 'que a alma dela repouse em paz'. Eu ia para o quintal chupar flores, esse era meu café da manhã. Eu tive uma infância saudável, nunca fiquei doente, quando tinha gripe ou dor de cabeça eu mesma procurava as folhas e fazia chá para tomar, havia até uma planta chamada caju que era boa para febre, porque eu não gostava que as pessoas me vissem doente, porque elas comentavam sobre isso e eu não gosto disso até hoje. (Gloriane, 2023).

Gloriane disse que na área rural do Haiti, de onde ela veio, parte das pessoas não têm geladeira, por isso é comum o preparo apenas do alimento que será consumido no mesmo dia. Esse hábito dos haitianos faz com que eles consumam alimentos mais frescos e menos alimentos enlatados. Dessa forma, refinados e super processados não fazem parte da rotina de alimentação no Haiti. Quando chegaram em Manaus, antes de conseguirem

emprego, muitos deles vão ter acesso primeiro aos enlatados e refinados, por serem as opções mais baratas, ainda assim vão priorizar feiras ao invés de supermercados. Alguns vão trabalhar na rua vendendo frutas e verduras em carrinhos de mão, cenas muito comuns de se ver do centro e zona leste de Manaus. Desta forma, era possível garantir alimentos mais frescos para suas refeições e ter dinheiro para pagar as contas.

Apesar desses hábitos que tendem a ser mais saudáveis, sabemos que atualmente no Haiti, ainda há muitos haitianos que vivem sob insegurança alimentar. Em uma matéria da Organização das Nações Unidas (ONU), publicada no dia 10 de setembro de 2021, dizia: "cerca de 980 mil haitianos nos quatro distritos mais afetados pelo terremoto de 14 de agosto agora vivem com insegurança alimentar aguda, de acordo com novos dados divulgados pela ONU na quinta-feira (9)."

No Brasil, a história da associação Fanm Nwa, se mistura com a própria história de sua idealizadora Gloriane, pois a forma como ela conduz a associação faz jus com aquilo que ela acredita e tem como ideal de vida. A luta diária que ela trava para alimentar a sua prole está intimamente ligada com a vontade de transformar de forma positiva a sua vida e a vida de sua comunidade. E mesmo em meio a tantos conflitos, negligências e vulnerabilidades, se engajou com mulheres que ainda estavam no Haiti para que a associação pudesse reverberar suas ações por lá também. Ela fala "eu sou pequeninha, mas meu pai Deus é muito grande e ele sabe todas as coisas".

Hoje a associação conta com um comitê composto por nove mulheres haitianas. Tendo o Cadastro Nacional de Pessoa Juridica (CNPJ), sob o número 45058204000111. A associação se encontra ativa legalmente institucionalizada desde 28/01/2022[38]. São em torno de 150 pessoas que já foram benefiadas com alguma ação parceira da Fanm Nwa. Por exemplo, a ação em conjunto com a embaixada haitiana para a emissão de passaportes em 2022 e documentos de registro geral de haitianos, parcerias com instituições de ensino para cursos profissionalizantes de informática, cursos de português, cursos de artesanato, entre outras ações educacionais e culturais.

Abaixo apresento fotos com algumas das ações da Fanm Nwa que pude acompanhar durante o trabalho de campo. A foto do mural uma foi tirada em março de 2022, nesse dia

[38] Consultar cadastro em: ASSOCIACAO FANM NWA MULHERES IMIGRANTES E REFUGIADOS EMPODERADOS - CNPJ associacao-fanm-nwa-mulheres-imigrantes-e-refugiados-empoderados-45058204000111. - Brasil CNPJ. Pesquisa realizada em 22/08/2023.

estavamos comemorando o CNPJ da associação que havia sido deferido recentemente. Na primeira foto, temos quatro representantes da associação. Da esquerda para a direita: Jaqueline Cadet, Fatima[39], Gloriane (presidente) Jacqueline (vice-presidente). A presidente da associação, Gloriane Aimable Antoine, é a terceira da esquerda para a direita, de turbante branco. Atrás delas vemos o logo da associação. Todas elas vestem camisa branca com a logo da associação estampada ao lado esquerdo do peito.

Figura 08 - fotos da associação.

Fonte: acervo pessoal.

Na frente delas, três mesas de plástico uma ao lado da outra cobertas com tecido branco e em cima das mesas, os artesanatos produzidos pelas mulheres haitianas. São guardanapos, toalhas, sandálias, garrafas de decoração, tudo pintado e bordado por elas. Na segunda foto da esquerda para a direita temos: Dessana, advogada da associação e pesquisadora, irmã Rosana da paróquia São Geraldo, Gloriane presidente da associação, Jacqueline vice-presidente e eu.

O acesso à cidade que veio depois da associação

Ação IDC (Instituto Descarte Correto) 2021

No ano de 2021, a Fanm Nwa, já com o CNPJ, conseguiu uma parceria com Instituto Descarte Correto[40] IDC uma escola que une informática e reciclagem com foco no impacto socioambiental na Amazônia por meio da inclusão digital através de suas

[39] Nome fictício
[40] https://ead.institutodescartecorreto.org/loja_virtual/index.php acessado em 06/09/2024.

comunidades. Esta parceria foi firmada diante do propósito de capacitar crianças, jovens e adultos com cursos presenciais e gratuitos. Sobre a empresa:

> Buscamos ampliar o impacto socioambiental na Amazônia através da inclusão digital, garantindo cursos presenciais gratuitos para comunidades locais. Com mais de 10 anos de atuação em comunidades na Amazônia, o Instituto Descarte Correto recondiciona equipamentos eletrônicos para implementar centros de inclusão digital, com o objetivo capacitar crianças, jovens e adultos. Recebemos os mais variados tipos de materiais eletrônicos e eletrodomésticos. (https://ead.institutodescartecorreto.org/loja_virtual/quemsomos.php acessado em 05/09/2024)

O movimento que vemos com essa parceria foi o beneficiamento que esse curso trouxe aos jovens com os cursos de informática, montagem e manutenção de computadores. Os filhos da Gloriane e de outras mulheres conseguiram este benefício e já saíram com diplomas para conseguir empregos melhores que os seus pais. E a partir dessa outra via de inserção social que é a educação e a profissionalização os jovens conseguem melhorar a vida da própria família.

Em paralelo a essa parceria, ainda em 2022, outras parcerias com instituições de ensino ligadas a igreja e que ofereceram os cursos de alfabetização para idosos que não sabiam ler nem escrever. Os cursos de artesanato eram ministrados pelas mulheres da associação e os produtos confeccionados por elas eram vendidos em feiras culturais pela cidade. Estas oficinas ficavam a cargo de Jacqueline Marseille e Jacqueline Cadet.

Além disso, algumas mulheres da associação que já dominavam a língua portuguesa eram sempre requisitadas para realizar trabalhos de assistência social para outros imigrantes que não dominavam bem o idioma português. Elas ficavam responsáveis por acompanhar as pessoas que precisavam ir aos órgãos do estado e do município resolver problemas pessoais. Elas também acompanhavam alguns imigrantes em procedimentos médicos e em outras atividades que exija o domínio da língua portuguesa, por exemplo, para fazer a matrícula dos filhos, comprar itens de casa, entre outros.

Ação com o ACNUR[41], em 2023

Em 2023, a Fanm Nwa promoveu junto a Acnur um evento para mapear jovens e crianças migrantes haitianas dos 04 aos 17 anos que viviam em Manaus. Gloriane me convidou, mas a Acnur negou, foi aí que meu orientador de pesquisa, prof. Sidney solicitou a Sr.ª Juliana da Acnur que eu participasse enquanto pesquisadora, foi quando obtive autorização. O evento aconteceu na Paróquia de São Geraldo, zona centro-sul. Lá os imigrantes foram divididos em grupos. Foram formadas turmas de homens adultos, mulheres adultas com bebês, adolescentes e crianças. Separados por idade e por sexo, o objetivo era entender as necessidades de cada grupo e mais individualmente.

Eu fiquei numa turma de adolescentes meninas, entre 11 e 17 anos. Todas nascidas no Haiti. As idades de chegada variavam entre 03, 05, 07 e 11 anos. Nessa turma tinham 07 adolescentes haitianas, duas representantes do Acnur responsáveis pelo grupo, uma mãe haitiana que passava por lá de vez enquanto para olhar, e eu como pesquisadora. As agentes do Acnur que estavam conduzindo o grupo das adolescentes usaram como metodologia dinâmicas de grupo que incluíam perguntas de múltiplas respostas. As perguntas estavam relacionadas à saúde, educação, família, violências, empregos, vontade de mudar de país.

Eu não tive acesso às perguntas que as agentes fizeram, mas a fim de exemplificar era mais ou menos assim: “em relação à escola, você já sentiu que te trataram diferente por você ser imigrante”? E aí abria o espaço para elas falarem. A maioria respondia que sim. O que eu percebi é que todas no grupo sabiam o significado de xenofobia e racismo, mas não sabiam exatamente diferenciá-los no trato com as pessoas no dia a dia.

Um outro exercício foi um jogo de avançar as casas conforme as respostas. Exemplo, “avance uma casa se você tem acesso a posto de saúde próximo de sua casa, etc.”. Nessa questão vimos que todas elas moravam distantes geralmente dos postos de saúde, da escola, da parada do ônibus, entre outras estruturas que compõe um bairro em geral. Isso nos faz pensar onde a geração de jovens está morando e quais lugares da cidade eles acessam. Veremos mais sobre isso a partir do capítulo III.

---

[41] A Agência da ONU para Refugiados (ACNUR) é uma organização dedicada a salvar vidas, assegurar os direitos e garantir um futuro digno a pessoas que foram forçadas a deixar suas casas e comunidades devido a guerras, desastres climáticos, conflitos armados, perseguições ou graves violações dos direitos humanos. (https://www.acnur.org/br/sobre-o-acnur). Acessado em 02/07/2025.

Ainda em atividade, as adolescentes respondiam e as agentes iam anotando as respostas e quantas responderam. Não era obrigatório responderem, no entanto, na minha percepção as adolescentes que foram participar desse encontro estavam inclinadas a contribuir, não hesitaram em responder as perguntas das agentes. Falaram sobre racismo, xenofobia, família, educação e saúde. Todo esse processo levou uma tarde inteira, depois o Acnur ofereceu lanche para os participantes.

Após o evento eu estava do lado de fora da paróquia de São Geraldo conversando com alguns haitianos jovens, quando chegou um homem com sinais de embriaguez tentando se intrometer na conversa. O homem então ficou exaltado e começou a emitir palavras de baixo calão para os adolescentes. Depois de ter sido grosseiro pediu que um deles enchesse sua garrafa de água. Contudo, estávamos pelo lado de fora tanto quanto ele e nós não tínhamos acesso à água. Um jovem haitiano olhou para ele e para a garrafa e falou em crioulo, dando a entender que não estava entendendo o que o homem falava.

Depois eu perguntei por que ele havia respondido ao homem em crioulo. O jovem me disse: "a fim de evitar maiores problemas" e todos os outros jovens riram. Ao longo dos anos fazendo campo com haitianos e haitianas jovens e adultos percebi o quanto essa tática é acionada a fim de evitar o contato, um possível conflito, ou só por não querer responder qualquer coisa.

Ação voltada para a concessão de Vistos e Passaportes

Outra ação que pude acompanhar foi a renovação de passaportes, que aconteceu em abril de 2023. O primeiro passo dessa ação foi na igreja da colmeia no bairro do São Jorge. Nesse dia, passaram cerca de duzentos haitianos entre adultos, jovens e crianças. O primeiro passo era preencher um formulário com dados pessoais e endereço e pegar o encaminhamento para pagar a taxa que custava seiscentos e quarenta e cinco reais (R$645,00) para maiores de dezoito anos e quinhentos e noventa reais (R$590,00) para menores de dezoito anos, além desse valor somava-se a taxa do banco no valor de noventa reais (R$ 90,00).

No total para renovar os passaportes os haitianos adultos teriam que desembolsar uma quantia de setecentos e trinta e cinco reais para adultos (R$735,00), e seiscentos e oitenta reais para menores de dezoito anos (R$ 680,00). A espera pelo novo passaporte

levaria no mínimo seis meses e a renovação dos passaportes é obrigatória para a maioria deles, a cada cinco anos.

Nos dias dezoito, dezenove e vinte de abril de 2023 havia uma comitiva com quatro pessoas de Brasília Distrito Federal, sendo dois haitianos membros da embaixada do Haiti no Brasil e mais voluntários ligados à paróquia São Geraldo, e eu como pesquisadora. As atividades aconteciam das 08h da manhã às 17h da tarde, durante os três dias no prédio do SARES[42], localizado na avenida Constantino Nery, no bairro São Geraldo. Por lá, mais de duzentos haitianos passaram para revalidar os passaportes e emitir a cédula de identidade para haitianos, particularmente para maiores de dezoito anos.

Figura 09 - pré cadastro do passaporte.

Fonte: acervo pessoal da autora

A foto acima foi registrada nos altos da igreja da colmeia, onde eles têm um salão bem amplo. O salão está coberto com cimento e em algumas paredes é possível ver os tijolos, há seis espaços para colocar janelas, ainda inacabados. Vemos aproximadamente vinte e cinco haitianos adultos sentados em cadeiras de plástico brancas, sendo que dois estão em pé observando. Ao centro temos uma mesa coberta com tecido branco e Gloriane em pé de calça vermelha e blusa branca da associação Fanm Nwa, arrumando os papéis em cima da mesa. Nessa foto registrei o início dos atendimentos e mostra Gloriane

[42] O Serviço Amazônico de Ação, Reflexão e Educação Socioambiental – SARES iniciou sua história em 2003, com a finalidade de contribuir para a formação social de agentes de pastoral, pois havia a necessidade, enquanto igreja local, de capacitar lideranças para refletir e atuar nas problemáticas das questões sociais na Amazônia. (https://paamsj.org.br/servico-amazonico-de-acao-reflexao-educacao-socioambiental-sares/#). Acessado em 03/07/2025.

instruindo a outra pessoa como preencher a ficha inicial de renovação do passaporte. Há sete pessoas em torno da mesa, três delas sentadas e quatro em pé.

As próximas fotos que compõem o mural 04, fazem parte da atividade que antecedeu a renovação dos passaportes haitianos. Nesse dia foram atendidas cerca de 130 pessoas que preencheram uma ficha e anexaram os documentos solicitados pela embaixada para a renovação dos documentos. Nesse dia também foi entregue o documento com o valor da taxa devendo este ser pago junto a uma agência bancária.

Durante a realização dessa atividade vimos haitianos que moram há treze anos em Manaus, desde que chegaram na cidade. São jovens de 18 e 19 anos, que emigraram com os pais ainda crianças e muitas crianças menores de 10 anos que nasceram aqui. A faixa etária entre os adultos ficava numa média de 30 a 50 anos de idade, sendo que havia pessoas idosas com mais de 70 anos.

Figura 10 – Ação Passaporte.

Fonte: acervo pessoal

As fotos que compõem o quinto mural são do dia da renovação dos passaportes. Foram mais de 200 pessoas em três dias de atendimento. Os atendimentos começavam as 8h da manhã e iam até as 16h da tarde. Além da renovação do passaporte, foram disponibilizados serviços de certidões de nascimento e RG. Essa atividade aconteceu no bairro do São Geraldo, edifício SARES, na rua Constantino Nery, próximo ao terminal 1. A embaixada do Haiti em Brasília enviou dois cônsules haitianos e uma assistente brasileira para fazer o serviço. Em Manaus algumas pessoas ligadas às atividades migratórias participaram voluntariamente sem receber nenhum ônus pelo serviço. Eu

estive entre os voluntários de Manaus, nos três dias de atividades e trabalhei de forma voluntária.

CAPÍTULO 2 – Geração como modo de percepção, a partir do fenômeno migratório.

Numa perspectiva teórica e analítica dos fenômenos da mobilidade humana e dos estudos migratórios, é importante salientar que a palavra "geração" surge como um conceito de um campo específico de forças e relações sociais. Todavia, também é importante observar que atribuir à palavra "geração" o caráter de conceito não é o mesmo que restringi-la a uma mera definição nominal. Ou seja, apenas dizer a palavra geração, reconhecer e explicar uma geração específica, nada disso esgota todos os sentidos e a força de significação que esse conceito suscita. Podemos afirmar, então, que o conceito de geração é mais que uma tipificação, classificação ou modo de estruturar a percepção que temos de uma realidade social.

Geração, assim, surge não apenas como uma causa ou efeito de uma relação captada em um momento particular e formalmente apreendido (um presente, um passado ou um futuro), mas sim, como uma força de significação sempre presente em um campo de relações que articula passados e futuros. Geração, portanto, surge como algo mais que uma noção formal ou categoria abstrata que designa uma etapa, época ou dimensão particular da vida de pessoas migrantes; pessoas, aqui, definidas como seres particulares ou estritos indivíduos[43] em movimento.

Geração é um conceito que expressa a proveniência e os modos pelos quais os atores sociais experimentam, sentem a intensidade e vivenciam um processo migratório, tornando-se, assim, agentes sociais. Podem dizer respeito a indivíduos que possuem a mesma origem genealógica como os filhos e netos, mas também podem dizer respeito a um conjunto de pessoas nascidas mais ou menos no mesmo tempo. Nesse sentido, há tantas gerações quanto modos de experimentar, sentir e viver uma migração. Pois, para além de uma forma, um tipo ideal, uma estrutura ou classe, a geração é simultaneamente uma força e um índice das relações migratórias.

Apresentamos, agora, uma problemática trazida por Rubén G. Rumbaut, professor e pesquisador no departamento de Sociologia e especialista em estudos Latinos da Universidade da Califórnia (UCI). Suas pesquisas se concentram na área de migração

[43] Os indivíduos vivem múltiplos papéis, em função dos diferentes planos em que se movem, que poderiam parecer incompatíveis sob o ponto de vista de uma ótica linear. (VELHO, p. 26, 2003).

internacional e diferenças geracionais com um particular interesse nas formas de vida e na adaptação da geração chega ainda criança no país receptor, a essa geração que seria uma intermediária entre a primeira e a segunda, ele chama de "geração 1.5".

Rubén G. Rumbaut apresenta-nos os critérios de definição e identificação que determinam a classificação das gerações: primeira geração, segunda geração, terceira geração e assim sucessivamente. Para esse autor, o termo gerações traz muitos significados que variam desde a genealogia de uma família até os dados demográficos e estatísticos entendidos como coorte[44], que são utilizados para se referir a um conjunto de pessoas que nasceram na mesma época e participaram de algum evento em comum. Segundo esse o autor:

> Para começar, o termo geração traz consigo uma variedade de significados. Em um contexto de parentesco, refere-se a um estágio em uma sucessão natural que compreende aqueles que são da mesma origem genealógica de um ancestral (por exemplo, às gerações dos pais, filhos e netos). Também é usado como sinônimo de coorte, um termo preferido pelos demógrafos para se referir a um conjunto de pessoas nascidas mais ou menos ao mesmo tempo. (RUMBAUT, 2004, p. 1161).[45]

No caso do fenômeno migratório de 2010, em que muitas pessoas migraram do Haiti para o Brasil, foi possível perceber, após essa migração, que entre 2010 e 2020, há pelo menos dois conjuntos de pessoas que nasceram em períodos diferentes do tempo, a saber: os pais e os filhos que imigraram juntos. Poderíamos considerar dois conjuntos? A saber, um conjunto de haitianos jovens que migraram do Haiti para o Brasil e um conjunto de filhos de haitianos que nasceram em solo brasileiro.

Os locais de nascimento e as diferenças etárias estabelecidas no momento de chegada ao país estrangeiro são critérios usados para nomear os coortes geracionais, pois eles estruturam e afetam significativamente os processos de adaptação à nova cultura, em

---

[44] Enquanto conjunto ou série, a noção de coorte é usada em demografia, em epidemiologia e na educação. Uma coorte é um conjunto de pessoas que partilham um mesmo evento (acontecimento) dentro de um certo período de tempo.

[45] To begin with, the term generation brings with it a variety of meanings. In a kinship context, it refers to a stage in a natural succession comprising those who are of the same genealogical remove from an ancestor (e.g., the generations of the parents, children, and grandchildren). It is also used as a synonym for cohort, a term preferred by demographers to refer to a set of people born at about the same time. (RUMBAUT, 2004, p. 1161).

particular, no que se refere ao aprendizado do novo idioma, aos sotaques, aos processos educacionais, de mobilidade e de constituição de identidades étnicas.

Diante desses processos e trajetórias de mobilidade, bem como dos critérios e estruturas que os condicionam, podemos colocar a seguinte pergunta: quando nos referimos à primeira geração, estamos falando somente dos haitianos adultos que saíram do Haiti e migraram para o Brasil? Ou essa primeira geração também inclui as crianças haitianas que migraram junto com os pais? E quando nos referimos à segunda geração, estamos falando apenas dos filhos de haitianos nascidos e socializados no Brasil, ou também daquelas que vieram ainda crianças do Haiti? Na perspectiva de Rumbaut;

> Quando se referem à primeira geração, os estudiosos da imigração nos Estados Unidos geralmente têm em mente pessoas nascidas e socializadas em um outro país que migram como adultos, embora o termo inclua tecnicamente o estrangeiro nascido, independentemente de sua idade na chegada. Da mesma forma, a segunda geração refere-se tecnicamente às crianças nascidas nos Estados Unidos e socializadas no país, filhas de pais nascidos no exterior. No entanto, sob essa classificação, estudiosos da imigração também frequentemente, embora imprecisamente, agrupam pessoas nascidas no exterior que imigraram quando crianças, assim como pessoas nascidas nos Estados Unidos com um pai nascido nos Estados Unidos e outro pai nascido no exterior, tratando-os conjuntamente como uma segunda geração de fato. (RUMBAUT, 2004, p. 1165. Tradução livre).[46]

Nesse sentido, podemos aduzir que estudiosos da migração nos Estados Unidos entendem que a primeira geração seria composta por pessoas nascidas e socializadas no país de origem e que migraram já adultas, embora também considerem a primeira geração qualquer pessoa nascida fora do país de origem dos pais, independentemente da idade que migrou. Já a segunda geração, se refere as crianças que nasceram e foram socializadas no país receptor, embora ainda que de maneira imprecisa considerem quem emigrou ainda criança também como segunda geração.

---

[46] When referring to the first generation, immigration scholars in the United States commonly have in mind persons born and socialized in an other country who immigrate as adults, although the term technically includes the foreign born regardless of their age at arrival. Similarly, the second generation technically refers to the U.S.-born and U.S.-socialized children of foreign-born parents, although under this rubric immigration scholars also often, if imprecisely, lump together foreign-born persons who immigrated as children as well as U.S.-born persons with one U.S.-born parent and one foreign-born parent, treating them together as a de facto second generation. (RUMBAUT, 2004, p. 1165).

Pensando na complexidade desses processos de diferenciação geracional, buscando aprofundar a análise e afim de ampliar essas discussões terminológicas, Rumbaut (2004) propõe ainda uma geração "1.5"; poderíamos, então, pensar essa geração entre a primeira e a segunda. Nessa geração se encaixaria os jovens que migraram antes da adolescência, ou seja, enquanto crianças, e que foram socializadas no país para o qual migraram junto com seus pais.

Na minha pesquisa de campo notei que essa segunda geração trazia consigo especificidades, pois se tratava de dois grupos distintos de crianças, a saber: primeiro as que nasceram e vieram do Haiti ainda muito jovens. E depois, as crianças que nasceram e foram criadas no país para o qual os pais emigraram. Na escola Waldir Garcia, pude acompanhar a experiência de aprendizagem do novo idioma e o que notei foi que esse processo de adaptação à nova cultura, em particular ao processo de aprendizado do novo idioma, se dava de diferentes maneiras para os pais (primeira geração), para as crianças que migraram (geração do meio ou 1.5) e para aquelas nascidas aqui (segunda geração).

Logo, para fins de estruturação e tipificação geracional, esse conceito de "geração 1.5" se encaixaria perfeitamente na minha pesquisa, para aquelas crianças que vieram antes da adolescência para Manaus e que foram criadas nessa mesma cidade. Porque são crianças que tiveram a identidade haitiana e a língua crioulo como marcadores bem mais acentuados do que as crianças que nasceram no país para o qual seus pais imigraram, essas últimas, nas minhas observações em campo, reivindicavam uma identidade brasileira e não falavam em crioulo na escola.

A partir desse conceito de geração 1.5, o autor Rubén Rumbaut aprofunda e refina a análise das diferenciações geracionais à luz da complexidade dos processos migratórios, de maneira que todos os três principais grupos - a saber, os adultos, os jovens e as crianças – podem ser pensados em outros coortes, valorizando assim suas singularidades e diferenças específicas sem, contudo, subsumir essas diferenças a uma pura identidade formal.

Fato é que o próprio autor reconhece que nenhuma dessas terminologias esgota as experiências vivenciadas pelos imigrantes e pelas gerações nascidas fora do país de origem dos pais. Para fins classificatórios, e por entender as várias nuances que envolvem as diferenças geracionais. Rumbaut (2004) propõe a seguinte classificação: os adultos que

migraram, como primeira geração; os jovens que migraram antes dos 18 anos como geração “1.5”; e os nascidos fora do país de origem dos pais como segunda geração.

Da porta para dentro, crioulo, da porta para fora, português

O que define uma geração de imigrantes? Revendo meus cadernos de campo, vi que tinha uma frase falada por um interlocutor e repetida por outros que era a seguinte: “português da porta para fora, créole da porta para dentro”. O que esta frase nos diz sobre as pessoas que a falavam? Essa frase (português da porta para fora, créole da porta para dentro) é comumente falada entre as famílias haitianas, dos mais velhos para os mais jovens. Geralmente quem chegou ainda criança e quem nasceu no país de destino durante a primeira década da imigração, ainda teve contato direto com a língua créole falada pelos primeiros imigrantes haitianos que chegaram.

A língua haitiana era o principal instrumento de comunicação entre os adultos, as crianças que vieram do Haiti, e as que nasceram no país de destino. O crioulo haitiano é a língua predominantemente falada no ambiente familiar e com outros haitianos na rua. Por mais que alguns haitianos adultos estejam aqui há mais de uma década e falem bem o português, é na língua crioulo que preferiam se expressar entre eles. Já as crianças se expressavam nas duas formas: a saber, em crioulo nos contextos familiares e em português na escola e nos ambientes exteriores a casa dos pais. Dessa forma, notamos que as crianças são as primeiras a serem inseridas na sociedade, por meio da escola e da língua.

As crianças, por meio da escola, desenvolvem outros modos de perceber o mundo, a partir da estruturação do novo idioma, enquanto seus pais continuam manipulando um vasto vocabulário da sua língua materna. É quase impossível que as crianças não sejam as primeiras professoras dos adultos na decifração do novo idioma. A propósito da língua transmitida pela família, Bourdieu e Passeron nos explicam que a língua faz parte de um sistema complexo que estrutura nossos modos de perceber o mundo, como citado abaixo:

> A língua não é apenas um instrumento de comunicação, mas ela fornece, além de um vocabulário mais ou menos rico, um sistema de categorias mais ou menos complexo, de sorte que a aptidão à decifração e à manipulação de estruturas complexas, quer elas sejam lógicas ou estéticas, depende em certa parte da complexidade da língua transmitida pela família. (BOURDIEU&PASSERON, 2014, p. 97).

Como apontam os autores na citação acima, o que também pude vivenciar ainda no campo do mestrado, "a língua não é apenas um instrumento de comunicação". Em 2019, na escola municipal professor Waldir Garcia, bairro São Geraldo, zona centro-sul de Manaus, eu tinha contato com as crianças e adolescentes que vieram do Haiti, portanto, adolescentes e crianças haitianas. Algumas delas tiveram contato com a escola ainda no Haiti antes de emigrar, por isso, além de falar também sabiam ler em crioulo haitiano. Outras crianças só tiveram contato com a escola no país para o qual imigraram, por isso elas falavam em crioulo, mas liam em português.

A escola que já fazia um trabalho de acolhimento com a comunidade haitiana, recebia essas crianças e adolescentes até 15 anos para serem alfabetizadas nas primeiras séries do ensino fundamental I, desde o ano de 2013. Nesse ano de 2013, essa escola foi uma das poucas, senão a única em Manaus, a acolher as crianças imigrantes mesmo sem estarem matriculadas no sistema da Secretaria de Educação Municipal de Manaus, sem fazer distinção de raça, nacionalidade ou credo. O que se tornou uma referência em escolas inovadoras e contribuiu para que a escola fosse premiada na área educacional[47].

Em 2019, observei que o idioma crioulo[48] nunca foi proibido de ser falado nessa escola. Houve até um curso introdutório ao crioulo haitiano com o professor haitiano Abdias Dolce[49], que ministrava as aulas uma vez por semana, por poucos meses, em 2019[50]. Ao final do ano as professoras cantaram uma canção em crioulo na festa de encerramento do ano letivo. A língua também funcionava como marcador social entre os adolescentes haitianos. Entre eles, funcionava como um elo de pertencimento e era comum que nos intervalos de aula ficassem juntos e, se alguém de fora da escola se aproximava para interagir, acionavam o crioulo quando não queriam a interação com outras pessoas.

---

[47] https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2020/07/20/professora-de-escola-de-manaus-vence-premio-educador-nota-10.ghtml; https://portalamazonia.com/educacao/escola-municipal-de-manaus-recebe-premio-nacional-por-praticas-saudaveis-e-cultivo-de-horta/. Consultado em 03/07/2025.

[48] (COTINGUIBA, M. L. P; COTINGUIBA, G. C.; RIBEIRO, 2016, p. 31-40).

[49] Líder migrante apaixonado por construir pontes e promover inclusão. Ativista e sonhador em busca de um mundo mais justo e acolhedor para todos. Fonte @adudolce. Consultado em 03/07/2025.

[50] Quem já teve a oportunidade de conversar com haitianos deve ter percebido, se teve tato, que, geralmente, são pessoas que têm um conhecimento relativamente consistente acerca da história do país, de política e, de certo modo, de línguas, além de demonstrar um profundo apreço e respeito pela vida escolar e pelas pessoas que estudam. (COTINGUIBA, M. L. P; COTINGUIBA, G. C., 2014, p. 07).

Já as crianças nascidas no Brasil chegavam à escola se comunicando em português, falando crioulo apenas em casa. Essas já não agiam como os adolescentes. Um dado curioso da minha pesquisa é que os filhos da Gloriane foram da primeira turma de imigrantes da escola, em 2013, e dez anos depois, eles me dizem como interlocutores do doutorado que haviam deixado na escola um legado da identidade haitiana, "haitiano fala em crioulo". Como sendo um reflexo do que havia presenciado na escola em 2019 quando as crianças nascidas no Brasil já superavam o número de crianças vindas do Haiti, mas ainda se escutava bastante o crioulo.

Os processos de sociabilidade escolar entre aquelas crianças nascidas no Haiti e as crianças nascidas no país de destino, poderiam até ser idênticos para os adultos que olhavam de fora e não distinguiam, mas o que percebi é que elas se viam como diferentes entre si e havia diferenças pontuais entre elas. Como exemplo, em um caso de uma criança brasileira (filha de haitianos) ser chamada de haitiana por conta de sua origem e ela reivindicar que não era haitiana e sim brasileira.

Outra sutileza, por exemplo, havia crianças filhas de haitianos que nasceram ao longo do processo migratório em países, como Colômbia, Peru e Venezuela e, logo em seguida, vieram para o Brasil. Essas não eram nem haitianas e nem brasileiras. Cada uma delas foi acrescentando um pouco de diversidade cultural na escola. A partir disso, nos perguntamos se essas trajetórias singulares e sutis poderiam por si só determinar gerações diferentes entre elas, visto que compõem o mesmo momento histórico da chegada, só que em momentos diferentes de suas trajetórias pessoais e singulares[51].

Para a pesquisadora Gabriela Camargo de Oliveira (2012, p. 19), "A segunda geração são pessoas as quais os pais eram imigrantes, mas que nasceram ou foram substancialmente criadas no país receptor". Segundo a mesma autora (p. 20) "os estudos sobre a segunda geração de imigrantes são importantes, pois os efeitos de longo prazo da imigração numa sociedade seriam determinados mais pela segunda geração do que pela primeira".

Seguindo a linha de raciocínio da pesquisadora Gabriela Camargo de Oliveira e adaptando-a ao meu campo, a primeira geração seriam os pais e os avós que já vieram

[51] cada nacionalidade ou etnicidade em movimento está circunscrita a uma trajetória e realidade políticas, históricas, econômicas e socioculturalmente particulares –, o que denomino como as singularidades sociais da migração. (COTINGUIBA, 2019, p. 42).

adultos e a segunda geração seria, portanto, composta pelas pessoas que migraram durante a infância e a adolescência para o Brasil e pelas pessoas que nasceram no Brasil filhas de mãe e de pai haitianos. Seja uma geração 1.5 ou uma 2ª geração são esses jovens que, cresceram no país para o qual migraram seus pais, que determinarão os efeitos dessa migração haitiana a longo prazo no Brasil.

Primeiros encontros geracionais na migração haitiana em Manaus.

As diferenças interétnicas também são produzidas, validadas e unificadas cultural e socialmente. Por exemplo, dizer que ele é haitiano e que eu sou brasileira implica em colocar a diferença dele em oposição a uma identidade suposta ou previamente validada e legitimada que é brasileira, falante de língua portuguesa. Assim, ao mesmo tempo em que a língua existe enquanto modo de explicitação de traços culturais, a língua também surge como um elemento de unificação das diferenças percebidas e identidades supostas. Para Tadeu Tomaz da Silva:

> É fácil compreender (...) que identidade e diferença estão em uma relação de estreita dependência. A forma afirmativa como expressamos a identidade tende a esconder essa relação. Quando digo "sou brasileiro" parece que estou fazendo referência a uma identidade que se esgota em si mesma. "Sou brasileiro"- ponto. Entretanto, eu só preciso fazer essa afirmação porque existem outros seres humanos que não são brasileiros. Em um mundo imaginário totalmente homogêneo, no qual todas as pessoas partilhassem a mesma identidade, as afirmações de identidade não fariam sentido. De certa forma, é exatamente isto que ocorre com nossa identidade de "humanos". É apenas em circunstâncias muito raras e especiais que precisamos afirmar que "'somos humanos". (SILVA, 2000, p. 74-75).

Tadeu Tomaz da Silva escreve que “A identidade e a diferença têm que ser ativamente produzidas. Elas não são criaturas do mundo natural ou de um mundo transcendental, mas do mundo cultural e social. Somos nós que as fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais. A identidade e a diferença são criações sociais e culturais” (SILVA, 2000, p. 76). Sendo criações culturais, elas também são produto de linguagem, logo, elas são ferramentas que estão em movimento, não sendo possível esgotá-las através de suas determinações e categorizações.

Segundo Silva (2000), “a linguagem, entendida aqui de forma mais geral como sistema de significação, é, ela própria, uma estrutura instável.”. E instável nesse sentido de estar sempre se transformando. Por meio dessa transformação da linguagem e dos

signos por ela produzidos é que o poder se exerce[52] e se mantém, seja classificando e normalizando, seja incluindo ou excluindo. Nesse contexto de manutenção da língua como ferramenta de exercício do poder – e sobretudo através de formas de dominação -, os imigrantes tendem a ser tratados como uma pura alteridade, inteiramente outros, verdadeiros "estrangeiros". E o ambiente escolar é um espaço muito rico para observações como esta, pois é permeado de violências simbólicas.

Como aponta Bourdieu (2014, p. 26), "toda ação pedagógica (AP) *é objetivamente uma violência simbólica enquanto imposição, por um poder arbitrário, de um arbitrário cultural*" (itálicos no original). Dito dessa forma, a ideia de escola já se encontraria como parte de um imaginário que serve à manutenção das forças de poder e dominação. E sendo assim, a escola não seria pensada, em sua origem, para a classe trabalhadora, uma vez que, em um contexto capitalista contemporâneo, essa classe é historicamente subalternizada. Nessa perspectiva, a escola serviria apenas como meio de reproduzir o pensamento das classes dominantes, contribuindo para a manutenção do poder já existente.

Através das instituições, e nesse caso a instituição escolar, o Estado busca exercer esse poder através da manutenção das ações pedagógicas. As escolas públicas cumprem a obrigatoriedade da lei de garantir as matrículas a todas as pessoas em idade escolar. Quando a criança imigrante haitiana acessa uma escola no país receptor, ela é colocada dentro de uma relação de *comunicação pedagógica* que, geralmente, não teria sido pensada enquanto apta a diversidade e que não estaria preparada para lidar com essa alteridade haitiana que chega para estudar. Se, como apontou Bourdieu, a instituição escolar não questiona a reprodução de suas práticas, essa criança haitiana passará pelos processos de *inculcação* por *imposição* de um *arbitrário cultural* que é o próprio modelo de ensino.

E nessa perspectiva bourdieusiana, essas diferenças culturais não serão necessariamente trabalhadas dentro da escola de forma crítica, pois o próprio princípio institucional da ação pedagógica não permite. Sendo assim, a instituição escolar continuaria reforçando as relações de poder já existentes. Relações nas quais os

[52] Não há possibilidade de exercício do poder sem uma certa economia dos discursos de verdade (...) somos julgados, condenados, classificados, obrigados a desempenhar tarefas e destinados a um certo modo de viver ou morrer em função dos discursos verdadeiros que trazem consigo efeitos específicos de poder. (FOUCAULT, 2004. p. 179-180).

imigrantes teriam que aceitar o que fosse imposto pela ação pedagógica arbitrária. A representação da figura de autoridade detentora de todo conhecimento possível dentro de uma sala de aula é o professor ou a professora. Essa figura de autoridade geralmente é temida pelos alunos, pois autoridade implica medo.

Ainda nessa perspectiva de reprodução entrevistei uma adolescente haitiana, vou preservar seu nome, fiz a seguinte pergunta a ela: na sua trajetória escolar teve algum professor ou professora que te marcou o que ele fez pode ser uma coisa boa ou ruim sobre o que você quiser falar, com a palavra, ela:

> Vou falar sobre o meu professor de matemática ele me marcou muito mal. Dava aula de português no meu segundo ano. Um exemplo na última vez que teve avaliação, a terceira avaliação ele pegou todo mundo da sala de surpresa. Ele pediu para escrever meu nome na lousa e quando ele foi escrever o meu nome ficou me olhando com uma cara de nojo e depois eu fui a última pessoa que ele chamou. Na hora dele me chamar ele chamou de um jeito bruto e eu não gostei. Eu fiquei de boa porque eu já estava no fim do ano desse ano e eu não queria falar nada e nem prejudicar ele porque seria o último ano dele de professor na escola, então não queria prejudicar ele e é isso. (God, dezembro, 2023).

O que vemos a partir dessa curta fala da adolescente é a reprodução de uma postura, que não reflete a postura de um indivíduo apenas, pois foi construída historicamente e reproduzida pelo seu professor que não levou em consideração as várias possibilidades de diálogo que existiam ali com a turma. A postura de God foi a mesma adotada pelos meninos, a de ficar calada, “de boa”, como ela coloca, porque isso implicaria várias outras questões, era final de ano, final de semestre, as notas delas estavam na mão daquele professor, e não ia adiantar acusá-lo de racismo ou xenofobia, ele era a autoridade ali. Quem ficaria ao lado dela na escola? O professor deveria ser o primeiro a se posicionar contra esse tipo de postura e não um reprodutor.

Como o professor não foi capaz de ter uma postura acolhedora com a aluna imigrante, por outro lado, a escola poderia e seria capaz de representar um espaço de diálogo e transformação social, através de ações que colocassem em pauta as discussões raciais como ferramenta de diálogo e emancipação. Se a instituição escolar que recebe alunos imigrantes, seja por inciativa de seus docentes ou por imposição institucional, passasse a discutir suas ações e inserisse, por exemplo, debates raciais dentro do seu plano pedagógico de ensino, envolvendo não só os alunos, mas toda a comunidade escolar, seria

possível, talvez, que essas diferenças culturais começassem a ser pensadas criticamente[53] com todas as pessoas envolvidas dentro da instituição. Sabemos que:

> Dentre os avanços está a promulgação da lei n. 10639/03, 09 de janeiro de 2003 que alterou a lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, ao estabelecer as diretrizes e bases da educação nacional e instituir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e cultura africana e afro-brasileira". Trata-se de um marco na educação brasileira, porque introduz uma forma de valorizar a participação dos afro-brasileiros na história do país, e de resgatar os valores culturais africanos. Além da instituição da temática no currículo, o decreto inclui no calendário escolar, conforme o artigo 79-b, o dia 20 de novembro como o Dia Nacional da Consciência Negra. (CARNEIRO, 2011, p. 23).

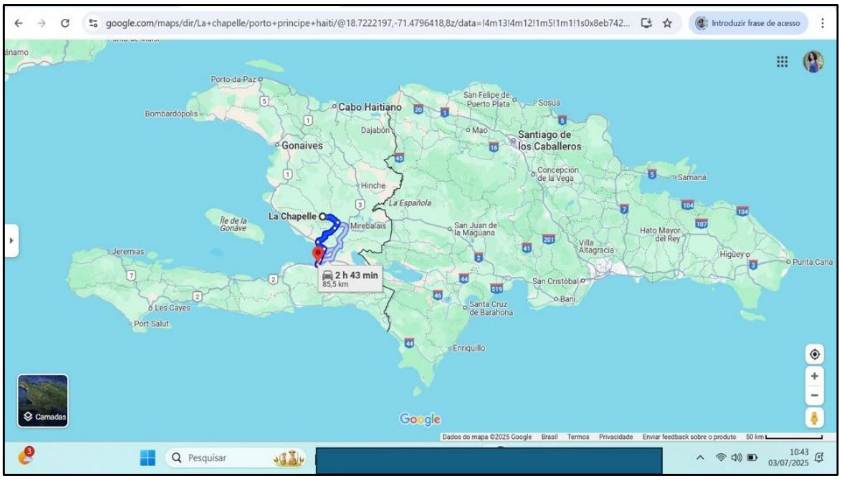
Sueli Carneiro (2011) nos faz pensar que a valorização do ensino e da cultura africana e afro-brasileira já se tornaram lei, há mais de vinte anos. No entanto, essa lei ainda não é obedecida em todas as instituições escolares, sobretudo as mais periféricas no norte do país que sequer questionam as relações de poder no processo de ensino e aprendizagem, fazendo com que se reproduzam ambientes escolares hostis a negros e outros tipos de diversidades.

Trajetórias escolares diferentes entre pais e filhos

Para pensar na trajetória de uma criança que vivenciou um terremoto, proponho a seguinte reflexão: imagina que você fosse uma criança de 6 anos que havia chegado da escola e você estava comendo a sua comida favorita na cozinha, junto com seu primo, outra criança de 4 anos. Quando, de repente, vocês ouvem um estrondo muito forte lá fora. O barulho é tão alto e tão devastador que vocês correm para fora da casa para ver alguma coisa, um passo à frente e a janta já estava debaixo de destroços, pois um enorme bloco de concreto se soltou da parede da cozinha atingindo a mesa na qual estavam sentados. Foi dessa maneira que Dom descreveu o momento do terremoto para mim, 12 anos depois de tê-lo vivenciado e já morando na cidade Manaus (AM).

[53] Por crítica, aqui, entendemos aquilo dito por Foucault do seguinte modo: "a crítica é o movimento pelo qual o sujeito se dá o direito de interrogar a verdade sobre seus efeitos de poder e o poder sobre seus discursos de verdade; pois bem, a crítica será a arte da inservidão voluntária, aquela da indocilidade refletida. A crítica teria essencialmente por função o desassujeitamento no jogo do que se poderia chamar, em uma palavra, a política da verdade. (FOUCAULT, 2004, p. 5)

Figura 11 – mapa do Haiti



Fonte: google maps

O ano era 2010, quando o mundo que Dom e Goa conheciam estava chegando a um fim abrupto[54]. Eles estavam em La Chapelle, uma comuna do Haiti com aproximadamente 18 mil pessoas que fica, aproximadamente a 85 km de Porto Príncipe, quando um tremor de terra de 7 graus na escala Richter atingiu em cheio o Haiti devastando a capital do país. Para as duas crianças, Dom e Goa, esse evento não foi imaginação, foi real e foi terrível, devastador, mas sobreviveram para contar. Depois daquele dia, tudo na vida dessas crianças mudou para sempre. Adeus casa, adeus escola, adeus país. Pouco tempo depois desse ocorrido, migraram com parte da família para Manaus, uma cidade com mais de dois milhões de habitantes e com uma acentuada desigualdade social na qual vivem muitas pessoas imigrantes.

Em campo pude experienciar os conflitos geracionais que geralmente se iniciavam junto com a vida escolar da criança migrante. Assim como também era nessa fase que essas crianças começavam a perceber as nuances da discriminação racial e outras formas de violências a partir das suas vivências escolares. Esses alunos traziam consigo o capital cultural de famílias imigrantes haitianas de muitas partes do Haiti, pois, sabiam falar mais de um idioma. Eu mesma conheci uma menina haitiana de dez anos que falava quatro idiomas e estava aprendendo o quinto (crioulo, francês, espanhol, português e inglês). No

[54] Inspirada em Zora Hurston, "Era 1860 quando o mundo que Kossola conhecia estava chegando a um fim abrupto". (HURSTON, 2021, p.19).

entanto, todo esse conhecimento não era levado em consideração, pois muitas das vezes essas crianças já estavam marcadas pelo estigma da raça[55].

Os filhos de haitianos em Manaus, carregam consigo aos menos duas identidades culturais, uma que é a da família de origem e outra da sociedade receptora. O pesquisador Antônio Braga (2019, p. 380) em seu texto "Ser Filho de Imigrante", traz a seguinte proposição: "Sentir-se como pertencendo a dois mundos – 'estar entre', 'in between' – é algo experimentado por muitos jovens nos dias atuais". Nessa proposição ele expressa algo que meus interlocutores já afirmaram que é a sensação de estar "entre" lá e cá, muito experimentada por eles.

Essa sensação, provocada pela condição de filhos de imigrantes negros, trazia situações de xenofobia e discriminação racial às quais estavam expostos juntos com seus pais. Com isso, desprezava-se os saberes trazidos também pelas crianças impondo ações pedagógicas permeadas por violências simbólicas que são impostas pela própria hierarquia escolar, o que Bourdieu vai chamar de arbitrário cultural[56]. Por conta de um "arbitrário cultural" escolar no Brasil era comum que se desprezasse a escolaridade e o capital cultural trazidos pelos imigrantes haitianos.

Os pais e mães haitianas, em sua maioria, não possuíam altos graus de escolaridade e, quando o tinham, não conseguiam validar os seus diplomas. A ação imperiosa que se colocava diante deles era então aceitar os trabalhos que havia disponíveis. Aprender o idioma, aprender sobre a moeda local, saber quanto valia cada coisa para poder trabalhar e ter permissão para residir. Enquanto os pais corriam atrás de todas essas coisas, os filhos iam para a escola. A partir de Bourdieu, sabemos que as instituições escolares constituem um eminente espaço de reprodução social.

Frequentar a escola, por mais arbitrário e complexo que possa ser, agregaria aos filhos um capital cultural que os pais não possuíam, por terem sido escolarizados em outros meios culturais. O ensino escolar marcou uma geração, uma geração que chegou ainda na infância ao país receptor, crianças que estavam entre a geração dos pais e a

---

[55] Rachel de Oliveira (1992), ao relatar as intervenções na educação realizadas pelo Movimento Negro no Brasil, na década de 1980, chama a atenção para o sofrimento das crianças negras ao evidenciarem o sentimento de exclusão, peculiar à grande maioria delas. (CAVALLEIRO, 2020, p. 33).

[56] "Toda ação pedagógica é objetivamente uma violência simbólica enquanto imposição, por um poder arbitrário, de um arbitrário cultural". (BOURDIEU & PASSERON, 2014, p. 26).

geração que nasceu no país receptor. Isso nos leva a questionar se poderíamos colocar os pais, os filhos imigrantes e os filhos que não migraram apenas como primeira e segunda geração. Será que precisamos nomear as gerações? Uma geração, que nasceu no Haiti e uma geração, que nasceu no país para o qual os seus pais imigraram.

Em campo percebia que as crianças, ao chegarem, precisavam se adaptar à escola e a nova realidade social, como também a escola e a sociedade precisavam se adaptar às crianças haitianas. Eram comuns as cenas em que algumas professoras da escola municipal prof. Waldir Garcia tentavam aproximar o aluno imigrante da escola, procurando trazer também a família. Isso rendeu o curso de crioulo haitiano que foi feito na base das trocas, com a contribuição do professor Abdias. Ele ofereceu o curso como um serviço voluntário na escola que acolheu os filhos dele e de outros haitianos.

Entre 2015 e 2019, acontecia a feira das nações, evento que envolvia a todos e cada nacionalidade, mostrando sua cultura através da arte, da culinária e da literatura. Essa feira era pensada nas turmas e nas nacionalidades das crianças. Nas salas de aula as crianças contavam suas histórias, falavam sobre as comidas típicas, muitas mães migrantes se envolviam no processo. Tinha datas no calendário escolar que contemplava uma mãe para ir ensinar um prato típico do país dela e contar uma história. Então havia uma disposição, tanto da escola como da comunidade migrante, para desenvolver a atividade conjuntamente. Na foto abaixo temos uma visão geral da sala de aula.

Figura 12 – sala de aula

Fonte: acervo pessoal

Na imagem vemos crianças em uma sala de aula, a maioria está sentada ao redor das mesas olhando para os cadernos com lápis nas mãos, outras crianças estão em pé. Uma criança haitiana recebe ajuda da outra para fazer a atividade, a mesma criança que ajudava com a lição também ajudava a traduzir algumas palavras. Em sala de aula não era permitida e nem incentivada qualquer tipo de separação entre as crianças migrantes e não migrantes.

Assim, como cenas em que a ajuda mútua era comum entre a comunidade escolar, também pude presenciar tensionamentos. Vi crianças brasileiras que evitavam estar com crianças haitianas. A mesma cena de afirmação da identidade onde crianças haitianas falavam entre si em crioulo nos corredores da escola poderia gerar tensionamento entre algumas pessoas. Também fazia parte do calendário escolar criar espaços de diálogo na escola para se falar sobre homossexualidade, racismo, xenofobia, diversidade e respeito para com as crianças imigrantes.

Como já havia mencionado, meus interlocutores nesta pesquisa estiveram entre as primeiras crianças haitianas a frequentarem a escola municipal professor Waldir Garcia. Eles estiveram na escola entre os anos de 2013 e 2015, quatro anos antes da minha pesquisa. Eram três primos/irmãos que, à época, tinha respectivamente cinco, sete e nove anos. Em 2024, Dom, o mais velho deles completou vinte anos. Dom é filho único da irmã mais nova de Gloriane, por sua vez, Gloriane é mãe de Goa, de dezoito anos, Dayf, de dezesseis anos e duas meninas. Godfriend com quinze anos e Marie Belle, com dois anos, à época da pesquisa, a única nascida no Brasil e com dupla nacionalidade, haitiana e brasileira.

Eu não os conheci na escola, mas foi através dela, quando ainda durante o meu trabalho de campo, a direção da escola me indicou uma mãe haitiana para eu entrevistar, era Gloriane. Gloriane me disse que depois de tantos nãos e portas na cara, encontrar uma pessoa disposta a ajudar fez a luta por escola valer a pena. Ela contou que foi a forma com a qual a diretora da escola municipal Waldir Garcia olhou para ela que fez a diferença, pois aquela diretora que se chama Lucia Cortez era uma liderança naquela escola e seu gesto de empatia e solidariedade tornou possível que seus subordinados na escola também tivessem empatia e solidariedade para com ela e com outras mães imigrantes.

Se, de um lado, foi um alívio para Gloriane ter encontrado a escola para os filhos, por outro, ali começaria uma nova fase na vida daquelas crianças. Os filhos dela passaram a frequentar aquele espaço escolar plural, diverso e cheios de conflitos, contradições e arbitrariedades. Como colocado por Bourdieu (1992) sabemos que a escola enquanto um espaço institucional é também um espaço de reprodução social. Já o educador Paulo Freire (1989) nos lembra que justamente por ser arbitrário é que a escola pode ser também um espaço de transformação social. E como aquela mãe migrante via a escola? Perguntei a Gloriane como foi a chegada de seus filhos e o processo de adaptação deles. Ela me descreveu da seguinte maneira:

> O processo de mudança para cada um dos meus filhos foi diferente, eu deixei eles por quase um ano e meio no Haiti. Então quando eles chegaram eu não reconhecia mais as atitudes deles, perdemos um ano e meio do contato entre mãe e filhos. Eu percebi que para o mais velho filho da minha irmã que estava com dez anos na época, foi mais fácil se adaptar na escola, acompanhar o ritmo, aprender o idioma. O outro que é o meu primeiro filho, tinha seis anos na época é bem tímido, a gente não sabe o que se passa na cabeça dele, ele é mais calado na dele. O meu segundo filho com cinco anos na época, ele se adaptou, mas ele era muito bagunceiro, não sei se era uma crise de cultura, se ele queria se soltar de uma vez só, ele estava muito diferente daquela criança que eu deixei no Haiti. A minha caçula, com três anos na época, eu via que ela era muito carinhosa e conquistava a todos onde passava. Nenhum deles queria tirar fotos, eles não gostavam de tirar fotos, porque eles tinham na cabeça que os brancos tiravam foto para ganhar dinheiro em cima dos negros. Então na rua em uma situação em que outros adultos queriam tirar foto deles, eles ficavam brigando e reclamando e se eu os convencia quando chegávamos em casa eles voltavam a brigar comigo. Outra coisa que os meninos não gostavam era quando tocava na cabeça dele, por questões culturais do Haiti, então todas essas questões e outras a gente conversava até desconstruir na cabeça deles essas questões culturais Brasil e Haiti. (Gloriane, maio, 2023).

Os depoimentos de Gloriane são extensos, são relatos quase confessionais de quem tinha muitas histórias para contar. Nos dias em que íamos conversar para a pesquisa eram verdadeiras sessões de contação de histórias. Primeiro eu contava histórias sobre mim, minha família, meus avós, sobre histórias de migração que perpassavam pela minha família, nenhuma perto do que a família dela passou, mas contava como uma forma de me abrir e permitir que ela também se abrisse a me contar o que quisesse. E me contava sobre tudo que eu perguntasse. Perguntei como foi aprender a falar o português, ao que ela respondeu da seguinte maneira:

> Essa questão envolve outras, vou começar contando que na paróquia tinha uma creche, mas meus filhos não tinham a idade para estar na

> creche, então foi quando eu comecei a saga para procurar uma escola, porque nós haitianos gostamos de estudar e queremos que as crianças principalmente, frequentem escolas. Então eu saí atrás de escolas e nenhuma podia matricular meus filhos, até que um dia conversando com outra mãe haitiana ela falou que a filha dela estudava numa escola "ali embaixo". Então ela me passou o nome da escola e eu fui lá. Era a escola Waldir Garcia, uma escola municipal. Chegando lá eu encontrei a diretora tomando suco de laranja e eu entrei na sala e disse, eu gostaria de saber se tem vaga para meus filhos estudarem, porque nenhuma escola os aceita e eles precisam estudar. A diretora perguntou onde estavam as minhas crianças e eu disse que estavam na casa do padre, então ela me pediu que as levasse até a escola no outro dia. Então no outro dia levei meus quatro filhos e de repente as cinco crianças haitianas se multiplicaram e muitas crianças haitianas passaram a estudar nessa escola. Um dia na reunião eu ouvia a diretora falando, que não dava para esperar só pelo sistema a escola precisava ter autonomia para atender a comunidade e acolher quem estivesse precisando. E assim, em seis meses nessa escola meus filhos já falavam português melhor do que eu. E você conhece bem essa história né. (Gloriane, maio de 2023).

Quando Gloriane se refere ao fato de eu já conhecer "bem" essa história é a contou numa entrevista para a dissertação, onde todo esse processo escolar foi descrito com mais detalhes. Aqui a ideia era contextualizar como chegou essa geração de jovens migrantes na cidade de Manaus e por quais processos passaram, como foram se definindo e se pensando enquanto sujeitos, com algumas vivências diferentes das vivências dos pais, uma vez que esses jovens ao chegar entraram na sociedade primeiro que seus pais, através da escola, fato que certamente fez diferença nos processos migratórios.

Ela contou que as crianças, ao estarem matriculadas, frequentavam as aulas regularmente enquanto ela trabalhava vendendo rosquinhas ou fazendo faxina. Na escola, eles eram elogiados pelo asseio e pelo bom comportamento e reputação, assim como eram instruídos pela mãe que sempre os incentivou a continuar estudando. Em casa a educação deles sempre foi muito rígida, qualquer sinal de mal comportamento na escola ou fora dela, era motivo para serem castigados.

Dom era o mais velho com apenas nove anos à época que chegou no Brasil, quando eu o conheci estava com dezenove anos e trabalhava como segurança predial, num condomínio da zona norte de Manaus. Era seu primeiro emprego fora da rua, quem o ajudou a ficar na vaga foi a diretora da escola Waldir Garcia. Com esse emprego Dom quebrou um ciclo de vendedor ambulante, profissão que exercia desde que chegou ao Brasil.

Ele me contou que se lembra muito bem da fase em que chegou ao Brasil. Para ele a infância foi a fase que precisou "pular" no jogo da vida, uma fase que teve que trabalhar e, por isso, não brincou como as outras crianças brasileiras que via pelo bairro. Ele conta que se imaginava brincando com outras crianças, e que queria ter responsabilidades compatíveis com a fase. Dom, observa, quando chegou ao Brasil, sempre estudou e trabalhou desde os seus nove anos. Vivendo sob a tutela da mãe e da avó num regime que considerava rígido, era muito cobrado para que tivesse um bom comportamento na escola, em casa e na rua.

Sair com os pais para vender coisas na rua não era opção, era uma obrigação e por ser obrigação, já era em si estressante. Todo o estresse gerava um tensionamento em casa com os pais e consigo mesmo. Ir para a rua implicava ter que estar sempre alerta, atento e vigilante. No final da adolescência, Dom começou a compor rap e hip-hop e adotou o nome artístico "22domg", com letras que contavam um pouco do que sentia e reprimia sob aquelas condições. Suas músicas têm apelo sexual e por dinheiro. "Naquela época a vida se resumia a estar sempre correndo atrás. Correndo atrás, da próxima refeição, do dinheiro para pagar as contas. Não tinha tempo para brincar".

Na escola, Dom e seus primos precisavam se defender dos ataques racistas de outras crianças e nem sempre podiam contar com o auxílio de um adulto. Dom falava que a criança imigrante precisava se defender desde cedo sozinha, pois os pais não entendiam bem o idioma e ficar "levando" confusão para a casa poderia resultar em problemas ainda maiores. Por isso, na maioria das vezes, eles se calavam diante das ofensas, estavam seguindo o exemplo dos pais e a ética do imigrante de se manter calado. Nas ruas com os pais, eram constantemente lembrados de que não estavam em seu país de origem, e por essa razão, era melhor não se meterem em confusão.

Dom contou que a Waldir Garcia foi a escola menos racista onde ele e seus primos estudaram, e eles frequentaram várias escolas, devido as várias mudanças de residência. Algumas crianças encontravam mais oportunidades de socialização com outras crianças da mesma faixa etária na escola. As atividades lúdicas eram as que mais prendiam a atenção delas, por exemplo, na Waldir Garcia, a horta era uma dessas atividades em que havia muitas trocas, as crianças haitianas contavam sobre algumas plantas que conheciam desde o Haiti e falavam como sua família a usava, se era comestível ou para remédios. Para os primos Dom, Goa e Dayf essas eram as atividades favoritas daquela escola.

Dom contou que conheceu o racismo depois que saiu da escola Waldir Garcia. Teve uma escola onde seu primo mais retinto era constantemente alvo de ataques racistas. Num desses ataques ele precisou se defender e defender seu primo por conta de um ataque racista de um colega. Foi a primeira vez que eles brigaram na escola. Por esse ato, eles não foram expulsos, mas para entrar novamente eles precisaram levar a mãe, que ficou ao lado dos filhos. Gloriane fez uma denúncia de racismo formalmente na diretoria da escola, infelizmente não deu em nada. Outros episódios iguais a esse foram constatados ao longo dos anos escolares.

Foi nos limiares entre a casa, a família migrante, a rua e a escola que a sociabilidade dessas crianças migrantes foi se construindo. Para Símmel, a sociabilidade é o jogo lúdico da sociação, por sua vez a sociação é o modo pelo qual as pessoas de maneira consciente ou não, vão se juntando em torno de interesses em comum e se constituindo enquanto sociedade. Para as crianças, em especial, a escola era essa oportunidade de frequentar outros espaços sociais. Aprender a maneira com as pessoas falam sem os "estrangeirismos" cometido por seus pais.

Onde a Raça se intersecciona com Migração e Educação

> De acordo com Patrícia Hill Collins: A interseccionalidade investiga como as relações interseccionais de poder influenciam as relações sociais em sociedades marcadas pela diversidade, bem como as experiências individuais na vida cotidiana. Como ferramenta analítica, a interseccionalidade considera que as categorias de raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade, capacidade, etnia e faixa etária – entre outras – são inter-relacionadas e moldam-se mutuamente. A interseccionalidade é uma forma de entender e explicar a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humanas. (COLLINS, 2021, p. 17-18).

Nos corpos racializados é onde Raça, Migração e Educação se interseccionam. E para falar a partir de sua própria experiência racial e migratória conversei com Dom, sobrinho/filho mais velho de Gloriane. A conversa iniciou-se pelo WhatsApp por conta dele ser a única pessoa que poderia me colocar em contato com a Gloriane naquele momento em que esteve internada, em 2022. Depois disso, com a autorização dela, pedi ao Dom que se tornasse meu interlocutor e me contasse sobre a trajetória dele desde a infância. Ele concordou e ainda sugeriu que gravássemos suas falas. Naquela conversa apenas uma pergunta orientou o diálogo: Como pensava nas situações geracionais entre ele e sua família. Ele me respondeu descrevendo da seguinte maneira:

para mim, há diferença sim, por exemplo, minha avó veio para cá com idade, então ela já tinha construído uma vida lá e de repente ela precisou abandonar tudo que ela tinha para sair de lá e recomeçar do zero, sem nenhuma perspectiva, sem esperança, sem saber muito o que fazer. Para mim já é diferente, porque eu vendo tudo isso eu tenho a possibilidade de aprender com tudo que ela vem fazendo, até porque ela se esforçou bastante para construir tudo que construiu aqui do zero. Porque sem querer tirar o mérito de ninguém, mas as pessoas que são daqui sabem que casa própria, estabilidade financeira é uma coisa dura de se conquistar para quem já é daqui, imagina para uma pessoa que chegou idosa, sem nada, mas conseguiu conquistar tudo isso em menos de 20 anos é um exemplo que eu, como neto dela olho e acho uma coisa esplêndida, é um exemplo de foco, de superação, de força de vontade de continuar.

Minha avó é o maior exemplo de pessoa que eu tenho pra me inspirar, porque ela não tinha ninguém aqui, não conhecia ninguém no Brasil, ela veio sozinha em 2010, em 2012 ela já conseguiu trazer a minha tia e em 2013 ela conseguiu trazer o resto da nossa família, isso é sobrenatural para mim, eu não sei se outra pessoa teria a mesma capacidade emocional, espiritual, porque para fazer esse feito a pessoa precisa ter uma capacidade mental muito grande. Porque a gente sabe das consequências psicológicas que tem para um imigrante quando muda de país nas condições que ela veio, porque não foi nada planejado, foi uma coisa que ela teve que ir mesmo. A gente sabe que isso tem sequelas, tem gente que não consegue se adaptar, tem gente que desenvolve traumas, doenças… (pausa) aí para uma pessoa conseguir vir, se adaptar tão rápido e conseguir fazer esse feito, para mim não tem palavras para descrever esse feito, tamanha é a grandeza das ações da minha avó.

E pensar nisso que me ajuda a seguir também, porque eu pude entender desde muito cedo o que era realmente necessário, porque às vezes a gente só trabalha, trabalha, trabalha e acaba caindo nessa ideia do capitalismo de só consumir e não construir. E a sabedoria da minha avó de saber o que era necessário funciona como um manual que eu observo, adaptei para mim e só vou seguindo.

Minha avó tem 61 anos, eu tenho 19, isso dá um terço da idade dela praticamente, então o que ela conseguiu fazer, nas condições que ela tinha e no curto prazo que ela conquistou tudo aquilo, se eu me esforçar da mesma maneira eu consigo fazer também, para mim é assim que eu levo, porque se ela fez eu também consigo, e aí é esse o exemplo que eu tenho seguido até então. É muito difícil para algumas pessoas entenderem que a gente parte de uma realidade muito diferente, minha avó teve a vida despedaçada e precisou recomeçar do zero e conseguiu! São poucas as pessoas que conseguem algo assim, então é preciso reconhecer.

Eu me lembro da época em que eu era vendedor ambulante, entre 2016 e 2017 e algumas pessoas olhavam para gente com preconceito, porque a gente era criança e deveria estar sendo criança. A gente estudava, mas fora da escola a gente saía para vender com nossos pais, porque nossos pais partiam de uma realidade diferente da maioria das pessoas daqui, então a gente precisava trabalhar.

Essa questão do trabalho é até bonita de se falar, mas tem seus efeitos colaterais. Digamos assim, porque hoje eu vejo que eu não tive a fase de criança praticamente, porque na época do terremoto eu tinha de cinco para seis anos e aí depois de 2010 não teve mais infância. Porque eu

> vim para cá com nove anos e aí tive que me adaptar a uma nova fase de vida e aí não teve uma infância. Não teve essa coisa toda de história de criança. Então desde cedo eu tive que criar um modelo de pensamento, ter que pegar uma maturidade que não era para eu ter naquela idade. Isso tem seus efeitos colaterais, porque eu não vivi coisas de criança, não tive isso. Esse é um dos assuntos que eu quase nem falo sobre, porque até então eu não estava pronto para falar, mas agora eu acho que já consigo falar um pouco sobre isso, porque é muito desgastante você ter idade de criança, vê outras crianças sendo crianças e você não pode ser criança também, sabe como é? (Dom, julho de 2023).

Observamos que Dom começa falando de sua avó materna que foi a primeira pessoa da sua família a emigrar. Como pudemos observar através de sua fala, ele colocava a sua avó como uma verdadeira heroína, pois, na sua opinião, se ela não tivesse dado o primeiro passo para abrir os caminhos da vida dele, não teria sido a mesma pessoa que se tornou hoje. Esse reconhecimento é muito bom para pensarmos em como vê a sua trajetória migratória, quais partes está disposto a contar, vimos que sobre a avó ele fala com orgulho.

Dona Jacqueline, a avó, precisou se reconstruir a si mesma primeiro, para dar novos sentidos a vida da sua família. Gesto que a tornou um exemplo de vida para sua família e que faz questão de contar. Na memória[57] dele de criança a avó parecia os heróis que lia em seus livros da escola, a coragem em ir em busca de um país totalmente novo para eles, as conquistas dela a partir da força e da determinação que ela teve.

Dona Jacqueline representa, na memória da sua família aquela pessoa despossuída de tudo em seu país de origem que atravessou fronteiras, e através de muito trabalho, se tornou proprietária de bens em terras estrangeiras[58]. Foi a partir dessa admiração, que seu neto buscou construir seu entendimento sobre a migração de sua família. E se tudo se deu pelo trabalho, seria trabalhando que também conseguiria suas coisas.

Em outro momento de nossa conversa, o jovem Dom compartilhou comigo um print de uma mensagem de um amigo que tem desde criança. Na mensagem o amigo queria a companhia dele, mas não estava disponível porque esteva trabalhando. A mensagem dizia

---

[57] Lá situa-se, em Halbwachs, uma notável distinção entre a "memória histórica", de um lado, que supõe a reconstrução dos dados fornecidos pelo presente da vida social e projetada no passado reinventado; e a "memória coletiva", de outro, aquela que recompõe magicamente o passado. Entre essas duas direções da consciência coletiva e individual desenvolvem-se as diversas formas de memória, cujas formas mudam conforme os objetivos que elas implicam. (HALBWACHS, 1968, p. 14-15).

[58] (...) nas trajetórias, o herói (...) representado pelo antepassado é aquele que vence a natureza hostil e que possui características que são transmitidas por linha de descendência. O pioneiro representa o domínio da passagem de despossuído no país de origem para civilizador e proprietário em terras estrangeiras. (ZANINI, 2004, p. 56).

mais ou menos o seguinte: “não sei como você aguenta essa vida, você só trabalha, não faz nada além disso.” Como sabemos, tudo que vemos de Dom é o que quis nos mostrar. Nessa mensagem quis “provar” o quanto era um sujeito trabalhador, que não brincou o suficiente e que, desde muito jovem, já tinha muitas responsabilidades que na época mesmo nem entendia o porquê. Ele se descreveu assim:

> Quando eu estudava, tinha colegas de classe e aí tinha festas, umas programações descontraídas e aí eu falava, não tem como eu ir porque eu tenho que trabalhar, algumas pessoas não entendiam, eu falava eu não posso parar de trabalhar porque se eu não tiver o dinheiro no final do mês pra pagar o aluguel a gente vai ser despejado e eu não tenho para onde ir, não tem casa de parente para ir. Agora eu vejo que os amigos que entendiam isso naquela época são os mesmos que continuam aqui.” “digamos que para uma pessoa normal que vive todas as fases de criança, da adolescência, a fase da juventude e em seguida a fase adulta, então essa pessoa tem a carta branca, ela pode errar, porque errar faz parte da construção da personalidade de uma vida normal, mas para mim não tem essa, não pode errar, tem que sempre ir fazendo o certo, porque eu falhar implicava por todo o resto da família em risco, sabe? Desde cedo eu tinha que saber com quem ir, o lugar que vai, essas coisas assim, não tive essa parada de viver avulso, desde cedo tive que saber tomar as decisões de risco, saber deixar as pessoas irem, não se apegar às pessoas e tudo agravado pelo fato da minha identidade, se eu entro num shopping com dois amigos negros isso já é suficiente para os seguranças ficarem em cima da gente, seguindo a gente, é revoltante que isso aconteça num raro momento de lazer. E aí você vê essa maturidade toda nessa idade, mas não sabe o efeito colateral por trás, porque essas coisas que foram ausentes vão fazer falta numa determinada idade.” (Dom, julho de 2023).

Nesse momento, em uma das minhas interrupções comentei que esses momentos de lazer precisavam fazer parte do seu dia a dia, sem culpa, afinal como o amigo dele concluiu, só trabalho não dá. Dom respondeu que entender isso é um processo e que ele sente que está conseguindo, mas é difícil e percebe que é mais difícil ainda para sua família. Ele vê o assunto lazer como uma barreira pouco discutido ainda em casa, nas suas palavras “eu não lembro a última vez que a gente saiu para uma pizzaria e não é por falta de recursos não é pela falta de costume de ter um lazer” Ele disse que esse simples ato de sair para se divertir, pode até parecer errado na visão da sua família.

Em 2023, ele tinha 19 anos e já havia concluído o ensino médio, mas ainda não havia entrado na faculdade, o que só foi ocorrer anos mais tarde em 2024. Ele morava com sua mãe biológica, a avó e o avô na Zona Norte de Manaus. Na época, contribuía com a renda da família trabalhando na profissão de vigilante terceirizado, num

condomínio de classe média na zona norte. Nesse emprego, Dom tinha que cumprir uma escala de 12h por 12h sem a carteira assinada, nem férias, nem décimo terceiro.

Dom me contou que vivia uma jornada extenuante de trabalho e que dormia na base de analgésicos, essa rotina insana o impossibilitava de realizar o sonho de entrar numa faculdade, por exemplo, pois não sobrava tempo para se dedicar aos estudos. Ele disse estar consciente que naquele momento o trabalho era necessário para alcançar seus objetivos, a curto e médio prazo, que eram terminar a reforma da casa e tirar a habilitação. Objetivos que também foram alcançados em 2024. Relatou que assim que fossem concluídos esses objetivos, iria em busca de um emprego melhor. Com esse depoimento percebemos que, ao menos para Dom, o estudo não havia sido continuado por conta da demanda e do tipo de trabalho que ele acessava. Isso nos faz refletir diretamente com o trabalho de Silvio Almeida, para quem:

> (...) se pessoas negras são discriminadas no acesso à educação, é provável que tenham dificuldade para conseguir um trabalho, além de terem menos contato com informações sobre cuidados com a saúde. Consequentemente, dispondo de menor poder aquisitivo e menos informação sobre os cuidados com a saúde, a população negra terá mais dificuldade não apenas para conseguir um trabalho, mas para permanecer nele. Além disso, a pobreza, a pouca educação formal e a falta de cuidados médicos ajuda a reforçar os estereótipos racistas, como a esdrúxula ideia de que os negros têm pouca propensão para trabalhos intelectuais, completando-se assim um circuito em que a discriminação gera ainda mais discriminação. (ALMEIDA, 2019, p.157).

A citação acima condiz totalmente com a realidade na qual Dom estava inserido à época das entrevistas para esta pesquisa, ele conta que só aparecia a oferta de trabalhos braçais para ele. Para Dom, que estudou em várias escolas públicas ao longo da vida no Brasil e que trabalhou desde criança como vendedor ambulante, sofrendo racismo, *bullying*, xenofobia e outras formas de exclusão social, foi muito difícil concluir o ensino médio. Porém, mais difícil ainda era passar no vestibular, ele não tinha tempo para estudar e nem podia parar de trabalhar, por isso, buscava um emprego onde pudesse conciliar trabalho com os estudos. Ele sonhava em cursar engenharia elétrica. Um curso que geralmente é diurno.

Dom disse-me que se identificava com alguns cursos de humanas e que nenhuma decisão dele seria unilateral, pois tudo envolvia planejamento familiar. Ele morava com os avós maternos e com a mãe para quem dedicava sua vida, pois ela teve poliomielite na infância, então a escolha da faculdade estava intimamente ligada com sua relação com a

família. Dom conta que a família não o apoiaria em um curso menos prestigiado socialmente, como sociologia, por exemplo, pois não renderia o suficiente para viverem como gostariam. Até aquele momento ele só tinha falado sobre trabalho e estudo.

Ele contou que em muitos momentos da adolescência passava todo tipo de coisa ruim pela cabeça dele, muita ansiedade, tristeza, raiva, poucos eram os momentos fartos e alegres. No meio desse caos foi a música que o salvou. Ele disse que foi compondo e cantando que conseguiu expurgar todo o peso que carregava. Não sabia mais quem era aquele jovem que olhava no espelho, pois veio de uma realidade bem diferente, se ele tivesse crescido no Haiti certamente seria outra pessoa, a pessoa que se tornou estando no Brasil tem os reflexos do racismo e da xenofobia a que esteve exposto ao longo da vida, mas também dos acessos e oportunidades que não teria lá.

Escola e racismo

Ser criança migrante haitiana trouxe vivencias muito difíceis para os meus interlocutores. Voltamos à escola, porque é nesse ambiente que começam muitas de suas vivências sociais, dentre elas, a experiência do racismo. Quando chegam na escola, as crianças migrantes tendem a vivenciar uma carga de preconceitos, racismo, xenofobia, afinal crianças haitianas não são os imigrantes favoritos no Brasil. Fora da escola muitas delas estão privadas de dignidade, uma vida muitas vezes esgarçada pelo tecido social e posta à prova todos os dias num sistema que oprime, dilacera e mata milhares de jovens todos os dias. Eliane Cavalleiro aponta que:

> O racismo no Brasil foi denominado "racismo cordial". Mesmo sendo, a meu ver, tal denominação imprópria, ela marca a falência da democracia racial. Esse racismo, erroneamente denominado cordial, acarreta grandes prejuízos para aqueles que lutam diariamente contra um inimigo "invisível", que não aparece em hora, situação ou lugar predeterminados. Sua ação, porém, é cruel para aqueles que, sob uma pele negra, buscam a sobrevivência física e emocional próprias e de seus familiares. Em consequência desse racismo, o negro tem sido impedido de construir uma cidadania plena, encontrando-se desprotegido diante de situações de violência. (CAVALLEIRO, 2020, p. 30).

É também na escola que a criança migrante começa a exercer sua cidadania, por isso a importância de tentar entender como esse "racismo cordial" opera na vida delas. Para o jovem Goa, que está finalizando o último ano do ensino médio, o racismo ainda é um fator que atravessou e atravessa toda sua infância e juventude desde que chegou a Manaus aos sete anos. Perguntei como foi a sua vivência escolar durante os últimos anos

do ensino fundamental? “Três anos no inferno”. Assim, Goa respondeu-me sem pestanejar. O racismo entre haitianos não era um assunto discutido com pessoas de fora da comunidade haitiana, mas quando fiz a pergunta já havíamos falado muito sobre esse assunto, por isso respondeu de forma curta e direta.

Goa veio da região de La Chapelle no Haiti, cidade onde nasceu. Quando chegou em Manaus, sua mãe o matriculou na Escola Municipal Prof. Waldir Garcia onde concluiu as séries iniciais. Foi nessa escola onde Goa e muitas outras crianças haitianas aprenderam a falar a língua portuguesa[59]. Nas palavras dele aprender o português é: “algo que eu não sei como definir, apenas foi acontecendo e quando percebi já estava falando e depois que aprende a gente só corre atrás de não errar muito na pronúncia das palavras”.

Quando Goa falou que tentava não errar muito a pronúncia das palavras, era porque ele deveria se sentir cobrado em pronunciar as palavras corretamente. Nesse sentido por mais que a escola se apropriasse de um discurso de diversidade ou mesmo de uma identidade cultural por formar alunos imigrantes, ela também poderia manter uma homogeneidade linguística onde a língua predominante era o português. Para o linguista Sidney Souza da Silva (2011, p.37), “a apropriação do discurso da diversidade possibilita ao Estado brasileiro renovar seu próprio discurso e forjar uma identidade multicultural que, por conta da dita unidade linguística, torna-se homogênea.”

Como nos explica o pesquisador, é com essa apropriação de um discurso de diversidade que o estado, ao mesmo tempo que “aceita” a diversidade também a “repele”, de certa forma, quando impõe a língua. A partir da escola podemos entender melhor esse discurso. Na escola a língua funcionava como um elemento definidor das forças de dominação, na medida em que se impõe como um marcador cultural e social. Como no caso de Goa e das outras crianças haitianas que não eram impedidas de falar em crioulo, no entanto, essa alteridade linguística era vista na maioria das vezes, como aquilo que

[59] Na escola (Waldir Garcia) eu perguntei de algumas professoras como as crianças haitianas se comunicavam ao chegar naquele novo ambiente. De todas as pessoas que eu pude ouvir durante a pesquisa a respeito dessas formas de comunicação, elas disseram que, no começo, as crianças se comunicavam por meio de gestos, de mímicas e desenhos, e as professoras iam falando o correspondente em língua portuguesa, até elas irem se familiarizando com o idioma cada vez mais. (TEIXEIRA, 2021, p. 36).

diferia da norma[60]. Os alunos imigrantes precisavam se adequar as normas[61], e isso incluía necessariamente aprender a língua portuguesa o mais rápido possível para fazerem parte daquele universo escolar onde a língua produzia "a unidade na diversidade".

Segundo Alfred Schutz (1979, p.96), o vocabulário é por excelência o meio pelo qual o conhecimento é transmitido. Mas esse conhecimento só pode ser transmitido e compreendido se as pessoas que estão aprendendo tiverem o domínio do mesmo idioma, por isso, para os imigrantes, aprender a língua e ainda mais seus códigos de regras e condutas é a maneira pela qual eles dão continuidade ao projeto migratório. No entanto, notamos no ambiente escolar, que mesmo depois de conhecer o vocabulário, alguns códigos da linguagem como o racismo velado, por exemplo, as pessoas racializadas continuavam a vivenciar formas de exclusão social por parte dos próprios colegas, professores e outros profissionais.

Estas formas de exclusão social vão gerando, consequentemente, traumas físicos e psíquicos, sem contar inúmeros problemas de autoestima entre esses jovens. Goa vivenciou o racismo de forma mais latente após ter saído da escola Waldir Garcia. Nas palavras dele, "onde mais sofri racismo foi na Escola Estadual Lenina F. da Silva. Segundo ele, nessa escola, no tempo em que ele estudou lá, 98% das pessoas, incluindo professores, estudantes e serviços gerais eram, nas palavras dele, "a pura essência do racismo, foram três anos no inferno".

Podemos interpretar essa percepção do jovem Goa à luz do pensamento de Bourdieu, na medida em que o autor nos apresenta a escola como um espaço de reprodução social, onde os instrumentos de comunicação e conhecimento estão alicerçados numa estrutura de dominação simbólica. A escola contribuiria assim, segundo Bourdieu, para conservar as estruturas sociais. Nesse sentido, o sociólogo afirma: "Continuo a pensar que o sistema de ensino contribui para conservar. Insisto sobre o

---

[60] Todo idioma é um modo de pensar, dizem Damourette e Pichon. E o fato de o negro recém-chegado adotar uma linguagem diferente daquela da coletividade em que nasceu, representa um deslocamento, uma clivagem. O professor Westermannn, em The African Today, escreveu que existe um sentimento de inferioridade entre os negros, principalmente entre os "evoluídos", que eles tentam permanentemente eliminar. (FANON, 2008, p. 39-40).

[61] Se pensarmos sobre o que acontece com os imigrantes em todo o mundo, deles sempre se espera que aprendam a falar a língua do outro (e nunca o contrário), de preferência sem sotaque, "perfeitamente", como uma espécie de "pedágio" para a entrada e trânsito no novo território, um tributo a terra acolhedora. (SILVA, 2011, p. 11).

contribui, o que é muito importante aqui. Não digo *conserva*, *reproduz*; digo *contribui* para conservar" (BOURDIEU, 2014, p.14, itálicos no original).

Quando Bourdieu fala que o sistema de ensino conhecido por nós, contribui para conservar uma estrutura dominante de poder, quer dizer que a escola enquanto instituição vai necessariamente reproduzir, no caso do Brasil para com as crianças imigrantes, por exemplo, racismo, xenofobia, estigmas e isso ficou em visível através dos relatos de Goa, quando ele precisava se esforçar para não errar a língua, quando seus exames e trabalhos escolares eram exigidos em português e em tantos outros momentos que não tivemos acesso, mas que assim como nesses casos a dominação simbólica era exercida. Porque, como afirmou Bourdieu (2014), a escola contribui para conservar.

O Brasil, como sabemos, é um país cuja educação é um direito garantido pelo Estado através da sua constituição.[62] E as escolas seguem um Plano Nacional de Ensino conduzindo a prática dos saberes através da formação do seu quadro docente. Poderíamos nos perguntar como são formados os educadores do Brasil? Se essa formação se dá por meio de uma instituição que apenas reproduz, nesse caso se confirma o que Bourdieu fala, pois esses profissionais vão atuar apenas contribuindo para conservar cada vez mais a estrutura dominante.

Uma virada que já observamos em algumas instituições educacionais são aquelas que tem se questionado acerca da acolhida institucional dessas crianças, levando em consideração a não compreensão do novo idioma, entre outras características. Em 2017, foi feita uma pesquisa com estudantes bolivianos em São Paulo e eles se questionaram como essas crianças são integradas aos processos de ensino e aprendizagem, como veremos na citação abaixo:

> No Brasil, a educação é um direito de todos os cidadãos e um dever do Estado, sendo obrigatória entre 4 e 17 anos de idade. Como essas crianças – que possuem características culturais diferentes do país receptor – são recebidas nas escolas, sabendo-se que os pais e, até mesmo algumas delas, não sabem falar ou não compreendem a língua portuguesa? O que fazem seus professores para integrá-las? Como são recebidas pelas outras crianças? (MOLINARI, 2017, p. 163).

[62] Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. Constituição Federal | CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL DE 1988 (jusbrasil.com.br). Acessado em 24/08/2023.

Ainda sabemos pouco sobre crianças haitianas que frequentam as escolas em Manaus. Também são poucas as iniciativas ou políticas públicas que considerem as especificidades destas crianças racializadas e geralmente de baixa renda, como no caso Dom e de Goa. Os fatores raciais e econômicos aqui citados articulam uma ampla rede de relações capazes de ampliar as desigualdades sociais que afetam essas pessoas haitianas. Essas desigualdades, por sua vez, limitam o acesso dessas pessoas a educação, saúde e lazer, contribuindo para a manutenção de abismos socioeconômicos que ainda são estruturais no Brasil.

A escola municipal Waldir Garcia e as crianças migrantes

Na pesquisa de mestrado uma coisa que me chamou a atenção foi que algumas mulheres haitianas com filhos menores ficavam em Manaus (AM), enquanto os maridos seguiam com o projeto migratório rumo ao sul do Brasil. Para algumas daquelas mulheres, a escola era a principal motivação de permanecerem na cidade, pois os estudos dos filhos eram muito importantes para as famílias haitianas, sendo a educação dos filhos, parte do processo migratório.

No Haiti, boa parte do ensino público é pago e poucas famílias têm acesso a todas as séries escolares, por essa razão, muitos dos imigrantes haitianos que atravessaram as fronteiras vinham em busca de uma melhor educação para seus filhos. No Brasil, as crianças imigrantes têm acesso a escolas públicas de qualidade. Mesmo diante de todas as dificuldades, é migrando que eles podem estudar e ter mais acessos educacionais que os pais não tiveram no Haiti. Para as pesquisadoras Maquézia dos Santos e Marília Cotinguiba:

> (...) as crianças haitianas emigram em busca de educação, pois as principais escolas no Haiti ainda são mantidas, em sua maioria, por igrejas e ONGs que dominam a educação haitiana e são pagas, mesmo sendo congregacionais. Dessa forma, o sistema educacional haitiano perpetua, ainda nos dias de hoje, o que tinha como base no passado: o objetivo de formar os filhos das elites separadamente dos das classes populares. (...) Além desses percalços, o sistema de educação no Haiti tem por característica a demarcação das classes sociais. Inicialmente quando o Estado criou as primeiras escolas, tinha como objetivo atender os filhos de classes abastadas o que descartou antecipadamente uma rede pública de escolas para todos. (SANTOS & COTINGUIBA, 2019, p. 103).

Em Porto Velho (RO), as mesmas pesquisadoras estiveram envolvidas em um projeto que mapeou crianças haitianas fora das escolas[63]. Por isso, para os haitianos a educação também faz parte do projeto migratório. Ao chegarem no país de destino, os pais e as mães haitianas iniciaram o processo pela busca de escolas para os filhos na rede pública do Brasil. Muitas delas me relataram dificuldades para encontrar creches nos bairros onde foram morar. Segundo os dados da OBMIGRA o acesso à educação reforça a força dos novos fluxos migratórios com destaques para alunos haitianos e venezuelanos.

> No que diz respeito ao acesso dos imigrantes no ensino regular, segundo o relatório anual do OBMIGRA de 2020. No ensino infantil, um volume importante de crianças imigrantes ainda está fora de creches e pré-escolas (55,6%). Por outro lado, no ensino fundamental o número de matrículas é bastante superior ao de crianças e jovens, entre 06 e 14 anos, regularmente registradas. No tocante ao ensino médio, existe um maior equilíbrio, com o volume de matrículas sendo apenas ligeiramente maior que o número de jovens imigrantes regularizados no país. O acesso à educação básica reforça a força dos novos fluxos migratórios no contexto migratório brasileiro, com destaque para alunos venezuelanos e haitianos. (OBMIGRA, 2020, p. 17).

Como podemos constatar no relatório acima, a maioria das crianças imigrantes passa a frequentar a escola regular a partir dos seis anos de idade, mas ainda há uma boa parte de crianças fora da pré-escola. Em todos os casos, o acesso à educação básica reforça a força desses novos fluxos migratórios que incluem as crianças. Nesse sentido, estas crianças vão sumariamente crescer no país receptor, ainda sob forte influência da língua e cultura dos pais, porém com experiências escolares e vivências diferentes das deles. Eliane Cavalleiro fala que:

> A experiência escolar amplia e intensifica a socialização da criança. O contato com outras crianças de mesma idade, com outros adultos não pertencentes ao grupo familiar, com outros objetos de conhecimento, além daqueles vividos pelo grupo familiar vai possibilitar outros modelos de leitura do mundo. (CAVALLEIRO, 2017, p.17).

Ter os filhos matriculados em escolas, sobretudo, as escolas de tempo integral que funcionam geralmente das 07:00 às 16:00h, favorecia sobremaneira o trabalho das mães

[63] Esse mapeamento objetivava demonstrar alguns aspectos e produzir dados sobre essas crianças, como: há quanto tempo estavam no Brasil, como haviam chegado, idade, sexo, se estavam estudando ou não, dentre outras informações. Porém, não foi possível dar continuidade, devido à dificuldade de pessoal e logística para tal pesquisa, além de que os haitianos não gostavam de dar muitas informações para quem não conheciam. Entretanto, a coleta de dados dessas fichas preenchidas, um total de 50, foi de fundamental importância para este trabalho, pois assim, soubemos que havia muitas crianças fora da escola e o desejo dos pais era que elas aprendessem o idioma para matriculá-las o mais rápido possível. (SANTOS & COTINGUIBA, 2019, p. 105).

e pais dos alunos e, com isso, a busca por melhores condições de vida das famílias. Na escola Waldir Garcia, tive contato com algumas dessas mulheres e a maioria delas eram vendedoras ambulantes que comercializavam ou frutas e verduras ou itens de vestuário pelas ruas do centro, enquanto os filhos passavam o dia nessa escola.

> Na sociedade brasileira, a Educação Infantil constitui um direito institucionalizado desde 1988 (artigo 208, inciso IV da Constituição Federal). A promulgação da Constituição reconheceu o direito à educação para crianças menores de sete anos. As instituições públicas de Educação Infantil (EMEIs e creches) favorecem sobremaneira as famílias de baixa renda cujas mães trabalham fora e deixam seus filhos sob o cuidado destas. (CAVALLEIRO, 2020, p. 17).

Figura 13 – crianças na quadra

Fonte: acervo pessoal da autora

Para as crianças e os jovens imigrantes, a escola é o meio pelo qual eles podem acessar a nova sociedade. Na concepção de seus pais imigrantes, é a partir da educação que os filhos poderiam acessar e aprender uma nova cultura, sendo essa uma oportunidade de se inserir na nova sociedade com melhores oportunidades de educação, de vida e de trabalho. Para os pais imigrantes as oportunidades de inserção social são outras, muitas vezes escassas e precarizadas, onde eles precisavam passar horas no sol vendendo seus produtos na rua.

É importante destacar também que o espaço escolar, por mais oportuno que seja para esses jovens imigrantes, não deixa de ser também um espaço de violências simbólicas e estruturais. Dependendo da forma como a instituição em que estão inseridos conduza esse processo educacional, o contexto escolar poderá fomentar discursos de ódio contra a pessoa imigrante isso é xenofobia, racismo e exclusão social nas suas atividades.

Isso contribui para que o ambiente escolar se transforme num ambiente inseguro e antidemocrático.

> Na escola pública de primeiro grau é possível verificar a existência de um ritual pedagógico que, para Luiz Alberto Gonçalves, vem reproduzindo a exclusão e, consequentemente, a marginalização escolar de crianças e jovens negros. Para ele, "o ritual pedagógico do silêncio" exclui dos currículos escolares a história de luta dos negros na sociedade brasileira e "impõe às crianças negras um ideal de ego branco" (GONÇALVES, 1987, p.28 Apud CAVALLEIRO, 2020, p. 32).

Mesmo que o Brasil reconheça, desde 2003, a lei que obriga as escolas a incluírem em seus planos pedagógicos o ensino da história e da cultura Afro-Brasileira[64], e ainda que se tenha o slogan "escola para todos", o Estado brasileiro ainda não tem políticas migratórias bem definidas para as crianças imigrantes, refugiadas e apátridas. Fica, portanto, a critério da escola o tratamento dispensado a essas crianças que, muitas vezes, foram discriminadas racialmente e etnicamente nos ambientes escolares. Essas formas de tratamento discriminatórias com as crianças e os jovens também refletiam no tratamento com os pais imigrantes em pleno século XXI. Fazendo uma digressão histórica, ao analisar a sociedade francesa do século XX, Bourdieu conclui que:

> a escola é a ocasião de descobrir e viver o fato de fazer parte com plenos direitos da sociedade francesa (e também, de maneira mais ou menos explícita, da cultura democrática, geradora de aspirações universalistas, tais como a recusa ao racismo) e sua plena exclusão de fato, confirmada pelos veredictos escolares. (BOURDIEU, 2008, p. 221).

Tal como nessa sociedade francesa apresentada por Bourdieu, podemos afirmar que a sociedade brasileira por meio da escola também busca uma cultura mais democrática e a eliminação das discriminações raciais e culturais. Porém, assim como no contexto francês do início do século XX, o que ocorre no contexto brasileiro no início do século XXI ainda são as diferentes formas de exclusão social da pessoa imigrante. Os jovens imigrantes uma vez inseridos na escola, se encontram em muitos aspectos excluídos de fato, da socialização escolar.

Esse sofrimento social experimentado por jovens imigrantes na escola, segundo Bourdieu, é também experimentado por seus pais nos ambientes de socialização. Os

---

[64] Lei Nº 10.639, DE 9 DE JANEIRO DE 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira".

empregos precarizados e o subemprego tendem a dificultar o acesso de imigrantes aos bens de consumo. E com os pais excluídos da economia formal na sociedade, consequentemente os filhos também estarão excluídos de meios de existência dignos, como educação e moradia. Sobre os pais imigrantes Bourdieu fala que:

> Quanto aos pais, que estão submetidos aos contragolpes de todos os choques e de todos os sofrimentos dos filhos, não têm o poder de oferecer-lhes meios de existência, nem razões de viver capazes de arrancá-los a seu sentimento de estarem sobrando. (BOURDIEU, 2008, p. 221).

Como podemos notar, a proximidade da análise sociológica que Bourdieu faz a partir da sociedade francesa do século XX, ainda reflete, em grande medida, a sociedade brasileira do século XXI. Sentimentos de exclusão social e a exclusão vivenciada de fato, são responsáveis, de certa forma, por muitas mazelas psíquicas e sociais. Se pensarmos em quais lugares da cidade vão morar as pessoas imigrantes que vem em condições de migração forçada ou refúgio, veremos que essas pessoas vão ocupar espaços muitas das vezes negligenciados pelo poder público. Lugares, como aponta Bourdieu (2008), de exclusão social.

Nesses lugares de exclusão social, as condições de vida se tornam insalubres e a vida mais complicada, não existe segurança pública, nem saneamento básico, nem escolas ou unidades de saúde próximas as suas moradias. As casas geralmente são aglomeradas e com pouca privacidade. A falta de opções de lazer e de empregos faz com que essas pessoas sejam expostas a diversos tipos de violência. Os trabalhos são árduos e eles precisam passar muitas horas na rua, muitas vezes, as crianças acompanham os pais, o que torna a infância um lugar distante de ser vivenciado pelos filhos[65].

Meus interlocutores jovens relataram que durante o tempo em que estiveram trabalhando na rua junto com os pais, experimentavam todo tipo de angústias que decorreram do sentimento da exclusão social. O sentimento de não poder estar vivenciando a fase de acordo com a idade em que estavam. A fim de exemplificar esse sentimento vivenciado por muitos deles, trouxe aqui a fala de Dom, jovem haitiano residente em Manaus desde 2013.

---

[65] os filhos de imigrantes, na maioria dos casos abandonados a si mesmos já desde o primário, e obrigados a entregar suas escolhas à instituição escolar, ou ao acaso, para encontrar seu caminho, num universo cada vez mais complexo, e por isso votados a errar a hora e o lugar no investimento do seu reduzido capital cultural. (BOURDIEU & CHAMPAGNE, 2008, p. 485)

Em nossas conversas Dom sempre demonstrou muita preocupação com o futuro, com a construção da sua casa e, com uma estabilidade financeira que não o forçasse mais a trabalhar na rua em condições precárias. Ao mesmo tempo que lamentava não ter vivido o tempo da infância como criança, pois desde cedo precisou ter responsabilidades para além da sua idade biológica, além de uma exposição ao mundo adulto e violento com os jovens em muitos sentidos.

Nesta pesquisa Dom representa uma geração de imigrantes haitianos que vieram ainda crianças para Manaus e cresceram aqui em contato direto com seus avós, pessoas da primeira geração que não tiveram as mesmas oportunidades educacionais, mas que trabalharam muito para que os filhos e netos pudessem ter uma vida melhor.

O que são políticas de acolhimento para as crianças

Há muitos movimentos ligados a educação pública de qualidade, trocando relações de poder dentro das escolas pelo diálogo em torno de suas multiculturalidades. Paulo Freire é um expoente desses movimentos, com sua ideia de uma pedagogia libertadora ele influenciou personalidades literárias negras como bell hooks, nos Estados Unidos. Para Bell Hooks, é a partir de uma escuta ativa e atenta entre professores e estudantes que será possível sensibilizar a turma para trabalhar temas como o racismo em sala de aula. Pensando em transformar o ambiente que antes "dava voz aos alunos" num ambiente que se propõe a "ouvir as vozes" dos alunos. Segundo bell hooks, essa intervenção auditiva se dá da seguinte maneira:

> No que se refere as práticas pedagógicas, temos de intervir para alertar a estrutura pedagógica existente e ensinar os alunos a *escutar*, *a ouvir uns aos outros*. Por isso, uma das responsabilidades do professor é criar um ambiente onde os alunos aprendam que, além de falar, é importante ouvir aos outros com respeito. (HOOKS, 2107, p. 200-201).

Se o professor ou a professora não trabalhar com práticas de escuta, se não se cria um ambiente onde se possa promover as práticas antirracistas dentro da sala de aula, as diferenças raciais, sociais e culturais nem serão tema de debate dentro da instituição escolar. Durante o período escolar a falta de sensibilização para esses temas reforçará ainda mais a manutenção de estigmas, discriminação, estereótipos de inadequação, preconceitos e crenças geralmente fantasiosas sobre as pessoas haitianas. Eliane Cavalleiro explica que:

> (...) no início do período escolar, a criança estigmatizada, desprotegida pelo filtro familiar, ao travar contato com outras crianças, provavelmente será levada a conhecer e aprender o seu estigma, como por meio de xingamentos e ofensas atribuídas ao seu pertencimento étnico.
>
> O preconceito representa um requisito importante para a manutenção da discriminação étnica, visto que um indivíduo preconceituoso não aceita, positivamente, o contato com negros na vida social, o que para estes pode acarretar prejuízos econômicos, além dos prejuízos psicológicos decorrentes das experiências traumáticas vividas. Entende-se que a discriminação étnica se evidencia quando, em condições sociais dadas, de suposta igualdade entre brancos e negros, se identifica um favorecimento para um determinado grupo nos aspectos social, educacional e profissional. Fato que expressa um processo institucional de exclusão social do grupo, desconsiderando suas habilidades e conhecimento. (CAVALLEIRO, 2020, p. 25-26).

Como colocado pela pesquisadora, um indivíduo preconceituoso tende a não aceitar o contato com negros na vida social, é importante refletir como esse tipo de comportamento arrivista interfere na própria sociabilidade das pessoas negras. No caso do Dom, do Goa e da God que vimos acima, percebemos discriminação e racismo institucional em grande parcela de estudantes e profissionais da educação que se encontravam naquele momento fechados a qualquer possibilidade de diálogo sobre as discussões raciais. E, mais ainda, contribuíam para reproduzir os estereótipos e a discriminação étnica para com esses estudantes, sem lhes dar a possibilidade do diálogo. Segundo bell hooks, o diálogo:

> é uma das principais diferenças entre e educação como prática da liberdade e o sistema conservador de educação bancária que encoraja os professores a acreditarem, do fundo do seu ser, que eles não têm nada a aprender com os alunos. (HOOKS, 2017, p. 204)

Para bell hooks, o diálogo seria um ponto chave na mudança de atitude da escola para com os alunos, para isso, seria preciso uma formação que colocasse o professor na condição de aprendiz também, numa relação dialógica de conhecimento onde ambos, tanto professores quanto alunos teriam contribuições importantes a fazer no processo de ensino e aprendizagem. A respeito dessa prática dialógica em que um escuta enquanto o outro fala, onde as diferenças seriam respeitadas, José Bentes (2019), colocou da seguinte maneira:

> A relação dialógica buberiana permite uma ação recíproca: pessoa, natureza, Deus (tu eterno). Contudo, a intenção é buscar estabelecer o princípio com a pessoa, a fim de confrontar-se com ela na relação em que as palavras-princípios são proferidas pelo Ser. (BENTES, 2019, p.05).

O diálogo, bem como uma relação dialógica onde há a reciprocidade, não foi o que esses estudantes imigrantes negros encontraram na escola na maioria das vezes. Na época em que Goa frequentou a escola onde a maioria das pessoas eram racistas, talvez essas pessoas não estivessem conscientes de como o racismo alimentava ainda mais estigmas. Para Sueli Carneiro (2011, p.63), "a identidade étnica e racial é um fenômeno historicamente construído ou destruído". O fato de não ter professores negros ou mesmo comprometidos com o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira fazia reverberar dentro e fora da escola o racismo estrutural através de ideias estigmatizantes e distorcidas sobre a realidade dos imigrantes haitianos.

> O problema, porém, é que o racismo não pode ser realmente compreendido como efeito de estrutura da sociedade desigual, mas como um macrofenômeno antropológico (na escala do que Marcel Mou chamaria de mutatis mutantis de fato social total), cuja incidência humana se universalizou com a colonialidade. A autonomização histórica e existencial do fenômeno da margem a variáveis aparentemente inexplicáveis. O racismo brasileiro de hoje persiste no interior de um efeito permanente da antiga estrutura escravista: uma verdadeira forma social autonomizada como herança autoritária de práticas patrimoniais das classes dirigentes, uma a mais no rol do clientelismo colonial e imperial, a que aderiu inercialmente à burguesia industrial nativa. (SODRÉ, 2023, p. 37).

Como afirma o pesquisador, o racismo é fenômeno antropológico porque é reproduzido através de condições estruturais e institucionais. Sendo constantemente reforçado pelos meios de comunicação, pela indústria cultural e pelo sistema educacional. Nesse sentido, a escola contribui para reproduzir esse racismo, bem como as outras instituições que compõem a nossa sociedade. Por isso, a importância da lei 10.639 que estabelece o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira ser de fato colocado em prática em todas as instituições educacionais do país. Entendemos que a estrutura só muda quando as leis estabelecidas forem de fato praticadas por todos os cidadãos.

Sem conhecimento não há liberdade de expressão, por isso, é importante que docentes e discentes se aperfeiçoem e avancem nos saberes afro-diaspóricos, porque é dentro da sala de aula que podemos começar a combater práticas racistas e ultrapassadas. Em 2024, Goa estava concluindo o ensino médio na E.E Raimunda Holanda, na zona leste de Manaus. Diariamente Goa precisa lidar com o racismo, e com esse "complexo imaginário social" do qual fala Silvio Almeida. No mesmo ano God havia se mudado com sua mãe e estava concluindo o ensino em outro estado brasileiro.

Para ambos, apesar do racismo cotidiano em suas vidas, o sonho de concluir os estudos não lhes permitia parar. Goa fazia, em paralelo, a escola um curso técnico/profissionalizante em administração de eventos no Senac do centro de Manaus. Quando perguntei sobre faculdade para eles, Goa disse: "não tenho uma visão ampla do futuro, pois cada ano que passa estou mudando a maneira de pensar o mundo, o trabalho e a sociedade, mas pretendo ser um bom cozinheiro na gastronomia" Já God gostaria de fazer artes, pois gostava muito de desenhar, pintar e era amante de uma estética afro centrada.

Acreditamos que é construindo políticas públicas de acolhimento a crianças migrantes, refugiadas e apátridas que podemos sonhar com um futuro melhor. Há um acervo colaborativo desenvolvido pelo grupo de pesquisa infâncias protagonistas onde qualquer pessoa pode registrar uma boa prática sobre atividades de acolhimento[66]. Além dessa, o grupo promove diversas outras atividades com pesquisa, atualização e formação docente. Tudo isso favorece um maior comprometimento com as práticas democráticas, antirracistas, anticapacitistas e antilgbtfóbicas, nos ambientes de ensino e aprendizagem. Precisamos caminhar e avançar enquanto sociedade pensando na educação como prioridade da nação, pois os movimentos migratórios não diminuíram em Manaus, ao contrário, depois da chegada dos haitianos, desde 2010, eles só cresceram, trazendo novos grupos de migrantes para esta cidade. Dessa forma, não poderíamos deixar de pensar nos aspectos das políticas migratórias que abrangem essa população.

[66] https://www.infanciasprotagonistasunb.com.br/envio-acervo. Acessado em 19/12/2024.

CAPÍTULO 3- Os desafios de acesso à cidadania: o bairro, a casa e a sopa

Em 2011, chegava à cidade de Manaus, dona Jacqueline aos 50 anos de idade. Mais de dez anos depois, ela ainda é a responsável pela preparação da sopa de independência do Haiti no dia primeiro de janeiro. A casa onde mora, de sua propriedade, está localizada no bairro cidade de Deus, Zona Norte da capital manauara. Dona Jacqueline, assim como outros imigrantes haitianos, consideram a *Soup Joumou* o prato oficial dessa data. O dia primeiro de janeiro é um evento que não passa em branco na casa dela, mesmo nos momentos mais difíceis sempre se arranjava um jeito de reunir a família mais próxima e fazer a *Soup Joumou*. Para Michel Agier "o sentido do lugar é condicionado estreitamente pela existência de uma troca simbólica e social da qual é o seu suporte". (AGIER, 2011, p.114).

Além da independência do Haiti, ela comemora também o aniversário de sua filha mais velha Gloriane, que é no dia 02 de janeiro, "dia dos heróis do Haiti", como fala Gloriane. Esses dois fatos, foram fatores substanciais para preservar uma forte conexão entre a avó haitiana e os netos que cresceram na cidade de Manaus. Por isso, acredito que se existe algo substancial que poderia estar fortemente implicado entre a primeira e a segunda geração haitiana que imigrou para Manaus seria, a meu ver, a alimentação e a tradição da *Soup Joumou*, a sopa da independência haitiana.

> A alimentação também tem elementos a serem considerados, como a sopa de moranga. Possui uma história muito importante, pois antes da libertação ela não podia ser tomada pelos escravizados, apenas pelos franceses da colônia. Em primeiro de janeiro de 1804, quando a independência foi conquistada, eles tomaram consciência e liberdade para degustar também essa sopa e mostrar que podiam tomá-la igualmente para sentirem-se livres realmente. Até hoje, a "soup joumou" é feita pelas famílias haitianas, em primeiro de janeiro, e uma família compartilha com a outra para simbolizar a independência e mostrar que somos todos irmãos, filhos duma mesma mãe: África. (SILVA, 2022, p.47)

A *Soup Joumou* ainda é preparada pelas avós e as mães haitianas que são as responsáveis por manter viva uma tradição cultural de sua origem. Para Michel Agier, "as mulheres desempenham um papel central na familiarização dos lugares próximos" (AGIER, 2011, p. 106). Na família de dona Jacqueline, o Haiti é símbolo da resistência, potência, inteligência e engenhosidade do povo negro descendentes de africanos, todavia devido aos intensos conflitos políticos, civis e ambientais que assolam e destroem o país, sua família foi impulsionada a migrar.

Além de dona Jacqueline, estão no Brasil seu marido, seu genro, duas filhas e cinco netos. Dona Jacqueline, assim como muitas outras pessoas, saiu do Haiti carregando a história e a receita da sopa que ela faz todo ano conectando o passado com o presente. Através de seu neto Wisdonnky, dona Jacqueline me convidou para compartilhar essa sopa com a família sua família. No dia 31 de dezembro de 2023, Dom disse que a sua avó iria preparar a sopa no primeiro dia do ano de 2024, por volta das 5h da manhã e que se eu quisesse acompanhar o preparo, poderia chegar cedo por volta das 5h ou 6 horas[67].

O bairro

Eles moram no bairro Cidade de Deus, na zona norte, um bairro popular, entre vários que foram surgindo na década de 1990, nas mediações do Jardim Botânico de Manaus – Reserva Adolfo Duque (MUSA)[68]. A maioria da população que foi se instalando nesses locais, são pessoas que se encontravam ou ainda se encontram em situações de vulnerabilidade social, incluindo imigrantes de diferentes nacionalidades. Para Michel Agier, os bairros populares: "são espaços que, geralmente, não foram feitos pelos serviços de urbanismo e, no entanto, são essenciais para a sociabilidade urbana" (AGIER, 2011, p. 108). É nesses lugares quase esquecidos pelo poder público que se formam redes de relações entre migrantes de diversas partes. Para Michel Agier, no Brasil, existe uma longa série de "arranjos" domésticos cuja complexidade é, frequentemente, associada a situações de pobreza (AGIER, 2011, p. 104).

Abaixo, o mapa da cidade onde se situa a região que a dona Jacqueline mora com a sua família. O mapa, disponibilizado pela Secretaria de Estado de Desenvolvimento Econômico, Ciência Tecnologia e Inovação (SEDECTI)[69]estimou que em 2021 moravam

---

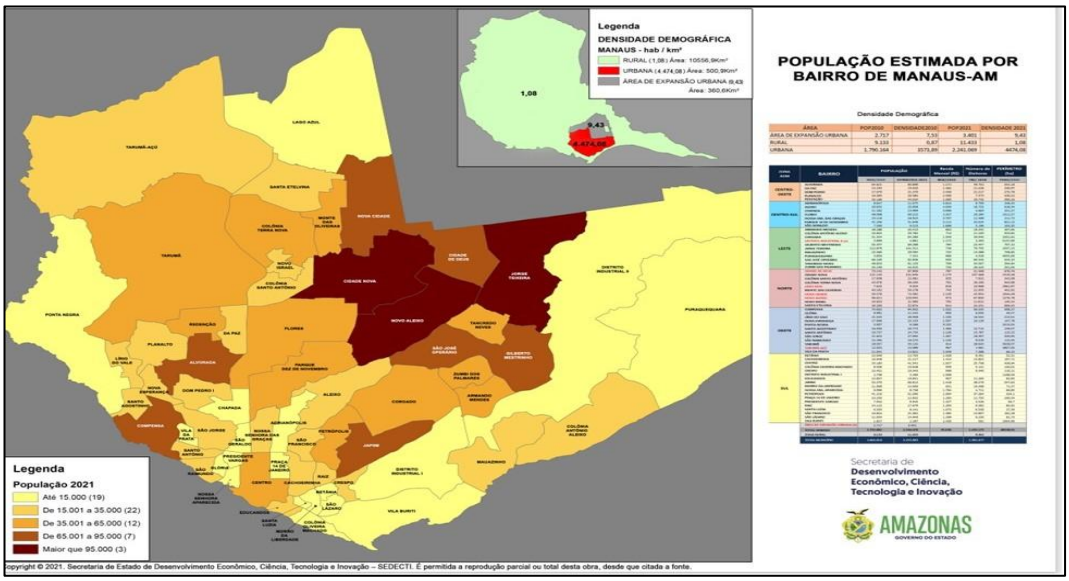
[67] Comer é uma atividade rotineira que assume uma posição central no aprendizado social do processo migratório, servindo como um identificador do contexto sociocultural dos sujeitos no ambiente de trabalho. E, neste processo de aprendizado, a comida pode contribuir para a construção tanto de fronteiras de exclusão como de inclusão entre os sujeitos. (ASSUNÇÃO, 2023, p.199).

[68] O Musa ocupa 100 hectares (1 km^2) da Reserva Florestal Adolpho Ducke, do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia – INPA, em Manaus. Uma área de floresta de terra firme, nativa, que há mais de 60 anos vem sendo estudada com paixão. Os resultados dessas pesquisas, reunidos em catálogos sobre temas como plantas, pássaros e rãs, contam o que o Musa quer mostrar ao visitante. Acessado em 04/10/2024.

[69] https://www.sedecti.am.gov.br/wp- content/ uploads/2021/09/ mapa_da_populaao_por_bairro_de_ manaus.pdf. Acessado em 21/05/2024.

no bairro cidade de Deus cerca 87. 809 pessoas, com uma renda mensal média de R$ 787,00 reais[70].

Figura 14 - mapa dos bairros



Fonte: Secretaria de Estado de Desenvolvimento Econômico, Ciência Tecnologia e Inovação.

Num perímetro de 676,76/ha, a cidade de Deus, compõe parte de um perímetro urbano em expansão e desenvolvimento em Manaus, o qual começou a se desenvolver na década de 1990. Com mais de 30 anos de existência, grande parte da zona onde se encontra o bairro ainda não possui ruas trafegáveis, asfalto, iluminação pública e nem saneamento básico[71].

No bairro Cidade de Deus, as casas geralmente são construídas de tijolos com pouco ou nenhum acabamento e feitas sobre os terrenos acidentados dando a impressão de estarem umas sobre as outras. Essas casas geralmente são acessadas por becos e vielas e se conectam com as casas dos vizinhos tornando difícil, para os de fora, identificar os limites de um terreno ou de outro. São nesses arranjos populares e sob estas condições

[70]https://www.sedecti.am.gov.br/wp-content/uploads/2021/09/mapa_da_populaao _por_bairro _de_manaus.pdf. Acessado em 21/05/2024.

[71] O saneamento básico compreende os serviços de abastecimento de água; coleta e tratamento de esgotos; limpeza urbana, coleta e destinação do lixo; e drenagem e manejo da água das chuvas. (https://www.gov.br/ana/pt-br/assuntos/saneamento-basico/saneamento-basico-no-brasil/panorama-do-saneamento-no-brasil-1#:~:text=O%20saneamento %20b%C3%A1sico% 20compreende%20os,manejo%20da%20%C3%A1gua%20das%20chuvas. Acessado em 18/04/2025).

que moram alguns dos imigrantes haitianos que se assentaram na cidade de Manaus, particularmente, na última década.

Do centro de Manaus até a cidade de Deus são mais ou menos 20km de distância. Até 2024, o acesso a esse bairro se deu, como na maioria dos casos, através do transporte público e privado, pelos ônibus, por carros particulares de aplicativos e pelo transporte alternativo como as vans. Em dias úteis, o trajeto até o centro levava cerca de sessenta minutos com trânsito leve, no entanto nos horários de pico em que todos estavam indo ou vindo do trabalho e da escola, esse tempo poderia facilmente dobrar. Nos finais de semana e nos feriados geralmente as frotas operavam de forma reduzida.

Sem contar que os moradores da zona norte e leste são constantemente vítimas dos atrasos dos ônibus, das quebras do veículo em viagem, o famoso "ônibus no prego", e, além disso, ainda podem ser vítimas de assaltos dentro dos transportes coletivos. Por isso, tendo em vista as poucas alternativas de mobilidade urbana até lá, me questionei: 1) quais lugares eles acessam na cidade? E 2) quais os lugares eles não acessam? Essas perguntas nortearam a minha ida a casa de dona Jacqueline naquele primeiro de janeiro. Segundo a pesquisadora Jemima Fonseca:

> A grande maioria das metrópoles brasileiras como São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Manaus, possui características comuns no processo de ocupação, ou seja, crescimento demográfico desordenado com condições básicas como saneamento (estrutura de sistema de tratamento de esgotos domésticos), água tratada, energia elétrica, postos de saúde e sistemas de educação não estão disponíveis a todos. (FONSECA, 2008, p. 28).

No dia 01 de janeiro de 2024 mandei mensagem para o Dom, como não sabia o caminho precisava me certificar que estaria me esperando. Ele não respondeu, pensei que poderia estar dormindo ainda. As sete e pouco da manhã Dom visualizou minha mensagem e me ligou, tudo certo, agora já poderia chamar o carro de aplicativo. Os dois primeiros motoristas de app cancelaram antes de ter uma corrida aceita às 8:00 da manhã. Parecia mais cedo devido as chuvas nos dias anteriores. Entre dezembro e janeiro costuma chover muito em Manaus. Seguimos pelo localizador que o Dom (Wisdonnky) mandou.

A localização que ele havia me enviado parava próximo a um escritório de contabilidade, onde Dom já nos esperava. Desse escritório, descemos a pé um caminho de barro e mato muito íngreme aberto pelos próprios moradores, e Dom comentou que

talvez asfaltassem naquele ano de 2024, ainda, pois haveria eleições municipais[72]. Em seguida entramos por um beco a céu aberto e saímos num portão que já era o de sua avó Jacqueline.

O lugar onde ficava a casa foi crescendo na liminaridade como a maioria dos bairros de Manaus, através de ocupações irregulares ou mais conhecidas por "invasões"[73]. Não havia CEP[74] e os caminhos ainda eram de chão batido, crescia mato no lugar do asfalto, o encanamento das casas descia córrego abaixo sem nenhuma barreira. Para além do lixo acumulado que eu vi queimando, pois não era coletado a dias. As calçadas eram inexistentes e os limites entre as casas não era evidente ao primeiro olhar. O pesquisador Pedro Paulo aponta em sua pesquisa que:

> Essa liminaridade também se traduz pelas dinâmicas entre presença e ausência do Estado, ora presente por meio do policiamento ostensivo, ora ausente pela falta de coleta de lixo e de manutenção dos sistemas de drenagem e de esgotamento, por exemplo. Entretanto, as margens, justamente por serem esses espaços de múltiplas indeterminações, tornam possíveis as criatividades, as negociações e as resistências daqueles que as habitam. Estar à margem não deve significar apenas a exclusão dos sujeitos em relação a um ideal de cidadania urbana almejado pelas políticas públicas implementadas. (SOARES, 2021, p. 582).

Como disse o professor na citação acima, "entretanto, as margens, justamente por serem esses espaços de múltiplas indeterminações, tornam possíveis as criatividades, as negociações e as resistências daqueles que as habitam". O dia em que fui até a casa dos Antoine tinha chovido bastante horas antes, felizmente no momento que cheguei não estava chovendo, o que facilitou a descida no chão de barro batido, ainda assim era possível sentir a umidade sobre a terra escorregadia enquanto descíamos. Os moradores tinham um jeito próprio de descer sem escorregar, sabiam onde pisar, sabiam do que desviar. E, ao invés de lamentar a falta, criavam e recriavam seus caminhos, resistindo a lama e a poeira em épocas distintas.

Não se tratava apenas de uma questão eleitoral, como enfatizou o jovem Wisdonnky (Dom), porque se tratava também da ausência do Estado em dar prioridade para uma

---

[72] Em 2025 antes dessa pesquisa finalizar, a rua onde fica a casa deles ainda não havia sido asfaltada.

[73] As ocupações irregulares podem ser definidas como "todos os assentamentos urbanos efetuados sobre as áreas de propriedade de terceiros, sejam elas públicas ou privadas, bem como aqueles promovidos pelos legítimos proprietários das áreas sem a necessária observância dos parâmetros urbanísticos e procedimentos legais estabelecidos pelas leis Federal e Municipal. (FONSECA, 2008, p. 28).

[74] Código de Endereçamento Postal.

região ainda bastante invisibilizada. A realidade urbana em que eles vivem é uma região "invisível" não teve planejamento e, portanto, não há reconhecimento legal da urbanização e do direito à cidade. A citação abaixo nos mostra que:

> No Brasil, o reconhecimento legal e institucional do direito à cidade contrasta com a realidade urbana cotidiana de negação de direitos; em especial, aos "invisíveis" ao processo de planejamento e produção do espaço urbano. Fatores como gênero, raça, idade, etnicidade e renda distribuem desigualmente os ônus e os benefícios da urbanização entre os indivíduos no território (GORSDORF et al.,2016, apud AMANAJÁS e KLUG, 2018, p.30).

Em uma ocupação irregular não há o reconhecimento legal e institucional do direito à cidade, na maioria dos casos, os moradores estão expostos a várias mazelas que poderiam ser sanadas se houvesse saneamento básico, água tratada, recolhimento regular de resíduos domésticos, iluminação pública, controle de zoonoses e de doenças tropicais como a dengue e outras variações transmitidas por insetos. A escassez desses componentes básicos aumenta o risco de doenças e contribui para diminuir a qualidade de vida dos moradores dessas regiões.

A casa e a sopa

A alimentação é um elemento muito forte na cultura haitiana e a *Soup Joumou* também representa uma história de libertação do jugo colonial, assim como outros alimentos, considerados "típicos" por eles, passam a ter outros significados no contexto migratório. No entanto, o ato de compartilhar a sopa merece destaque, pois talvez a interação seja até mais importante do que tomar a sopa em si. Para Marcel Mauss, a dádiva consiste na obrigação de dar, receber e retribuir, enfatizando a obrigação de retribuir, "O caráter voluntário por assim dizer, aparentemente livre e gratuito, e no entanto obrigatório e interessado[75]" (MAUSS, 2017), dessa sopa tem sido a maneira secular de contar a sua história.

Chegamos à casa deles, na entrada um beco com portão de madeira e algumas plantinhas como babosa e corama, tudo medicinal. Ao passar pelo portão vi o avô de Dom que estava sentado numa cadeira branca de plástico na mesa do mesmo material. Ele, de cabeça baixa, levantou o olhar para nos receber. Gentilmente retribuímos o olhar,

[75] De todos esses temas muito complexos e dessa multiplicidade de coisas sociais em movimento, queremos considerar aqui apenas um dos traços, profundo mais isolado: o caráter voluntário, por assim dizer, aparentemente livre e gratuito e, no entanto, obrigatório e interessado, dessas prestações. Elas assumiram quase sempre a forma do regalo, do presente oferecido generosamente (...). MAUSS, 2017, p. 194.

sorrimos e paramos. Pedi licença para acessar a casa dele. Apenas consentiu com a cabeça em um gesto afirmativo, não expressou mais nada, assim entramos.

Todos na casa de Dom já esperavam essa visita, eu, uma antropóloga brasileira interessada em etnografar a *Soup Joumou*, de lá só não havia conhecido o senhor Dolcius, o *papadòl*, como os meninos Dom e Goa o chamam. O senhor Dolcius está no Brasil desde o ano de 2018. Nesse dia, meu companheiro Thiago, foi comigo e *papadòl* se sentiu mais à vontade para conversar com ele, então os dois ficaram conversando por horas, arranhando entre o crioulo, o francês e o português.

Na pouca interação que tive com o senhor Dolcius percebi que compreende o português, mas segundo os seus netos Dom e Goa, não se comunicava em português. Só que ouvi o senhor Dolcius conversando com o Thiago em português, então talvez "não se comunicar em português" seja mais uma estratégia para quando convém, como os netos também costumavam fazer em algumas ocasiões.

Eu quando me dei conta estava conhecendo a cozinha de dona Jacqueline. A avó de Dom estava no cômodo improvisado como cozinha, entrei olhando para aquele caldeirão cheio de sopa amarela da cor do nosso jerimum ou abóbora. Uma coisa linda de se ver! Dona Jacqueline gravava um vídeo com o celular numa mão e a outra mão mexendo a sopa, ela dizia em crioulo, Marie Belle veja a *Soup Joumou*![76], entre outras coisas que não pude entender. Eu entrei, e a cumprimentei e o diálogo foi mais ou menos assim:

> "Oh dona Jacqueline, feliz ano novo! Feliz Dia da Independência do Haiti, muito obrigada pelo convite" enquanto falava entregava-lhe o bolo que havia levado em retribuição a sopa e uma forma de aguçar as lembranças.[77].

Dona Jacqueline veio em minha direção e recebeu o bolo gentilmente, depois o colocou em cima da bancada, me abraçou e me desejou um feliz ano novo também dizendo em português:

> "obrigada por ter vindo!"

[76] Marie Belle é sua neta mais nova e nasceu no Brasil em 2021.

[77] "Coisas doces podem ser paliativos" Inspirada em: "Os presentes foram tanto uma forma de facilitar a amizade que florescia entre eles quanto meios de aguçar as lembranças de Kossola. Grande parte de sua vida foi uma sequência de separações. Coisas doces podem ser paliativos". (HURSTON, 2021, p. 17).

Em seguida ela colocou um pouco de sopa no prato para eu tomar, estendeu as mãos e disse:

> "Vai tomar a sopa, está aqui".

Eu a indaguei:

> "agora dona Jacqueline? Achei que era só na hora do almoço".

Ela me respondeu sorrindo:

> "sim, é agora, todo mundo aqui já tomou".

A que horas a senhora acordou dona Jacqueline?

> Acordei bem cedinho, por volta das cinco horas da manhã para preparar a sopa que é tradicionalmente servida no café da manhã.

Já na sala de jantar, enquanto tomava sopa pedi que me contasse um pouco sobre a história da independência. Em pé mesmo, disse que enquanto estiveram escravizados os ancestrais haitianos comiam apenas peixe seco e farinha. Não havia fartura, não havia diversidade de alimentos na mesa de uma família escravizada. Naquele fatídico dia, no alvorecer do dia primeiro de janeiro de 1804, os haitianos agora homens e mulheres livres, prepararam, como de costume, a sopa dos senhores franceses que habitavam a ilha. No entanto, nesse dia, a sopa não foi mais tomada pelos imperialistas escravagistas e sim pelos homens e mulheres livres que conquistaram aquela pátria, a República do Haiti.

A Sopa de abóbora virou, assim, símbolo da liberdade haitiana e passou a ser preparada e tomada com o propósito de celebrar a liberdade desse povo. Foi uma excelente experiência em campo, comer e ouvir as histórias sobre o Haiti. Ainda mais no dia primeiro de janeiro e feita por uma *Manmandòl*[78]. A *Soup Joumou* é preparada com carne vermelha, legumes e verduras como abóbora, batata, cenoura, cebola, alho, couve e cheiro verde. Tudo isso vira um caldo forte e potente que é e servido e tomado bem quente no café da manhã dos haitianos como manda a tradição. A sopa é também reconhecida como patrimônio cultural da UNESCO[79].

Abaixo temos dois momentos registrados, da direita para a esquerda dona Jacqueline na cozinha mexendo o caldeirão com a sopa, cujas cores até lembram a

---

[78] Avó em crioulo haitiano.

[79] https://ich.unesco.org/en/RL/joumou-soup-01853. Acessado em 17/01/2024.

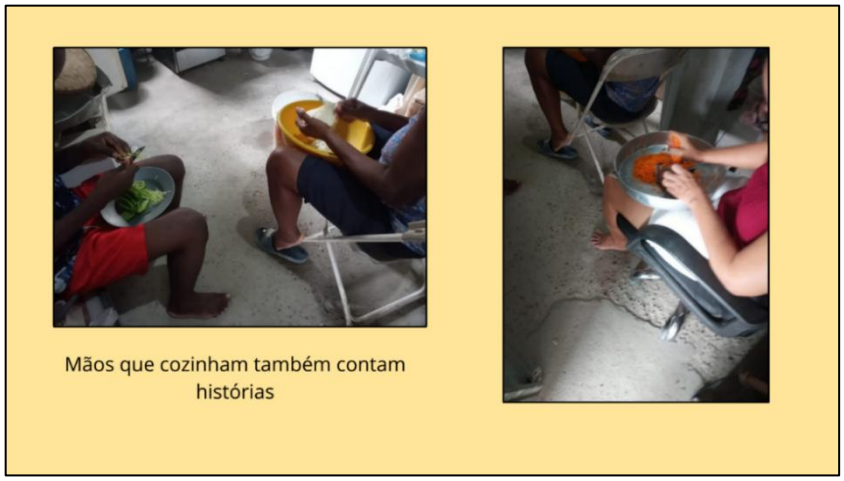
bandeira do Brasil. À esquerda, eu na sala de janta me servindo da sopa num prato branco fundo. Na mesa, além sopa servida numa cuba de refeições, uma garrafa de café e um outro prato branco com uma colher.

Figura 15 – A Soup Joumou

Fonte: arquivo pessoal

Ao cozinhar a Sopa Liberdade duzentos e vinte anos depois da revolução haitiana (1804 – 2024), a avó de Dom nos suscita a pensar como a revolução haitiana está carregada de simbolismos e história para os haitianos. O alimento no contexto da migração torna-se, portanto, num elemento aferidor de identidades étnicas e nacionais (SILVA, 2023, p.171). Depois do tomar da sopa, me ofereci para ajudar na preparação do almoço. Sem cerimonias ela aceitou e me pediu para ralar duas cenouras para fazermos os picles da salada. Nas fotos abaixo Thiago registrou esse momento.

Figura 16 – A preparação



Fonte: arquivo pessoal

Nas fotos acima foi o momento em que voltamos novamente para a cozinha. Sentamo-nos e contei um pouco sobre mim e ela começou a me falar sobre si. Ela está em Manaus há treze anos e veio sozinha, fez o percurso saindo do Haiti e seguindo para o Panamá, de lá foi para a Colômbia até chegar ao Brasil, pela Tríplice Fronteira Brasil-Colômbia e Peru. Morou por três meses em Tabatinga, esperando o visto para que pudesse vir a Manaus. Relatou que gostou muito de Tabatinga e que tem vontade de retornar para visitar[80]. Acredito que essas histórias são importantes para reconhecer as múltiplas experiências das mulheres imigrantes, com diferentes idades e realidades sociais.

Quando perguntei a dona Jacqueline se ela pretendia sair de Manaus, ela me contou que não, porque a cultura daqui lembra muito a que ela vivia no Haiti[81]. Além das lembranças que a conectam com a sua cultura de origem, conseguiu emprego, e empregada comprou um terreno, onde construiu sua casa própria. Lá, tem um quintal onde cultiva um pequeno jardim e uma vida tranquila na medida do possível. No quintal a avó cultiva plantas medicinais e alimentícias. O fato de a cultura amazonense lembrar a haitiana não é aleatório, pois a pesquisadora Glacy Ane em sua tese de doutorado nos apresenta o seguinte trecho:

> No linguajar local, essa Manaus jitinha e baré do início do século XIX tem em sua composição populacional já a partir dos anos 1900, multietnicidades presentes tendo em vista que são indígenas das mais variadas etnias caminhando pela cidade, negros angola, mina, congo e barbadianos caribenhos trabalhando nos mais variados ofícios, além dos imigrantes alemães, portugueses, sírio-libaneses e judeus convivendo em uma cidade que rapidamente se modernizou. (SANTOS, 2022, p. 28).

O que vemos através do trecho acima é que Manaus também foi construída por uma cultura caribenha, afro-diaspórica e, como bem coloca a autora, com suas multietnicidades. Raízes possíveis de serem visualizadas e vividas até hoje. É por isso

[80] Nessas cidades vale ressaltar a solidariedade de brasileiros, católicos ou não, que atenderam com presteza os pedidos de socorro feitos pelos agentes da referida Pastoral, os quais não sabiam como acolher tantos haitianos que todos os dias batiam nas suas portas, pedindo alojamento e orientação. (SILVA, 2015, p. 122).

[81] As relações como podemos perceber entre Caribe e Amazônia têm uma trajetória histórica. O contexto atual, em que se dá a migração de haitianos para a região, é resultado de uma conjuntura que nos permite pensar as representações e os significados desse processo para compreendermos suas causas e suas relações. (COUTO, 2016, p.160).

também que tantos haitianos e haitianas se identificaram com esta cidade e por aqui procuram viver em harmonia e com dignidade.

Goa, o neto de dona Jacqueline, me levou para conhecer o quintal, enquanto fazia as fotos ia me falando os nomes em crioulo e eu falava os nomes em português. Algumas se pareciam, por exemplo, a nossa taioba no crioulo é *taiô*. No entanto, no Haiti não se come a folha da taioba, apenas o tubérculo. Eu expliquei que as folhas da taioba são comestíveis e que chamamos PANCS (plantas alimentícias não convencionais). A cana é uma estrela no quintal, ela está plantada em diversos espaços, pois a apreciam bastante e é uma forma de relembrar as origens, a avó contou que no Haiti eles comiam muita cana de açúcar.

Figura 17 - O quintal

Fonte: arquivo pessoal

A macaxeira é outro item de destaque no quintal, pois é comum também no Haiti, lá se faz cozida, como farinha ou frita, vai muito bem com peixe e carne, além de ser uma fonte de energia muito importante para eles. Plantas medicinais como malvarisco, corama, babosa, limão são usadas no preparo de remédios caseiros tanto pela dona Jacqueline quanto pelo senhor Dolcius. Nas fotos abaixo conseguimos ver um pouco mais sobre os arredores da casa. A bananeira que aparece atrás de Goa era no terreno do vizinho. Há alguns vizinhos haitianos ao redor deles, existe toda uma rede de apoio entre eles, mas não tive tempo para registrá-la.

Figura 18- O horizonte

Fonte: arquivo pessoal

A foto seguinte registra o momento quando retornamos do quintal. O almoço estava posto e a sopa ainda continuava na mesa. Da esquerda para a direita, tinha farofa, molho, frango frito, que era o favorito deles, baião, salada, vatapá trazido de fora pela amiga de Dom, uma bacia com os talheres e os pratos. Na foto à direita, dona Jacqueline e Goa de pé esperando que eu me servisse. Foi um dia de muita comida, muita história e muita cultura.

Figura 19 - A mesa do almoço

Fonte: arquivo pessoal

O dia primeiro de janeiro de 2024 ficou registrado em minha memória e em minha pesquisa, também trouxe muitas reflexões sobre os lugares e os não lugares acessados pelos imigrantes haitianos e também sobre os desafios que eles enfrentam em relação as políticas migratórias no Brasil.

O processo de Naturalização e o acesso à cidadania

Em 2021, dona Jacqueline pediu a Dom (Wisdonnky) que a ajudasse a preencher um formulário online que dava entrada no processo de cidadania. A tia Gloriane também estava fazendo o mesmo processo. E foi ajudando a avó que teve contato com esse processo no site do governo federal do Brasil, gov.br. Ele completou 20 anos em 2024, o mesmo ano em que o pedido de entrada no processo de naturalização dele foi aceito. Porém, anos antes, Dom via o processo de naturalização no Brasil como a perda da identidade nacional haitiana. Com 17 anos, não queria deixar de ser haitiano, por isso esse assunto sobre a naturalização já tinha sido motivo de indisposição entre ele e parte de seus familiares.

Isso porque, achava que ao se naturalizar brasileiro, perderia a nacionalidade haitiana. Segundo ele, para "não dar o braço a torcer", tendo em vista o recente desentendimento por conta das conversas sobre se naturalizar, Dom tentou fazer sozinho o processo de naturalização, no final de 2021, mas como ainda era menor de idade não conseguiu ir adiante. Na época optou por não pedir ajuda, retomando o processo no final de 2023.

Dom me contou que na medida em que foi amadurecendo as ideias sobre quem era, começou a investigar sobre a naturalização e concluiu que se tratava mais de um formalismo e burocracia que poderia facilitar a vida dele no Brasil, do que a perda do que já era (d)ele. Não tinha como "perder" essa identidade que o liga ao Haiti, que segundo ele, são os "laços de sangue" que unem todos os haitianos. A propósito dos laços de sangue, Nina Glick Schiller escreveu que:

> As identidades nacionais são identidades raciais, no sentido em que se assentam em conceitos de descendência através de laços de sangue, o que leva a encará-las como tendo uma base biológica. (SCHILLER, 1997, p.33).

Dom me disse que conversou sobre naturalização com um tio que mora nos Estados Unidos. Há partes de seus familiares que ficaram no Haiti, há partes desses familiares nos Estados Unidos e no Brasil. O tio que mora nos EUA, o incentivou a se naturalizar e a tentar fazer uma faculdade no Brasil. Na opinião do tio de Dom, o processo de naturalização não o descaracterizaria enquanto haitiano. Ao contrário, fortaleceria uma

identidade transnacional. Sobre essa dimensão do transnacionalismo, Nina Glick schiller diz que:

> Muitos emigrantes são, de fato, transmigrantes, que constroem campos sociais transnacionais. São pessoas que fazem mais do que manter relações sentimentais, tomam decisões cotidianas, mantêm relações familiares, praticam atividades religiosas, tratam de assuntos financeiros e organizam atividades políticas dentro de uma rede de relações sociais que se estendem para além das fronteiras nacionais. Um amplo setor da população da Haiti depende para a subsistência diária das remessas dos familiares emigrados. Aqueles que não têm familiares na diáspora haitiana subsistem em resultado da disseminação das remessas por diferentes atividades econômicas (tais como a construção de novas casas) ou através de redes de ajuda mútua. (SCHILLER, 1997, p.45)

Como vemos na citação de Glick Schiller, os transmigrantes constroem campos sociais transnacionais, no exemplo da família de Dom, eles mantem relações familiares, mesmo à distância entre os três países, Haiti, Estados Unidos e Brasil. Como lemos na citação acima, há muitos haitianos residentes no Haiti que vivem direta ou indiretamente das remessas enviadas pelos transmigrantes. Para Sidney silva:

> (...) transmigrantes tomam decisões e estabelecem múltiplas relações capazes de unir num único campo social de ação as sociedades de origem, de acolhida ou de passagem. Nessa perspectiva (...) suposições sobre instituições sociais como a família, cidadania e estados-nações, devem ser repensadas a partir do contexto migratório. (SILVA, 2015, p. 131).

Em razão da importância dessas remessas, desde 1996, o Haiti reconheceu comunidades haitianas em qualquer parte do mundo, onde residissem haitianos. Considerando como haitianos todos aqueles que tem descendência haitiana, "é que aqueles que têm ascendência haitiana continuam a ser haitianos," como nos mostra Nina Glick Schiller na passagem abaixo:

> Em 1996, Paul Dejean, o ministro dos haitianos residentes no exterior, explicou numa entrevista que o seu ministério representava as comunidades haitianas em qualquer parte do mundo onde residissem haitianos. O pressuposto subjacente às publicações produzidas e aos encontros realizados por este ministério nos Estados Unidos é que aqueles que têm ascendência haitiana continuam a ser haitianos, sendo irrelevante o local de residência e a cidadania. (SCHILLER, 1997, p.44)

Assim, como Dom, outros haitianos com os quais eu tive contato e para quem fiz a mesma pergunta sobre se naturalizar, tinham essa percepção de que um processo de naturalização implicaria necessariamente uma "desnaturalização". Mas segundo a citação

acima “é que aqueles que têm ascendência haitiana continuam a ser haitianos, sendo irrelevante o local de residência e a cidadania”.

Como o Brasil cuida de seus imigrantes?

A mobilização das pessoas migrantes, bem como altos fluxos migratórios para o Brasil atualmente obrigou este governo a olhar para os desafios das políticas migratórias. As pessoas imigrantes buscam viver com dignidade, respeito a sua cultura, reconhecimento profissional e pessoal de acordo com suas habilidades e formações, como vimos ao longo deste trabalho.

As pessoas migrantes se movimentam em direção ao acesso à cidadania e, muitas vezes, se ela não tem esses acessos no seu país de origem, então dão início aos deslocamentos. Buscaremos, agora, elucidar como a cidadania é acionada por iniciativas do Brasil enquanto Estado Nação, aberto a ouvir, dialogar e formular políticas públicas para a população imigrante/refugiada e apátrida, a partir de iniciativas como a 2ª Comigrar.

Há de se problematizar cada vez mais os fatores que levam aos grandes deslocamentos de pessoas no muno. O fenômeno da migração nunca é isolado ou somente individual, ele atinge a todos nós, enquanto sociedade. Quando falamos de migração, queremos falar tanto da emigração quanto da imigração, pois é preciso pensar na sociedade como um todo e não apenas numa parte. Para Abdelmalek Sayad (1998), a migração é um fato social total. Vamos entender melhor a partir do próprio autor.

> “Fato social total”, é verdade; falar da imigração é falar da sociedade como um todo, falar dela em sua dimensão diacrônica, ou seja, numa perspectiva histórica (...), e também em sua extensão sincrônica, ou seja, do ponto de vista das estruturas presentes da sociedade e de seu funcionamento; mas com a condição de não tomarmos deliberadamente o partido de mutilar esse objeto de uma de suas partes integrantes, a parte relativa à emigração. (SAYAD, 1998, p. 16).

Para Marcel Mauss:

> O fato social total, apresenta-se, com um caráter tridimensional. Ele deve fazer coincidir a dimensão propriamente sociológica, com seus múltiplos aspectos sincrônicos; a dimensão histórica ou diacrônica; e, enfim, a dimensão fisiopsicológica. Ora, é somente em indivíduos que essa tríplice aproximação pode ocorrer. (MAUSS, 2017, p.22).

É a partir dessa definição, dada por Marcel Mauss, que Sayad vai usar o termo “fato social total”, isto porque, do ponto de vista desse autor, é preciso pensar a sociedade

enquanto uma complexidade de condições que levam seus indivíduos a migrarem. Ao construirmos a narrativa "do ponto de vista das estruturas presentes da sociedade", veremos mais adiante como as migrações se constituem enquanto emigração e imigração, ou seja, o processo de saída e de chegada. É preciso levar em consideração as condições mais abrangentes das situações que expulsam essas pessoas de seus países, para melhor conseguirmos elaborar diretrizes que deem conta da complexidade migratória.

Enquanto vemos a migração somente a partir dos problemas que ela causa, consequentemente, veremos como problema as pessoas migrantes, refugiadas e apátridas. É importante nos perguntarmos? As migrações é que causam problemas ou os problemas já existiam antes das migrações, mas só passamos a olhar para eles quando entram em colapso? Ao olhar apenas parte do problema, se tornará ainda mais difícil problematizar os processos capazes de abarcar as problemáticas causadas por ela. Mas afinal, porque o migrante, a pessoa refugiada ou apátrida se torna um problema para a sociedade receptora? Para o sociólogo argelino Abdelmalek Sayad:

> Produto, o mais às vezes, de uma problemática que lhe é imposta de fora e a qual não é sempre fácil escapar, o discurso (científico ou não) sobre o imigrante e sobre a imigração está condenado, para poder falar de seu objeto, a acoplá-lo a toda uma série de outros objetos ou de outros problemas. Aliás, seria possível falar dele de outra forma? Está no estatuto do imigrante (estatuto ao mesmo tempo social, jurídico, político e também científico), e, por conseguinte, na própria natureza da imigração, só poderem ser nomeados, só poderem ser captados e tratados através dos diferentes problemas a que se encontram associados - problemas que se devem entender aqui no sentido de dificuldades, distúrbios, danos, etc., mais do que no sentido de problemática constituída de forma crítica em relação a um objeto que cria necessariamente um problema e que, característica esta que lhe é própria, existe apenas, no limite, graças aos problemas que coloca para a sociedade. Sem dúvida, a problemática verdadeira e apropriada a este setor deveria começar por se dar como o primeiro problema, como o problema prévio, o fato de que se trata de um objeto que cria um problema. (SAYAD, 1998, p. 14-15).

O que Sayad nos explica através do trecho acima é que o imigrante se torna um problema na medida em que ele é associado a uma série (já existentes) de dificuldades, distúrbios e danos que envolvem essa migração. Dificuldades, distúrbios e danos que podem se traduzir na quase ausência do Estado em oferecer serviços de assistência básica a essas pessoas. Assistência à saúde, segurança, moradia, empregos entre outros serviços. Esses acessos escassos fazem com que boa parte dos imigrantes encontrem suas moradias em bairros populares de ocupação irregular e na medida em que ele é associado a dificuldades e distúrbios, passa a ser também parte do problema.

Como os imigrantes podem se tornar parte da solução? Uma possibilidade é o estado caminhar combativamente na criação de políticas públicas de bem-estar social que amparem toda a população mais pobre deste país. Quando o Estado investe em melhorias de vida para sua população local melhorando as condições de trabalho e de vida um pouco desse processo acaba se estendendo às famílias imigrantes. Ainda assim é preciso garantir direitos de acesso dessas pessoas imigrantes no mercado de trabalho, ao SUS e a educação pública principalmente para jovens e crianças imigrantes.

Sayad (1998) coloca que uma verdadeira problemática implica no questionamento crítico das estruturas sociais vigentes. Tais estruturas que forçam os grandes e indesejados deslocamentos, seja, por conta de guerras, desastres ambientais ou diversas formas de conflitos políticos que possam surgir. Essas estruturas ligadas ao Estado muitas vezes não criam meios de empregabilidade formal, negligenciam o atendimento em hospitais e escolas públicas e colocam as pessoas imigrantes expostas a uma série de problemas que impedem o acesso delas à cidadania. Dessa forma, a migração é um fato social completo porque envolve não só o contexto político e sincrônico, mas também aquele histórico e diacrônico, ou seja, o que leva em consideração as duas dimensões do sujeito migrante, emigração e imigração.

Para Sayad:

> Trata-se sem dúvida de uma banalidade, mas de uma banalidade que é importante lembrar, dizer que a imigração é um "fato social completo", única característica, aliás, em que há concordância na comunidade científica. (SAYAD, 1998, p. 15).

É pensando no fenômeno migratório enquanto um fato social completo, que Sayd vai nos dizer que as migrações consistem faces de uma mesma realidade chamada migração, uma experiência concreta de uma realidade pós-colonial[82], e, portanto, ainda permeado das heranças coloniais, tais como as reduções, dificuldades, danos e distúrbios que ela causa nas estruturas sociais. Sayad reforça que é preciso levar em conta os seus múltiplos aspectos sincrônicos e diacrônicos além da dimensão fisiopsicológica do indivíduo, que destacou Mauss, é assim que Sayd coloca a migração enquanto um fato social completo. A imigração começa na emigração, quando muitas das vezes emigrar é

[82] O fenômeno migratório internacional na atualidade está fortemente relacionado a uma realidade pós-colonial. Uma realidade que pode ser tratada como pós-colonial porque, como aponta Sayad, ainda que o mundo de hoje não seja mais o do imperialismo colonial, ele ainda é um mundo onde estão presentes heranças coloniais. (BRAGA, 2024, p. 4).

a única solução possível; seja em função de conflitos políticos, guerras, desastres ambientais, situações nas quais as pessoas têm seus direitos negados.

E, por conseguinte, ao migrar ela e toda a sua trajetória de vida estão sujeitas as outras normas sociais e as políticas migratórias vigentes no novo país. Os grandes deslocamentos contemporâneos de pessoas fazem com que as migrações se tornem grandes problemas públicos do Estado-nação. Isso porque nas áreas fronteiriças, geralmente não há estrutura adequada para atender as grandes concentrações de pessoas ao mesmo tempo. No caso dos venezuelanos, eles buscam acessar produtos essenciais no Brasil, segurança, moradia, emprego, saúde, educação, entre outras demandas urgentes para aqueles que vêm migrando na condição de refugiados e apátridas[83].

Nesse sentido, o Brasil vem pensando em uma problematização mais ampla do processo migratório e em seus impactos sociais no nosso país. Para dar uma resposta à tais demandas, realizou em 2014, a primeira Conferência Nacional de Migrações, Refúgio e Apatridia, (1ª Comigrar). Essa conferência por sua vez foi realizada em São Paulo e contou com a participação de 21 Estados brasileiros. O principal objetivo foi elaborar um Plano Nacional para discutir Migração, Refúgio e Apatridia. A partir dessa inciativa, em 2017, passou a vigorar no Brasil a nova lei de migração, a lei Nº 13.445, de 24 de maio de 2017. Esse avanço na legislação permite novos acessos migratórios ao país, mas ainda de forma tímida. Com o avanço das migrações em solo nacional o atual governo promoveu, em 2024, a segunda Conferência Nacional de Migrações, Refúgio e Apatridia (2ª Comigrar).

O Brasil quer, com a 2ª Comigrar, aprofundar o debate sobre as migrações, refúgio e apatridia a fim de garantir o acesso pleno das pessoas migrantes à saúde, emprego, educação, segurança, lazer. Esses acessos, por sua vez, é o que podem garantir uma vida com mais dignidade a essas pessoas migrantes, refugiadas e apátridas, através de uma Política Nacional para Migrações, Refúgio e Apatridia que assegure os direitos dessa população.

O encontro nacional aconteceu nos dias 08, 09 e 10 de dezembro de 2024 na Universidade de Brasília, no Distrito Federal (UNB) e foi antecedido por diversas

[83] Diante desse contexto de poucas alternativas de acesso a produtos essenciais, grande parte das famílias venezuelanas tem a materialização da sua sobrevivência ancorada na mobilidade. (VASCONCELOS, 2021, p.74).

conferências livres locais distribuídas por todo território nacional ao longo do ano de 2024. Essas Conferências Livres tinham por objetivo garantir a participação de todos os estados brasileiros e ouvir os mais diversos perfis de imigrantes, refugiados e apátridas que já compunham um cenário diferente daquele de 2014. A Agência da ONU para Refugiados (ACNUR) lançou uma nota sobre a II COMIGRAR:

> As agências das Nações Unidas (ACNUR, OIM e OIT) se somam aos esforços do Estado brasileiro para que a nova Política Nacional para Migrações, Refúgio e Apatridia reflita os interesses dessa população em face da realidade vivenciada por elas.[84]

O que é a II Conferência Nacional de Migrações, Refúgio e Apatridia (II COMIGRAR)? É um evento de caráter nacional, organizado pela Secretaria Nacional de Justiça do Ministério da Justiça e Segurança Pública, que reúne diversos atores sociais interessados em fomentar o acesso a direitos para pessoas migrantes, refugiadas e apátridas. De acordo com o site do Ministério da Justiça e Segurança Pública:

> A 2ª COMIGRAR é uma iniciativa de mobilização nacional dos diversos atores sociais, políticos e institucionais interessados no tema das migrações, refúgio e apatridia, com objetivos de: I - aprofundar o debate sobre migrações, refúgio e apatridia; II - propor e discutir diretrizes e recomendações para políticas públicas para pessoas migrantes, refugiadas e apátridas; III - promover a participação social e política de pessoas migrantes, refugiadas e apátridas; IV - fomentar a integração entre os entes federativos, organizações da sociedade civil e associações e coletivos de pessoas migrantes, refugiadas e apátridas que atuam no tema.[85]

Aqui, chamamos a atenção para a quarta linha do trecho da citação acima, que diz: "II propor e discutir diretrizes e recomendações para políticas públicas para pessoas migrantes, refugiadas e apátridas". Mas o que são as políticas públicas? As políticas públicas são as direções elaboradas por um conjunto de pessoas competentes a fim de dar soluções a complexidades de uma sociedade. As políticas públicas podem também ser a falta dessas soluções ou diretrizes como definem os autores abaixo.

Para Leonardo Secchi, política pública é:

---

[84] ACNUR – Agência da ONU para Refugiados. Link: https://www.acnur.org/portugues/ii-comigrar/, acessado em 13/08/2024.

[85] Ministério da Justiça e Segurança Pública. Link: https://www.gov.br/mj/pt-br/assuntos/seus-direitos/migracoes/ii-comigrar, acessado em 29/03/2024.

> "uma diretriz elaborada para enfrentar um problema público [e] possui dois elementos fundamentais: intencionalidade pública e resposta a um problema público" (SECCHI, 2014, p. 1).

Já Celina Souza, define política pública assim:

> Dye (1984) sintetiza a definição de política pública como "o que o governo escolhe fazer ou não fazer". (SOUZA, 2006, p.24).

Diante das citações acima, vimos que políticas públicas podem indicar uma ação ou a falta dela. Queremos pensar que o Estado brasileiro, através da II Comigrar está tentando propor diretrizes e orientações para enfrentar o problema público das migrações no Brasil e, consequentemente, ampliar ou criar soluções para os problemas enfrentados pelas pessoas migrantes, refugiadas e apátridas. Junto com essas pessoas que enfrentam tais problemas como o acesso à saúde, à moradia, à segurança, entre outros.

O que foi a II Comigrar, breves relatos

A primeira reunião para a COMIGRAR, no Amazonas, aconteceu no dia 03 de fevereiro de 2024, na Paróquia Nossa Senhora dos Remédios, localizada na rua Leovegildo Coelho, 237, centro de Manaus. Na foto abaixo, da esquerda para a direita está a Caroline, representante da Secretaria Municipal de Saúde (SEMSA); prof. Dr. Sidney da Silva, antropólogo e especialista em migrações; Irmã Dina, brasileira e religiosa da ordem scalabriniana; Solange Ponpanza e Roberto D'Angelo as lideranças da Associação de Venezuelanos no Amazonas (ASSOVEAM). Na segunda foto, cerca de 58 pessoas que compareceram e oito crianças, a maioria eram mulheres venezuelanas.

Figura 20 – 1ª conferência livre Manaus 03.02.2024

Fonte: arquivo pessoal

Figura 21 – 1ª conferência livre Manaus 03.02.2024

Fonte: arquivo pessoal

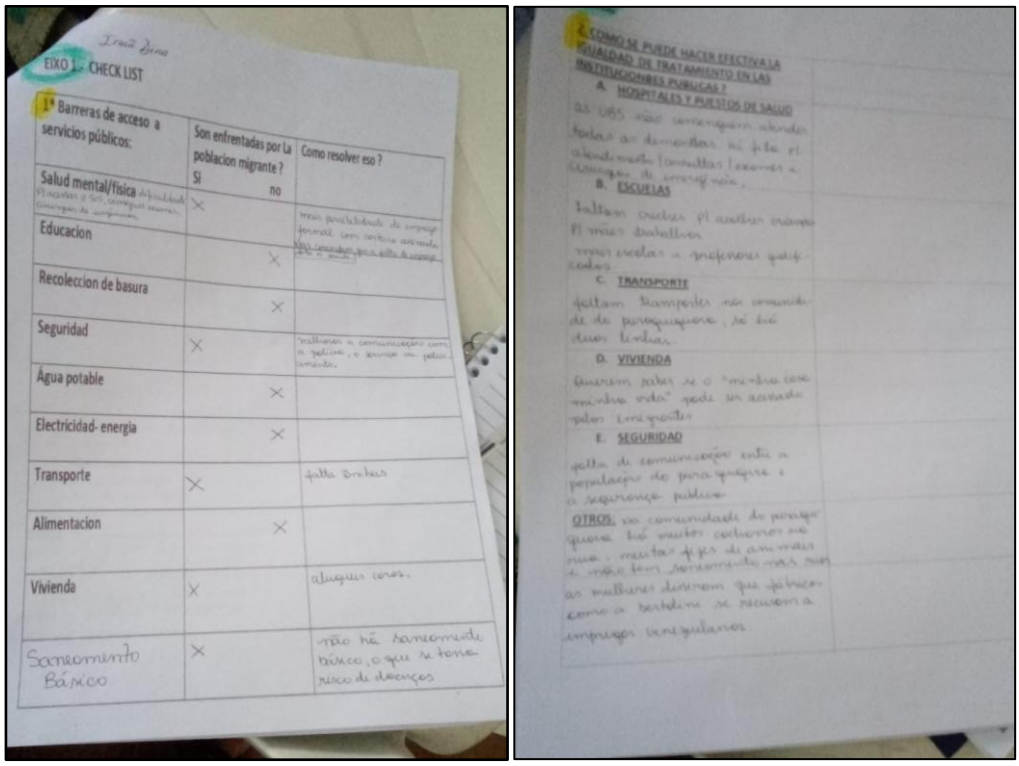
Irmã Dina é a responsável pelos trabalhos voluntários voltados para imigrantes em Manaus. Foi ela quem abriu o evento, pedindo silêncio e propondo uma oração. Em seguida, apresentou ao público em geral o professor Sidney, que deu início à reunião fazendo uma retrospectiva histórica da migração no Brasil. Com uma fala diacrônica acerca das migrações internacionais no Brasil, o professor Sidney pontuou sobre os diferentes períodos históricos das migrações no Brasil e as mudanças nas leis migratórias brasileiras que ampararam os imigrantes de acordo com cada tipo de imigração ao longo tempo, explicando os conceitos de migração, refúgio e apatridia.

Sidney relembrou a I COMIGRAR em 2014, na qual esteve presente. Ele também reforçou a importância das conferências livres na construção desse processo sincrônico das migrações no Brasil. E convidou as pessoas ali presentes a participarem das outras conferências municipais e estaduais que, na ocasião, ainda iriam ocorrer. Após a fala de Sidney, criamos cinco grupos com o objetivo de responder as perguntas contidas nas fichas oficiais das conferências livres. Eu fiquei num grupo de imigrantes venezuelanas que moravam no bairro do Puraquequara, na Zona leste de Manaus, cerca de 22 km do centro.

Havia um formulário para cada grupo. O formulário era divido em três colunas com os seguintes temas: barreiras de acesso a serviços públicos; saúde mental e física; educação; recolhimento de lixo; segurança; água potável; energia elétrica; transporte; alimentação; moradia; e saneamento básico que foi acrescentado por elas. Na segunda

coluna havia uma questão: são enfrentadas pela população imigrante, sim ou não? E a terceira coluna era: como resolver isto? Na foto abaixo o formulário do eixo 1.

Figura 22 – formulário do eixo 1



Fonte: arquivo pessoal

As respostas eram coletivas, elas me pediram para ler com elas e ir anotando as respostas e assim fomos fazendo. Infelizmente não tínhamos tempo para nos deter tão fundo em todas as questões, ficamos presas na primeira, pois falar de saúde física e mental para a população migrante é um tema que se desdobra em muitos outros, já que o acesso à saúde está intimamente relacionado à oferta ou à falta de empregos. Como cuidar da saúde delas e da família sem acesso a trabalho foi o principal questionamento feito por elas.

Então, perguntei como era o acesso à saúde. Elas exaltaram ter um sistema público de saúde que funciona, ainda que com dificuldades. Responderam que conseguiam sim acessar o SUS, com muita dificuldade, ainda por conta principalmente da barreira do idioma, mas na maioria dos casos essa barreira do idioma consegue ser superada por elas com ajuda umas das outras. No entanto, foram unânimes quanto a um atendimento mais humanizado depender de uma mediação linguística. Elas concordaram que deveria haver tradutores/intérpretes durante os atendimentos para facilitar o acesso. Porém, também

relataram que o grande problema do SUS ainda é o tempo de espera para garantir tratamentos urgentes como casos cirúrgicos.

Uma das mulheres deste grupo nos contou seu drama pessoal, ela buscava já há quase um ano uma cirurgia de retirada de pedra nos rins, ela chegou a mostrar o lugar onde se encontra a maior pedra e era perfeitamente possível ver a olho nu quão grande já estava. Mesmo assim, ela disse que os médicos aos quais ela teve acesso não a operaram com a justificativa de que precisava aguardar na fila. Assim, como ela as outras mulheres também relataram que o tempo de espera para um exame era o que tornava inviável um tratamento pelo SUS. Infelizmente, o tempo de espera no SUS não é uma realidade apenas para os imigrantes, mas para a maioria dos usuários brasileiros essa também é a maior dificuldade no acesso ao Sistema Único de Saúde.

Outra dificuldade enfrentada por elas, é a barreira do transporte público, há apenas duas linhas de transporte público no bairro Puraquequara, Zona leste de Manaus. Uma que liga o bairro ao centro e a outra que faz o trajeto do Terminal de Integração 5 (T5) no bairro de São José para o Puraquequara. A linha 619 demora cerca de duas horas até o centro. Isso torna o acesso ao centro da cidade difícil, demorado e muito desconfortável já que na maioria das vezes esse percurso está sempre lotado ou superlotado nos horários de pico.

No que diz respeito à educação, todas relataram que gostariam de ter acesso a um processo menos burocrático e mais acessível para a validação dos seus diplomas do ensino médio e superior sem precisar fazer tudo novamente. A maioria delas acessa o Ensino de Jovens e Adultos (EJA) para terem os diplomas e poderem dar continuidade aos estudos. Elas, a grande maioria mães, também colocaram que é importante e necessário ampliar escolas e creches municipais, porque nas proximidades de ondem residem não há creches suficientes, as que tem não dão conta de suprir toda a demanda de crianças que precisam desse acesso.

Sobre a moradia e a segurança elas relataram os altos valores do aluguel e isso tem dificultado o acesso dos imigrantes a moradia digna e segurança. Quando elas encontram um aluguel num valor acessível, muitas vezes o lugar não tem uma estrutura mínima como rua asfaltada, ponto de ônibus, coleta de lixo e iluminação. Elas falaram sobre a falta de saneamento básico estar afetando diretamente na saúde dessa população, pois não há, onde moram, tratamento adequado da água, escoamento para os detritos domésticos

orgânicos e inorgânicos. Com isso, as pessoas em torno do lugar ficam mais vulneráveis às doenças transmitidas por bactérias e vírus, além de animais como cachorros e gatos que vivem desordenadamente nestes locais.

Sobre o trabalho, muitos relatos vão ao encontro do que Sayad já constatou, "o imigrante é uma força de trabalho", de caráter temporário. Os trabalhos oferecidos a estas pessoas são geralmente os informais, aqueles sem nenhum reconhecimento ou garantia trabalhista. Muitas delas trabalham como diaristas outras como vendedoras ambulantes e de acordo com o que falaram menos de um por cento teriam a carteira de trabalho assinada. Algumas até relataram que teriam passado por experiências em que o empregador se recusou a contratá-las por conta de serem imigrantes, fato que foi reforçado por outros imigrantes durante a reunião.

Depois de falarmos brevemente sobre todas estas questões a sessão em grupo acabou e iniciou-se o debate com os outros grupos, e não foi surpresa nenhuma para nós constatarmos que as experiências trazidas pelos outros quatro grupos eram muito similares às experiências vividas por essas mulheres. Ou seja, em sua grande maioria, para viver de maneira digna as pessoas imigrantes precisam estar sempre correndo atrás do básico, nada está garantido. Tudo que tomamos nota foi recolhido ao final e ficou nas mãos dos organizadores daquela reunião livre, Solange Ponpanza se encarregou de guardar os documentos. A reunião durou cerca de duas horas, ao final foi servido lanche para os participantes.

Abaixo vemos a foto do varal de sonhos confeccionado pelos imigrantes, cada um escreveu em um prato de plástico colorido um sonho e depois eles foram pendurados em um varal feito pelas irmãs. Palavras como saúde, dignidade, paz e amor se repetiram muitas vezes.

Figura 23 - Varal de sonhos 2

Fonte: arquivo pessoal

Figura 24 – 1ª conferência livre local na Igreja dos Remédios

Fonte: arquivo pessoal

Figura 25 – 1ª conferência livre local na Igreja dos Remédios – participantes

Fonte: arquivo pessoal

Figura 26 – 1ª conferência livre local na Igreja dos Remédios registros

Fonte: arquivo pessoal

No dia 10 de fevereiro de 2024, houve mais uma reunião livre, desta vez na Igreja de Santa Mônica, no bairro do Manôa, Zona Norte de Manaus, com um total de 31 pessoas imigrantes. Havia um grupo indo do bairro do Tarumã, mas eles tiveram um contratempo e não conseguiram somar naquele dia. Novamente entre as lideranças estavam pessoas ligadas à igreja católica e Solange e Roberto da ASSOVEAM, além de alguns representantes de órgãos municipais e ONGs ligadas ao trabalho com imigrantes.

Figura 27 - 2ª conferência livre Manaus 10.02.2024

Fonte: arquivo pessoal

Desta vez a conferência iniciou-se com uma breve apresentação de cada uma das pessoas ali presentes. Depois da apresentação, o professor Sidney foi novamente convidado pelas lideranças para uma breve fala. Ele falou sobre o atual momento político do Brasil, em que há certa abertura do governo brasileiro em olhar com mais atenção e

cuidado para as políticas nacionais voltadas para os imigrantes. Falou também sobre alguns momentos históricos como a criação do restritivo Estatuto do Estrangeiro, de 1980, as leis migratórias e suas mudanças ao longo dos últimos trinta anos. Novamente dividimos os participantes em grupos, dessa vez, em três grupos.

Nesse dia, o grupo em que eu estive me colocou na mesma função do anterior, que consistia em ler as questões e ir tomando nota. Mas para a minha surpresa, nenhuma delas eram imigrantes. Eram mulheres brasileiras ligadas as funções públicas com contato direto a imigrantes. Havia assistentes sociais, professoras, técnicas em saúde e conselheiras tutelares. Agora eu iria ouvir o outro lado, sobre as mesmas questões já colocadas anteriormente. Ficar nesse grupo não foi planejado por mim, mas foi uma oportunidade ímpar de ouvir o outro lado.

Como são mulheres que lidam com o dia a dia dos imigrantes que chegam à Manaus, as barreiras enfrentadas pela população migrante e apontadas por elas foi a mesma que a maioria dos imigrantes pontuaram na reunião anterior. Elas reforçaram a importância de uma mediação intercultural com tradutores ou intérpretes nos órgãos públicos que os imigrantes precisam acessar. Também falaram dos custos altos para a revalidação dos diplomas e trouxeram a questão da ampliação da rede municipal de creches para as crianças que se encontram em situações de vulnerabilidade. Concordam também que o preço dos aluguéis acaba sendo um dos principais fatores de exclusão para essa população, porque ao não ter moradia digna essas pessoas não conseguem acesso adequado à saúde, educação, segurança e nem empregos fixos.

Para elas, a grande questão é como cada município irá olhar para os imigrantes. Elas colocaram que há duas possibilidades para tratar a questão dos imigrantes: a primeira é olhar para eles como números e gastos, a outra é olhar para eles como pessoas, como gente que se encontra numa situação de vulnerabilidade e que precisa de todo tipo de ajuda. Para que os imigrantes sejam olhados com dignidade é preciso sensibilizar o poder público em todas as esferas a começar pelas pessoas que trabalham com imigrantes. Agentes migratórios, agentes de saúde, assistentes sociais, técnicos administrativos, professores, ou seja, os servidores públicos que estão na base do atendimento precisam receber uma formação continuada para que os serviços disponibilizados tenham um atendimento mais humanizado.

Após essas duas reuniões livres, fui convidada a participar de uma reunião no Posto de Interiorização e Triagem de Manaus (PITRIG) ligado a ONU/ACNUR. O PITRIG é o órgão das Nações Unidas que fazem o primeiro contato com os migrantes, refugiados e apátridas. Essa reunião tinha como objetivo principal nos preparar para a conferência livre municipal. Fomos recebidos em uma sala de reuniões onde havia duas agentes uma representando a OIM e a outra da ACNUR. Elas preparam uma apresentação em slides com informações do site do ministério da justiça, explicando o básico sobre a II COMIGRAR, que era discutir as barreiras de acesso para os migrantes a nível local, regional, estadual e nacional. Com isso identificar consensos e dissensos, pontos principais divergentes e convergentes que seriam levados a última conferência nacional.

Figura 28 – varal de sonhos Sta. Monica

Fonte: arquivo pessoal

A reunião do PTRIG (Posto de Interiorização e Triagem) órgão ligado à Secretaria de Estado de Justiça, Direitos Humanos e Cidadania (Sejusc) em Manaus, Amazonas. A OIM e a ACNUR promoveram no dia 15/02/2024, uma Oficina de Formação para imigrantes representantes de Associações e pessoas ligadas as secretarias de assistências social. Lá foram discutidos o que era a II COMIGRAR, o que eram as políticas públicas migratórias. Foi um preparatório do que viria pela frente e informações importantes foram passadas.

Figura 29 – reunião Ptrig

Fonte: arquivo pessoal

No dia 21 de fevereiro de 2024 tivemos a Conferência Livre Local, que foi realizada de maneira presencial no prédio da Assembleia Legislativa do Amazonas (ALEAM). Nesse dia estive como relatora a convite da Associação dos Venezuelanos no Amazonas (ASSOVEAM). A conferência se iniciou com uma apresentação, depois da apresentação o cerimonialista chamou então as pessoas responsáveis pela composição da mesa, representantes das secretarias municipais e estaduais de Assistência Social, Educação, Saúde, Secretaria de Estado de Justiça, Direitos Humanos e Cidadania (SEJUSC). Cada uma das pessoas na mesa fez uma fala em nome da sua secretaria.

Após esse momento o regimento interno com todas as regras daquela conferência foi lido junto com todos os participantes presentes e o que não estava em conformidade com todos foi sendo mudado ali mesmo tendo os participantes se manifestado. A conferência iniciou-se com uma dança árabe, fazendo alusão a esta migração de populações étnicas que estão sendo dizimadas pelas forças israelenses, desde outubro de 2023, em território palestino. Muitos nem tiveram a chance de emigrar, por eles também é importante lutar por um mundo onde emigrar não seja considerado um crime.

Fig. 30 - Conferência Livre Local - Ass. Legislativa do Amazonas (ALEAM).

Fonte: arquivo pessoal

Depois de feito os ajustes necessários ao regimento interno, a conferência continuou e formamos dois grupos de trabalho: Eixo 1 – Igualdade de tratamento e acesso a serviços públicos. Eixo 2 – inserção socioeconômica e promoção do trabalho descente. O eixo 1 precisava responder a duas questões respectivamente. 1) Quais as barreiras de acesso aos serviços públicos são enfrentadas pela população migrante, refugiada e apátrida? Como saná-las? 2) Quais seriam as possíveis estratégias a serem adotadas pelos serviços públicos para otimização e simplificação de procedimentos e para a qualificação do atendimento a pessoas migrantes, refugiadas e apátridas, sem quaisquer formas de discriminação?

As perguntas do eixo 2 eram: 1) Quais barreiras as pessoas migrantes, refugiadas e apátridas enfrentam no acesso ao mundo do trabalho? 2) Quais ações e mecanismos podem ser adotados pelo poder público com vistas à inserção socioeconômica das pessoas migrantes, refugiadas e apátridas? Eu fui relatora no eixo 2. Na turma do eixo 2 participaram 11 pessoas, sendo 6 migrantes. Após o intervalo do almoço nos reunimos na sala para discutir as duas perguntas do eixo e tentar formular até três propostas a partir delas. Para isso nós abrimos o espaço para que as pessoas migrantes falassem.

Sem dúvidas que uma das questões mais discutidas nesse eixo era a questão do atendimento humanizado para os imigrantes e para isso ter tradutores/intérpretes nos locais acessados por eles é da maior relevância, principalmente nos atendimentos que envolvem a saúde. Um ponto de reflexão importante que surgiu nesse grupo foi a questão

das políticas de acolhimento para migrantes indígenas, visto que eles têm necessidades diferentes dos migrantes não indígenas. Essas necessidades fazem parte de um complexo contexto de pertencimento a uma identidade com os povos originários.

Os migrantes indígenas da Venezuela da etnia Warao, formaram um coro significativo, havia duas mulheres Warao em nosso grupo, elas explicaram que muitos Warao não falam o espanhol e a questão da língua para eles é uma barreira difícil de transpor, pois é necessário encontrar tradutores ou intérpretes da sua língua materna para o espanhol e depois para o português. Por outro lado, há entre eles muitos indígenas que não somente falam o espanhol como também tem formação superior. Geralmente são eles que possibilitam o acesso de outros indígenas.

Ainda nesse mesmo grupo havia um senhor indígena que era engenheiro e professor universitário na Venezuela. Quando perguntamos: quais ações e mecanismos poderiam ser adotados pelo poder público com vistas à inserção socioeconômica das pessoas migrantes, refugiadas e apátridas, que era a pergunta orientadora do eixo, esse senhor nos respondeu dizendo que a ação mais eficaz que o poder público poderia adotar seria o reconhecimento de seus diplomas e colocá-los em funções que fariam a ponte entre a cultura deles e a nossa. Eles mesmos poderiam atuar como tradutores ou intérpretes de seu povo ao passo que poderiam, do outro lado, orientar servidores públicos de diversos órgãos que já atuam em diversas áreas com pessoas migrantes. Como no caso de agentes de saúde, profissionais da educação, secretários de justiça e direitos humanos, entre outros.

Pensando em como seria uma formação continuada para esses profissionais a partir das experiências que vivemos nesses intensos dias de conferências livres, notamos que eles mesmos conseguem contribuir com possíveis soluções a níveis sociais de onde estão. Por exemplo, sendo eles próprios os agentes da mudança, se tivessem oportunidades de trabalhar em suas diversas áreas de formação com seus diplomas reconhecidos. Acontece que esse processo de validação de diplomas ainda é um processo muito burocrático e caro para a maioria dos imigrantes. Outra maneira de formar agentes públicos poderia vir de uma parceria de extensão entre a universidade pública e o município onde professores e estudiosos das migrações poderiam atuar diretamente nessa formação continuada desmistificando estigmas, explicando conceitos e promovendo debates como já acontece nas universidades, seria uma forma de ampliar o acesso a esse tipo de conhecimento ainda

tão restrito. Abaixo duas fotos com dois momentos da I Conferência Municipal, eixo I Igualdade de tratamento e acesso a serviços públicos.

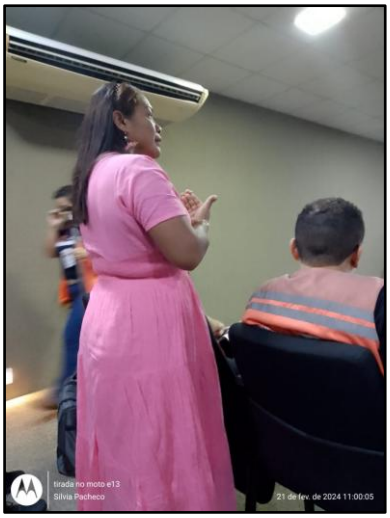
Figura 31 – Conferência Municipal. Eixo 1.

Fonte: arquivo pessoal

Figura 32 – Conferência municipal. Eixo 1.

Fonte: arquivo pessoal

Fig. 33 – Deyse liderança Warao na I Conferência Municipal



Fonte: arquivo pessoal

Figura 34 – I Conferência Estadual

Fonte: arquivo pessoal

A I Conferência Estadual de Migrações, Refúgio e Apatridia do Amazonas ocorreu no dia 04 de março de 2024. O evento presencial aconteceu na EST/UEA localizado na avenida Darcy Vargas, Parque Dez, Manaus Am. Previsto para iniciar as 8:30 o evento contou com algumas horas de atraso tendo sua abertura por volta das 10:00 da manhã. As mesmas pautas já antes discutidas foram novamente debatidas numa reunião que durou mais de 10 horas e se deu nos mesmos moldes das conferências livres só que com muito mais participação de imigrantes. Foram eleitos oito delegados para representar o Amazonas na II COMIGRAR, em Brasília. Entre eles quatro pessoas migrantes, duas venezuelanas, uma haitiana e uma Warao, e quatro brasileiros.

Figura 35 - I Conferência Estadual.

Fonte: arquivo pessoal

Na figura acima, registro do Eixo 4 Políticas de acesso à Cultura e Educação. Vemos duas pessoas em pé, e outras sete sentadas. Em pé temos o professor Dr. Sidney da Silva, especialista em Migrações na Amazônia, coordenador da Cátedra Sérgio Vieira de Melo na UFAM e a Dra. Luiza Guglielmini, Gerente de Patrimônio Cultural Imaterial - Projetos/Pesquisa - Agência Amazonense de Desenvolvimento Cultural - AADC. Os dois professores fazem parte do GEMA – Grupo de Estudos Migratórios na Amazônia. Por isso, tendo ampla formação e experiência no assunto, ambos os professores coordenaram o Eixo 4, políticas de acesso à cultura e a educação na I Conferência Estadual do Amazonas.

Nesse GT foram discutidas as propostas para a criação das políticas de acesso à cultura e a educação. As quatro propostas que saíram desse GT 04 foram levadas junto às outras propostas dos outros GTs para a conferência nacional em Brasília, entre os dias 08 e 10 de novembro de 2024.

No dia 24 de fevereiro de 2024, das aconteceu a Conferência Livre Nacional Infâncias Protagonistas: Políticas Educacionais para Crianças e Jovens imigrantes, refugiados e apátridas. A única conferência da II COMIGRAR totalmente voltada para pensar nas questões de migração, refúgio e apatridia que afetam diretamente as crianças. Foi um evento totalmente online. Estive presente como membro da rede e relatora do GT 5 com outra colega da rede, a professora doutora Leila Baptaglin. O evento começou pelo horário de Manaus e Boa Vista, as 12h.

A professora doutora Luciana Hartmann, coordenadora do grupo de pesquisas Infâncias Protagonistas e professora da UNB, convocou ao menos duas reuniões anteriores a essa conferência para que ficássemos alinhadas, o máximo possível, uma vez que estava cada uma de canto diferente do Brasil, além de haver outras pessoas em outros continentes fora da América do sul. Além de uma reunião de pelo menos seis horas, a questão dos fusos horários também era um desafio.

No grupo de *WhatsApp* algumas orientações foram passadas pela professora Luciana no dia, como manter uma garrafa com água por perto, levantar e alongar a cada uma hora sentada e alecrim para evitar dor de cabeça. Ela também criou uma playlist[86] colaborativa para ser usada durante o evento, onde todas nós contribuímos com músicas relacionadas às infâncias. Pequenos cuidados que não passaram desapercebidos e que demonstram um diferencial em trabalhar numa rede de mulheres que colaboram entre si. Pelo grupo íamos nos ajudando compartilhando links importantes, os documentos da relatoria, o link de presença que era muito importante que todos os presentes assinassem. Logo no início já havia mais de 80 pessoas na sala, é bastante gente para um evento totalmente online, muita gente interessada em assuntos que pautavam a infância. Ao total 111 pessoas assinaram a lista de presença, 58 brasileiras e 53 migrantes.

Na abertura tivemos falas emocionantes de crianças migrantes e professoras, podemos dizer que enquanto acontecia um evento online, acontecia um evento também nos bastidores do grupo de *WhatsApp*, pois era muita gente envolvida para não deixar a peteca cair ao vivo. Enquanto nossa mediadora Jennifer Jacomini estava conduzindo a conferência, nos bastidores eram acionados e direcionados os suplementes, as pessoas que iam entrar, as pessoas que iam para os GTs, tudo isso numa troca frenética de mensagens, parecia uma confusão, mas estava tudo muito bem-organizado.

Quem só estava acompanhando pela sala do *Zoom* não percebia o esforço para tudo funcionar por trás dos bastidores. Alan Beltrão era quem estava conduzindo a transmissão via *Zoom*. Através de sua condução conseguíamos passar de uma sala a outra sem ter que sair da reunião. Havia cinco GTs que foram trabalhados por eixo, contando com uma mediação e uma relatoria. O GT 1/Eixo 1 tinha como tema principal: Igualdade de tratamento e acesso a serviços públicos, mediado por Fernanda Paraguaçu e relatado por

[86] https://open.spotify.com/playlist/515bX4xyXulxQum2q69seT?si=wmE5idfxQ5KnJb7P5-YDeQ&pi=hWSd4Sy5SH-pD. Acessada em 12/11/2024.

Ivone Marins. O GT2/Eixo 2: Inserção socioeconômica e promoção do trabalho decente. Mediado por Maria Walburga e relatado por Ana Carolina de Sousa.

O GT3/Eixo 3 Governança e participação social. Mediado por Maria Catarina Zanini e relatado por Alan Matheus. O GT 4 e 5/Eixo 4 e 5: tinham como tema principal: Interculturalidade e diversidades. Esse tema precisou ser divido em dois grupos devido a maior quantidade de pessoas inscritas no mesmo tema, e foi mediado respectivamente por Leila Baptaglin e Kátia Norões e relatado respectivamente por Sílvia Katherine e Cristina Leite.

Cada GT formulou propostas em cima desses eixos de discussão e trabalho para serem levadas a Conferência Nacional que aconteceu nos dias 08/09 e 10 de novembro de 2024, na Universidade de Brasília - UNB. A parte disso, pessoas interessadas em concorrer a vaga de delegadas fizeram um pré cadastro para participarem na votação geral. Cada GT durou 1 hora, após esse tempo os candidatos a pré delegados reuniram-se com a comissão organizadora da conferência, enquanto os demais participantes tiveram um breve intervalo. Seriam eleitos 3 pré-delegados nesta conferência, as regras gerais da eleição era que dessas três pessoas, um terço (1/3) fosse migrantes um terço (1/3) fossem mulheres (1/3) e um terço (1/3) fosse negros e indígenas.

Às 17:30 h, mais ou menos, as propostas discutidas nos GTs vieram a público para que fossem votadas, como esperado muitas pessoas quiseram opinar ou incluir novas propostas, o que não cabia dado o avançado do tempo e ainda faltava a escolha das pré-delegadas. Jennifer, nossa cerimonialista propôs aprovarmos as propostas como havia vindo dos GTs e que fossem feitos os ajustes posteriormente. Todos concordaram, e prosseguimos para a eleição das pré-delegadas. Se inscreveram 15 candidatos a pré-delegados/as, sendo 13 migrantes, 9 mulheres e 9 negros/pardos e indígenas. Com isso, o nome dessas pessoas foi incluído em um formulário do google e disponibilizado no chat para a votação às 18:30 pelo fuso de Brasília, às 18:50 a primeira votação foi dada por encerrada, tiveram 85 votos.

Às 19h, depois de feita essa primeira apuração as duas primeiras colocadas foram mulheres brancas migrantes, e no terceiro e quarto lugar deu empate entre uma migrante negra e uma indígena. A essa altura os ânimos começavam a se exaltar. Uma das mulheres que foi lida socialmente como branca durante a conferência se autodeclarou parda e diante disso, nós precisamos escolher entre uma mulher negra e uma mulher indígena. Tudo isso

passados quase uma hora do horário previsto para o término da reunião. Foram discutidas muitas formas de resolver esta questão, mas as duas primeiras candidatas estavam dentro das normas vigentes do regulamento estabelecido para votação, além disso nenhuma delas quis renunciar aos votos que havia recebido.

Após muitos apontamentos dos participantes do chat e uma alta defasagem de votantes, abrimos nova votação para decidir o terceiro lugar. Infelizmente na decisão final não houve representação indígena, foram eleitas três mulheres migrantes, uma branca, uma parda e uma negra. Essa situação ocorrida foi muito importante para pensarmos ou repensarmos melhor como definimos nossos parâmetros de votação de forma que possa haver representações mais diversas, porque não havia critério de desempate estabelecido.

Apesar desse ocorrido, o evento saiu conforme o previsto. Com ampla participação social, passaram mais de cem pessoas pela sala, debates muito importantes em torno de temas relacionados à infância, uma condução excelente e muito elogiada por todos. A reunião que teria seis horas de duração avançou em mais duas e mantivemos um coro significativo até o final, com muito respeito e cordialidade entre os participantes mesmo em momentos em que os ânimos ficaram um pouco mais exaltados. Tudo isso tornou a Conferência Nacional Infâncias Protagonistas possível de ser concluída com êxito.

Figura 36 – Conferência Nacional Infâncias Protagonistas.

Fonte: arquivo pessoal

Dados do Observatório das Migrações Internacionais – OBMigra

Ao longo de mais de uma década, as estatísticas seguem nos mostrando que muitos haitianos e haitianas escolheram o Brasil para viver. E assim como eles muitos outros imigrantes de outros lugares vieram para o Brasil. Na medida em que o Estado amplia, cria e desenvolve políticas públicas capazes de atender, se não a todos os problemas sociais, mas ao menos parte dos problemas nos quais as pessoas migrantes estão expostas, esses problemas vão sendo mitigados ao ponto de se tornarem quase inexistentes. Até o ponto em que esses problemas deixem de ser um problema, ou seja, tenha emprego, saúde e educação garantidas pelo Estado a todas as pessoas sem distinção étnica, religiosa, de raça ou credo. Abaixo alguns dados publicados no site do Observatório das Migrações Internacionais OBMIGRA de 2024.

> O Brasil já conta com uma nova Lei de Migração, que garante direitos e protege os estrangeiros contra discriminação. A norma (Lei 13.445/2017) substitui o Estatuto do Estrangeiro, herdado do regime militar. A elaboração da legislação, que tem como princípios a igualdade de direitos e o combate à xenofobia e à discriminação, vinha sendo defendida desde a redemocratização do Brasil. Fonte: Agência Senado. Consultado em 09/08/2024.
>
> Quando se analisam as UFs de registro das solicitações de reconhecimento da condição de refugiado apreciadas pelo Conare, em 2023, reafirma-se a importância da região Norte para a dinâmica atual do refúgio no Brasil. No ano, 72,0% das solicitações apreciadas pelo Conare foram registradas nas UFs que compõem esta região. Estes solicitantes de reconhecimento da condição de refugiado tinham origem, principalmente, na Venezuela (95.042) e no Haiti (2.885), além de Cuba (756). (OBMIGRA, 2024, pág.22).

Figura 37 - Tabela 1

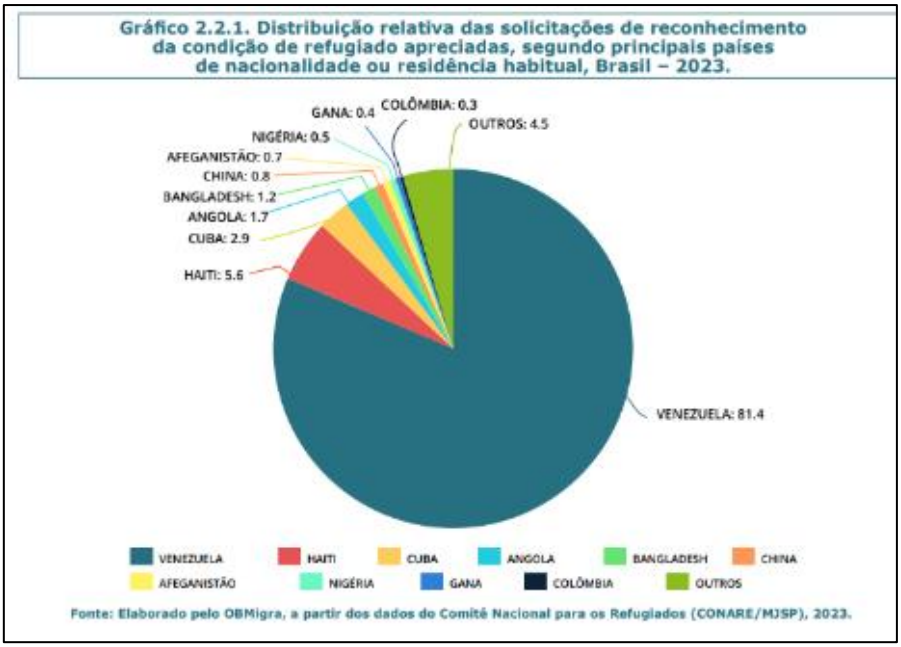
Tabela 2.3.10. Número de processos de solicitação de reconhecimento da condição de refugiado extintos, por sexo, segundo país de nacionalidade ou residência habitual, Brasil – 2023.

País de nacionalidade ou residência habitual	Número de solicitações extintas			
	Total	Sexo		
		Masculino	Feminino	Não Especificado
Total	60.767	22.918	18.213	19.636
VENEZUELA	37.361	13.417	12.065	11.879
HAITI	7.700	2.658	2.435	2.607
CUBA	3.836	1.694	1.164	978
ANGOLA	2.272	963	1.047	262
BANGLADESH	1.573	662	47	864
CHINA	1.108	544	269	295
NIGÉRIA	629	416	85	128
GANA	546	153	20	373
COLÔMBIA	411	185	134	92
ÍNDIA	395	73	9	313
OUTROS	4.936	2.153	938	1.845

Fonte: Elaborado pelo OBMigra, a partir dos dados do Comitê Nacional para os Refugiados (CONARE/MJSP), 2023.

Fonte: elaborado pelo OBMigra (CONARE/MJSP), 2023.

Figura 38 - Tabela 2



Fonte: elaborado pelo OBMigra (CONARE/MJSP), 2023.

> Entre as UFs que compõem a Região Norte, Roraima foi aquela que concentrou o maior volume de solicitações de reconhecimento da condição de refugiado apreciadas pelo Conare em 2023, 71.198 (51,5%), seguida pelo Amazonas, 19.663 (14,2%), e pelo Acre, 6.565 (4,7%). Somadas, as pessoas venezuelanas (93.243), haitianas (2.809) e cubanas (539) que solicitaram reconhecimento da condição de refugiado nestas três UFs (96.591) representavam 69,8% do total de solicitações de reconhecimento da condição de refugiado analisadas pelo Conare em 2023. (OBMIGRA, 2024, pág.22;23).
>
> Aqui podemos chamar a atenção para o fato de que apesar dos haitianos serem a segunda nacionalidade no número de solicitações de refúgio, eles não estão entre as cinco nacionalidades com maior índice de refugiados reconhecidos. Esse resultado pode sugerir uma maior adesão dos haitianos a outras alternativas como, por exemplo, a solicitação do visto de acolhida humanitária enquanto alternativa para regularização migratória no Brasil. (OBMIGRA, 2024, p. 25).

Todos os dados são do ano de 2024 e podem ser consultados diretamente no site do Observatório das Migrações (OBMIGRA). Eles chamam a atenção para a quantidade de pessoas migrando para o Brasil. Por isso é notório o reconhecimento do Brasil enquanto Estado Nação em promover a II COMIGRAR, um Congresso Nacional para discutir as migrações, os refúgios e Apatridia. Tendo em vista isso, nas linhas que se seguem farei breves relatos a respeito das Conferências Livres que foram etapas preparatórias para a II Comigrar.

Tendo em vista o aumento na quantidade de imigrantes que tem vindo para o Brasil nos últimos anos é importante que os estudos migratórios avancem. Este trabalho contribui, nesse sentido, para pensar os modos de vida das gerações haitianas em Manaus. Do ponto de vista dessa pesquisa, Manaus se tornou mais que um lugar de passagem para algumas famílias haitianas que escolheram este lugar para viver.

Após a conferência nacional, tivemos na UFAM uma roda de conversa em que buscamos evidenciar a voz das pessoas migrantes que representaram o Amazonas em Brasília. Com a palavra estiveram presentes o imigrante venezuelano Roberto D'Ángelo, representante da associação de venezuelanos no Amazonas, o imigrante haitiano Abdias Dolce, a representante da Secretaria Municipal da Mulher Assistência Social e Cidadania (SEMASC), Mirella Lauschner, e a médica Warao, Fiorella Blanco.

A referida roda de conversa, ocorrida no dia 06 de novembro de 2024, para falar, entre outras coisas, sobre o caderno de propostas, aconteceu de forma presencial, com interpretação para libras. Na foto abaixo, da esquerda para a direita, temos o professor Sidney Antonio da Silva, seguido de Roberto D'Ángelo, Abdias Dolce, Mirella Lauschner, Fiorella Blanco e as intérpretes de libras. A foto foi tirada por mim.

Fig. 39 - Roda de Conversa sobre a 2ª Comigrar

Fonte: arquivo pessoal

Abdias é imigrante haitiano, residente no Brasil há 14 anos. Ele está à frente de uma associação de trabalhadores haitianos e tem uma história engajada em sua própria luta

pela garantia da revalidação de diplomas. Formado em Engenharia pela Universidade Paulista (UNIP/Manaus), Abdias ressaltou que é preciso olhar para os imigrantes como parte da solução e não como parte dos problemas, pois segundo ele, os imigrantes haitianos e venezuelanos estão dispostos a contribuir com o crescimento econômico do país, uma vez que isso os beneficiaria diretamente com empregos justos e salários adequados.

Abdias acredita que a revalidação dos diplomas é um dos passos importantes para o reconhecimento profissional dos imigrantes e das pessoas refugiadas e apátridas. Foi para defender essa ideia da revalidação, entre outras, que ele foi à Brasília junto com a delegação de Manaus, para participar da construção de políticas públicas para pessoas migrantes, refugiadas e apátridas. Nesse evento, Abdias defendeu que é preciso pensar políticas públicas que possam subsidiar acessos à cidadania das pessoas em situação de vulnerabilidade, imigração, refúgio e apatridia.

Nossos convidados relataram como foi a experiência de cada um em relação à 2ª Comigrar. O evento foi visto de diferentes perspectivas. No entanto, houve na roda de conversa um consenso sobre esse evento trazer o caráter humanizador para um processo, muitas vezes, doloroso e incerto que é a migração. Eles que estavam presentes disseram que a 2ª Comigrar mostrou que demos um passo em direção a uma sociedade mais democrática, onde todos podem ter voz. Abdias completou que é preciso ter iniciativas governamentais, como a da conferência, para incentivar o debate sobre as políticas migratórias e com intervalos de tempo quadrienais.

CAPÍTULO 4 – Gerações memória e Projetos

Figura 40 - Desenho da Godfriend

Fonte: arquivo pessoal

O Haiti na história e na memória das gerações

O Haiti é um país situado na América Central, que faz fronteira terrestre com a República Dominicana. Durante o século XVIII foi considerada a pérola das Antilhas por conta de sua produção de açúcar para a coroa francesa. Mas, ao longo da história, desde a sua independência ainda sofre diversos embargos econômicos. O Haiti é um país muito importante para as concepções de liberdade da população negra. Dentro de um contexto escravocrata e de dominação colonial, entre os séculos XVI e XIX, o Haiti foi a primeira nação negra a se tornar independente nas Américas[87].

A cultura de um povo é também uma forma de autoafirmação, onde quer que estejam as pessoas que fazem parte desse povo. E manter essa cultura viva depende também da memória dos seus ancestrais[88]. Nesse sentido, a memória é repassada através do ato de contar histórias[89]. Esse ato de contação de memórias é importante para fortalecer o contato dos mais jovens com os mais velhos vinculados a mesma família e tradições. Para os haitianos, o conhecimento das suas origens é o que os torna verdadeiramente livres, independentes e autônomos. Os haitianos costumam se orgulhar de seu processo

[87] Em 1804, o Haiti torna-se a primeira república negra independente da América. O francês falado pela elite local, senhores das plantações, não superou a dinâmica do *Créole* criada e falada pelos escravos, composto de matrizes africanas, francesa e espanhola, foi tecendo através da linguagem os elementos formadores da identidade haitiana emancipada juntamente com o vodu. Em 1961, "o governo haitiano decretou oficialmente que o Haiti era uma nação bilingue". (COUTO, 2016, p.161, apud, TELEMAQUE, 2012, p.17).

[88] Desde a formação do Haiti, com uma vitoriosa revolta de escravos em 1804, que tanto os negros pobres dos campos, como as elites urbanas mulatas, se têm identificado com a nação haitiana. Contudo, os dirigentes políticos do país, só esporadicamente, têm tentado envolver setores significativos da população na identificação com o estado, assim como, só recentemente, definiram os haitianos residentes no estrangeiro como parte da nação. (SCHILLER, 1997 p.43).

[89] Com efeito, Maurice Halbwachs ajuda a situar a aventura pessoal da memória, a sucessão dos eventos individuais, da qual resultam mudanças que se produzem em nossas relações com os grupos com os quais estamos misturados e relações que se estabelecem entre esses grupos. (HALBWACHS, 1968, p.14).

histórico e de indivíduos emblemáticos que remontam às origens da Revolução haitiana[90] como Toussaint L'Ouverture (1743-1803)[91] e Jean-Jacques Dessalines (1758-1806)[92].

Ademais, para além dos heróis da Revolução, houve também grandes pensadores e intelectuais. Um deles foi Anténor Firmin (1850-1911), o antropólogo que escreveu a obra *De l'égalité des races humaines,* publicada em 1885, na qual defendeu a igualdade entre todas as raças, confrontando diretamente o racismo científico e o mito ariano do século XIX. Outro intelectual haitiano muito importante, Jean-Price Mars (1876-1969), antropólogo, médico, professor e diplomata. Suas obras foram inspiradas também no movimento *Négritude*, do qual Aimé Césarie foi um grande expoente. O Haiti também tem Michel-Rolph Trouillot (1949-2012), outro importante Antropólogo contemporâneo autor da obra "Silenciando o passado" publicada no Brasil em 2016.

Parei para pensar como a notícia da independência do Haiti chegou até as colônias que ainda não haviam se constituído enquanto Brasil, no início do século XIX? Esse registro histórico está documentado pelo pesquisador e historiador Marco Morel (2017) no livro: "A Revolução do Haiti e o Brasil escravista, o que não deve ser dito", onde ele afirma: "e foi através de palavras que o exemplo da Revolução do Haiti chegou, se propagou e foi reinterpretado no Brasil". Na passagem abaixo ele explica:

> As palavras manuscritas, impressas e faladas circulavam próximas no começo do século XIX. Mais do que isso, mesclavam-se. Claro que cada uma tinha uma esfera própria e limites sociais demarcados, mas possuíam constantes pontos de encontros, mesmo sem alterar a ordem social vigente. As diferentes formas de circulação das palavras não ficavam (nem poderiam) isoladas umas das outras, mesmo que nem todas as pessoas tivessem acesso às várias possibilidades de apresentação. Ainda mais numa sociedade como a brasileira, com marcante tradição oral, escassa experiencia letrada e recente produção de imprensa. A letra saída da tipografia mergulhava num mar de oralidades (vozes, rumores e conversas), salpicados de manuscritos. E foi através de palavras que o exemplo da revolução do Haiti chegou, se propagou e foi reinterpretado no Brasil. (MOREL, 2017, p. 227).

---

[90] Essa foi a única revolta de escravos bem-sucedida da História, e as dificuldades que tiveram de superar colocam em evidência a magnitude dos interesses envolvidos. A transformação dos escravos, que, mesmo as centenas, tremiam diante de um único homem branco, em um povo capaz de se organizar e derrotar as mais poderosas nações europeias daqueles tempos é um dos grandes épicos da luta revolucionária e uma verdadeira façanha. (JAMES, 2010, p. 15).

[91] Toussaint tornou-se o oficial francês no comando de um exército de aproximadamente cinco mil homens, mantendo uma linha de campo ou posições fortificadas entre as províncias do norte e a ocidental e havia penetrado nesta última até a margem direita do Artibonite. (JAMES, 2010, p. 143).

[92] Com Jacques Dessalines, no ano de 1804, o Haiti separa-se definitivamente dos franceses e é proclamada a sua independência. (NASCIMENTO, 2008, p. 127).

Seguindo o texto, em outro parágrafo mais abaixo, tem a seguinte passagem:

> No Rio de Janeiro, em 1805 (portanto, três anos antes do surgimento da imprensa no Brasil), houve o seguinte registro policial": O ouvidor do crime mandara arrancar dos peitos de alguns cabras e crioulos forros, o retrato de Dessalines [sic], Imperador dos Negros da Ilha de São Domingos. E o que é mais notável era que estes mesmos negros estavam empregados nas tropas da Milícia do Rio de Janeiro, onde manobravam habilmente a artilharia. (MOREL, 2017, p. 227-228, apud MOTT, 1988, p.5)[93].

A partir das citações evidenciadas por Marco Morel, vemos que a revolução haitiana já era assunto entre algumas pessoas no Brasil, negros incluídos, principalmente aqueles que estavam empregados nas tropas da Milícia do Rio de Janeiro. As ideias de insurreição já eram difundidas verbalmente entre os negros livres, dentro do contexto escravagista do Brasil quinze anos antes da sua independência que ocorreria em 1822. Os cabras circulavam com o retrato de Dessalines no peito". Essa frase escrita dessa forma nos mostra o descaso, mas também o temor, visto que ela foi registrada por um policial, de como a elite cafeeira do Brasil colônia temia os ideais haitianos de liberdade, e nos impulsiona a pensar que a revolução haitiana abalou as estruturas escravagistas nas Américas como um todo.

Todos esses indivíduos, pensadores, intelectuais e revolucionários entraram para a história do Haiti e fazem parte do imaginário haitiano. Nos anos 80. se desenvolveu um movimento de base popular no Haiti que culminou na vitória de Aristide onde este ganhou através do voto popular[94]. Essa vitória política dos movimentos de base foi também uma tentativa de reivindicar o Haiti enquanto estado-nação para o povo haitiano, dentro ou fora de seu território. Os imigrantes que vieram para o Brasil na última década, entre eles,

---

[93] (Arquivo Histórico Ultramarino (Lisboa), caixa 2, Brasil diversos (1799-1824) apud MOTT, 1988, p.5).

[94] O movimento popular de base virado para a conquista do poder que se desenvolveu no Haiti nos anos 80 e a subida de Aristide ao poder, com a participação da maioria da população no processo eleitoral de 1990, assinalaram a tentativa do povo haitiano de reivindicar o Estado para si. O movimento pela conquista do poder político tem um âmbito transnacional. Os emigrantes haitianos que têm saído do país em números significativos desde 1956, fixando principalmente nos Estados Unidos e no Canadá, bem como os dirigentes políticos que passaram anos na diáspora haitiana, têm tido um papel importante neste processo de construção do Estado-nação. O Estado-nação que estes atores políticos estão tentando forjar não é, contudo, do tipo clássico, baseado num território nacional. Pelo contrário, quer certos setores da liderança política do Haiti, quer dirigentes das comunidades emigrantes, quer um setor da população resiliente no Haiti, com famílias e amigos no exterior, quer os próprios emigrantes têm participado na reconceitualização do Haiti como um estado-nação transnacional. (SCHILLER, 1997 p.43-44).

mulheres, crianças e homens são famílias haitianas em busca de realizar os seus projetos pessoais sem perder o contato com suas origens.

Do Haiti para o bairro Viver Melhor

Fui convidada pela Gloriane para registrar um evento na Igreja da Colmeia São Jorge, zona centro-sul de Manaus que foi idealizado pela associação Fanm Nwa em parceria com o Acnur e que tinha como objetivo conectar estes jovens às suas origens, o Haiti. Lá eu fiz contato com quatro adolescentes haitianas, todas com idade entre 17 e 18 anos que cresceram em Manaus.

Nesse dia, muitos jovens vestiam uma blusa verde, no começo apenas identifiquei as blusas iguais, depois ao olhar melhor percebi que se tratava de um uniforme da igreja. As jovens estavam juntas e usando o mesmo uniforme, haviam chegado juntas naquele dia, sentaram-se próximas na plateia, observavam atentas ao que era falado em língua crioulo, entre elas faziam comentários próximo aos ouvidos umas das outras, riam, às vezes, ficavam mais serias, faziam gestos com a cabeça, em afirmação e em negação.

Eu quis conhecê-las melhor e entrevistá-las para a pesquisa, como naquele dia não seria possível, pois já havia outras atividades do evento, me aproximei, me apresentei enquanto pesquisadora e pedi para entrevistá-las em um outro dia que não aquele do evento. Elas me perguntaram o que eu fazia, disse que estudava antropologia e que me interessava em pesquisar sobre as gerações haitianas em Manaus. Pois a antropologia é a ciência que vem se dedicando ao estudo empírico das culturas, como cita o pesquisador Nyelsen Beckman:

> Antropologia, se dedicando ao estudo empírico das culturas e das sociedades em seus contextos e ambientes, reconhece a diversidade sociocultural e a dignidade da pessoa humana, independente da raça, cultura, sociedade, classe, gênero, etnia, cosmologia ou religião. Entendo que Antropologia também se ocupa da comunicação, manifestações simultâneas na moral, na literatura, no direito, na religião, na economia, na política, na organização do parentesco e na estética de uma sociedade, seja ela qual for. (BECKMAN, 2021, p.17).

A partir dessa aproximação, as jovens migrantes concordaram de serem entrevistadas no bairro em que moravam, se eu pudesse ir até lá em um domingo de tarde, pois era o dia em que poderiam conversar comigo. À época da pesquisa, todas elas moravam no conjunto habitacional Viver Melhor. O bairro Viver Melhor é um conjunto

habitacional que fica na Zona norte de Manaus, aproximadamente 18km de distância da igreja da colmeia.

No domingo seguinte ao nosso primeiro encontro, fui até elas para conseguir as entrevistas. Sobre o Viver Melhor, há duas linhas de ônibus que atendem o bairro, a linha 356 tem o itinerário Viver Melhor – Centro – Viver melhor. Já a linha 358, faz o itinerário Viver Melhor – Cachoeirinha T2 – Viver Melhor. Durante a semana, ambas as linhas costumam sair com intervalos de 20 a 30 minutos dependendo do horário, já aos finais de semana esse tempo de espera pode facilmente dobrar. Para cada linha a viagem completa pode demorar entre 1hora e 1hora e 30min, isso depende muito do horário e do trânsito[95].

Para me deslocar até o Viver Melhor optei por usar o sistema de carro por aplicativo como alternativa de viagem. Ermeline seria nossa anfitriã, marcamos em frente a um mercadinho e na hora combinada eu estava lá esperando por ela. Quando cheguei mandei uma mensagem pelo celular e, apesar de ser domingo de tarde, o mercadinho que parecia ser de um haitiano estava aberto e a rua bem movimentada, não tive nenhum receio de esperar por ela. Não demorou dez minutos e logo chegou até mim. Disse-me que as outras moças nos encontrariam ali mesmo e ficamos conversando em pé, enquanto elas não chegavam.

Eu olhava para Ermeline, ela não conseguia me olhar nos olhos sem sorrir e baixar a cabeça muito tímida, meio sem entender o que eu estava fazendo ali. Ermeline, tinha estatura média, corpo magro, a pele preta, algumas marcas da adolescência no rosto e os cabelos curtos e trançados, seus olhos lembravam o caroço do açaí maduro, redondinhos, pretos e brilhantes, suas mãos e pernas inquietas pareciam ter vida própria. Ela me contou que estava finalizando o ensino fundamental um pouco atrasada em relação as suas colegas e disse que queria estudar química no Instituto Federal do Amazonas - IFAM.

Nesse momento, fomos interrompidas por uma de suas colegas que havia se juntado a nós. Ela então nos convidou para irmos conversar na igreja, lá havia sombra e cadeiras para nós. Não era a igreja que estávamos do lado, era uma outra que ficava dobrando a esquina, à direita. Enquanto caminhávamos percebi que saíamos da zona pavimentada e entrávamos numa área de ocupação irregular ainda dentro do Viver Melhor. O caminho

[95] Durante algum tempo antes de ingressar na antropologia eu estive como pesquisadora trabalhando para uma empresa do grupo sinetram responsável pelo planejamento dos itinerários, rotas, organogramas e fluxos dos ônibus de Manaus. Fazia parte do meu trabalho acompanhar várias linhas de ônibus em seus trajetos completos, incluindo as duas linhas que atendiam ao Viver Melhor.

era de barro e pedra com inclinação, do lado esquerdo vi casas de tijolos, mas bem diferentes das casinhas iguais da rua de cima onde estávamos havia poucos minutos. Do lado direito um terreno ocupado com casas de madeira, algumas em estilo palafitas, muita lona e plástico cobrindo algumas moradias.

Paramos duas esquinas depois, a igreja estava à esquerda, era toda de alvenaria, mas ainda por finalizar, subimos alguns degraus, mas permanecemos ao lado de fora, pois estava tendo uma reunião na parte de dentro, eram alguns homens haitianos que provavelmente eram pastores, eles usavam o mesmo uniforme verde que as meninas estavam usando na Igreja da Colmeia. Cumprimentei a todos de longe, uma das moças trouxe cadeiras e me ofereceu água, como ainda tinha água na minha garrafa, agradeci e recusei.

Nós nos sentamos, retirei da bolsa estilo ecobag uma pasta azul transparente, elas olhavam ansiosas, expliquei que aquele era meu material de pesquisa, já devia ser por volta das 15h. Tirei os formulários, mas não entreguei, antes reforcei que estava fazendo algumas entrevistas com jovens haitianos que moravam em Manaus, a fim de entender melhor seus modos de vida nesta cidade. Quis saber se elas tinham perguntas e tinham, então combinamos primeiro que elas falavam, depois eu. Estávamos em cinco, eu, Ermeline e Jéssica, depois se juntaram a nós mais duas. Lousana e Jennifer.

Então elas me perguntaram o que eu fazia, daí expliquei que estava escrevendo uma tese para o doutorado em Antropologia Social no PPGAS/UFAM, e que o tema era sobre gerações haitianas em Manaus. Jennifer me questionou se isso era importante, eu então falei que sim, e eu disse a elas que tinha uma pergunta de pesquisa: como viviam as novas gerações de haitianos dez anos após a grande imigração de 2010. Disse que esse tipo de trabalho antropológico e científico, além de registro histórico, também contribuía para pensar a vida dessas pessoas nessa sociedade, onde elas viviam, o que faziam, se haviam ficado ou ido embora. Saber disso era importante, dentre outras coisas, para pensar políticas públicas que beneficiassem essa população, como saúde, educação, segurança e moradia.

Depois aproveitei para perguntar o que elas fariam após o ensino médio, se conheciam a Universidade Federal do Amazonas - UFAM. Lousana me disse que gostaria de fazer direito, Jennifer disse que queria fazer medicina. Jéssica me disse que queria ser professora ou advogada. Todas elas estavam terminando o ensino médio e tinham muitas

dúvidas sobre a UFAM, por exemplo, se a universidade era paga, como fazia para ingressar no curso. Eu expliquei que a universidade era pública e o ensino era gratuito do início ao fim, expliquei que uma das formas de ingresso era o Exame Nacional do Ensino Médio, o ENEM. Com as notas deste exame poderiam concorrer às vagas dos cursos que desejavam.

Ermeline ainda estava terminando o fundamental, mas queria estudar no IFAM. Ermeline me perguntou se poderia fazer a inscrição dela, porque não tinha computador e nem acesso à internet. Eu disse que sim. Chegando em casa ela mandou foto dos documentos, entrei no site do IFAM e fiz a inscrição dela. Fiquei acompanhando e em janeiro, vi que ela havia passado. Eu entrei em contato, mas já tinha perdido o número que havíamos conversado na última vez, quando consegui contato soube que o pai já havia feito a matrícula dela na escola militar e que ele não a acompanharia até o IFAM para realizar outra matrícula. Fiquei triste por ela.

Entramos na questão da naturalização, eu perguntei se elas já tinham a dupla cidadania. Elas disseram que não e que não tinham vontade de deixar de ser haitianas. Foi então que eu tentei explicar brevemente que o processo de cidadania não tiraria a nacionalidade dela, era mais um processo burocrático que concederia a elas alguns privilégios concedidos apenas a brasileiros ou pessoas naturalizadas como, por exemplo, assumir concursos públicos, votar nas eleições. Depois disso, entreguei canetas e o formulário para elas com duas páginas, na primeira tinha o termo de consentimento da entrevista e na segunda as perguntas propriamente ditas.

O questionário aplicado no dia 10 de dezembro de 2023 ficou assim:

> Nome: _____ WhatsApp: _____
>
> Quantos anos você tem? _____
>
> Em que série você está? _____
>
> Em qual zona da cidade você mora e estuda? _____
>
> Você mora com a sua família? São todos haitianos? Quantas pessoas são? (irmãos, irmãs, mãe, pai, avós, tios...) _____
>
> Qual sua matéria favorita e por quê? _____
>
> Na sua trajetória escolar teve algum professor ou professora que te marcou? O que ele fez? (pode ser coisa boa ou ruim se você quiser falar)
>
> _____

Conte sua trajetória escolar, no Haiti e no Brasil tem diferença? Você pode citar eventos que marcaram algum momento da sua vida, seja bom ou ruim.

_____

Você sentiu em algum momento que teve diferença na forma como você foi tratado ou tratada por ser do Haiti? Como foi?

_____

Quais são seus sonhos para o futuro em relação a trabalho, faculdade, conta um pouco sobre isso?

_____

Tem vontade de permanecer em Manaus ou viajar para outro lugar? Se sim quais lugares?

_____

No final a folha ficava livre para maior desenvolvimento das questões ou desenhos. Vou transcrever algumas questões respondidas por elas e deixar os formulários originais anexados ao final do capítulo. Jennifer, Jéssica e Lousana moram em famílias de quatro a cinco pessoas. Na casa de Jennifer todos são haitianos. Já na casa de Ermeline havia sete pessoas entre filhos haitianos e brasileiros. Todas elas estudaram parte da vida no Haiti antes de virem para o Brasil e, de acordo com as respostas delas, a escola de lá costumava ser bem mais rígida com muito mais regras do que a escola daqui. Elas contam, que por terem chegado ainda crianças no Brasil, se familiarizaram mais com a escola daqui.

A pergunta sobre terem sofrido algum tipo de preconceito, nenhuma delas aprofundou o assunto, é possível que nos poucos encontros que tivemos, e sempre cercadas pelos pais ou responsáveis, tenha sido um fator determinante para que não entrassem em detalhes neste assunto. Mesmo assim o racismo enquanto algoz estava presente em suas falas, como quando Jennifer respondeu que já tinha percebido um tratamento diferente de alguns colegas da escola pelo fato dela ser haitiana, mas disse não ter "levado a sério". Jessica também teve um relato parecido, respondeu ter se sentido "recusada por conta da sua nacionalidade". Ermeline respondeu dizendo já ter ficado de fora de trabalhos de grupo porque nenhum colega quis fazer trabalho com ela. Lousana relatou ter vivido momentos bons e ruins e não quis aprofundar na resposta.

A pergunta sobre se queriam permanecer em Manaus ou dar continuidade no projeto migratório iniciado pelos seus pais, responderam assim: Lousana disse ter vontade de permanecer em Manaus para concluir seus estudos e continuar a viver aqui com uma boa

profissão. Já Jéssica e Jennifer disseram ter vontade de conhecer outros países, mas não falaram sobre ir morar nesses lugares permanentemente. Ermeline disse que queria estudar na França, mas não sabia se o pai deixaria. Eu perguntei se ela queria morar lá e ela me disse que não, iria apenas estudar e voltar para o Brasil, depois de concluir os estudos.

Nós cinco estávamos sentadas do lado de fora do salão da igreja, nossa conversa ali facilmente chegava aos ouvidos dos homens que estavam em reunião dentro do salão, isso em nenhum momento foi um impedimento para mim, mas eu não sei se em outras circunstâncias as meninas poderiam ter ficado mais à vontade. Outros fatores que influenciaram nas respostas podem ter sido: não havia apoio de mesa para o questionário o que deixava a folha meio bamba, o sol daquela tarde de dezembro também não aliviava, além disso tudo, elas escolheram aquele local da igreja porque depois do nosso encontro teriam encontro de jovens no mesmo local, então havia um horário para ficarmos ali, não havia muito tempo livre. Uma suposição que fiz foi de que elas devam ter sido orientadas pelos adultos a fazer o encontro do jeito que ele aconteceu.

Os pais ou tios ali reunidos não me conheciam, não sabiam como tinha conseguido contato com suas filhas, sobrinhas ou qualquer outro grau de parentesco que pudesse ter entre os adultos e as quatro jovens que estavam conversando comigo. Nós nem chegamos a ser formalmente apresentados, apenas no final um deles veio falar comigo, mas não se identificou e nem disse o grau de parentesco entre ele e alguma delas. As meninas me acompanharam até o local onde havíamos nos encontrado, eu notei que na volta algumas delas ficaram mais carinhosas comigo.

Uma delas me deu uma garrafa de iogurte de banana que ela pegou no mercadinho sem pagar. Então, quando questionei se ela não pagaria, me disse que o dono era seu tio, portanto, não era para eu me preocupar. Perguntei o que faziam nos fins de semana, para onde saiam e disseram que a vida delas era ir para a escola e que as saídas geralmente estavam ligadas aos eventos na igreja, como aquele do dia em que nos conhecemos. Após esse dia eu as encontrei numa apresentação de dança haitiana no evento Refugiartes, em junho de 2024, que aconteceu no Palácio Rio Negro, localizado na avenida 7 setembro, em Manaus.

Refugiartes é um evento cultural que aconteceu pela primeira vez em 2024 e foi organizado pela comunidade de imigrantes e refugiados em Manaus em parceria com o

ACNUR e apoio da Western Union. O evento contou com atrações culturais do Haiti, Venezuela, Colômbia, Peru e da comunidade de países árabes. Em um ambiente de confraternização, acolhimento, integração e convivência pacíficas, como na descrição da página deles, @refugiartes.

Geração, identidade, sonhos e projetos de vida

Manaus é uma cidade grande, superando mais de 2 milhões de habitantes, de acordo com o último censo do IBGE em 2022.[96] Nessa cidade amazônica, habitam pessoas de diferentes origens, propiciando uma mistura cultural relativamente diversificada, que poderíamos chamar de uma "sociedade complexa". Para Gilberto Velho, uma sociedade complexa é aquela em a divisão social do trabalho e a distribuição de riquezas desiguais definem as classes sociais, além disso, essa sociedade complexa é marcada pela heterogeneidade cultural de seus indivíduos. Como nos mostra a citação abaixo:

> (...) a sociedade complexa que tenho em mente, a noção de uma sociedade na qual a divisão social do trabalho e a distribuição de riquezas delineiam categorias sociais distinguíveis com continuidade histórica, sejam classes sociais, estratos, castas. Por outro lado, a noção de complexidade traz também a ideia de uma heterogeneidade cultural que deve ser entendida como a coexistência, harmoniosa ou não, de uma pluralidade de tradições cujas bases podem ser ocupacionais, étnicas, religiosas etc. (VELHO, 2008, p. 14).

Vimos no primeiro capítulo que o objetivo da primeira geração era sair do Haiti, migrar para o Brasil em busca de condições que pudessem construir uma vida menos dura. Vimos também que com os adultos vieram as crianças migrantes, estas se tornaram jovens que cresceram fora do país de origem dos pais. Elas tiveram a possibilidade de estudar e estão em fase de construção de suas vidas, como todos os jovens essas pessoas sonham e fazem seus planos de vida. Os jovens desta pesquisa cresceram em Manaus, uma capital do norte do Brasil, que concentra a maior parte da população do estado do Amazonas.

Ao pensarmos na dimensão social da migração haitiana, observamos que o trabalho foi o meio pelo qual eles se inseriram na cidade de Manaus. No caso de Dom, como ele mesmo canta em suas músicas, é desde os seus doze anos que foi para as ruas trabalhar, por isso, não poderíamos deixar de entender os aspectos socioculturais aos quais esses

[96] https://cidades.ibge.gov.br/brasil/am/manaus/panorama. Acessado em 15/10/2024.

jovens estão inseridos, quais os limites, liames e limiares sociais que eles experimentam, seja pela dimensão econômica do trabalho, seja pela dimensão racial, cultural e social.

O jovem Wisdonnky, aos doze anos de idade, já encarava uma realidade múltipla e desigual, realidade essa que o colocava responsável por si mesmo nas ruas de uma grande metrópole, como Manaus. Ao ter que encarar uma vida de adulto mesmo ainda sendo uma criança, Dom foi levado a elaborar suas próprias escolhas de vida levando em conta a si mesmo e a sua família. E foi aí que começou seu projeto de vida, a casa própria. Olhando para frente os maiores sonhos de Dom eram, ter emprego para erguer a casa própria e ter um quarto só para si. Sonhos esses que vinham se tornando realidade dez anos depois de chegar em Manaus. Essa mesma casa é a casa em que fui tomar a *Soup Joumou*. Um projeto de vida construído ao longo de muitos anos pela própria família de Dom.

A casa

Sobre a noção de projeto Gilberto Velho fala que:

> O que a noção de projeto procura é dar conta da margem relativa de escolha que indivíduos e grupos têm em determinado momento histórico de uma sociedade. Por outro lado, procura ver a escolha individual não mais apenas como uma categoria residual da explicação sociológica, mas sim como elemento decisivo para a compreensão de processos globais de transformação da sociedade. Visa também focalizar os aspectos dinâmicos da cultura, preocupando-se com a produção cultural enquanto expressão de atualização de códigos em permanente mudança. Ou seja, os símbolos e os códigos não são apenas usados: são transformados e reinventados, com novas combinações e significados. (VELHO, 2008, p. 110)

A casa de Dom foi sendo construída por ele mesmo, fato esse que lhe traz um orgulho imenso e que o faz compartilhar com seus melhores amigos no Instagram. Na época da pesquisa de campo, estava entre eles, e pude acompanhar mais de perto a realização do sonho materializado na casa própria. Desde quando começou a construi-la, em 2022, nas horas vagas, Dom sentava os tijolos, fazia a argamassa, levantava as paredes, colocava os pisos, e tinha uma dedicação máxima à sua obra. Ele não me chamou só para tomar a sopa no dia 01/01/2024, ele queria que eu visse de perto a casa da avó Jacqueline. No dia 23 de agosto de 2023, Dom disse no *stories* do seu Instagram:

> "tem gente que fala para chamar o vizinho para ajudar, ajudar em que, se eu sei fazer tudo. Encanamento? Manda. Piso? Manda. Hidráulica? Manda. Eu sou autossuficiente". (Wisdonnky, 2023).

A casa é de alvenaria e tem dois andares, no andar de cima fica o quarto de Dom. Junto com ele mora a sua mãe, uma pessoa bem reservada e que não costuma aparecer muito, a avó Jacqueline, o avô Dolcius e o primo Goa. Dom falou que seu lugar favorito no mundo era o seu quarto, o primeiro quarto que não precisava dividir com mais ninguém e que conquistou com muito esforço e muito trabalho duro de sol a sol, como vigilante de condomínio. Sobre o quarto ele disse:

> "só quem já dividiu um quarto com mais nove pessoas entende o valor e o sabor que tem essa conquista".

A casa é também onde moram os sonhos, pois é de lá que compõe letras de música. Seu trabalho autoral com a música começou no final da adolescência quando seus pensamentos viravam música de rap e hip-hop. Ele me disse que a casa representa fisicamente o seu lugar no mundo e que ele poderia ir para qualquer lugar, mas aquele ali era o seu próprio cantinho no imenso mundão. Para os pesquisadores Danielle Pereira e José Aldemir: "A moradia é sem dúvida uma localização física, mas é ao mesmo tempo uma expressão psicossocial, sendo produto e condição da sociedade e da sua produção e reprodução". (COSTA; OLIVEIRA, 2007, p. 34).

A avó Jacqueline

O jovem Dom vem de uma família de artistas, sua avó Jacqueline que completou sessenta anos em 2024, é trancista afro, cozinheira e artesão, no Brasil ela gosta de frequentar a missa aos domingos. Tem um total de cinco netos, Dom, Goa, Dayf, Good e Marie Belle e, até 2024, todos estavam no Brasil. Olhando para trás ele via sua avó e tudo que ela conseguiu conquistar com a coragem que teve e que ainda tem. Abaixo uma fala de Dom, onde ele evidencia a sua visão a partir das circunstâncias geracionais entre ele e a avó.

> Minha avó veio para cá com idade, então ela já tinha construído uma vida lá (Haiti) e de repente ela precisou abandonar tudo que ela tinha para sair de lá e recomeçar do zero (no Brasil), sem nenhuma perspectiva, sem esperança, sem saber muito o que fazer. Para mim já é diferente, porque eu vendo tudo isso, eu tenho a possibilidade de aprender com tudo que ela vem fazendo. Até porque ela se esforçou bastante para construir tudo que construiu aqui do zero. (trecho de uma entrevista com dom em 2023).

Em uma de nossas primeiras conversas Dom me falou de seus projetos autorais na música. Ele me mostrou uma música que ele compôs, a música contava sua própria

história quando mais jovem, na letra ele conta que trabalhou nas ruas e terminais de ônibus em Manaus, de sol a sol, recebendo os piores olhares e tratamentos sociais. Era apenas uma criança de 12 anos com um projeto de vida, construir uma casa para a sua família. Para isso, ele juntava um dinheiro embaixo do colchão onde dormia. Abaixo temos trechos da música "Contra o Tempo", gravada e remixada por Dom, divulgada em suas redes sociais "@22domg".

> Cuidando pra que meus sonhos se tornem reais/Correndo contra o tempo não fico pra trás/Conta bancária faminta tá pedindo mais/Meu bolso anda lotado guardo animais/Lembro que eu só tinha 12 disputando vagas/Pulando de bairro em bairro fazendo umas notas/Meu primo junto comigo das ruas à escola/Trabalhei muito pra isso então chegou a hora. Mostrando minha dor e trauma, quero grana e fama/Como posso te odiar se tu já foi a minha dama/Continuo nas batalhas a guerra não tá ganha/Coleciono animais como se eu fosse o IBAMA/Perdi manos na esquina por causa de gramas/Quando eu falo da minha vida pensam que é só drama/Armazenando memórias que ainda me assombram/Meu neguin junto comigo a caminho da grana. Pensando em mudar de vida/Deixar minha família rica...

Na letra dessa música, quando Dom tinha 18 anos, ele conta em forma de poesia suas memórias do trabalho nas ruas e o anseio por ter dinheiro. Em uma sociedade marcada pela divisão do trabalho e pelo acúmulo desigual de riquezas, como coloca Gilberto Velho, a partir da noção de projeto, é preciso ter dinheiro para ser reconhecido e ser valorizado, pois Dom como imigrante logo cedo internalizou isso. Na música ele também fala do seu primo, mais novo que ele dois anos, e por quem Dom chegou a brigar na escola. Ele relembra os amigos que perdeu para a guerra às drogas e em como a vida dele poderia ser totalmente diferente, se ele não tivesse lutado para que os seus sonhos se tornassem reais.

Dom foi criado junto com os seus primos, todos mais novos que ele, boa parte dessa juventude tinha rotina certa, costumavam sair para a escola e para o trabalho com os pais. Frequentemente também frequentavam o culto na igreja evangélica, frequentada pelos pais ou a missa na igreja católica, que a avó frequentava. Muito raramente podiam sair sozinhos, por vários motivos os pais tentavam ao máximo fazer com eles se mantivessem sob o seu olhar. Aqui vale relembrar e destacar o curso de internet que os meninos fizeram pelo IDC (Instituto Descarte Correto) em parceria com a Fanm Nwa, porque esse curso permitiu que os jovens entrassem em contato com o mundo da web. Tanto na parte de *software* como na parte *hardware*.

Dom e Dayf aprenderam o básico sobre montagem e manutenção no curso, mas gostaram tanto que continuaram se aperfeiçoando a partir do que já sabiam e conseguiram montar um mini estúdio no quarto de Dom, feito a partir de peças que eles conseguiam mais barato. Quando Dom começou a se envolver com a cena hip-hop, foi pela internet que ele socializou, fez os contatos musicais que surgiram, oportunidades de parcerias, shows, gravações e composições em conjunto.

Após os seus dezoito anos, ele sentiu a necessidade de estabelecer redes de relações para fora do espaço cibernético, foi aí que junto com alguns amigos da escola começou a explorar outros cantos da cidade, para além dos lugares onde trabalhava. Ele me disse que já tinha ido gravar um clipe na ponta negra com seus amigos e outro no centro histórico de Manaus, naquela parte que fica o antigo Paço municipal. Tudo registrado em plataformas digitais. Em 2023 fui fazer uma entrevista com ele na praça São Sebastião, centro de Manaus. Eu perguntei se já tinha feito show fora da web, me disse que nunca foi em nenhum show presencial, nem tinha tocado em um. Ele ainda não havia conhecido a cena de Manaus, por exemplo, justamente porque estava começando a sair sozinho de casa bem na época do contato da pesquisa.

Em abril de 2024, convidei Goa e Dom para uma palestra e oficina de compostagem promovido pela Nika Otsuka e pelo Eron Oliveira do Jardim Ikigai. A oficina aconteceu no *world creativity day*, realizado naquele ano, no hotel Mercure, zona centro-sul de Manaus. Goa gostava muito das aulas de ciências na escola, onde participou de um projeto que envolvia a compostagem dos resíduos orgânicos e o reflorestamento. Goa ficou entusiasmado com a oficina do Jardim Ikigai e quis compartilhar um pouco dessa experiência lá. Na foto abaixo um registro do Goa apresentando seu projeto escolar para o palestrante Eron Oliveira.

Figura 41 – Goa no *world creativity day*

Fonte: arquivo pessoal

A próxima entrevista foi a última que fiz com Dom para esta pesquisa. Na verdade, eu pedi que contasse sobre sua trajetória enquanto imigrante haitiano na cidade de Manaus. O material abaixo foi transcrito do áudio no app WhatsApp. Wisdonnky é a mesma criança que viu sua vida mudar completamente depois do terremoto de 2010. Ele relata aos 20 anos de idade suas noções de acesso à cidadania, educação, trabalho e moradia a partir de Manaus, Am.

> Olha, essa questão é uma questão bem interessante (acesso à cidadania), mas ela começa muito antes de eu vir trabalhar aqui nesse local específico, porque desde sempre, como a minha tia, a minha avó, elas sempre fizeram faxina fora, então uma vez ou outra, por ser mais velho, elas me levavam para esses locais. Então assim, de alguma forma, eu sempre via um pouco dessa realidade, dessa forma de convivência, da forma que as pessoas se portam e tudo mais, então meio que eu fui me familiarizando com aquilo. Quando eu fiquei mais velho, eu também fiz faxina, por exemplo, lá no condomínio do Efigênio Salles, o Mundi, outros condomínios ali no Tarumã e tal. Tipo assim, meio que já era uma coisa habitual, mas era sempre aquela relação de patrão e funcionário, sabe, não era nada mais além disso.
>
> Meio que, tipo assim, eu já sabia como é esse tipo de pessoa, como eles são, e meio que eu já sabia como é que eles se portam, né? O que eu tenho que fazer, o que eu não devo fazer e tudo mais. E aí quando eu passei a trabalhar aqui no primeiro momento como porteiro, a relação foi a mesma, até um pouco pior, porque aqui nesse conjunto em

específico, as pessoas, elas não são, digamos assim, ricas, né? Elas são pessoas classe média. Classe média baixa e classe média, média e um pouquinho alta, né? Não é nem muito classe média alta, não. É ali aquelas pessoas que fazem, eu acho que, seus 10 mil até uns 30 mil por mês ali, chutando alto, assim. Então meio que essas pessoas, na sua grande maioria, não todos, claro, eles têm aquela síndrome de desmerecer o outro. E quando eu trabalhava lá. Lá na portaria, uma vez ou outra, acontecia muito isso. Tipo assim, da pessoa te distratar por nada, sabe? De graça, assim. Ela deu vontade, ela não te trata bem, ela não te trata bem. O que não acontecia quando eu trabalhava nesses outros condomínios maiores. Por exemplo, no condomínio Mundi, eu sempre fui muito, muito, muito bem tratado. Outros condomínios do Tarumã, da Ponta Negra também, sempre fui muito, muito bem tratado. Porém, aqui, nesse conjunto específico, que não é nem um condomínio, as pessoas elas têm esse ego, né? Esse sentimento de que eles são, eles estão no comando e tudo mais. Claro que tem umas pessoas que te tratam com educação, mas tem outras que é a maioria, que nunca me tratou legal. Então, assim, eu já sabia como eles eram, então não foi uma coisa que me surpreendeu tanto, sabe? Eu só tava ali pra fazer o meu trabalho e eles vivendo a vida deles aí[97].

Porém, quando eu fui promovido, quando eu fui promovido, eu saí lá da portaria e vim pra cá pra administração, a coisa muda. Por quê? Porque quando tu tá lá na portaria, assim, tu é só mais um, né? Tu é a vestimenta, tu é uniforme, não é lá essas grandes coisas, ninguém sabe, ninguém praticamente nem sabe teu nome, é o porteiro e tal. Então tu tá ali naquela posição mais desfavorável. E aí quando eu vim pra cá, pra administração, claro que eu não ia me vestir da mesma forma, que, por exemplo, eu só me vestia pra trabalhar na portaria porque essa era a vestimenta. Uma roupa básica, jeans, camisa, boné e a bota, né? Era básico.

Porém, quando você vai trabalhar no meu escritóriozinho, no cargo melhor, administração e tudo mais, tem que se vestir melhor, né? Então, sempre tive as roupas, porém eu não usava. E aí, troquei, né? O código de vestimenta e tudo mais. E aí, tu começas a ver as pessoas te tratando de diferente. Digamos, esse diferente é para a melhor. E o pior é que são as mesmas pessoas que não te tratavam legal. Tu vês que o ser humano, ele se preocupa, pelo menos os daqui desse conjunto em si, ele se preocupa mais com o que tu aparenta ser do que com o que tu és de verdade.

Porque, assim, a mesma pessoa que eu era lá na portaria é a mesma pessoa que eu sou aqui, né? A única diferença é que eu exercia uma função distinta, né? Então, assim, muitas pessoas que me tratavam mal, muitas pessoas mal-educadas, que não respeitavam quando eu estava na portaria, quando elas chegaram aqui no escritório e viram que era eu que estava aqui, eu conseguia ver a cara de surpresa estampada na

[97] Convém retornar ao princípio unificador e gerador das práticas, ou seja, ao *habitus* de classe, como forma incorporada da condição de classe e dos condicionamentos que ela impõe; portanto, construir a classe objetiva, como conjunto de agentes situados em condições homogêneas de existência, impondo condicionamentos homogêneos e produzindo sistemas de disposições homogêneas, próprias a engendrar práticas semelhantes, além de possuírem um conjunto de propriedades comuns, propriedades objetivadas, as vezes, garantidas juridicamente - por exemplo, a posse de bens ou poderes - au incorporadas, tais como os *habitus* de classe - e, em particular, os sistemas de esquemas classificatórios. (BOURDIEU, 2000, p. 97).

> pessoa, sabe? Então, você começa a ver a mudança de tratamento, porque praticamente agora não existe mais essa relação de eles ser o maior e eu estar naquela posição menor. É basicamente de igual para igual. Até porque também eu acho que quando você está na portaria ou num cargo menor, inevitavelmente não tem como você colocar acima, sabe? Não tem como você, independente da forma que você se posicione. Não tem muito o que fazer pra pessoa te enxergar, digamos assim, no mesmo patamar, sabe?

Figura 42 E 43 - Wisdonnky com 3 anos no Haiti e com 18 anos em Manaus.

Fonte: Wisdonnky

Ao término desta pesquisa Dom estava com 21 anos, matriculado na faculdade FAMETRO em Manaus, no curso de Contabilidade, passou a usar óculos e começou a namorar. Também permanecia empregado e conseguiu comprar um carro. Dom desejava fortemente seguir carreira nos estudos e terminar a faculdade, continuar fazendo música, e se profissionalizar para cada vez ter mais sucesso em sua vida e poder ajudar seus familiares próximos e distantes. Goa, Daf, God e Marie Belle acompanharam Gloriane até Brasília. Os três mais velhos estudam, trabalham e estão construindo sua casa própria com a mãe.

Quem conta as histórias sobre o Haiti no Brasil

A etnografia do evento “histórias do Haiti”, foi realizada no dia 02 de dezembro de 2023 (sábado), na Igreja da Colmeia, localizada no bairro São Jorge, em Manaus (AM). O objetivo principal dessa reunião foi apresentar o Haiti para os jovens imigrantes haitianos e filhos de haitianos através das histórias do Haiti. A data escolhida também tinha a intenção de celebrar o mês da consciência negra, que havia sido em novembro.

Figura 44 - Divulgação do evento: cards/redes sociais.

Fonte: Gloriane

Nesse encontro havia muitos haitianos e consegui fazer muitas imagens que, por questões éticas e a fim de preservar a identidade de todos, inclusive menores presentes nas imagens, optei por não revelar seus rostos e eventualmente omitir seus nomes. Eu cheguei às 14h, uma hora antes da hora definida para início do evento, logo que cheguei me sentei na mureta que fica ao lado do portão da igreja. No local já havia um grupo de meninos conversando e um homem haitiano que estava ao meu lado para quem perguntei onde estava Gloriane. Ele me respondeu que Gloriane estava no banho. Continuei ali sentada e observando a conversa dos meninos que falavam todos em português.

Figura 45 – Jovens na Igreja da Colmeia

Fonte: arquivo pessoal

Como é possível notar na foto acima, havia cinco meninos, dois estavam sentados e três estavam em pé. Nos fundos da imagem é possível ver o mato alto, se trata de pés de cana de açúcar. Vale notar que é comum encontrar esse tipo de cultivo nos quintais de haitianos em Manaus, pois eles apreciam o sabor adocicado da cana. Isso lembra também, para muitos deles, os canaviais do interior do Haiti, lugares de onde vieram. Voltando aos meninos, quatro desses meninos aparentavam ter entre 12 e 14 anos, o menor em pé entre os dois maiores tinha sete anos.

O menino de sete anos era o mais falante de todos, em suas falas tinham frases pejorativas, parecia mais uma tentativa de ser aceito pelos maiores ao falar "coisas de homem". Os meninos maiores reagiam rindo e perguntando se ele sabia do que estava falando. Ele insistia em falar coisas não adequadas para a sua idade e ria, ao que os outros meninos não o levavam a sério apenas rindo entre si. Com o avançar das horas outras pessoas foram chegando no espaço trazendo crianças e outros jovens e esse grupo se dissipou.

Figura 46 – Pátio Igreja da Colmeia

Fonte: arquivo pessoal

Logo o pátio da igreja da colmeia estava repleto de crianças, na imagem acima é possível ver algumas delas. Na foto vemos três crianças menores brincando, duas em pé observando e outras sentadas próximo aos pais na mureta que fica encostada no muro. O terreno da igreja tem um declive. A parte onde ficam os pés de cana também fica um galpão, pelo que observei alguns instrumentos usados na igreja são guardados ali, o monte de areia coberto com lona preta indica que há algo ainda por construir.

Seguimos então para dentro da igreja, tinha uma média de 40 crianças com idade entre 03 e 17 anos. Mais umas trinta pessoas adultas. O evento foi marcado pela língua crioulo, em boa parte da cerimônia havia uma jovem ao meu lado fazendo a tradução instantânea do que era falado no altar. Mesmo sem entender a língua era possível identificar gestos de valorização da cultura haitiana. A apresentação iniciou como uma oração em crioulo haitiano, não soube identificar se o gesto da oração era por estar dentro de uma igreja. Logo em seguida veio uma pessoa contar a história do Haiti, depois uma moça cantou o hino de seu país seguida de muitas palmas da plateia que observava tudo atentamente.

Figura 47 – Salão igreja da Colmeia

Fonte: arquivo pessoal

Essa foto tirada por uma jovem haitiana, que estava com meu celular, temos uma visão panorâmica de todas as pessoas envolvidas, pois nessa hora a jovem no altar cantava o hino do Haiti. O salão da igreja é bem grande, sendo composto por três blocos, cada um com de cerca de vinte cadeiras brancas de plástico. As paredes e as colunas na cor branca são ornamentadas com tecido azul e branco e comporta facilmente cem pessoas. As ideias passadas pelos mais velhos era de que os jovens deveriam sentir orgulho pela sua nacionalidade, pela sua cor, pelas suas origens, que deveriam estudar, fazer graduação e pós e nunca abandonarem seus estudos.

Figura 48 – Jovens usando uniforme da igreja

Fonte: arquivo pessoal

Nessa foto vemos parte das novas gerações haitianas, todas com uma blusa verde, que é o uniforme da igreja, usado em dias de culto. O evento em si não era um culto, mas como era na igreja esses jovens optaram por ir de farda. Não vi nenhuma criança usando o uniforme da igreja, apenas adolescentes usavam. Após uma pequena mostra de cultura

haitiana dentro do salão da igreja todos foram convidados a se dirigir até o andar de cima para comer comida “típica” haitiana.

Figura 49 – crianças no salão de serviços da igreja da Colmeia

Fonte: arquivo pessoal

Essa foto fiz assim que subi, nela temos cerca de cinquenta crianças já posicionadas para comer a comida que seria servida. Notamos que a presença de crianças é expressiva para uma cidade que seria apenas passagem para estes haitianos. Não temos dados precisos de quantas crianças haitianos nasceram em Manaus nos últimos dez anos, pois a partir do senso não é possível obter essa informação. Essa parte de cima da igreja da colmeia fica bem acima da sala de cultos. É nesse grande salão que acontece alguns eventos entre os haitianos, algumas crianças olham para o lado direito na direção em que há algumas mesas com a comida já servida, mas ainda por entregar.

Figura 50 – prato com comidas “típicas” haitianas

Fonte: arquivo pessoal

Nessa foto vemos os pratos que já estavam prontos ali esperando as crianças. Essa foto tirei em seguida depois que fotografei as crianças sentadas. Cada prato contém o arroz com feijão cozidos juntos no estilo baião de dois, frango frito, picles, maionese e banana frita. É um prato muito colorido e diversificado. Não é a comida servida no dia a dia deles, é uma comida feita em ocasiões especiais.

Figura 51 – mesa simbolizando a culinária haitiana

Fonte: arquivo pessoal

A mesa posta na entrada do salão está forrada com tecido vermelho por baixo e azul por cima, lembrando as cores da bandeira do Haiti. Temos sete pratos e cada um representa uma comida típica[98]. O primeiro prato, à esquerda, contém sopa, prato "típico" servido no dia em que se comemora a independência do Haiti em 1802. Ao lado temos os patacones, que são feitos da banana pacovã ou banana da terra, frita em rodelas. Seguindo temos arroz branco ao lado do arroz com feijão. Depois temos a maionese com batata, cenoura e beterraba, ao centro temos uma salada de pepino, tomate e alface e por último o tão amado por eles frango frito. Aqui eu falo tão amado, porque geralmente a carne é a melhor parte da comida e eles sempre deixam por último na hora de comer.

Um ano depois, em 2024, a atividade cultural se repetiu, dessa vez aconteceu na sede da associação e teve a participação Warao da zona leste de Manaus. Com o intuito de valorizar a cultura haitiana e passar um pouco da história do Haiti aos jovens que cresceram fora daquele país, a Fanm Nwa promoveu em 2024, no mês da consciência

[98] O trânsito das pessoas leva à difusão de alimentos e técnicas culinárias, mas também ao aprendizado de novos sabores e saberes. A troca de experiências, vivências e alimentos nos enriquece a todos, permitindo identificações mais multifacetadas e menos etnocêntricas. Há mais diálogo, mais empatia e mais reflexão. Há, igualmente, mais possibilidades interativas e de trocas de conhecimentos, ampliando gostos e encontros interculturais. (ZANINI & SANTOS, 2023, p.12).

negra e pelo segundo ano consecutivo, uma atividade intercultural, com mostra de história, cultura e culinária haitiana. Cerca de 30 pessoas participaram entre haitianos, venezuelanos e warao. Nesse dia, cantamos o hino do Brasil, o hino do Haiti e o hino da Venezuela. Tivemos apresentações de canto e dança haitiana e comidas típicas do Haiti e da Venezuela.

Esse tipo de encontro é importante, pois além ajudar a preservar uma memória coletiva que marca a história das primeiras gerações, também explicita as diferenças e os modos de ser e estar no mundo das pessoas, segundo os critérios e sentidos de nação, estado e povo, nos quais essas pessoas estão inseridas. Na foto abaixo temos o registro do encontro que aconteceu em novembro. São pessoas haitianas, venezuelanas e warao.

Figura 52 - Atividade cultural

Fonte: arquivo pessoal

CONCLUSÃO

Ao caminhar para a conclusão desta tese, retomamos as perguntas iniciais desta pesquisa. Nós nos perguntamos como o processo migratório repercutiu na trajetória de vida de algumas crianças haitianas que cresceram na cidade de Manaus (AM)? Por sua vez, essa pergunta nos levou a outra: como se deu o acesso à cidadania dessas crianças e jovens imigrantes nesta cidade? Para responder a essas questões, fui a campo e acompanhei a vida de algumas pessoas haitianas desde o ano de 2019, período em que iniciei uma pesquisa em nível de mestrado, até o momento atual, o ano de 2025.

Estive com meus interlocutores em muitos momentos, momentos alegres, de luta, de dor e em todos esses momentos fui bem honesta sobre a pesquisa que estávamos desenvolvendo, e só entraria na tese aquilo que eles permitissem. Durante todo o campo prezei pelo protagonismo tanto das crianças migrantes como dos adultos, ou seja, a história contada por eles mesmos na medida em que vivenciaram as questões migratórias, de raça e educacionais que se traduzem em estigmas, xenofobias, preconceitos que essas pessoas pudessem ter sofrido nos ambientes por elas frequentados.

A partir dessas relações iniciais, trilhamos e vivenciamos caminhos que passaram por pensar e problematizar o conceito de geração e a importância desse conceito para os estudos migratórios. Depois de ouvirmos as narrativas contadas por eles, pensamos a educação formal e informal como dimensão fundamental dos processos migratórios. E, por último, o acesso à cidadania como eixo estruturante dos modos de sociabilidade e relações entre haitianos e brasileiros na cidade de Manaus.

Ao longo deste percurso percebemos que não havia políticas públicas suficientes para atender a toda a demanda de jovens e crianças migrantes. As famílias migrantes em geral ainda encontram muitas dificuldades para realizar as matrículas dos seus filhos, em escolas e creches públicas, sendo o racismo e a xenofobia as principais barreiras de acesso à educação. Nesse sentido, na minha pesquisa, a geração das mães e dos pais das crianças migrantes foi muito importante para abrir e iniciar os caminhos e os acessos dos seus filhos na nova sociedade.

No capítulo I desta tese vimos a história de Gloriane, uma história importante onde uma mulher negra e imigrante foi protagonista de sua história e da história de seus descendentes. Vale destacar que nos anos que residia em Manaus, ela adquiriu duas casas próprias e sustentou uma família de quatro filhos, dentre os quais a última é nascida em

Manaus. Além disso, Gloriane também fundou a associação Fanm Nwa. Ao desenvolver as atividades na associação, Gloriane ensinava o português do jeito que sabia para as outras mulheres haitianas, o que foi muito importante para garantir acessos à cidadania delas e de seus filhos.

No final do ano de 2023, ao passar por problemas de ordem familiar envolvendo uma separação, Gloriane precisou deixar tudo para trás e recomeçar a vida novamente, dessa vez, em Brasília, levando consigo suas duas filhas, e seus dois filhos. Entre as crianças, uma adolescente de 14 anos e uma bebê de apenas um ano. Em Brasília elas moravam de aluguel durante os cinco meses iniciais. Já em meados de 2024, Gloriane adquiriu um metro quadrado de chão para construir sua casa própria. Abaixo temos um trecho de uma conversa em que ela descreve o lugar e o processo de construção da sua nova moradia.

> Onde que eu moro é como aonde que eu morava (em Manaus). O Dom não aceita, o Goa também (não), mas só que o meu dinheiro não dá pra eu morar onde que eu queria. Então eu tô morando onde que eu acho. É isso que é a integração dos imigrantes, só vai aonde que seu dinheiro permite, né? (Aqui) é uma área de ocupação, cheia de lama (no tempo de chuva), cheia de poeira quando tá no tempo de seco, mas eu não tô nem aí, eu tô construindo como todo mundo tá construindo. Aqui também meus filhos vão estudar. Se deu certo, glória a Deus. (Gloriane, abril de 2024 em Brasília via WhatsApp).

Eu quis trazer essa fala dela, porque a partir do que ela falou acima nós podemos observar como se entrecruzam necessariamente a migração, raça, educação e cidadania. Nesta fala, também apresenta o que Sayad chamou de fato social completo, porque envolve as três dimensões da pessoa migrante: uma perspectiva histórica, uma perspectiva das estruturas sociais vigentes e da dimensão fisiopsicológica, para a qual Marcel Mauss chamou a atenção.

Por exemplo, quando ela diz: “Então eu tô morando onde que eu acho é isso que é a integração dos imigrantes, só vai aonde que seu dinheiro permite, né?” e, “é uma área de ocupação, cheia de lama; mas eu não tô nem aí, se der certo, glória a Deus”. Essas frases falam sobre uma mulher imigrante submetida a uma estrutura social que a empurra para lugares no Brasil marcados pelas pessoas pobres, migrantes e negras. E essas pessoas, “Só vão até onde seu dinheiro permite”.

O que a nossa sociedade passa como mensagem para as pessoas, é que só tem direito à cidadania aquele ou aquela que estiverem dentro de ciclos de prestígio social ligados ao

consumo, levando essas pessoas a buscarem consumir o máximo possível, não só bens, mas sobretudo bem simbólicos, ideias e perspectivas de mundo ligadas ao consumo. Foi diante de todo este contexto que, no caso das mulheres haitianas, elas encontraram na associação a força coletiva que precisavam para chegar mais longe.

De forma geral em Manaus, vimos que, as pessoas migrantes geralmente estão espalhadas pelos bairros periféricos e com grandes índices de violência, além do crescimento desordenado e da falta de recursos como escolas e hospitais próximos às suas residências. Essas pessoas estão em sua maioria sem acesso aos sistemas básicos de saneamento, saúde, educação e segurança. Ainda assim, essas famílias imigrantes conseguem se estabelecer e adquirir meios de sobrevivência capazes de lhes manter em trânsito.

No capítulo II vimos a geração como um modo de percepção a partir do fenômeno migratório, a geração surge como uma força de significação de como os atores sociais vivenciam o seu processo migratório. Gerações dizem respeito a um conjunto de pessoas nascidas numa mesma época, neste trabalho apresentamos uma geração de imigrantes adultos, uma geração de imigrantes crianças e ainda as filhas e filhos de imigrantes que nasceram durante o processo migratório para o Brasil e que, formalmente, foram considerados brasileiros. Tentamos estabelecer diferenças e semelhanças entre estas pessoas, observando a partir da escola e junto da família.

Refletimos sobre como as gerações estão habitando a cidade de Manaus. O que vimos é que através da associação Fanm Nwa, a primeira geração de imigrantes tem um papel crucial no legado que fica para a próxima geração. Os pais e as mães haitianas passaram o protagonismo para seus filhos que chegaram ainda crianças ou nasceram neste país. Esses jovens ainda tinham contato direto com a língua haitiana e através dos pais que a mantinham nas conversas entre as famílias onde a maioria de seus membros ainda falava a língua haitiana.

Também vimos como a escola pode ser um lugar de reprodução social onde o Estado busca exercer o poder por meio da manutenção das práticas pedagógicas, como afirmou Bourdieu. Sendo assim, o racismo e a xenofobia estavam presentes nas trajetórias dos meus interlocutores. No entanto, a escola também pode ser um lugar de transformação social, tudo depende de como as pessoas conduzem as políticas educacionais através das práticas de ensino e aprendizagem. Uma vez colocadas as diferenças culturais que as

crianças migrantes trouxeram para o ambiente escolar da Waldir Garcia, essas diferenças puderam ser vistas como oportunidade de trocas de saberes, enriquecendo o ambiente da escola como um todo.

Os jovens imigrantes tiveram maior possibilidade de cursar a escola formal ou mesmo a educação de jovens e adultos. Essa facilidade permitiu que eles não tivessem as mesmas dificuldades dos seus pais, por exemplo nos trâmites para revalidar os diplomas. Por outro lado, cursar uma faculdade não será tão simples na vida dessas pessoas, pois ainda não há políticas públicas de cotas o suficiente que atendam a toda a demanda de jovens. A faculdade pública é um sonho de muitos, mas realidade para poucos, dado os números limitados de vagas ao público imigrante, particularmente, em condição de refúgio.

O Brasil tem 524 anos e desses 524, se subtraímos 388 anos de escravidão, passaram-se pouco mais de 130 anos. E, historicamente, não houve políticas de reparação estruturais e duradouras para a população negra, tais como, reforma agrária, ampliação progressiva das condições educacionais e profissionais no país, por isso é inegável ainda hoje, uma forte herança escravista reverberando em nossa sociedade contemporânea, o que deixa milhares de jovens negros brasileiros fora das universidades.

O que aconteceu no Brasil pós abolição foi a formulação e aplicação de leis que impediam os negros e seus descentes de ter acessos sociais e educacionais, como a lei da vadiagem e muitas outras que ainda repercutem na falta de oportunidades para a classe de trabalhadores do Brasil. Sem contar as diferentes formas de imigração europeia que foram beneficiadas nesse mesmo período, enquanto a imigração africana era sumariamente apagada. Atualmente, toda essa falta de oportunidades para a população negra brasileira, vai atingir as pessoas imigrantes também.

Sem reparação histórica, a vida das pessoas racializadas no Brasil, sejam elas naturais, naturalizadas ou imigrantes, é um acúmulo de estigmas e afetos de inferioridade, que continuam reproduzindo e naturalizando novas formas de dominação. Para entender melhor esse processo utilizamos no capítulo dois a expressão “macrofenômeno antropológico”, do filósofo Muniz Sodré.

E como um macrofenômeno, o racismo também afeta as pessoas migrantes, como é o caso dos imigrantes haitianos ao migrarem para o Brasil. Os haitianos foram diretamente afetados pelos estigmas e consequências da escravização que aconteceu neste

país. E como vimos no capítulo II, o racismo não afetou só os adultos, mas também as crianças que chamamos de segunda geração. Esses jovens migrantes precisaram lidar desde muito cedo com os efeitos do racismo na infância, precisaram e ainda precisam criar mecanismos de defesa e sobrevivência para resistir ao racismo e à xenofobia.

Além disso, vimos também ao longo do capítulo II, como foi para os jovens que entrevistamos, os processos de escolarização deles, sendo excluídos socialmente por serem imigrantes negros; como no caso de um interlocutor da pesquisa que me revelou uma situação, em sala de aula, em que um professor ao falar com ele, disse que era para passar a mão em sua pele para "ver se havia sujeira ali". Podemos compreender a atitude desse professor como um "efeito parasitário do sistema socialmente excludente" (SODRÉ, 2023, p. 37).

Muitos imigrantes já tinham passado por outros países da América Latina, onde também sofreram racismo. Quando os haitianos chegaram ao Brasil, eles passaram a conviver com os modos de ser do brasileiro e alguns foram até pesquisar a história do Brasil escravocrata para entender o racismo e suas consequências para as pessoas negras. Ao longo de suas jornadas, os adultos criaram seus mecanismos de defesa e estratégias de sobrevivência. No entanto, as crianças não tinham o mesmo tato para perceber o caráter insidioso e todas as nuances do que poderia ser racismo já que muitas vezes estava velado.

A vida escolar das crianças foi marcada por violências simbólicas e isso afetou lá na frente a busca pelo primeiro emprego. Para entender como essas violências impactaram a vida desses jovens imigrantes conversei mais uma vez com Wisdonnky. Perguntei-lhe sobre o emprego dele, como o havia conseguido. Transcrevo abaixo um trecho da entrevista onde ele fala como foi a experiência de se conseguir o primeiro emprego.

> E sobre essa questão dos acessos, na verdade ele é algo bem difícil, ele é algo bem difícil, porque é igual eu falei, a mesma pessoa que eu era lá na portaria é a mesma pessoa que eu sou aqui no escritório. Eu só estou com, digamos assim, uma máscara que é o cargo, é basicamente isso. E as pessoas têm a mania de colocar todo migrante numa só escala, e isso não existe. Até porque cada ser humano tem uma formação, tem uma história, tem uma educação, nenhum é igual, todos os haitianos não são a mesma coisa, todos os venezuelanos não são a mesma coisa.
>
> E as pessoas, elas pegam o migrante, qualquer migrante, exceto o migrante americano, ou de algum país europeu, exceto esses migrantes, porque esses migrantes europeus e migrantes estadunidenses, por exemplo, a pessoa pode ser a mais burra que tem, que todo mundo bajula. Mas, por exemplo, se tu pegar um migrante haitiano, um migrante da África, ele pode ser a pessoa mais inteligente, que as

> pessoas vão subjugar ela como se ela fosse incapaz, antes de ter a curiosidade de saber se aquela pessoa tem uma qualidade, sabe?
>
> Porque assim, de fato, de fato tem imigrantes que não têm um conhecimento. Isso existe, é igual em qualquer lugar. Assim como tem vários brasileiros que não têm uma educação boa, tem haitianos também que não têm uma educação boa, assim como tem venezuelanos que não têm uma educação boa. Quando a pessoa pega e ela olha um grupo de imigrantes e ela coloca todo mundo numa mesma escala, sabe? E quase sempre, todas às vezes, é na escala menor e, consequentemente, para dar os piores trabalhos, para tratar das piores formas, eu acho que esse é um problema gigante.
>
> E é isso que sempre, sempre me abalava muito, porque a pessoa não te dava nem a oportunidade de você mostrar que você sabe alguma coisa, automaticamente ela já te olhava como incapaz. E assim, esse processo de eu sair da portaria e vir pra cá pra administração mudou muita coisa. Porque você consegue perceber o acesso que você tem, um passe livre pra você saber mais, pra você conversar com as pessoas de igual pra igual, e você acaba descobrindo mais informações, você acaba criando algumas conexões, então assim, sem o cargo, eu acho que eu não conseguiria ter essa efetividade toda, sabe?
>
> E aí, depois que eu fui promovido pra cá, basicamente as pessoas começaram a tratar melhor, começaram a me enxergar como um ser humano, o que não me surpreende porque eu já via, eu já via como é que era o tipo de pessoa, até porque as pessoas que, digamos assim, que são ricas de verdade, que têm uma condição de verdade, que não é só o dinheiro, porque riqueza não é só o dinheiro, tu percebe a forma que a pessoa te trata, ela te trata como um ser humano, então vim pra cá, pra administração, foi uma forma deles, de todo mundo, de todos os moradores no geral, me tratar igual gente, basicamente é isso.

Nesse relato do Wisdonnky, vemos como foi o processo individual dele. Essa voz que sai de um corpo racializado, reverbera o que muitos jovens imigrantes passam todos os dias de suas vidas. Mais uma vez, vemos um entrecruzamento necessário entre migração, raça, educação e cidadania. Nesse sentido, Sayad há muito tempo já havia constatado que existe um lugar social para a pessoa migrante. Ele diz que o migrante nos obriga a pensar e a repensar a questão dos fundamentos legítimos da cidadania e a relação entre o Estado e a nação.

No capítulo III, propomos observar e problematizar a migração como sendo um fenômeno que se apresenta em duas faces, a saber: a emigração e a imigração, como afirma Sayad. No caso desta pesquisa, procuramos saber sobre a origem e as vivências das pessoas haitianas ainda no Haiti, para depois entendermos algumas trajetórias individuais. Feito dessa forma, este trabalho teve como horizonte a migração em um entrecruzamento entre raça, educação e cidadania. E também como foi já citado acima, um fato social completo, como sugere Sayad.

Vimos ainda que o direito à cidadania está ligado a uma série de acessos a serviços básicos, entre eles, saúde, educação pública, empregos, cultura. A partir das etnografias da casa, da sopa e do bairro tocamos em pontos sensíveis desses acessos pelas pessoas migrantes. Sabemos a partir das etnografias da 2ª Comigrar que as demandas da maioria das pessoas imigrantes são: o acesso bilíngue aos serviços básicos de saúde; educação e assistência social; intérpretes de línguas; acesso a emprego, moradia, saúde, alimentação e educação. Portanto, quando falamos de migrações queremos justamente chamar a atenção para esse entrecruzamento necessário entre migração, raça, educação e cidadania.

Além disso, também atentamos para as três dimensões concentradas em cada sujeito migrante, a saber, a sociológica, a histórica e a fisiopsicológica. Nós propomos analisar as pessoas migrantes em suas dimensões completas ou totais, ou seja, do ponto de vista social, histórico e suas implicações econômicas, políticas e culturais, pois entendemos com Sayad que o espaço dos deslocamentos não é apenas físico, ele é também qualificado em muitos sentidos. Como observamos na citação abaixo:

> (...) o espaço dos deslocamentos não é apenas um espaço físico, ele é também um espaço qualificado em muitos sentidos, socialmente, economicamente, politicamente, culturalmente (sobretudo através das duas realizações culturais que são a língua e a religião). (SAYAD, 1998, p.15).

Pensando de forma sincrônica e diacrônica, ou seja, pensando respectivamente na trajetória política e histórica das nações, Sayad busca na origem, ou seja, no ponto de partida do migrante. Ele não separa o emigrante do imigrante, quer pensá-los a partir do mesmo fenômeno migratório. Por conseguinte, considerando a dinâmica de mobilidade dos haitianos, precisamos sim ampliar essas categorias sem esgotá-las para pensar realidades mais complexas, na medida em que a complexidade da realidade migratória e as emergências dos processos sociais mudam em diferentes contextos e sociedades.

> Considerando a dinâmica da mobilidade haitiana pelo mundo, talvez seja cedo para fazer previsões sobre o futuro desta migração caribenha no Brasil, dado o curto prazo de sua trajetória no país. Do ponto de vista teórico também já não é mais possível analisá-la na perspectiva da permanência ou do retorno definitivo, supondo uma origem e um destino definidos para este fluxo, com seus fatores de atração e de expulsão. Desse ponto de vista, as categorias de emigrante e imigrante também já não dão conta da complexidade da realidade migratória no mundo contemporâneo, considerando a emergência de processos sociais que vão além dos limites geográficos, culturais e políticos das sociedades neles envolvidos. Talvez a categoria "transmigrantes", proposta por Levitt e Glick-Schiller, possa ampliar nossa compreensão

> sobre a dinâmica migratória empreendida pelos haitianos. (SILVA, 2015, p. 130-131).

Afinal, quem são as pessoas migrantes? Do ponto de vista dos autores na citação acima, os transmigrantes conseguem, através de múltiplas relações, agir tanto diante, a partir e na sociedade de emigração quanto diante, a partir e na sociedade de imigração. Como nos exemplos das associações de haitianos, onde eles estabelecem relações desde o Haiti até o Brasil, fortalecendo conexões entre eles, muitas vezes em formas de remessas de dinheiro aos parentes que ficaram no Haiti ou facilitando o processo de migração do restante da família. As associações ajudam também a conseguir empregos e cursos profissionalizantes.

Nesta pesquisa notei que migrantes ou transmigrantes são pessoas resilientes, perseverantes e que não cessam de sonhar por uma vida melhor. Pessoas como Gloriane e dona Jacqueline, são pessoas que com força e condições empreenderam todos os seus esforços para sair de seu país em busca de uma vida melhor. Elas migraram sozinhas, deixando o país de origem, familiares e amigos, sua casa, seus bens, seus títulos, às vezes até os documentos ficaram para trás.

Notei também que os migrantes em geral querem ser vistos e veem a si mesmos como pessoas engajadas com o crescimento do país para o qual migraram em busca de trabalho. Mas, ao se depararem com uma sociedade que os rebaixa socialmente e, por vezes, chega até mesmo a desumanizá-los, eles acabam se tornando parte de uma série de problemas sociais já existentes, fato que torna suas conquistas individuais e coletivas mais distantes.

Dessa forma, as problematizações acerca do fenômeno migratório interseccionado com raça, educação e cidadania devem fazer parte das várias perspectivas sociais existentes; antropológica, econômica, histórica, geográfica, estatística, psicológica, entre outras. Quando todas as esferas sociais orientarem o seu olhar para o objeto social das migrações, que é a pessoa migrante e seus processos de sociabilidade, essas pessoas e seus processos podem, então, se tornar parte da solução e dos modos mais profícuos de problematização, ao invés de ser consideradas estritamente como parte do problema em si, ou em outros termos, como parte de uma dificuldade, empecilho ou diferença aberrante que decorre dos fenômenos migratórios.

Para ser parte da solução é importante ampliar as políticas públicas existentes que amparam as pessoas migrantes, o acesso a segurança, saúde e educação, além de programas de empregabilidade para as pessoas migrantes em idade laboral. Pois, em sua maioria, essas pessoas estão abertas ao trabalho, mesmo que seja um trabalho braçal e com pouco reconhecimento profissional. É claro que se ampliarmos as perspectivas de mercado e pensarmos o migrante como alguém que muitas vezes já está pronto, no sentido de ter uma formação ou experiência na área, e for ofertado a ele empregos condizentes com seu grau de instrução, tais iniciativas trarão resultados a curto, médio e longo prazo para a pessoa migrante, para o país receptor que o contratar e para o seu país de origem com as remessas feitas pelos próprios imigrantes.

Ao longo desta tese buscamos explicitar alguns processos que evidenciam este reconhecimento do migrante como cidadão de direitos. Um exemplo disso foi a 2ª Comigrar, realizada nos dias 08, 09 e 10 de novembro de 2024, em Brasília. Nesta conferência nacional, o Amazonas foi representado por oito pessoas, entre migrantes e pessoas ligadas à defesa dos direitos humanos. Esses delegados levaram as propostas para pensar, refletir e analisar políticas públicas que pudessem melhorar a vida das pessoas migrantes, inserindo-as em todos os âmbitos da nossa sociedade, para que essas pessoas pudessem ser vistas como cidadãos de direito. A partir das propostas elaboradas em todo o país, os responsáveis pela conferência lançaram um caderno de propostas que pode ser consultado no site da migramundo.

No capítulo IV, para fechar esta tese, trouxemos as memórias, sonhos e projetos de vida dos jovens imigrantes haitianos da segunda geração. Buscamos entender a partir dessas noções como os jovens imigrantes formulam e conduzem os seus próprios projetos individuais e coletivos e qual é a influência dos projetos de vida dos mais velhos na vida das novas gerações. Através das etnografias, vimos que em geral a segunda geração com a qual pude conversar não tinha os mesmos anseios migratórios de seus pais, visavam os estudos e a estabilidade, uma vez que essas coisas eram possíveis a eles.

De forma geral, percebi em campo que os jovens tiveram mais acesso à escola pública do que seus pais, e os seus anseios mais latentes diziam respeito à possibilidade de terminar os estudos na educação básica para adquirir perspectivas de estabilidade e alcançar um padrão de consumo mais alto do que o de seus pais. No modelo de sociedade em que vivemos atualmente no Brasil, o imigrante geralmente é levado a pensar que o consumo é proporcional ou equivalente à cidadania. É possível notarmos essa percepção

bem evidenciada nas letras da música de Dom, o personagem rapper de Wisdonnky que vimos no capítulo IV.

Trouxemos a noção de projeto do antropólogo Gilberto Velho para tentar explicar como os entrecruzamentos de migração, raça, educação e cidadania estão também ligados às sociedades complexas com uma noção clara da divisão social do trabalho e distribuição desigual das riquezas. A noção de projeto procura dar conta de refletir as escolhas dos indivíduos em determinado momento histórico. Essas escolhas, por sua vez, funcionam como um elemento decisivo para a compreensão de processos de transformação social, segundo Gilberto Velho.

No caso dessa pesquisa, o projeto de vida de Wisdonnky que era sua casa própria foi concluído com sucesso. Após esse empreendimento, até onde eu pude acompanhar, já nos momentos de finalização desta tese, Dom continuou investindo em seus estudos e desejando chegar cada vez mais longe, a fim de tornar-se um homem bem-sucedido. Para ele, fazia parte desse sucesso conquistar sua casa, seus estudos, sua família e uma vida com tranquilidade. Para Dom, a cultura haitiana deve ser mantida nas gerações seguintes, mesmo que ele não se case com uma mulher haitiana, como é o desejo dos seus avós.

Ainda que os jovens haitianos sejam influenciados por outras culturas, padrões de comportamento e levados ao consumo de outros tipos de bens, os mais velhos se sentem responsáveis por continuar contando as histórias sobre o Haiti aos mais jovens. Nos anos que eu estive mais próxima a comunidade deles, presenciei dois eventos sobre cultura e história haitiana. Os dois eventos foram falados em crioulo e tiveram apresentações de canções e comidas típicas do Haiti. Isso demonstra um elo cultural dessas gerações imigrantes que estão vivendo em Manaus. Não sabemos se esses eventos serão mantidos com o passar do tempo. O que importa para eles, agora, é continuar tentando fortalecer os elos. Para os haitianos é justamente o esforço de continuar tentando que realmente importa.

Por fim, reafirmamos de modo sintético a tese de que há um entrecruzamento necessário e não apenas perspectivo ou estritamente teórico entre migração, raça, educação e cidadania. E é através da compreensão desse entrecruzamento necessário que podemos conhecer e reconhecer a migração haitiana não como uma consequência contingente de eventos climáticos e problemas políticos externos que somos levados a pensar, mas sim como um fenômeno que desvela as mais singulares e indispensáveis

relações que nos atravessam e constituem enquanto pessoas miscigenadas, racializadas e nascidas no sul global. Desse modo e a partir da pesquisa de campo que realizamos, para investigar, analisar e compreender as dinâmicas migratórias de gerações haitianas, faz-se necessário problematizar e explicitar os pressupostos e implicações dos processos de racialização, de educação formal e das possibilidades de acesso efetivo a direitos dos cidadãos.

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. O perigo de uma história única; tradução Juliana Romeu. Título original: The Danger of the Single Story. Companhia das letras. São Paulo 1ª ed. 2019.

AMANAJÁS, Roberta; KLUG, Letícia Becalli. Direito à cidade, cidades para todos e estrutura sociocultural urbana. 2018.ANDRADE, Tayná Boaes. Pacto de silêncio: uma análise acerca do estupro na universidade. 2022.

ANAIS [recurso eletrônico] / III Seminário de Imigração e Emigração Internacional; I Seminário do Observatório de Migrações Internacionais do Estado de Minas Gerais / organização: Duval Magalhães Fernandes e Maria da Consolação Gomes de Castro... [et al.]. Belo Horizonte: PUC Minas, 2018, p. 28-49.

ARENDT, Hannah. Nós, os refugiados. Covilhã, Universidade da Beira, 2013.

ASSIS, G. O.; MAGALHÃES, L. F. A. Migrantes indesejados? A "diáspora" haitiana no Brasil e os desafios à política migratória brasileira. In: SILVA, S. A.; ASSIS, G. O. (Orgs.). Em busca do Eldorado: o Brasil no contexto das migrações nacionais e internacionais. Manaus: EDUA, 2016, p. 209-250.

ASSIS, Gláucia de Oliveira. "Mulheres migrantes no passado e no presente: gênero, redes sociais e migração internacional." *Revista Estudos Feministas* 15 (2007): 745-772.

ASSIS, W. L. dos S; COTINGUIBA, M. L. P; SANTOS, A. P; SANTOS, M. S. F. Inserção sociocultural de haitianos em Porto Velho: o ensino e aprendizado da língua. (no prelo). In: Revista de Estudos de Literatura, Cultura e Alteridade – Igarapé. Porto Velho, 2015, p. 43-53.

BAENINGER, Rosana. et al (orgs). Imigração haitiana no Brasil. In Migração transnacional: elementos teóricos para o debate. Jundiaí, Paco Editorial, 2016, p. 13-43.

BAENINGER, Rosana; PERES, Roberta. Migração de crise: a migração para o Brasil. R. bras. Est. Pop., Belo Horizonte, v.34, n.1, p.119-143, jan./abr. 2017. BENTES, José Anchieta de Oliveira; SOUZA-BENTES, Rita de Nazareth. Diálogo, dialogismo e dialogicidade em Buber, Bakhtin e Freire: algumas observações. Conjectura: Filos. Educ., Caxias do Sul, RS. 2019.

BECKMAN, Nyelsen Soares. "Povo de terreiro" de um Centro de Umbanda em Manaus: estudo de hermenêutica jurídica e antropológica referente à aplicabilidade da Convenção n.° 169 da Organização Internacional do Trabalho. 2021.

BOURDIEU, Pierre & PASSERON, Jean-Claude. A Reprodução: Elementos para uma teoria do sistema de ensino. Tradução de Reynaldo Bairão. Revisão de Pedro Bejamin Garcia3ºed. Editora: Francisco Alves. 1992, p. 11 -118.

BOURDIEU, Pierre. A distinção. São Paulo: Edusp, 2007, p. 97.

BOURDIEU, Pierre. Miséria do mundo. Com contribuições de A. Accardo ... I et. ai. 17. ed.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p. 09; 11; 481; 693; 695; 733.

BOURDIEU, Pierre. O senso prático. Petrópolis/RJ: Vozes (Prefácio e livro 1:Critica da Razão teórica); Cap. 3 “Estruturas, habitus, práticas, cap. 5 “A lógica da Prática”, cap.7 “O capital simbólico”. 2009.

BRAGA, Antônio Braga. O “ser filho de imigrante” na Vida Social dos Jovens Imigrantes Brasileiros de Segunda Geração nos Estados Unidos. In Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar, v.9, n.2, maio-agosto 2019, p. 379-399.

BUCK-MORSS, Susan. Hegel e o Haiti. In https://laboratoriodesensibilidades.files.wordpress.com/2018/06/hegel-e-o-haiti-pdfinteiro.pdf.

CARNEIRO, Sueli. Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil – São Paulo: Selo Negro, 2011, p. 15-45.

CAVALCANTI, Maria Laura V.C. Reconhecimentos: antropologia, folclore e cultura popular. - Horizontes Antropológicos. SCIELO Brasil. 2012, p. 422- 425.

CAVALCANTI. Leonardo. Desafios Para Políticas Públicas. Revista da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Geografia (Anpege). p.21-35, V.11, n.16, jul-dez.2015.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito, e discriminação na educação infantil. – 6ª.ed., 5ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2020.

CÉSAIRE, AIMÉ. Discurso sobre o colonialismo. – São Paulo: Veneta, 2020.

COGO, Denise. O Haiti é aqui: mídia e narrativas de imigrantes haitianos sobre racismo no Brasil. Chasqui. Revista Latinoamericana de Comunicación. Ecuador: CIESPAL. Nº 139, diciembre 2018 – marzo 2019, pp. 427-448.

COTINGUIBA, M. L. P; COTINGUIBA, G. C.; RIBEIRO, A. A. da S. O crioulo haitiano e o seu reconhecimento político* Haitian creole and its political recognition. Universitas Relações Internacionais, Brasília, v. 14, n. 1, p. 31-40, jan./jun. 2016.

COUTO, K. Do Caribe para a Amazônia: a migração fomentando a conexão entre duas regiões. In SILVA, Sidney A. & ASSIS, Glaucia O. Em busca do Eldorado: O Brasil no contexto das Migrações nacionais e internacionais, p. 153-180. Editora EDUA, 2016.

CUNHA, Mirila Greicy Bittencourt. O enfrentamento à colonialidade pela via feminista decolonial. **Revista Sinais**, v. 2, n. 24, 2020.

DALLA Vecchia, Adriana, and Letícia Fraga. "SILVA, Sidney de Souza (org.). Línguas em Contato: Cenários de Bilinguismo no Brasil. Coleção Linguagem e Sociedade v. 2. Campinas/SP: Pontes Editores, 2011." *Muitas Vozes* 1.2 (2012): 289-295.

DAMATTA, R. 1936 -. Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro. Capítulo IV – SABE COM QUEM ESTÁ FALANDO? UM ENSAIO SOBRE A DISTINÇÃO ENTRE INDIVÍDUO E PESSOA NO BRASIL. 6 ª ed. Rocco. Rio de Janeiro. 1997, p. 187 – 238.

DEMARTINI, Z. de B. F. A educação escolar e não-escolar em contextos de mudança: desafios para a pesquisa em ciências sociais. In. Cadernos CERU, 25(1), p. 9-18. 2014. Recuperado de https://www.revistas.usp.br/ceru/article/view/89092.

DORNELAS, S. M. Desafios para a acolhida e a integração social a partir da Pastoral do Migrante. In Revista Travessia – Revista do Migrante. Publicação do CEM – Centro de Estudos Migratórios. Ano XXXI, nº 82, Janeiro – Abril/2018, p. 121 – 140.

DURKHEIM, Émile – As Regras do Método Sociológico. Introdução. Tradução Paulo Neves; revisão da tradução Eduardo Brandao. Martins Fontes, SP 2007, p. 1-13.

DUSSEL, Henrique. Apel, Karl-Otto. Ética do Discurso e Ética da liberação – capítulo 10. Madrid/Espanha: Editorial Trotta, S.A. 2004, p. 291-306.

ELIAS, Nobert, 1897-1990. Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade/Nobert Elias e John L. Scotson. Apresentação À Edição Brasileira, por Federico Neiburg. Tradução, Vera Ribeiro; tradução do pós-fácil à edição alemã, Pedro Süssekind; apresentação e revisão técnica, Federico Neiburg – Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed., 2000, p. 07-15.

FANON, Frantz. Condenados da terra. Prefácio. Rio de Janeiro. Editora Civilização Brasileira, 1968, p. 3-21.

FANON, Frantz. Peles negras, máscaras brancas (1952). Salvador: EDUFBA, 2008.

FONSECA, Jemima Gonçalves Pinto da. Análise introdutória do processo de ocupação urbana em Manaus e suas consequências socioambientais: o estudo de caso das comunidades São Pedro, travessa Arthur Bernardes e Bariri. 2008.

FONSECA Caminhos da adoção. São Paulo, Cortez. 1995.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se complementam/Paulo Freire. – São Paulo: Autores associados: Cortez, 1989.

FREIRE. P. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa/Paulo Freire – 58ª edição – Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2019.

GEERTZ, Clifford, 1926- A interpretação das culturas / Clifford Geertz. - Parte I. 1. Uma descrição densa: Por uma Teoria Interpretativa da Cultura. l.ed., IS.reimp. Tradução de: The interpretation of cultores. Etnologia. 2. Cultura. I. Título. Rio de Janeiro: LTC. 2008, p. 323.

GOFFMAN, Erving. Estigma – notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Tradução Mathias Lambert. Data da digitalização 2004. Data da publicação original: 1891, p. 05-19.

GOMES, Nilma Lino. O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação. Editora Vozes Limitada, 2022.

GUGLIELMINI, Luiza Angélica Oliveira. Palestinos em Manaus: cultura e identidade através da primeira geração. 2022.

HALBWACHS, Maurice. A Memória Coletiva. Prefácio. 1968.

HALL, Stuart. Da Diáspora: Identidades e mediações culturais. Editora UFMG; Brasil, 2003, parte 1.

HANNERZ, Ulf. Fluxos, Fronteiras, Híbridos: palavras-chave da Antropologia transnacional. Desenvolvido no departamento de Antropologia Social da Universidade de Estolcomo e no departamento de Etnologia da universidade de Lund, e financiado pelo Swedish Researh Council for the Humanities and Social Sciences. Tradução de Vera

HONORATO, Isabelle Brambilla. ENTRE IDAS E VINDAS: Arranjos familiares e circulação de crianças no Amazonas. 2021.

PAULINO, Silvia Campos, and Rosane Oliveira. "Vadiagem e as novas formas de controle da população negra urbana pós-abolição." *Direito em Movimento* 18.1 (2020): 94-110.

HARTMANN, Luciana. Crianças contadoras de histórias. Brasília. Editora Universidade de Brasilia. 2021.

HARTMANN, Luciana. Tomazito, Eu e as narrativas: porque estoy hablando de mi vida. Etnobiografia: subjetivação e etnografia. Rio de Janeiro: Ed. 7Letras, p. 179-206, 2012.

HOLANDA, Heloísa Buarque de. Pós-modernismo e Política. Organização Heloisa Buarque de Holanda. Rocco. 1991.

HOMI Bhabha. A Questão Do Outro. Diferença, Discriminação E O Discurso Do Colonialismo, P. 177- 203.

HURSTON, ZORA. ZORA HURSTON. Intelectualidades Negras Brasileiras. Introdução.

JAMES, Cyril Lionel Robert. Os jacobinos negros Toussaint L'Ouverture e a revolução de São Domingos. tradução Afonso Teixeira Filho, - 1.ed.rev. - São Paulo: Boitempo, 2010, p. 11-21.

JOSEPH, Handerson. Diáspora. As dinâmicas da mobilidade haitiana no Brasil, no Suriname e na Guiana Francesa/ Handerson Joseph. – Rio de Janeiro: UFRJ/Museu Nacional. Orientador Federico Neiburg. Tese (doutorado) – UFRJ/Museu Nacional/Programa de pós-graduação em Antropologia Social, 2015, p. 24-68.

JOSEPH, H. AUDEBERT, C. El sistema migratorio haitiano en América del Sur: recientes desarrollos y nuevos planteamientos. In: El sistema migratorio haitiano en América del Sur: proyectos, movilidades y políticas. Buenos Aires: CLACSO, septiembre de 2022, p. 17-52.

JORDÃO, Roziane da Silva. Plezi, mwen se ayisyen: trajetórias de migração qualificada, projetos artísticos e protagonismos culturais de haitianos no Brasil. 2022.

KOFES, S. Narrativas biográficas: que tipo de antropologia isso pode ser? In: KOFES, S.; MANICA, D. (Orgs.). Vida & grafias:narrativas antropológicas, entre biografia e etnografia. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

Legislação migratória compilada / Alcebíades Gomes Pereira Júnior, Diego Ferreira Theodoro (organizadores) – Brasília: Ministério da Justiça e Segurança Pública, Conselho Nacional de Imigração, 2021, p.23.

LIMA, Thiago Rodrigues. Ação coletiva e ato conectivo: dimensões e horizontes das relações entre as ruas e as redes. 2019.

MAMED, L. H. Haitianos no Brasil: a experiência da etnografia multisituada para a investigação de intinerários migratórios e laborais sul-sul, p. 66. In. MIGRAÇÕES Sul/Sul. Rosana Baeninger; Lúcia Machado Bógus; Júlia Bertino Moreira; Luís Renato Vedovato; Duval Fernandes; Marta Rovery de Souza; Cláudia Siqueira Baltar; Roberta Guimarães Peres; Tatiana Chang Waldman; Luís Felipe Aires Magalhães (Organizadores.). – Campinas, SP: Núcleo de Estudos de População "Elza Berquó" – Nepo/Unicamp. 2ª ed. 2018.

MAUSS, Marcel. Sociologia e antropologia. Ubu Editora LTDA-ME, p. 194 2017.

MEZZADRA, Sandro. MULTIPLICAÇÃO DAS FRONTEIRAS E PRÁTICAS DE MOBILIDADE. In. DOSSIÊ: "MIGRAÇÕES E FRONTEIRAS" REMHU – Rev. Interdiscip. Mobil. Hum., Brasília, Ano XXIII, N.44., p. 11-30. MUNANGA, K. Negritude usos e sentidos. – 4.ed. 2.reimp. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020, p. 11-35.

Nagel Hullen, Angélica Cristina. "Cidadania e direitos sociais no Brasil: um longo percurso para o acesso aos direitos fundamentais." *Revista de la Secretaría del Tribunal Permanente de Revisión* 6.11 (2018): 213-227.

NASCIMENTO, A. O genocídio do negro brasileiro. Processo de um Racismo Mascarado. – São Paulo. Perspectivas. 4ª ed. 2016, p. 47-72.

OLIVEIRA, Dessana Paiva De. "Mulheres Migrantes: associativismo de haitianas em Manaus." 2023.

OLIVEIRA, G. C. de. A segunda geração de latino-americanos na Região Metropolitana de São Paulo / Gabriela Camargo de Oliveira. – Campinas, SP: [s.n], 2012. OLIVEIRA, R. C. de. O trabalho do antropólogo: Olhar, Ouvir, Escrever. Revista de Antropologia. São Paulo, USP, V.39 Nº 1. 1996.

PINHO, Jefferson Queiroz de. Os pais tão on: masculinidades, paternidades e performatividades de jovens pais na cidade de Manaus–AM. 2024.

PORTES, Alejandro. Convergências teóricas e dados empíricos no estudo do transnacionalismo imigrante. Revista Crítica de Ciências Sociais, 69. outubro 2004: 73-93.

POUTIGNAT, Philippe & STREIFF-FENART, Jocelyne. Teorias da etnicidade. Seguidos de grupos etnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. Tradução de Elcio Fernandes. Título original: Théories de l'ethnicité. São Paulo. Editora da UNESP. 1998, p. 141-173.

QUEIROZ, Rafaele Cristina de Souza. Escrevivências de corpos racializados com a assistência médica em Careiro/AM e Manaus/AM. 2023.

Rev. secr. Trib. perm. revis. Año 6, Nº 11; abril 2018; pp. 213-227. ISSN 2304-7887 (en línea) ISSN 2307-5163 (impreso) DOI: 10.16890/rstpr. a6.n11.p213

RODRIGUES, Ingrid da Costa. A política do cuidado no cotidiano de mulheres amazônidas remanescentes de quilombolas da comunidade São Francisco do Bauana. 2024.

SANCHES, Beatriz, in. Revista Brasileira de Ciência Política, nº 35. e243172, 2021, pp 1-8. DOI: 10.1590/0103-3352.2021.35.243172.

SANTOS, A. P. dos; SANTOS, M. S. F. dos; COTINGUIBA, M. L. P. A inserção da criança haitiana no ambiente escolar brasileiro: um estudo de caso na cidade de Porto Velho. Revista de Estudos de Literatura, Cultura e Alteridade – Igarapé, Porto Velho, v. 5, n. 2, 2017.

SAYAD A. A Imigração e os paradoxos da alteridade. 1998. São Paulo: EDUSP.

SEYFERTH, Giralda. "A assimilação dos imigrantes como questão nacional." *Mana* 3 (1997): 95-131.

SCHILLER. Nina Glick. Laços de Sangue: os fundamentos raciais do estado nação trans-nacional. Revista Crítica de Ciências Sociais nº 48 junho 1997.

SCHUTZ, Alfred. Sobre fenomenologia e relações sociais. In: Sobre fenomenologia e relações sociais. 1979. Zahar Editores, p. 96.

SILVA, Sidney A. Aspecto simbólico da comensalidade nas festas e rituais bolivianos em São Paulo. In ZANINI, M. C. CH; SANTOS, M. O. Alimentando Existências: o trânsito de pessoas, experiências e comidas. Cachoeirinha, Editora FI, 2023, p. 155-175.

SILVA, Sidney A. Haitianos em Manaus Mercado de trabalho e exercício da cidadania. In SILVA, S. A. & ASSIS, Glaucia O.. Em busca do Eldorado: O Brasil no contexto das Migrações nacionais e internacionais. Editora EDUA, 2016, p. 183- 205.

SILVA, Sidney A. Fronteira Amazônica: passagem obrigatória para haitianos? In REMHU – Revista Interdiscip. Mobil., Brasília, Ano XXIII, n.44. jan./jun.2015, p. 119-134.

SILVA, Sidney A. Haitianos no Brasil – meandros de desafios de um processo de inserção sociocultural. In A NOVA FACE DA EMIGRAÇÃO INTERNACIONAL NO BRASIL / orgs. Lucia Bógus, Rosana Baeninger. – São Paulo: EDUC, 2018. 1, p. 459 – 476.

SILVA, Sidney A. Travessias de vida e de pesquisa: notas sobre estudos da imigração hispano-americana no Brasil. In Revista Travessia – Revista do Migrante. Publicação do CEM – Centro de Estudos Migratórios. Ano XXXI, nº 82, Janeiro – Abril/2018, p. 145 – 165.

SILVA, Sidney A. Imigração e redes de acolhimento: o caso dos haitianos no Brasil. In Revista Brasileira de Estudos e População 34. 2017, p. 99-117.

SILVA, Sidney A. Aqui começa o Brasil: haitianos na Tríplice Fronteira e Manaus. In: SILVA S. A. (org.) Migrações na Panamazônia: fluxos, fronteiras e processos socioculturais. São Paulo: Hucitec/ Fapeam. 2012, p. 300-322.

SÍMMEL, George. Questões fundamentais da Sociologia: Individuo e Sociedade. Rio de Janeiro, Jorge Zahar editor. 2006, p. 59-82.

SOARES. Anita Maria Pequeno. História Sociopolítica do cabelo crespo. In Revista Z Cultural. Programa Avançado de Cultura Contemporânea. 2019. http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/historia-sociopolitica-do-cabelocrespo. Link consultado em 02/03/2024.

SOARES, Pedro Paulo de Miranda Araujo. A cidade e suas margens: memória e práticas da água na Bacia do Una, em Belém (PA). **Amazônica-Revista de Antropologia**, v. 13, n. 2, p. 577-607, 2021.

SANTOS, Glacy Ane Araújo de Souza et al. Aṣọ òrìṣà: artífices do candomblé ketu em Manaus. 2022.

SOUZA, Celina. Políticas Públicas: uma revisão da literatura. In. Sociologias, Porto Alegre, ano 8, nº 16, jul/dez 2006, p. 20-45.

STECANELA. Pedro, Joanne Cristina, and Nilda. "O território educativo na política educacional brasileira: silêncios, ruídos e reverberações." *Práxis educativa* 14.2 (2019): 583-600.

TEIXEIRA, Silvia Katherine Pacheco. Haitianos em Manaus: pertencimento e processos de sociabilidade a partir da escola municipal professor Waldir Garcia. 2021.

VASCONCELOS, Iana dos Santos. “Desejáveis” e “indesejáveis”: diferencialidades e paradoxos no acolhimento de venezuelanos/as em Roraima e no Amazonas. 2021. II Cap.

VELHO, G. Unidade e fragmentação em sociedades complexas (p. 11-30). In. VELHO, G. Projeto e metamorfoses: antropologia das sociedades complexas. Editora Zahar - RJ, 3° edição, 2003.

VELHO, Gilberto. Projeto e metamorfose: Antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

VELHO, G. Unidade e fragmentação em sociedades complexas (p. 11-30). In. VELHO, G. Projeto e metamorfoses: antropologia das sociedades complexas. Editora Zahar - RJ, 3° edição, 2003.

VERGÈS, Françoise. *Um feminismo decolonial*. Ubu Editora, 2020.

WEBER, Max. Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva. Tradução de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa; revisão técnica de Gabriel Cohn – Brasília DF: Editora da Universidade de Brasília: São Paulo: Imprensa oficial do Estado de São Paulo V. 2. 1999, p. 155-186.

WEBER, Max. Metodologia das Ciências Sociais. Tradução de Augustin Wernet; introdução à edição brasileira de Maurício Tragtenberg. – 5 ed. – São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2016. ISBN 978-85-249 2300-5 (Cortez Editora) ISBN 978-85-2681229-1 (Editora da Unicamp).

ZANINI, Chitolina. "A Família como Patrimônio: A Construção de Memórias entre Descendentes de Imigrantes Italianos1." *Campos* 5.1 (2004): 53-67.

ZANINI, M. C. CH; SANTOS, M. O. (org) Alimentando Existências: o trânsito de pessoas, experiências e comidas. Cachoeirinha, 2023.

Sites consultados na internet

https://www.gov.br/mj/pt-br/assuntos/noticias/2a-conferencia-nacional-de-migracoes-refugio-e-apatridia-sera-sediada-pela-universidade-de-brasilia Consultado em 22/12/2024.

https://www.acnur.org/br/ii-comigrar. Consultado em 22/12/2024.

https://www.gov.br/mj/pt-br/assuntos/noticias/2a-conferencia-nacional-de-migracoes-refugio-e-apatridia-sera-sediada-pela-universidade-de-brasilia. Consultado em 22/12/2024.

https://books.google.com.br/books?id=zNmPEAAAQBAJ&pg=PT178&lpg=PT178&dq=receita+das+rosquinhas+do+haiti+por+gloriane+antoine&source=bl&ots=wuAq_jwrG2&sig=ACfU3U0zM-F5PF0t0AEpTdb2VkMWKuPKYg&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKEwii2cqDqfyFAxW-ErkGHexYABIQ6AF6BAgKEAM#v=onepage&q=receita%20das%20rosquinhas%20do%20haiti%20por%20gloriane%20antoine&f=false. Consultado em 22/12/2024.

https://migramundo.com/governo-divulga-caderno-final-da-segunda-comigrar-com-60-propostas-e-34-mocoes/ consultado em 29/12/2024.

Termos de consentimento

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Eu, Gloiane Aimable Antoine,
concordo em participar, por minha livre e espontânea vontade, da pesquisa "Filhos de haitianos em Manaus – uma discussão geracional" Declaro ter sido esclarecido (a) e Informado (a) de que a pesquisa oferecerá subsídios para a tese de doutorado "Filhos de haitianos em Manaus – uma discussão geracional" da Universidade Federal do Amazonas - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, desenvolvida pela doutoranda Sílvia Katherine Pacheco Teixeira, sob a orientação do Prof. Dr. Sidney Antônio da Silva. De livre e espontânea vontade responderei às perguntas da entrevista sobre minha vivência na cidade de Manaus que será gravada, fotografada, transcrita e analisada. Estou ciente de que se for minha vontade, na pesquisa será utilizado pseudônimo, quando houver referência ao nome de qualquer um dos entrevistados, e não serei, portanto, identificado no trabalho escrito ou apresentado. Declaro também estar ciente que, durante a pesquisa, se tiver dúvida, serei esclarecido (a), assim como terei a liberdade de recusar a participação ou retirar meu consentimento em qualquer fase da pesquisa. Tenho garantia de sigilo aos dados confidenciais envolvidos na pesquisa e minha participação está livre de qualquer remuneração ou despesa.

Gloiane Antoine Aimable

Entrevistado (a)

Manaus, 04/12/23

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Eu, Gloyndayf Cimable,
concordo em participar, por minha livre e espontânea vontade, da pesquisa "Filhos de haitianos em Manaus – uma discussão geracional" Declaro ter sido esclarecido (a) e Informado (a) de que a pesquisa oferecerá subsídios para a tese de doutorado "Filhos de haitianos em Manaus – uma discussão geracional" da Universidade Federal do Amazonas - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, desenvolvida pela doutoranda Sílvia Katherine Pacheco Teixeira, sob a orientação do Prof. Dr. Sidney Antônio da Silva. De livre e espontânea vontade responderei às perguntas da entrevista sobre minha vivência na cidade de Manaus que será gravada, fotografada, transcrita e analisada. Estou ciente de que se for minha vontade, na pesquisa será utilizado pseudônimo, quando houver referência ao nome de qualquer um dos entrevistados, e não serei, portanto, identificado no trabalho escrito ou apresentado. Declaro também estar ciente que, durante a pesquisa, se tiver dúvida, serei esclarecido (a), assim como terei a liberdade de recusar a participação ou retirar meu consentimento em qualquer fase da pesquisa. Tenho garantia de sigilo aos dados confidenciais envolvidos na pesquisa e minha participação está livre de qualquer remuneração ou despesa.

Gloyndayf Cimable

Entrevistado (a)

Manaus, 02/01/2024

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Eu,_____,

concordo em participar, por minha livre e espontânea vontade, da pesquisa "Filhos de haitianos em Manaus – uma discussão geracional" Declaro ter sido esclarecido (a) e Informado (a) de que a pesquisa oferecerá subsídios para a tese de doutorado "Filhos de haitianos em Manaus – uma discussão geracional" da Universidade Federal do Amazonas - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, desenvolvida pela doutoranda Sílvia Katherine Pacheco Teixeira, sob a orientação do Prof. Dr. Sidney Antônio da Silva. De livre e espontânea vontade responderei às perguntas da entrevista sobre minha vivência na cidade de Manaus que será gravada, fotografada, transcrita e analisada. Estou ciente de que se for minha vontade, na pesquisa será utilizado pseudônimo, quando houver referência ao nome de qualquer um dos entrevistados, e não serei, portanto, identificado no trabalho escrito ou apresentado. Declaro também estar ciente que, durante a pesquisa, se tiver dúvida, serei esclarecido (a), assim como terei a liberdade de recusar a participação ou retirar meu consentimento em qualquer fase da pesquisa. Tenho garantia de sigilo aos dados confidenciais envolvidos na pesquisa e minha participação está livre de qualquer remuneração ou despesa.

Entrevistado (a)

Manaus, 10/12/2023

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Eu, Goawingher Dasharmides Aimable,
concordo em participar, por minha livre e espontânea vontade, da pesquisa "Filhos de haitianos em Manaus – uma discussão geracional" Declaro ter sido esclarecido (a) e Informado (a) de que a pesquisa oferecerá subsídios para a tese de doutorado "Filhos de haitianos em Manaus – uma discussão geracional" da Universidade Federal do Amazonas - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, desenvolvida pela doutoranda Sílvia Katherine Pacheco Teixeira, sob a orientação do Prof. Dr. Sidney Antônio da Silva. De livre e espontânea vontade responderei às perguntas da entrevista sobre minha vivência na cidade de Manaus que será gravada, fotografada, transcrita e analisada. Estou ciente de que se for minha vontade, na pesquisa será utilizado pseudônimo, quando houver referência ao nome de qualquer um dos entrevistados, e não serei, portanto, identificado no trabalho escrito ou apresentado. Declaro também estar ciente que, durante a pesquisa, se tiver dúvida, serei esclarecido (a), assim como terei a liberdade de recusar a participação ou retirar meu consentimento em qualquer fase da pesquisa. Tenho garantia de sigilo aos dados confidenciais envolvidos na pesquisa e minha participação está livre de qualquer remuneração ou despesa.

Goawingher

Entrevistado (a)

Manaus, 04/12/2023

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Eu, Godfriendkid Queengeasly Aimable,
concordo em participar, por minha livre e espontânea vontade, da pesquisa "Filhos de haitianos em Manaus – uma discussão geracional" Declaro ter sido esclarecido (a) e Informado (a) de que a pesquisa oferecerá subsídios para a tese de doutorado "Filhos de haitianos em Manaus – uma discussão geracional" da Universidade Federal do Amazonas - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, desenvolvida pela doutoranda Sílvia Katherine Pacheco Teixeira, sob a orientação do Prof. Dr. Sidney Antônio da Silva. De livre e espontânea vontade responderei às perguntas da entrevista sobre minha vivência na cidade de Manaus que será gravada, fotografada, transcrita e analisada. Estou ciente de que se for minha vontade, na pesquisa será utilizado pseudônimo, quando houver referência ao nome de qualquer um dos entrevistados, e não serei, portanto, identificado no trabalho escrito ou apresentado. Declaro também estar ciente que, durante a pesquisa, se tiver dúvida, serei esclarecido (a), assim como terei a liberdade de recusar a participação ou retirar meu consentimento em qualquer fase da pesquisa. Tenho garantia de sigilo aos dados confidenciais envolvidos na pesquisa e minha participação está livre de qualquer remuneração ou despesa.

Godfriendkid Queengeasly Aimable

Entrevistado (a)

Manaus, ____/____/_____

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Eu, Jennifer Bien Aime.

concordo em participar, por minha livre e espontânea vontade, da pesquisa "Filhos de haitianos em Manaus – uma discussão geracional" Declaro ter sido esclarecido (a) e Informado (a) de que a pesquisa oferecerá subsídios para a tese de doutorado "Filhos de haitianos em Manaus – uma discussão geracional" da Universidade Federal do Amazonas - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, desenvolvida pela doutoranda Silvia Katherine Pacheco Teixeira, sob a orientação do Prof. Dr. Sidney Antônio da Silva. De livre e espontânea vontade responderei às perguntas da entrevista sobre minha vivência na cidade de Manaus que será gravada, fotografada, transcrita e analisada. Estou ciente de que se for minha vontade, na pesquisa será utilizado pseudônimo, quando houver referência ao nome de qualquer um dos entrevistados, e não serei, portanto, identificado no trabalho escrito ou apresentado. Declaro também estar ciente que, durante a pesquisa, se tiver dúvida, serei esclarecido (a), assim como terei a liberdade de recusar a participação ou retirar meu consentimento em qualquer fase da pesquisa. Tenho garantia de sigilo aos dados confidenciais envolvidos na pesquisa e minha participação está livre de qualquer remuneração ou despesa.

Jennifer Bien Aime

Entrevistado (a)

Manaus, 10/ 12/ 2023

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Eu, Jessica Dumercy Adelson

concordo em participar, por minha livre e espontânea vontade, da pesquisa "Filhos de haitianos em Manaus – uma discussão geracional" Declaro ter sido esclarecido (a) e Informado (a) de que a pesquisa oferecerá subsídios para a tese de doutorado "Filhos de haitianos em Manaus – uma discussão geracional" da Universidade Federal do Amazonas - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, desenvolvida pela doutoranda Silvia Katherine Pacheco Teixeira, sob a orientação do Prof. Dr. Sidney Antônio da Silva. De livre e espontânea vontade responderei às perguntas da entrevista sobre minha vivência na cidade de Manaus que será gravada, fotografada, transcrita e analisada. Estou ciente de que se for minha vontade, na pesquisa será utilizado pseudônimo, quando houver referência ao nome de qualquer um dos entrevistados, e não serei, portanto, identificado no trabalho escrito ou apresentado. Declaro também estar ciente que, durante a pesquisa, se tiver dúvida, serei esclarecido (a), assim como terei a liberdade de recusar a participação ou retirar meu consentimento em qualquer fase da pesquisa. Tenho garantia de sigilo aos dados confidenciais envolvidos na pesquisa e minha participação está livre de qualquer remuneração ou despesa.

Entrevistado (a)

Manaus, ___/___/___

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Eu, Louson Manazar,

concordo em participar, por minha livre e espontânea vontade, da pesquisa "Filhos de haitianos em Manaus – uma discussão geracional" Declaro ter sido esclarecido (a) e Informado (a) de que a pesquisa oferecerá subsídios para a tese de doutorado "Filhos de haitianos em Manaus – uma discussão geracional" da Universidade Federal do Amazonas - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, desenvolvida pela doutoranda Sílvia Katherine Pacheco Teixeira, sob a orientação do Prof. Dr. Sidney Antônio da Silva. De livre e espontânea vontade responderei às perguntas da entrevista sobre minha vivência na cidade de Manaus que será gravada, fotografada, transcrita e analisada. Estou ciente de que se for minha vontade, na pesquisa será utilizado pseudônimo, quando houver referência ao nome de qualquer um dos entrevistados, e não serei, portanto, identificado no trabalho escrito ou apresentado. Declaro também estar ciente que, durante a pesquisa, se tiver dúvida, serei esclarecido (a), assim como terei a liberdade de recusar a participação ou retirar meu consentimento em qualquer fase da pesquisa. Tenho garantia de sigilo aos dados confidenciais envolvidos na pesquisa e minha participação está livre de qualquer remuneração ou despesa.

Entrevistado (a)

Manaus, 10 / 12 / 23